

""Ela aprendeu que submissão, é ser suporte para a missão de quem se ama"

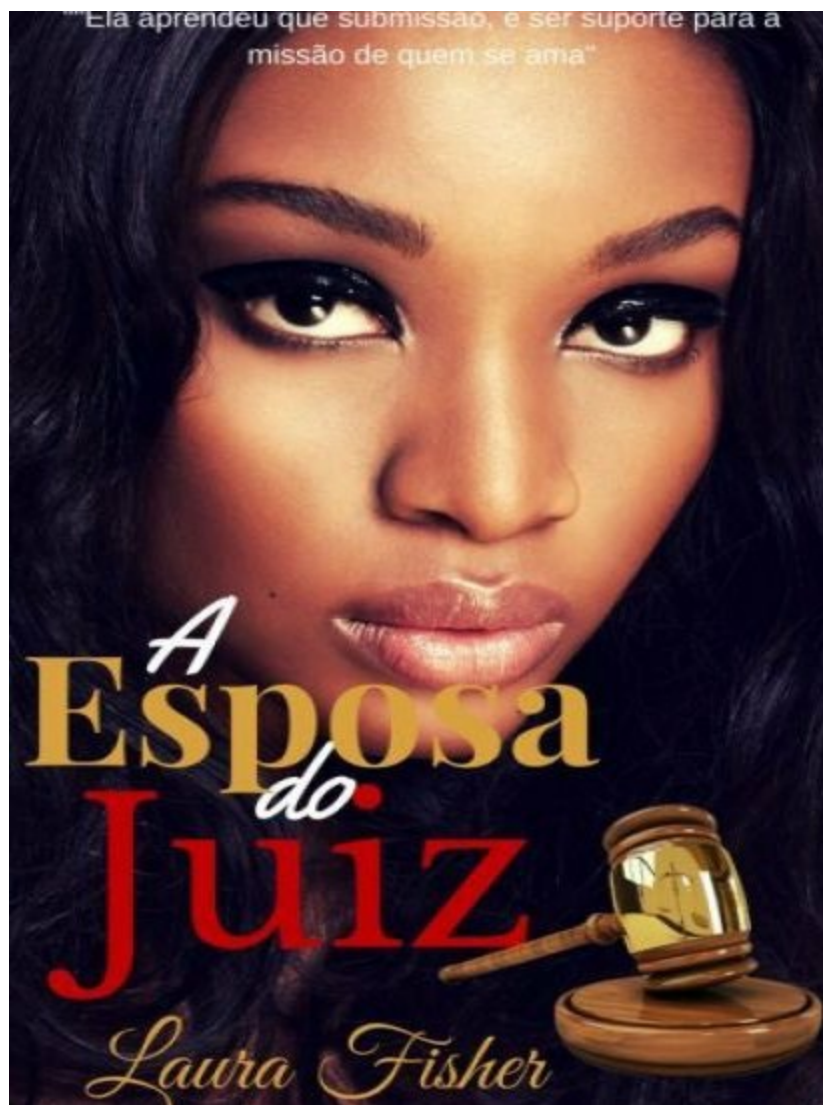
A Esposa do Juiz

Laura Fisher





PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Laura Fisher

A Esposa Do Juiz.

Copyright © 2018 Laura Fisher

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Nenhuma parte desta

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

edição pode ser armazenada em sistema de banco de dados ou reproduzida, em qualquer forma — mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, etc. — sem a expressa autorização por escrito da autora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico

Da Língua Portuguesa

Arte da Capa: AMAR

Revisão: Hellen Caroline - hellencarolinegp@gmail.com

Diagramação: AMAR

1º Edição, 2017

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

NACIONAIS - ACHERON

Agradeço imensamente à Deus e a minha família, (Marido e filhas) e a todos que sempre acreditam que eu posso, mesmo quando duvido. Agradeço meus amigos e família (Pais e irmãos) que sempre acham que posso ir além. E às minhas amigas do Wattpad que sonham comigo os mais belos sonhos. Obrigada por estarem comigo nessa intensa jornada.

A autora pede que se leia.

“Esta é uma obra de ficção baseada na livre criação artística e sem qualquer compromisso com a realidade, principalmente Jurídica. Personagens e eventos descritos neste livro são fictícios e qualquer semelhança encontrada nele, seja com pessoas vivas ou não, casos ou processos acontecidos, é mera coincidência”.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Liara

— A sessão está suspensa... — O Cairon bateu o martelo sobre a mesa, assustando a todos nós. — Até que o advogado de defesa e também a promotoria estejam com os pensamentos em ordem e cientes de que ainda há uma autoridade nesta sala. — Ele parecia mais bravo do que nunca. — Caso não haja respeito de alguma das partes, eu darei voz de prisão para ambos e o julgamento será suspenso até segunda ordem. — Ele se levantou e saiu.

Observei o advogado de defesa sair do tribunal acompanhado de seu cliente, lançando um olhar furioso à promotora.

Não sei se foi impressão minha ou se de fato o olhar da promotora ao meu marido também não foi dos melhores.

Mas eu concordava com ele. Ela o havia chamado de “parcial” e “mentiroso” e tentando ligar os réus de outra operação a esse julgamento.

NACIONAIS - ACHERON

Eu gostaria de ficar e acompanhar cada detalhe, mesmo durante esse pequeno intervalo, mas também seria minha chance de falar com ele a sós.

Nós também estávamos em recesso. O Caso no qual eu trabalhava estava sendo julgado pelo Walter e eu previa que não terminaria tão cedo.

Saí da sala ao ver minha estagiária me mostrando o celular. Fui até ela e antes de atender, perguntei quem era.

— A Valentina, doutora.

— Oi, filha. Como está o passeio?

— Horrível, mãe...

— Filha, o que aconteceu? Está chorando? — Meu coração se acelerou de tal forma, que precisei conter a respiração.

Deus sabe o quanto eu tinha insistido para que as crianças fossem a esse passeio, mesmo contra a vontade do Cairon. Se algo acontecesse, a culpa seria única e exclusivamente minha.

— Sim! Estou chorando porque estes... Estes homens que nos seguem acabaram de deter um

amigo meu. Ah, mãe, isso não é justo.

— Amigo, Valentina? E você lá conhece alguém na Alemanha?

— Claro. A gente se fala pelas redes sociais.

— Filha, onde estão seus irmãos e avós?

— Estão todos lá, tentando resolver a situação.

— Que situação, Valentina? — Passei a mão pelo cabelo e olhei no relógio. — Passe para algum dos adultos.

— Espera! A mãe dele vai falar. — Como assim a mãe do amigo falaria comigo? Onde estariam meus sogros e o Pietro, que estavam legalmente responsáveis pelos meninos?

— Olá... Tudo bem?

— Oi! — Eu queria gritar àquela mulher que meu tempo estava se esgotando e eu precisava falar com alguém da família. Só assim ficaria tranquila.

— Meu nome é Angélica. Acho que houve algum engano. Seus seguranças estão querendo deter o George só por que ele marcou de encontrar sua filha aqui no museu. Somos mães e poderíamos resolver isso antes que os pais se envolvam. Meu
NACIONAIS - ACHERON

marido está viajando, mas os tios do George estão todos aqui na cidade e daqui a pouco uma coisa boba poderá virar uma confusão dos infernos. Poderia pedir que o liberassem? Eu mesma garanto que isso não voltará a acontecer. Pensei que soubesse sobre os planos de sua filha, por eu mesma ter vindo trazer o George. Posso garantir que o George é um excelente rapaz.

— Oi, Angélica. Meu nome é Liara e acho melhor mesmo que resolvamos este assunto antes que os pais saibam. O pai da Valentina é Juiz Federal e ele é muito, mais muito ciumento com os filhos. Eles só foram neste passeio por que os avós iriam levá-los. Mas eu conheço bem meus sogros e sei que permitem que as crianças façam o que bem entendem. Mas me passe para o Anderson, por favor. É ele quem está no comando. — A ouvi falando com o agente, que logo me atendeu.

— Anderson, pelo amor de Deus, o que aconteceu? — Fui me encaminhando para o andar de cima, onde acontecia o julgamento ao qual eu era defensora.

— Foi só uma confusão, doutora. Mas estamos resolvendo tudo. É que o garoto tinha segurança e

NACIONAIS - ACHERON

todos se aproximaram armados, então achamos que a Srta. Valentina corria perigo. E é como o chefe sempre diz: atire antes e pergunte depois.

— Atirar em uma criança inocente, Anderson?

— A senhora quer que ligue para o doutor?

— Nunca! Libera o garoto. E... Anderson?

— Sim, senhora?

— Deixe-a se despedir do garoto educadamente. E não comente nada, absolutamente nada do ocorrido com o Cairon.

— A Senhora quem sabe.

— Não comentar o que com o Cairon? — Olhei para trás e sorri. Desliguei o telefone, guardando-o na bolsa.

— Nada não, meu amor. Só uma surpresa.

— Com as crianças? — Não gostava de mentir para Cairon porque ele sempre descobria. Eu não era boa em ocultar nada de meu marido, mas para deixá-las ir neste passeio da escola o Cairon fez uma tempestade dizendo que crianças de treze anos não podem sair sozinhas e não sei o quê. Foi preciso que os avós intervissem, assim como o

NACIONAIS - ACHERON

Pietro, para que eles fossem. Isso porque todos os alunos do colégio foram. Trata-se de um projeto da escola sobre a Alemanha. Para o Pietro que não conhecia a Alemanha foi um presente, já para os avós, um descanso. Mas quando soube que essa seria a condição para que fosse levar o irmão mais velho e avós, logo a Valentina deu um grito, dizendo que pagariam o maior mico. Acontece que era isso ou nada. O homem literalmente bateu o martelo.

Imagina só se alguns dos outros pais não tivessem acompanhado os filhos? Que vergonha meus pequenos estariam passando nesse momento.

— Liara, estou falando com você. — Me aproximei dele e passei a mão em seu rosto.

— Nada a se preocupar.

— Então dá só uma ida em meu gabinete. Coisa rápida.

— Cairon, na verdade também estou em intervalo e não sei se... — Ele nem se atentou para o que eu dizia. Virou as costas e saiu. Não pensei duas vezes. Olhei o horário e me dirigi até o gabinete.

Assim que entrei, ele fechou a porta.

— O que foi, Cairon?

— O que foi? É que os ânimos estão quentes por aqui e não é a primeira, nem a segunda vez, que sou advertido por meus amigos, de que dormirei sozinho em casa. Aquela promotora me lembra muito você, e se estiver fazendo metade do que ela tem feito em minha audiência, eu acredito que precisarei buscá-la realmente em alguma delegacia em breve.

— Se o juiz do meu caso fosse metade do que você é, não precisaria ter que ficar lembrando-o de seu serviço. E quer saber... Eles sabem que sou sua esposa. E por isso entendo muito bem sua situação.

— Por isso mesmo. No fórum eles são seus amigos, são nossos amigos. Mas aqui não. Aqui é diferente. Eles querem mostrar trabalho.

— Eu não podia deixar que ele espezinhasse minha cliente e deixassem livres os verdadeiros criminosos.

— Flor... — Ele se aproximou. — Infelizmente, trocar votos por qualquer que seja o favor... É crime.

— Ela só está sendo acusada por causa da dor do marido trocado por outro. — Ele sorriu, jogando todo seu charme.

— O coitado só está sendo um cidadão consciente.

— Coitado, Cairon? Ela estava com ele durante todo o processo de enriquecimento. E até mesmo na reeleição dele. Mas agora que se trata dela, ele vem dizer que ela trocou votos por favores sexuais.

— Os quais não foram poucos.

— E como sabe tanto sobre nosso caso? — Eu sabia que alguns juízes conversavam entre si e trocavam idéias, mas queria tentar que ao menos visse a situação da mulher. — E tem mais. Enquanto ela cuidava somente dos filhos...

— E dormia com o melhor amigo dele. Sabe-se lá se algum desses filhos é... — Não permiti que ele terminasse.

— Então mande prender esse melhor amigo, porra. — Ele me olhou assustado. Eu tinha dito palavras que realmente não eram de minha índole.

— A gente conversa mais tarde. — Ele encerrou o assunto, notando que eu estava alterada.

Quando voltei à sala de audiências na qual eu defendia uma candidata à deputada contra as acusações do próprio marido, que por sua vez era prefeito, foi exatamente para ouvir o veredicto final.

Além de termos levado a melhor nessa primeira parte, minha cliente ainda prometera ao juiz que se colocaria à disposição da justiça como delatora em um caso que envolvia a descoberta de contas Off Shore com dinheiro de empreiteiras brasileiras. Um fundo suspeito de ser de um pool de caciques partidários.

E o que me assustava era que os rumores eram de que todo esse dinheiro estava depositado em nome da amante do homem.

Eu não entendia bem como funcionava a cabeça humana. Ele podia ter outra, mas ela não podia ter uma segunda chance com alguém que estivesse disposto a cuidar dela?

— Mas tudo isso é coisa da mulher com a qual ele está envolvido. Nunca faria isso a mim ou aos

meninos, doutora. — Minha cliente ainda se sentia no direito de defendê-lo.

Como um dia puderam me comparar com uma amante? Eu jamais teria coragem de deixar os filhos de alguém na miséria como eles queriam. Quando passei pela porta da entrada principal, ouvi alguém comentar:

— Devia ter escolhido a outra advogada. A mulher acabou com você. Quem é ela? — O político resignava-se com sua defesa.

Sentindo-me satisfeita, cruzei o corredor e estava preparada para sair, quando ouvi o advogado dizer:

— Ela é "A Esposa do Juiz"!

Um 

Alemanha

Hansi

— O que foi, George? Parece triste.

— Não é nada não, tio. — Não que não tivesse notado a tristeza no olhar de meu filho. Apenas esperava o momento certo para abordá-lo. Mas como meus irmãos não perdem tempo, o David deu início e eu aproveitei a oportunidade.

— É, filho, está distante. Estamos aqui nos divertindo e você continua olhando para a tela do celular como se estivesse esperando algo importante.

— Eu... Eu fico esperando a resposta de... — Não era preciso dizer que tinha dedo de mulher na história. Fomos criados juntos. Meus irmãos e eu e nunca escondemos nada um do outro.

— De? — O David continuava, mesmo depois de casado, o mais indiscreto de toda família.

— De uma garota.

— Seu filho está vivendo a fase "Meu primeiro amor". — Aquilo me causou uma insegurança estranha. Pensar em meu filho

apaixonado, namorando, casando e me dando netos...

— Ainda é muito jovem para isso, filho.

— Não é apaixonado, pai. Mas eu... Eu gosto de falar com ela.

— Não vai me dizer que ainda não beijou a garota, George?

— Não, tio. Ela não mora aqui.

— E de onde ela é, George? — Estava me saindo um péssimo pai. Nem mesmo sabia quem eram os amigos de meu filho e agora ele estava querendo namorar uma garota de fora do país.

— Ela é brasileira, pai. Chama-se Valentina.

— E como se conheceram, filho?

— Internet, pai. — Meu filho agora bufava como se estivesse impaciente por meus questionamentos. Ou era apenas intolerância, por eu não estar ligado às redes sociais como ele. Mas eu sabia alguns detalhes. Poucos, mas era o suficiente para prevenir meu filho.

— George! Não estou gostando disso. A internet é um perigo, filho. Como se conheceram?

— Foi em um fórum sobre leis. Ela se intitulou a Filha do Juiz, e respondeu algumas perguntas que tínhamos dúvida.

— Quem te garante que isso não é um pedófilo, filho? — O David gargalhou. Sentei-me ao seu lado, próximo a piscina de nossa casa de campo.

Estávamos lendo todos os dias sobre os riscos da internet. Como homens usavam a internet ou até mesmo quadrilhas para chegarem às crianças. Quantas crianças desaparecidas aqui na Alemanha.

Os pais estavam desesperados em busca de seus filhos e filhas sumidos após marcarem encontros através de redes sociais. Muitos casos haviam vindo a público e muitos ainda se viam sem solução e de repente o perigo estava rondando minha casa.

— David — a Carol o chamou. Ele pediu licença e saiu. Minha cunhada mantinha o David mais tranquilo, e isso para nós era benção do céu. Agora seria uma boa oportunidade para engatar uma conversa com meu filho. A tão falada conversa de homem para homem.

— George, o que te leva a acreditar que ela seja uma menina? — Seus olhos azuis, que mais pareciam reflexos do meu, atravessaram minha alma com sua paixão, que agora podia ser observada não só em seu olhar, como também em sua fala.

— Ela é linda, pai. Cabelos castanhos...

Ele achava isso, pobrezinho, mas fotos se pegam em qualquer site. Como era ingênuo o meu filho, e já estava quase completando dezesseis anos.

— Filho, pessoas de má fé não têm rosto. Se identificam como mulheres lindas, mas não são. Eles dizem que são altos e são baixos. Por trás da tela do computador, podemos ser quem quisermos. Que garantia você tem que essa menina é uma menina e que tem a idade que diz e ainda mais? Que garantia tem, de que ela é filha de um Juiz?

— Nos encontramos.

Como assim se encontraram? Das vezes que fomos ao Brasil, que foram poucas, muitas delas ele nunca saía de perto de nós. Sempre estou de olho nos dois e agora ele diz que se encontraram? Pode isso ter acontecido aqui na Alemanha?

— Ela esteve aqui, filho?

— Esteve, pai.

— Então, quem te garante que ela é brasileira? Pode ser uma golpista se passando por...

— Ele mal me deixou terminar.

— Não, pai. Ela é filha de Juiz mesmo. Quase fui preso. Mas no momento em que eles apontaram suas armas para mim, os nossos seguranças chegaram. — Meu disse tudo de uma vez só. — Se a mamãe... — Ele se calou no instante em que notou o que tinha dito.

— Como assim quase foi preso, George? — Fiquei de pé. — Apontaram armas para você? Como não fiquei sabendo disso? — Ele se levantou e tentou com que eu ficasse mais tranquilo, mas a essa altura toda família percebia minha alteração.

— Tudo bem, papai. A mamãe resolveu tudo.

— Tudo bem? Tudo bem coisa nenhuma. Tudo que diz respeito a você, eu preciso saber. Sou seu pai e você acha posso deixar que algo aconteça em sua vida, te deixe do jeito está e conformar-me com um tudo bem?

Saí caminhando com passos decididos em direção à sala de estar, onde as mulheres se encontravam, sabendo que os homens da casa começavam a me seguir.

Estavam as quatro paparicando o filho mais novo do Ben. Eles achavam que não teriam outro filho, quando chegou a mais nova princesa da família.

— Angélica. — Minha voz saiu bem mais grave que minha intenção.

— Sim, meu amor. Precisa falar comigo? — Ela olhou para trás e viu o George, que provavelmente deve ter sinalizado algo para ela, que então me olhou com olhar desanimado.

Fui até o escritório da casa e esperei por ela, mas os dois entraram juntos.

— George.

— Pai, diz respeito a mim, e a mamãe só fez para me proteger.

— Te proteger de quem? De mim? — Ela deveria ter te protegido dessa garota e de toda situação pela qual você passou.

— Hansi, a menina é cercada de seguranças, assim como o George. Não vejo nada demais. Não é você mesmo que vive dizendo que não confia no mundo de hoje e blá blá blá? — Essa mulher tinha o dom de me tirar do sério com suas afrontas, até mesmo quando eu estava de fato muito nervoso.

— E nossos seguranças saem por aí apontando armas para os filhos de alguém? Apontaram armas para essa fulaninha?

— Ela não é fulaninha, pai. É a Valentina.

— Que seja Valentina ou Valentona, filho. Eu estou... — Bati a mão sobre a mesa.

— Era isso que eu queria evitar. Está vendo só?

— O David sabe disso?

— Ninguém sabe disso, pai. Eu não estava sozinho. Minha mãe me acompanhou e teve a oportunidade de conversar com a mãe da Valentina por telefone, e assim tudo se resolveu.

Eu tinha pavor só de pensar em meus filhos passando por alguma situação que eu ou meus irmãos tivéssemos passado. Estas crianças são

peessoas de bem e filhos muito amados.

A simples idéia de ver alguém apontando uma arma para o George estava me deixando com um sentimento muito estranho. Isso não era bom.

— Hansi, a mãe da Valentina é um amor. Se não me engano é advogada e em dois minutos estava tudo resolvido. Resolvemos entre mulheres e pronto. Sem mortes, sem espancamento e sem socos.

— Como eu queria socar a cara do pai desta criatura. Onde já se viu, autorizar seguranças a apontarem armas para uma criança?

— O George não é mais uma criança.

— É, pai, não sou mais.

— E eles não eram só seguranças, amor. Eram agentes especializados. Sabe como são essas pessoas... Desconfiam até das sombras.

— E o que meu filho fez? Aproximou-se com uma bomba? — O olhar da Angélica me deixava indeciso. Não sabia se estava sendo sarcástica ou desafiadora.

— Não. Nosso filho levava flores.

— O quê? E desde quando flores são mortais?

— Desde quando se tem um pai Juiz federal e uma mãe advogada a caminho da promotoria. — A Angélica tentava amenizar a situação, mas meu coração estava disparado em relação ao acontecido. Eu não queria saber quem erra a porra desse homem e muito menos a graduação de sua mulher. Eu queria saber de meu filho. Meu filhinho amado. Não que minha filha não fosse, mas ainda era um bebê. Só tinha treze anos.

— Quantos anos esta criatura tem, George?

— Valentina, Pai. Valentina. — Ele me olhou com semblante tristonho e por alguns minutos me compadeci do meu filho. — Ela vai fazer quatorze na semana que vem.

— George! — gritei. Meu filho havia enlouquecido. Por isso das armas. Eu também teria o prazer em mandar matar quem se aproximasse da Sofie.

— Pai, o que foi?

— Ela é um bebê da idade da sua irmã.

— Minha irmã é um bebê por que vocês a

tratam assim. A Valentina não. Ela é muito esperta e muito inteligente para a idade dela. Não se parece em nada com Sofie.

— George, eu nem sei o que dizer, filho. Queria saber mais dessa garota. Eu nem imagino como é a comunicação de vocês.

— Alemão. Pelo amor de Deus. Ela é muito fluente.

— Calma, amor. — Angélica me abraçou.

— Só quero ter certeza de que meu filho está bem e que não vai sofrer por uma garota que não valha a pena.

— Eu falei com os avós. Ela também é uma graça, embora parecesse bem respondona com os seguranças. A mãe me tratou super-bem ao telefone. Só que eu conversei com o George, não foi, filho? Acho que o melhor que ele faz é esquecer, porque pelo jeito o pai dela é um leão quando se trata dos filhos.

— Então somos dois leões e espero que não nos coloquem na mesma jaula, porque eu não me importo de atacar quando se trata do George e da Sofie.

— Uhum.

— E quando se trata de você também, meu amor. — Apertei-a em meus braços.

— Pai.

— Sim, filho.

— Não precisa se preocupar, viu?! Eu já desisti mesmo. — Ele disse isso com a voz mais triste que um pai gostaria de ouvir de seu filho. Ele abandonou o escritório e me fez ficar aborrecido comigo mesmo por não poder protegê-los de seus próprios sentimentos.

— Amor.

— Não, Angélica. Não foi legal o que você fez, escondendo isso de mim. O George não merece. Não merece mesmo.

— O que eu disse a ele, vou dizer a você, alemão: quem perde é só a Valentina, embora eu entenda que o pai tem razão. Deixaria a Sofie namorar na idade em que está?

— Claro que não, e ainda daria uns bons tapas no sujeito que se atrevesse.

— Viu só? A sorte é que o pai não estava

NACIONAIS - ACHERON

junto à menina. Pois poderia ser seu filho a estar levando estes bons tapas.

— Ele seria um Juiz sem mão para bater o seu martelo. — Ela sorriu e então acabei sorrindo junto.

— Só você, alemão. Só você. — Angélica enlaçou meu pescoço e me abraçou.

— Por isso ele estava tão interessado em ir à reunião dos amigos no Brasil.

— Não só por isso, amor. Vão estar a Helen e o Kevin; o Nicolas e a Kaline; o Bruno e a Verônica com quem convivi por dois anos; a Say, com quem moramos por alguns meses; e o Thor, meu amigo.

— Deus me guarde deste daí. — O Thor nunca se conformou em perder a Angélica. Tenho para mim que ele a amava e como não havia sido correspondido, oferecera sua “amizade”.

— Realmente é uma reunião de amigos. Mas como você disse que não daria para estarmos presente, seremos os únicos a faltar.

— Diga que vamos.

— Mas... — Ela sabia que eu tinha segundas

intenções com essa visita ao Brasil.

— Não quero ser lembrado como o terrorista da história. Aquele que estragou a festa dos amigos.
— Fiz uma careta.

— Não sei não, alemão. — Ela me soltou e sentou-se na poltrona. — Sua mudança de opinião tão repentina me faz ter medo de ir.

— Não precisa temer nada. Só estou pensando na tristeza do George. Ele estuda tanto. Merece uma diversão.

— Se aprontar alguma coisa... — Agora a mulher me ameaçava?

— Não aprontarei nada. Pode ficar tranquila.

Ainda ficamos por lá combinando como seria, o dia que iríamos e vários outros detalhes. Ela disse que ligaria para as amigas e saiu. Cheguei à porta e gritei meu irmão. Assim que ele entrou, fui direto ao assunto.

— Está desocupado no fim de semana?

— Sim. Por quê?

— Não teria interesse em levar sua família para conhecer o Brasil? O Ben não poderá por
NACIONAIS - ACHERON

causa da princesa, mas vocês...

— Algum problema por lá? — O David me conhecia o suficiente. Fui até a porta e a tranquei.

— Sente-se que eu vou te contar.

Se há uma coisa que eu ainda não estava preparado, era para que alguém ameaçasse meu filho. Precisava tirar essa história a limpo. E seria pessoalmente.

Dois



Brasil. - Cairon

— Que merda, pai. — O linguajar da minha filha me deixou atônito. Ela não tinha esses
NACIONAIS - ACHERON

exemplos dentro de casa.

— Valentina, com quem está convivendo? Quem são seus amigos para estar falando tantos palavrões assim dentro de casa? A idéia do colégio interno ainda está em pauta.

— Desculpa, pai. Só estava tentando dizer que estamos cansados de não podermos ir à festa alguma sozinhos, e de não sermos normais.

— Tem amor a sua vida, filha? E você, Benjamin? Tem amor a sua vida?

— Claro, pai. Não reclamo. Até que é legal andar com os homens de preto. As meninas adoram isso.

— Pois os meninos, não. Eles têm medo. — Minha filha, uma criança, falando em meninos.

— Que meninos? Todos os seus amigos estão acostumados e a maioria anda com seguranças.

— Acontece que eu vou precisar conhecer meninos que não são meus amigos.

— Para quê?

— Pai, vou fazer quatorze anos na semana que vem.

— E está achando que é trinta? Pelo tom de sua voz...

— Desculpa, pai. É que...

— É que nada, Valentina. Infelizmente nasceu em uma família onde o pai é um Juiz e a mãe uma advogada.

— Criminal e Penal — eles responderam juntos.

A responsabilidade dos nossos trabalhos agora pesava sobre nossos filhos. Sabíamos que eles não tinham culpa, mas eles precisavam entender que não podíamos nos descuidar dos dois em nenhum momento.

— Sabia que o Pietro está namorando? — Ela se esquecia de um pequeno detalhe: quando eles nasceram o Pietro tinha quase dez anos.

— E quantos anos o Pietro tem, meu amor? Eu não acredito mesmo que estou conversando com duas crianças sobre namoro. Onde está sua mãe? Esse não é o papel dela?

— Claro que não. Sempre conversam com a gente sobre tudo e se fosse só pela mamãe, com

certeza eu estaria namorando com o George.

— Quem é George, Valentina? Está falando sério sobre namoro?

— A mamãe não te contou? Foi muito massa, pai. — O Benjamin estava empolgado em me contar, quando a Valentina gritou.

— Benjamin. Não.

— Filho. Sim.

— Nós chegamos no museu na Alemanha e todos os nossos amigos estavam muito curiosos sobre tudo que víamos, daí chegou um menino. Ele é tão loiro, mas tão loiro, que é até estranho. Ele trouxe flores para a Valentina. Mas quando foi entregar... Bum! Os seguranças apontaram a arma para ele e o levaram para fora. Só que aí vieram os seguranças dele e... Bum! — Tantos “buns” do Benjamin, que estava me sentindo tonto.

— Para com isso, Benjamin. A mamãe vai te colocar de castigo. — Valentina saiu correndo e chorando para o quarto. — Eu odeio ter irmão. Eu odeio andar com seguranças.

— Benjamin, continue. — Ele havia parado

mediante o ataque dela. Mas já estávamos acostumados. A Valentina é o poço da manha. Pirracenta e mimada. E o pior é que sei que tenho grande parte nesse comportamento. Desde quando soube que a Li estava grávida, eu ansiei por eles e fiz o que pude e o que não pude para que eles tivessem de tudo. Só que o Benjamin é mais tranquilo e ela... Puxou a mãe. Ou até mesmo minha sogra, que não tem papas na língua.

Era uma garota muito esperta, mas às vezes passava do limite, então era preciso que entrássemos com as regras para que ela se acalmasse. Agora... Quem é esse George?

Depois que o Benjamin terminou de me contar a história, eu começava a me estressar. Primeiro com a Valentina por ter marcado um encontro pela internet com um garoto que mal conhecia.

Segundo, com os meus pais, por não cumprirem seus papéis de vigilantes e deixarem com que essa confusão se armasse. E terceiro com a equipe que os acompanhou, por não ter descrito isso no relatório que me fizeram. E em quarto... Liara.

Eu entendo que são tempos difíceis que ela está enfrentando. Quando terminou a faculdade, logo surgiu uma vaga para assessora no fórum. Com a Josy assumindo a Vara da mulher e a Késsia sendo promotora, ela ficava com a assessoria. Mas não... Quis advogar e quis se especializar em áreas perigosas. Fez uma especialização em criminalística e penal e se tornou uma advogada conceituada por vários casos importantes. Mas também está ficando abusada e atrevida diante da tribuna, segundo meus colegas magistrados.

Por um lado, isso era bom. Os advogados a levavam a sério. Ela não queria ser somente a advogada “esposa do Juiz”. Queria ser reconhecida por seus méritos. E por outro lado estamos transando muito mais agora do que antes da formatura. O que também é bom!

Foi o combinado. Todas as nossas brigas terminariam em uma boa noite de sexo, e na maioria das vezes ela termina pedindo perdão. Entendo que exagerei, meu amor, mas não foi minha intenção. É a frase que mais ouço nesta casa. Aliás, em nossa cama. Principalmente quando ela sabia que os juízes haviam conversado comigo. E

eles só faziam isso por respeito.

— Valentina. Posso entrar? — Bati à porta do quarto da minha filha após o Benjamin terminar o relato.

— Se for para mais uma bronca... — gritou lá de dentro. Abri a porta e entrei assim mesmo.

— Filha... — Sentei-me à beirada da cama dela. — Quando comecei a namorar sua mãe ela também não entendia o porque de tantos seguranças. Quero que converse com seu avô. Com os juízes que conhece, e, se possível, use a sua internet, já que a utiliza tanto para pesquisar depoimentos de Juízes sobre o quanto é importante nossa segurança.

— Pai, eu entendo. Só que chega uma hora que é muito estressante. Em todas as festas. Na escola. Nos parques.

— Esqueceu-se de dizer aqui em casa. Sabia que um amigo nosso estava correndo tanto perigo que colocou grades em todas as portas de sua casa?

— Nada demais. Aqui também tem.

— Não essas grades, Valentina, mas grades

como celas de uma prisão.

— Exagero.

— Não. Amor pela família.

— O tio Murilo que deveria cuidar de nós.

— Como ele sozinho poderia cuidar de quatro pessoas, Valentina? Por isso ele tem uma equipe preparada.

Ela afundou o rosto sobre o travesseiro e chorou. Eu entendo minha filha. Não temos privacidade em certos lugares e é muita agitação quando suspeitam de algo.

— Precisa nos entender, Valentina. Se algo acontecesse com você, não aguentaria pelo tamanho do meu amor, filha.

Ela se virou de uma vez e me abraçou.

— Eu só queria ter a oportunidade de conhecer o George, pai.

— Como se conheceram, meu amor? — Ela pegou o celular e me mostrou o fórum. Havia algumas perguntas sobre leis brasileiras e minha filha respondeu aos participantes como uma autoridade no assunto. Ela vivia me dizendo que

NACIONAIS - ACHERON

queria ser juíza algum dia.

— Veja. Este é o George. — Olhei para a foto e entendi o que o Benjamin quis dizer. Ele era loirinho de olhos claros. Como ela estava sorrindo, não quis gritar para não assustá-la.

O garoto parecia ter uns dezessete ou dezoito anos e queria namorar minha filhinha de treze? Logo eu, totalmente contra a lei que estipulava que com quatorze anos os adolescentes têm capacidade de consentir com a transa. A lei dizia, inclusive, que o adolescente pode transar mesmo que o parceiro seja maior de idade. Isso não era certo. E minha opinião como Juiz era mais amena que minha opinião como pai. Se alguém tocasse minha filha, antes da idade que eu achasse viável, teria que se entender comigo.

— Quantos anos ele tem, filha? — Tentei ser o mais suave possível, mas sei que não havia conseguido pelo olhar dela, então repeti, um pouco mais tranquilo.

— Acabou de fazer dezesseis anos, pai. Ele não é lindo? — Olhei desanimado para a foto do garoto.

PERIGOSAS

— Ainda são jovens demais para pensar em namoro, meu amor.

— Mas nem amigos podemos ser, se ele não puder chegar perto de mim.

— Claro que podem. Não estão se falando pela internet?

— Não. — Ela parecia triste. — Fiquei com muita vergonha depois do ocorrido.

— Não tem porque se envergonhar. Explique a ele o que aconteceu e pronto.

— Vai me deixar namorar?

— Claro. — Ela me olhou assustada. — Quando tiver vinte e dois anos. — Fiquei de pé e não falei mais nada.

— Mas o Pietro está namorando e todos gostam da Rháfila.

— O Pietro tem vinte e dois anos e a Rháfila tem dezenove. Quando chegar a essa idade, quem sabe?!

— Até lá o George vai ter se casado.

— Se ele gostar de você, vai esperar.

NACIONAIS - ACHERON

— Cruel. Eu te odeio.

— E eu te amo.

Fechei a porta e a deixei com seus pensamentos. Tomara que ela tenha entendido minha posição. Jamais ficaria feliz se algum membro de minha família não o estivesse.

E por falar em família, consultei meu relógio e peguei meu celular. Chamou três vezes e não atendeu. Liguei no celular do Murilo.

— Estamos no elevador.

Quando o elevador parou em nosso andar, estava aguardando os dois com uma taça de vinho nas mãos. Não tinha como ela perder o caso. Mesmo não sendo eu o Juiz do caso.

— Como foi? — Ela me deu um beijo.

— Ganhamos — gritou e sorriu. — Tudo bem que não era minha especialização. Mas a Késsia e eu, modéstia parte, arrebentamos com aquele desgraçado. Onde já se viu engravidar uma garota de quatorze anos e por não querer assumir a criança esfaquear as duas? Uma na barriga da outra. Não é nem motivo de celebrar nossa vitória, mas vendo o

que vejo por aí, com assassinos saindo impunes, fico feliz que tenhamos vencido. Imagina... Só quem é pai e mãe para saber a tristeza que é ver um filho sem vida. E só porque a pessoa tem dinheiro para pagar bons advogados, não quer dizer que seja inocente. Tem que pagar.

— Sabe que isso pode estar bem mais perto de nós que imaginamos.

— Eu no lugar do pai, mataria o sujeito. — O Murilo entrou na conversa.

— Poderia então, Murilo, começar por matar um tal de George que fiquei conhecendo hoje. — A Liara me olhou e olhou para o Murilo. — Sua afilhada tem um pretendente.

— Mas que droga é essa? — ele perguntou, assustado.

— Pergunte a nossa nobre advogada. — Olhamos para ela.

— Ei... Esperem um momento. Eles são duas crianças que estão descobrindo o amor.

— Ele tem dezesseis anos. Não é tão criança assim.

— Posso falar com a Valentina?

— Vai lá, Murilo, e explique a ela nossa posição, como responsáveis.

Depois que Murilo saiu, a Liara ficou me olhando e eu sabia que ela me conhecia tão bem, já imaginava como estava meu coração.

— Amor...

— Onde ficou nossa parceria tão falada por você na criação das crianças?

— Cairon, eu não sabia. Juro para você. Só fiquei sabendo quando o barraco havia sido armado na Alemanha.

— E isso tem quase três semanas e você ainda não tinha tido tempo de me contar? — Agora eu estava começando a me alterar e foi até um milagre não ter berrado antes.

— Eu ia te contar, mas com tanta coisa acontecendo... Olha só... — Ela segurou minha mão e me puxou. — Vamos tomar um banho e aí a gente conversa.

— Desta vez não vai conseguir me enrolar, doutora.

— Meritíssimo, eu juro, sou inocente. — Fez beicinho. Ela sabia me convencer. Quando não por argumentos, usava outros meios.

Nunca pensei que com tanto poder nas mãos, eu não fosse capaz de dar ordens dentro da minha própria casa e fazer a lei se cumprir. Ela sempre dizia: Família não se forma com leis e sim com amor. Mas pelo andar da carruagem, as leis teriam que ser aplicadas o mais rápido possível.

Três



Liara

— Filha, nosso combinado foi esse. Uma festa para cem pessoas, então isso quer dizer que seu irmão tem o direito de convidar cinquenta, e você cinquenta. Gêmeos quer dizer: metade.

Eu sabia que desde crianças eles eram muito diferentes e não aceitavam as coisas iguais.

A Valentina era miúda, porém de uma inteligência grandiosa e tinha um objetivo: ela seria juíza federal igual ao pai. O que chamava nossa

atenção é que víamos o Benjamin estudando o tempo todo e mesmo assim a Valentina sempre tirava notas melhores, embora nunca estivesse com os cadernos e sim falando com as amigas através das redes sociais. Ela era como o Cairon, que tinha um jeito mais fácil de aprender.

Eu admirava meu marido por isso. Era determinado e tinha muita facilidade de guardar as informações.

— Mãe, há de convir que tenho muito mais amigos que o Benjamin.

— E por falar em Benjamin... Onde ele está? Vamos nos atrasar. Vocês para a escola e eu para o trabalho.

Terminamos o café e encontramos o Benjamin saindo do quarto, pronto para a aula. Deixei-os na escola e me dirigi para o trabalho. Cairon havia saído cedo de casa para um julgamento em uma comarca vizinha.

Quando cheguei ao trabalho, a atendente me informou que havia dois senhores me esperando.

Assim que autorizei suas entradas, reconheci que era o senador que estava envolvido no caso da NACIONAIS - ACHERON

garota assassinada. Era o filho dele o acusado.

— Em que posso ajudá-los? — Gesticulei para que se sentassem e eles o fizeram tranquilamente.

— A senhorita... Ou Senhora...

— Senhora, por favor.

— A senhora deve conhecer meu cliente. É o senador Gerald Farsona.

— Sim, conheço por nome. Inclusive, Gerald Farsona Neto está sendo citado em nosso processo.

— É sobre esse assunto a que viemos tratar.
— O senador se adiantou, indo direto ao assunto.

— Eu gostaria que trocasse sua posição. Precisamos de mais um advogado no processo a nosso favor.

— Não entendi.

— Entendeu. Vamos recorrer e precisamos de alguém do nosso lado. Alguém que tenha influência e que possa... — Ergui a mão imediatamente, tentando que ele parasse de falar. — Essa pessoa terá muita visibilidade ao ganharmos o caso. — Aquilo me feriu profundamente. Queriam que eu defendesse um assassino por visibilidade?

— Não busco visibilidade no trabalho. Busco justiça.

— E me disseram que você é muito boa no que faz.

— Gosto de levar a sério o meu trabalho.

— Então façamos o seguinte: eu lhe dou alguns dias para que pense e nos diga se realmente deseja continuar deste lado ou se prefere nos apoiar, inclusive também temos muito interesse em descobrirmos a verdade.

Ele não esperou para ouvir o que eu pensava, ou melhor, a verdade que havíamos descoberto sobre seu filho. Era um bandido disfarçado de futuro candidato a vereador. Era um estuprador de menores. E por mim, esse homem não representaria nossa cidade nunca. Ele havia sido condenado, e se recorresse, tínhamos outros trunfos em mãos.

Depois que eles se foram, peguei uma pasta onde estava outro processo e passei os olhos nas fotos, começando a ler em seguida.

A garota vinha de uma família rica, mas optara pela vida de prostituição. A estudante de jornalismo, Isabel Couto, conhecida no meio como

NACIONAIS - ACHERON

Isa, havia sido encontrada morta em um beco da cidade. Ela trabalhava como garota de programa. A jovem de vinte e nove anos ficou três dias desaparecida.

De acordo com o relatório vindo do delegado Alfredo Moreira, que comanda as investigações, o corpo estava em uma rua sem saída, na zona sul da cidade. O carro dela, um Cruiser, estava abandonado próximo ao local.

Isa, como gostava de ser chamada, havia sido baleada na cabeça, segundo a perícia. Ainda devem constatar se o crime ocorreu no local ou se o corpo foi desovado ali. O delegado não descarta hipóteses de sequestro e latrocínio. O caso é que hoje, eu receberia os pais. Meus contratantes para a defesa da vítima. E eu não tinha ainda um suspeito para acusar.

Mesmo que tenha alguma relação com a atividade dela, o que claro, não podemos descartar, sempre é bom lembrar que todas as pessoas assassinadas deixam alguém para trás. E no caso da Isa, foram os pais.

Li e reli. A garota não tinha passagens pela

polícia e também não tinha envolvimento com o tráfico de drogas. As investigações continuam, na tentativa de esclarecer a motivação e encontrar o autor do crime.

Enquanto não se encontrar o autor, eu fico de mãos atadas. Nestes momentos eu sempre me questionava se não escolhi a profissão errada. Deveria ser detetive. Amo a parte da descoberta, das análises de prova.

Fiquei tão concentrada no trabalho durante toda manhã, que quando percebi, estava três minutos atrasada para pegar as crianças na escola. Geralmente a gente os buscava, para economizar na segurança. Quando estávamos cheios de trabalho, o motorista ou os avós os pegava, ou até mesmo o Pietro.

Agora com o Pietro fora da cidade em visita à mãe e a irmã no interior, hoje eu teria a responsabilidade.

Peguei os dois na escola e o assunto do momento é a tal festa de quatorze anos que ocorrerá no próximo sábado. O combinado inicial era um jantar para os avós e padrinhos, que foi estendido a

alguns amigos da escola e agora já estavam todos convidados. Até o momento são cem convidados. O difícil está sendo fazer a Valentina entender que o Benjamin tem direitos iguais aos dela.

— Mãe, o Benjamin deixou que eu convidasse mais dez pessoas. Não é, Benjamin?

— Não foi bem deixar, deixar... Você disse que me dará metade da sua mesada.

— Mas não era para contar, seu...

— Meninos... Que tal diminuirmos para oitenta convidados.

— Não! — eles gritaram juntos e eu sabia que só assim a discussão não se arrastaria.

Assim eles sempre lembrariam que há adultos no controle de tudo. Em casa, assim que nos trocamos e voltamos para o almoço, o telefone da Valentina tocou e ela saiu de perto de nós para atender. Quando voltou, veio com um assunto que já havíamos discutido tantas vezes.

— Mãe, minhas amigas vão fazer uma noite do pijama. Posso dormir com elas depois do meu aniversário?

— Já conversamos isso tantas vezes, filha. Sobre quantos agentes precisam ser deslocados dos seus postos. O quanto sua segurança fica mais frágil.

— Uma vez só.

— Elas não podem dormir aqui, já que virão para sua festa? Seria uma extensão do seu aniversário. Eu mesma programo as coisas para depois e...

— Mãe, pode deixar. — Ela ficou emburrada, ciscando o prato até que o empurrou de lado.

A personalidade da menina era uma junção de Cairon e Cairon. Engana-se quem pensa que tem algo meu nela. E só havia um nome que ela temia nos momentos de teimosia, embora eu reconheça que toda sua manha e pirraça seja culpa dele, que quando criança fazia todas as suas vontades.

— Eu vou deixar que você converse com seu pai. Está melhor assim?

Levantei-me e fui até meu quarto. O horário de almoço havia terminado e eu precisava me apressar para voltar ao trabalho. Antes de sair, encontrei meu sogro e sogra chegando ao

NACIONAIS - ACHERON

apartamento. Era um dos dias que as crianças mais gostavam. Quando os avós vinham busca-los para passar a tarde com eles.

Por um momento me lembrei de minha mãe. Como seriam esses momentos se ela estivesse aqui? Provavelmente iria brigar por não ter que aturar os netos, filho de um homem separado e de uma... Minha mãe não media esforços para me deixar a par de minha realidade à época em que encontrei o Cairen. Ou melhor... Que ele nos encontrou.

Quando consegui sair do trânsito infernal de sempre e sentar-me atrás de minha mesa, ouvi batidas à porta.

— Posso entrar?

— Claro, Heitor. Sente-se. — Pela cara dele, as notícias não eram muito boas.

— Tem conversado com a Josy ultimamente?

— Estamos precisando, mas infelizmente não estamos conseguindo um tempo para isso. Algo sério?

— Não. Acho que é cisma minha.

— Se quiser, pode falar, Heitor. Está

acontecendo algo entre vocês? Algum problema?

— Desde o começo, você se lembra que ela não aceitou o pedido de casamento, optando por termos um relacionamento no mínimo estranho?

— Também acho. Desde quando são casados morando em casas diferentes?

— Ela diz que muitos casais vivem assim.

— E o que tem achado estranho ou te incomodado que quer que eu a sonde?

— Ela quer que terminemos.

Se as crianças vão fazer quatorze anos... Essa é a idade que eles têm de "casados". Ou melhor, um pouco menos. Eles namoraram e depois vieram com essa conversa de que estavam casados na lei de sei lá quem e que morariam em casas separadas. A Josy sempre foi muito esquentada e impaciente com muitas coisas, mas agora separar?

— Não vai falar nada.

— Hã, me desculpe, Heitor. Só fiquei pensando que começamos a nos relacionar quase todos à mesma época, e não sei como anda o casamento de vocês, mas eu não saberia, a essa

altura da vida, viver sem o Cairon.

— Por isso eu vim. Até ontem tudo estava muito bem e agora... Eu também não sei viver sem ela, Liara.

— Já disse isso a ela?

— Com certeza, mas ela... Ela disse que estamos distantes e que... — Ele analisou as palavras que me diria. — Quer algo diferente.

— Bom... Só me deixa falar com ela primeiro, para ver se me conta o que é. Então a gente poderá conversar. — Ele se levantou. Não sei se muito satisfeito, mas saiu da minha sala. Local que eu dividia com a Késsia.

Nunca cogitamos a separação de amigos. E o que eu disse ao Heitor era a mais pura verdade. Ainda semana passada, quando conversava com o Cairon, eu disse a ele:

— Não vejo minha vida hoje, se não estivesse ao seu lado.

Ele havia sorrido na ocasião e dito que o que não podemos é nos acostumar um com o outro. Isso que mata o relacionamento. Precisamos nos

surpreender sempre, e a admiração não pode ter fim.

Meu marido, o homem do sonho de qualquer mulher. Ops! Dos meus sonhos. Depois de conhecê-lo, nunca mais sonhei com outro alguém.

Bônus Valentina



As pessoas não me entendem, cara. Não sou mais uma criança. Sempre dizem que sou ajuizada, compromissada e que estou indo bem na escola. Que mal tem eu namorar?

Tenho duas amigas na minha idade que namoram. Claro que Anne, os pais ainda não sabem. Eles têm uma academia de dança no Rio e aqui também. Acontece que ela está namorando com um dançarino.

A Anne é linda. É morena e tem olhos azuis. Todos os meninos são apaixonados por ela. E como ela é bailarina, assim como a mãe, é fácil encantar a

NACIONAIS - ACHERON

todos. Foi através dela que conheci o George.

Recebo uma mensagem em meu celular e é do George, dizendo que estão embarcando para o Brasil, para a festa de alguns amigos. Meu coração acelera.

Uma idéia se passou por minha mente, mas é um tanto que arriscada. No entanto, para ver o George, terei que tentar. Digito, e envio uma mensagem pelo WhatsApp para as meninas. Escolho o grupo onde estamos mais resumidas, "Só as tops", e por sorte a Anne estava online. Peço que me ligue e na sequência peço desculpas a minha mãe e me afasto para combinar com ela.

— Anne, se te contar, não vai acreditar... Tipo... O George vai estar no Brasil este fim de semana. E eu preciso vê-lo.

— Hum... E como pensa em fazer isso com seu pai cercando cada passo que você dá?

— Por isso pedi que me ligasse. Precisa me ajudar.

— A ajuda que vou te dar é a seguinte... Sei onde o George vai ficar.

— Não brinca. — Sempre esqueço que eles são amigos. — Me conta! E me conta logo. Estou ansiosa. — Corto um pedaço da unha com os dentes, e logo me lembro da luta da minha mãe em deixar minhas unhas bonitas, mas sempre que estou nervosa faço isso.

— Ele vai ficar em minha casa.

— Mentira.

— Alguma vez menti para você, garota? Mas te peço que não me envolva em suas armações, porque sabe que não quero problemas com seu pai. Meus pais são “de boa” e têm enorme confiança em mim, então não posso perder isto. Até porque, apresentarei a eles esse fim de semana o Pax.

— Você e o Pax estão namorando há duas semanas.

— Não é bem um namoro, Valentina. A gente se beijou e só. Lembre-se que vou fazer quinze anos, e você ainda quatorze, então há uma diferença.

— Anne... E se eu dormisse na sua casa? Podíamos bolar uma festa do pijama.

— E por que acha que seus pais deixarão? Sempre que fizemos não participou.

— Talvez precise me esforçar mais um pouco.

— Então está combinado assim. Se você conseguir que eles deixem, pode ficar em minha casa sim.

Fiquei animada até voltar à mesa e minha mãe me dar a triste notícia de que seria um assunto o qual eu teria que tratar com meu pai.

Quando é com minha mãe, sei lá, parece que ela é mais maleável. Agora meu pai, não. Só existe a lei para ele. O certo é só a forma que ele pensa e é para ser feito.

Abri minha página na rede social, tirei uma foto da janela do meu quarto e postei:

#mesentindoprisioneira

Fiquei a tarde toda na internet, e em menos de uma hora eu tinha trezentas curtidas em minha foto, e noventa comentários perguntando o motivo da minha chateação e também de meninas que se sentiam como eu.

Aproveitei o dia porque hoje é o único que não

tenho aulas de inglês e vôlei. Da dança desisti. Agora tenho feito alemão pela internet. Claro que tenho um único objetivo, que é falar com o pessoal do George, apesar de ele e a mãe falarem inglês e português, além do alemão.

Infelizmente o Benjamin não teve a mesma sorte. Desisti da dança, mas ele não desistiu do futebol, então não tem um dia livre na semana.

Quando chamaram para o jantar, meu pai já estava em casa.

Sei que é para nossa proteção. Já entendi, mas só um dia queria ter uma vida normal. Quanto à questão do namoro, é porque ele é careta mesmo. Queria que ele fosse mais moderno.

— Boa noite, Valentina.

— Boa noite, pai. Como foi seu dia?

— Foi ótimo, filha. Alguma novidade?

— A não ser que eu seja uma prisioneira da minha vida? Não, nenhuma e você?

— Sua mãe disse que queria falar comigo?

— Nem vou perder meu tempo, pai.

— Filha...

— Mãe... É verdade.

— Pois pode ir. — Eu não entendi direito.

— Posso ir para onde? Para a cama? Para o quarto de castigo?

— Não. Pode ir a tal festinha de suas amigas, depois do seu aniversário no sábado. Agora... Agradeça a sua mãe, que me convenceu sobre o assunto.

— Mãe! — Dei um grito e corri até ela, beijando seu rosto. Depois fui até meu pai e também o beijei.

— E eu? Aonde irei?

— Ficaré conosco. Fazendo-nos companhia.
— Minha mãe brincou com ele.

— Posso ao menos convidar meus amigos para jogar no domingo aqui em casa, então?

— Claro, filho. Sabe que para isso nem precisa perguntar. — Meu pai quis consolar meu irmão.

Quando cheguei ao meu quarto, escrevi para o

George.

“Acho que vai dar certo. Poderemos nos ver”.

Ele logo me respondeu:

“Ansioso por isso”.

Tirei outra foto. Desta vez da luz do abajur, e postei:

#umaluznofimdotuneo. Se sentindo apaixonada.

Deitei-me. Liguei o no notebook, onde havia uma foto do George. Como ele era lindo e meu coração estava batendo descompassado só de pensar em vê-lo novamente.

E nada, nada poderia atrapalhar desta vez.

Quatro



Liara

— Parabéns para você. Nesta data querida. Muitas felicidades. Muitos anos de vida. Viva o Benjamin e a Valentina!

— Viva!

Estávamos reunidos com nossos amigos em um clube. Tudo muito reservado.

— Parabéns, maninha.

— Obrigada, Pietro. Achei que não chegaria a tempo. Só você pode fazer o que quer e viajar sozinho.

— Valentina, pós-graduação não é bem uma viagem a passeio. E nem divertido. O dia que chegar seu momento verá o quanto é complicado.

— Eu digo isso a ela todos os dias, Pietro.

— Oi, Li. — Meu enteado me abraçou. Como eu amo esse garoto. Seguiu os passos do pai. Embora a Valentina diga que será juíza, este eu tenho certeza que também será.

O Pietro é o jovem que toda mãe gostaria de ter como filho e genro também. Estava namorando uma garota linda. E a mãe dela vivia dizendo isso.

NACIONAIS - ACHERON

Fomos a casa deles em dois almoços. E eles também já vieram nos conhecer. A Giovana, como sempre, não é tão presente à vida do filho, mas não deixo que ele sinta falta da mãe.

Ele faz questão de me apresentar a todas as amigas como mãe, e eu faço questão de cuidar dele, assim como cuido de seus irmãos. Quando entram em alguma situação embaraçosa logo entro em defesa. Viro fera quando mexem com algum dos meus filhos, inclusive o Pietro.

— Benjamin... Veja o que trouxe para você.
— O Pietro foi entregar o presente e a Valentina saiu conversando com as amigas. Quando voltou, estava com a mochila nas costas.

— Mãe, a gente precisa ir.

Ela estava acompanhada da filha do Diogo, que também é Juiz, e da menina chamada Anne, cujos pais são donos de uma academia muito famosa, que tem várias filiais pelo país e fora também.

Encontrei-me uma vez com a mãe em uma reunião geral da escola, porque elas não estudam na mesma sala. A Anne tem quinze anos e me parece

uma boa garota.

À época fiquei feliz em conhecê-la, pois tínhamos algumas coisas em comum. Eu achava que era a única mãe negra que tinha filhos brancos, mas encontrei essa mãe na escola e a Anne não é branca, mas também não é negra, assim como a Valentina. Já o Benjamin, é a cara do pai.

Fiquei admirada ao ver que mãe e filha parecem bonecas. Corpos perfeitos. A Valentina disse que são bailarinas. Ela até tentou dançar, mas desajeitada como é minha filha, que puxou ao Cairen... Ah se ele escuta meus pensamentos.

— O que tanto pensa minha amada esposa?

— Em você! — E de certa forma pensava nele mesmo.

— Sei. — Ele abraçou-me pela cintura e levou os lábios até meu pescoço, atijando-me.

— Estou até feliz que estejamos quase sozinhos à noite. Podemos aproveitar mais à vontade.

Ele sorriu malicioso. Se há uma coisa que fazemos questão de não perder, é o desejo um pelo

outro.

Às vezes, como fica difícil ousar mais em casa com dois adolescentes, ele marca encontro em algum lugar. Afinal, meu título de amante eu não deixo ninguém tomar.

Caminhei ainda pela festa que estava no fim e com a saída da Valentina permaneceram apenas os familiares. Ficamos conversando mais um pouco, então todos se foram.

Peguei minha bolsa, deixei tudo sobre a responsabilidade de nossa ajudante e fui em direção ao Cairon, para que pudéssemos ir embora.

— Vamos sim. Estou cansando e amanhã quero acordar naturalmente. Não precisa me chamar, aliás, só se quiser me fazer uma surpresa de manhã.

— Não cansa nunca?

— Para você, não. Estou sempre disponível.
— O caminho para casa é sempre tranquilo. O Benjamin não deixa o celular e parece se divertir.

Em casa, tomamos banho. Deliciosamente animados por uma música que rola no celular sobre

a base de som.

Terminamos nosso banho e fomos para a cama. A noite prometia. Chegar aos catorze anos das crianças era de certa forma uma comemoração muito particular para nós.

— Amor... — Ele sabia o que eu pediria.

— Eu não acredito que depois de todos esses anos, ainda tenho que olhar se o Benjamin está coberto. Ele é adolescente, sabia?

— Sabia. Mas não deixou de ser meu filho.

— Ainda bem que não preciso mais ver o Pietro.

— Agora ele sabe se cobrir. — Cairon se levantou e foi. Sabia que era inútil reclamar. Nunca consegui dormir sem conferir que as crianças estivessem cobertas, com as janelas bem trancadas.

Meus olhos estavam me traindo. Tinha tanta coisa para viver essa noite com o Cairon, mas um cansaço está tomando conta do meu corpo. Fechei os olhos, imaginando que a qualquer momento ele pode chegar e reclamar.

Iria descansar só um pouquinho. Quando ele

chegasse, eu estaria pronta para vivermos uma grande noite.

O cansaço era normal. Há duas semanas estamos trabalhando com os preparativos do aniversário dos garotos. E mesmo que não sejamos responsáveis por todos os detalhes, acaba que ficamos cansados.

Ele deve estar voltando. Silêncio... Agora... Nada.

Deve estar conversando com o Benjamin. Ele sempre faz isso.

Não me lembro de vê-lo voltar para cama. Muitas vezes isso aconteceu. Sempre que o filho tinha algum assunto sério, eles conversavam como devia ser.

Cinco



Cairon

Cheguei à porta do quarto da Valentina e olhei para a cama vazia... Meu bebê. Minha criança. Quando estive com ela nos braços pela primeira vez, eu nunca iria pensar que o tempo passaria tão rápido e que hoje seria uma adolescente.

Claro que namoro ainda levaria um tempo. Precisa focar nos estudos, ter uma boa formação e só depois pensar em namorar.

Assim como o Pietro, que acabou morando com a gente. Ele acabara de terminar a faculdade de direito e está cursando a pós-graduação.

Passo a mão pelo travesseiro e arrumo a almofada de coração no lugar. Apago a luz e vou para o quarto do Benjamin. A luz está acesa, computador ligado, a coberta jogada pelo chão e ele dorme tranquilamente.

Cubro-o e levo a mão ao mouse do notebook para desligar, a tela de descanso sai, dando lugar a uma foto que me tira o fôlego. Procuro pelo ar e não encontro. Sento-me na cadeira de Benjamin e fecho os olhos. É a Valentina.

Está em uma rodinha de garotas e garotos, com os lábios colados à boca de um rapaz. Meu

Deus! Como isso foi acontecer?

O Suor percorre meu rosto, tentando me cegar. Mas eu sou mais forte que isso.

A culpa é... De ninguém. A culpa é minha por ouvir a Liara e deixar a Valentina dormir fora de casa.

Copio a foto e mando direto para meu e-mail. Preciso de provas para o que pretendo. Apago a luz do quarto do meu filho e saio em direção ao nosso.

— O que me diz disso, Liara? — pergunto enquanto pego o celular e abaixo a foto. Mas não obtenho resposta. Olho para ela e está em um sono profundo. — Não acredito. E nossa noite? — Tudo bem que agora não rola mais.

Envio um e-mail com a foto direto para o celular do Murilo e troco de roupa. Se essa garota pensa que pode enganar a mim, ela está enganada. E muito!

A buscarei e a deixarei de castigo até dois mil e vinte dois.

Entro no elevador e recebo uma mensagem do Murilo, dizendo que os agentes me esperam na

portaria e ele nos encontrará no local.

— Ainda bem que a Liara está dormindo. Ainda bem — resmungo comigo mesmo.

Quando encontro o Murilo na porta do condomínio onde ele descobriu que está acontecendo a tal festa, que era para ser uma noite do pijama para meninas, nem espero que me anuncie. Vou subindo com os agentes da PF.

Batemos a porta e esperamos que abram. O som não está alto, mas a pessoa que atende logo pensa nisso, ao ver a Polícia Federal.

— Boa noite. Algum problema, policial? É o som? Algum vizinho reclamou?

— Podemos entrar? — Murilo se adianta.

— Claro. Em que podemos ajudar?

— Meu nome é Murilo.

— Eu sou o Nicolas. Bem-vindo a nossa casa. Eu só queria que o senhor nos colocasse a par da vinda de vocês. Porque também estamos com visitas.

Olho para o lado e vejo uma mulher negra, de mãos dadas com um homem loiro; um homem
NACIONAIS - ACHERON

também loiro com uma mulher morena; e ainda outra mulher negra, com um homem branco, ambos com camiseta de futebol americano; por último, mais uma mulher negra, que se aproxima do tal do Nicolas.

Se minha ira não estivesse acima de minha cordialidade neste momento, a Li e eu poderíamos nos juntar a eles. Ela iria vibrar ao ver tantas lindas mulheres negras em um lugar só.

— Estamos procurando uma garota que devia estar nesse apartamento. Seu nome é Valentina.

— Ah, sim... A Val. — Até então o Murilo não havia me apresentado. — Ela é amiga da nossa filha.

— Foi o que ela nos disse. Disse também que haveria uma festa do pijama em sua casa, o que nos levou a acreditar que fosse somente para meninas.

— Festa do Pijama? — O homem se assustou com a informação.

— Vejo que sua surpresa é tão grande quanto a nossa. Mas o pior é isso. — Murilo mostra a tela do celular.

— É meu afilhado George.

— E onde eles estão?

— No apartamento de frente. Também é nosso.

O Homem loiro se aproxima e olha a foto, seguido da mulher, que lhe segura a mão.

— É nosso filho. — O homem alto e loiro que se apresentava ao Murilo, e que não demonstrava nenhum sinal de assombro com tantos agentes da Polícia Federal, ainda parecia se justificar ao dizer “nosso filho”. Como se isso fosse garantia de segurança à minha filha.

Murilo se virou e com muita formalidade dirigiu-se a mim.

— Esse é o Juiz Cairon Filho. O pai da Valentina.

— O senhor é o pai da Valentina... — A mulher estendeu a mão, e por educação, para não fazer mais feio do que me sinto capaz de fazer, a cumprimento, mesmo não conseguindo sorrir ou expressar simpatia. Solto um “sou eu”. — Eu já conversei com sua esposa ao telefone. Tenho

certeza que poderemos resolver a situação ajudando nossos filhos sem constrangê-los.

— E a senhora pensa mesmo que estou preocupando em constranger ou não a Valentina. Eu devolvo o que ela me oferece. Como ela constrangeu a mãe dela e a mim, mentindo para nós. Eu não tenho que ser cordial com ela e tentar ser seu amiguinho. Tenho que lhe mostrar o caminho do bem e indicar a direção como pai. Depois que ela aprender, caminhará com seus próprios pés e se algum dia errar, terá um fundamento, uma base para a qual poderá recorrer. Caso contrário, se eu não fizer minha parte, ela poderá se perder para sempre, e a mentira é o primeiro passo.

— O Senhor não pode entrar em casa de pessoas honestas e interromper uma festividade porque sua filha mentiu para o senhor. — Respirei profundamente, tentando encontrar uma resposta correta a altura do homem loiro que é o pai do garoto.

— Quantos anos seu filho tem?

— Dezesseis. Também é uma criança. E

estamos aqui para que ninguém o ofenda.

— O senhor tem ciência de que ele está beijando uma criança de catorze anos? Posso acusá-lo de crime de assédio sexual

— E sua filha não tem culpa também?

— Claro que tem. Mas está sendo influenciada pelos colegas. Não tem idade para tamanha sandice. E não pense que ela sairá impune disso. — Olhei para o Murilo.

— A senhora poderia nos acompanhar para que eu chame minha afilhada?

— Claro! — A mãe da garota, de nome Anne, se prontificou e acompanhou o Murilo, que saiu com as duas mulheres que estavam com os maridos ou namorados, e eu fiquei de pé, olhando pra frente, sabendo que estava sendo observado pelos homens, assim como eles eram observados pelos onze homens da PF, que me acompanhavam naquele momento. Um passo, um movimento em falso, e eles atirariam.

Assobieei e vi um quadro muito bem pintado que parecia original. Caminhei até ele e o observei mais de perto.

— É original. Ganhamos de um aluno alemão.

— Muito bonito — limitei-me a dizer. Estava com tanta raiva naquele momento. Não pelas pessoas, porque até que legais, mas pela minha filha. Onde erramos na criação dela, a ponto de precisar mentir para nós?

De um momento para outro, a sala ficou cheia de adolescentes. Todos vindos do tal apartamento.

— Pai! – Ela chegou vermelha.

— Pegue suas coisas e se despeça de seus amigos.

— Onde está minha mãe?

— Em casa, de onde você não vai sair durante um bom tempo.

— Pai, eu posso explicar...

— E será que poderei acreditar, Valentina?

— Senhor... — O garoto tentou se aproximar, mas ao ver a equipe de agentes armas em punhos, ela o afastou.

— George, não, filho. Deixa.

— Pai... Me deixa ficar?

— Não piora as coisas, Valentina — Murilo interveio.

— Nós não fizemos nada demais. Você havia deixado. Lembra-se?

— Claro. Quando você me disse que era uma festa do pijama, apenas com meninas. E agora... Vejo ao menos dois garotos. E a tal festa é em um apartamento sem nenhum adulto por perto.

— Porque nossos filhos são responsáveis e bem-educados — o homem loiro disse.

Tinha aproximadamente minha altura, só era um pouco mais forte que eu. Mas em termos de direito, eu tinha certeza que a lei estaria ao meu lado.

— Eu posso ouvir isso do senhor, sem morrer e ainda acreditar que a criação dos seus filhos não foi igual a minha, que devo ter errado em algo, uma vez que minha filha tenha mentido para mim.

— Pai. — Ela começou a chorar. — Eu não menti.

— E agora me pergunto quantas vezes isso deve ter acontecido? Mas eu não vou lavar roupa

suja na casa de vocês. Desde já, peço desculpas pelo transtorno.

— Tia... — Ela olhou para a mulher que dava a mão ao rapaz. — Não pode explicar para ele? — A mulher a abraçou e depois olhou nos olhos dela.

— Querida, eu até poderia. Mas acho que ele tem razão. Não devia ter mentido. Aqui somos todos amigos. Poderia inclusive ter convidado seu pai e sua mãe para que viessem nos conhecer.

— Eles não viriam. E não me deixariam vir.

— Se tivesse dito a verdade, talvez não viesse hoje, mas teria mais chances de vir em outra ocasião. Agora não terá. Eu sempre digo a você: somos tratados como tratamos os outros.

— Eu odeio viver nesta família.

— Que pena, Valentina, porque sua família te ama. E fazemos o que achamos que é o melhor. Agora pegue suas coisas e desça — disse a última frase entre os dentes e saí, me despedindo de todos.

O Murilo ficou para trás, provavelmente se desculpando e esperando pela Valentina. Ela entrou no carro e bateu a porta com toda força. Em outro

momento até teria brincando com ela, mas hoje eu arriscaria uns bons tapas em seu traseiro. Aqueles que impedi a Liara de dar quando ela era mais nova, achando que eram bonitinhas suas pequenas pirraças.

Agradei ao Murilo e desci na garagem, dispensando todos os agentes e me desculpado por tirá-los da cama no meio da noite.

Quando subi, estava com a porta do quarto fechada, e se enganava se estivesse esperneando que eu esmurrasse a porta e fosse bater boca a essa altura do campeonato.

Estava cansado, e além de tudo, decepcionado com minha filha.

Eu agora estava em um beco sem saída. Sempre ouvi dizer da má criação dos filhos de pais separados. De crianças e jovens que veem do subúrbio, e filhos de mães solteiras. Mas agora estava vivenciando que todos têm escolhas. E isso era o que eu dizia sempre.

Conheço e lido com todo tipo de gente, e posso afirmar que caráter não está ligado a condições financeiras. Essa menina tinha de tudo.

Tudo que se possa imaginar ela teve até hoje.

Agora, mesmo estando um pouco atrasado, ela teria que ter um presente que os pais dão e que foi a única coisa que acredito que havia me esquecido de dar a ela: limite.

Ela teria que aprender que o “não” também faz parte do aprendizado, e que não é porque temos negado algo que deixamos de amá-la. Ao contrário, se não a amasse deixaria que ela fizesse o que quer de sua vida. E quando se arrependesse eu diria: te avisei. Mas os amo mais que tudo na vida.

Fui até a cozinha, coloquei água na cafeteira e uma xícara para preparar um café. Não conseguiria dormir mais.

Peguei a xícara com café e fui até o escritório. Sentei-me com as pernas apoiadas sobre a mesa, saboreei o café e odiei, ao sentir que tinha posto muito mais pó que o necessário. Mas forcei-me a engolir o líquido quente.

— Insônia? Não voltou para a cama. — A Li chegou e entrou. Fiquei em silêncio. Não que ela não merecesse resposta, mas porque estava muito chateado com todo o acontecimento.

Ela caminhou devagar. Conhecendo-me bem, sabia que havia algo de errado. Mas não perguntou. Mulher atenta a tudo. Se aproximou mais e passou a mão em meus cabelos. Fechei os olhos e senti uma dor em meu corpo, mas não é maior que a dor em meu coração.

Ela se colocou atrás da cadeira onde estava sentado e enfiou a mão sobre minha camisa. Desceu os dedos pelo meu peito, acariciando os pelos que encontrou pela frente.

— Amo seu corpo.

Continuei minha peregrinação silenciosa até o inferno e quando pensei que permaneceria lá, ela começou a me trazer de volta. Descendo a mão por minha barriga e enfiando dentro de minha calça. Mexo-me na cadeira para dar a ela um pouco mais de espaço.

Cada parte de mim reconhece aquela que atiga os meus mais íntimos e secretos desejos. Só ela conhece. Sabe onde tocar; sabe como o fazer. Abri os olhos e a puxei para meu colo, tirando minhas pernas de sobre a mesa.

Abro o roupão e a vejo só de calcinha, sem

sutiã. Seguro um de seus seios e o trago até a boca. Amo isso. Isso me excita, me impele e ao mesmo tempo me sinto um pouco insano querendo aplacar todo sentimento ruim que trago em mim, de uma das piores noites que tive em minha vida depois do nascimento das crianças.

Sugo até ouvir seu gemido. Poderia ser de prazer, mas pela força que sei que estou colocando no ato, pode ser de dor também.

— Está tudo bem, Cairon?

— Não.

Ela acata meu “não” como resposta e não pergunta mais nada. Rasgo a calcinha na ânsia de penetrá-la. Ela mal sabe o monstro que está se escondendo em meu corpo. Chega a ser quase uma possessão.

Enfio-me dentro dela como se fosse ela a culpada pela minha dor.

— Cairon... — Ela geme. E estranhamente, isso é música para os meus ouvidos. Mas ao invés de me acalmar, excita-me.

— Te quero.

— Estou aqui.

Então começo a me arremessar para dentro dela como se quisesse atingir o seu coração ou a sua alma. Entro, mais e mais e mais, ouvindo sua respiração ofegante e seus gemidos. Alguém tem que pagar por minha dor.

Quando sinto que ela pode pôr um fim àquele momento, me agarro a ela e paro.

— Não.

— Sim. — Ela me abraça e se afunda em meus cabelos. — Há muito tempo não fazia isso comigo. O que está te chateando?

— Só me ama. Preciso de você.

— Toda sua.

Ela era minha, realmente, assim como eu sou dela. Sempre ouvia falar da segunda chance. A minha estava valendo cada momento. Eu só soube o que era felicidade depois que ela entrara em minha vida.

— Preciso que você...

— Agora, meu amor. — Ouço sua voz e me embalo um pouco mais. Assim... Assim... —
NACIONAIS - ACHERON

Cairon... meu amor. — Ela fere minhas costas com suas unhas e eu quase grito de prazer. — Te amo.

Ficamos abraçados até que ela puxa meu cabelo, fazendo-me encarar seus olhos.

— Está triste.

Como nossos corpos já estão um pouco mais calmos, eu a tiro do meu colo e me levanto.

— Nossa filha está no quarto.

— Como assim? — Ela se arruma dentro do roupão novamente. — Ela voltou? A que horas? Quem a trouxe? Ela não veio sozinha, veio?

— Não. Eu a busquei.

— Cairon?

Pego o celular que havia colocado na gaveta da mesa e entrego a ela, com a foto da Valentina e o tal do George.

— Não acredito. — Senta-se no sofá. — Ela teve coragem de mentir para nós? Onde foi que erramos, Cairon? Eu fiz de tudo por ela.

— Vem. Vamos dormir.

— Mas Cairon...

— Amanhã a gente conversa com ela. Amanhã. Hoje não podemos fazer mais nada.

— Acha que a culpa é minha? — Ela se levanta e vem à minha frente.

— Acho que cada um tem suas escolhas.

A guiei em minha frente e levei para nosso quarto. Eu tenho sim, consciência disso, porque julgo pessoas o tempo todo e assim como eu, cada um tem suas escolhas. Todos temos. Ninguém é privado do direito de escolher. Mas precisamos lembrar de que colheremos os frutos daquilo que eu planto.

Seis



Liara

— Hum... — Foi o som que a Valentina fez quando eu abri as cortinas do quarto dela na manhã de domingo. Manhã não. Era meio dia. Ainda dei

um tempo para que ela dormisse.

— Acorda, mocinha. Temos que ter uma conversa.

— A não mãe, a essa hora não.

— A essa hora, Valentina? A essa hora nós estamos quase no meio do dia. E olha só o que eu vi na rede social de uma amiguinha sua... — Ela abriu os olhos e viu a foto em que está beijando o tal do George.

— Mãe, isso foi uma brincadeira. Nada demais.

— No meu tempo isso se chamava beijo.

— No nosso também. Mas não é nada sério.

— Não tem noção do que está dizendo, Valentina. O beijo é muito íntimo. Não é uma coisa que a gente saia por aí dizendo que é coisa à toa. Você precisa confiar na pessoa a qual se beija, meu amor.

— Eu confio no George.

— Filha, presta atenção...

— Mãe... Tudo que eu te disser você não vai

ouvir, porque ele já fez sua cabeça.

— Ele quem? De quem você está falando dessa forma?

— Meu pai. — Fez ar de impaciente.

— Deixa eu te falar uma coisa, minha filha. Seu pai não disse uma palavra de como se sente a respeito de tudo isso. Mas eu posso te afirmar que todas as vezes que ele se silencia para mim, é como se uma flecha atravessasse meu peito. E sabe por quê?

— Tenho certeza que irá me dizer.

— Valentina, não brinca comigo. — A menina estava se sentindo no direito de me responder como bem entendesse.

— Está bem.

— Seu pai está decepcionado com você. E para mim é uma das piores dores que se pode causar em alguém é isso: decepção. Saber que a pessoa confiava em você e agora não confia mais.

— E você não pode falar com ele. — O que ela estava querendo agora? Que eu limpasse sua barra?

— Falar com ele? Falar o que com seu pai?

— Sobre o George e eu? Ele sempre te ouve e...

— Você não entendeu o que eu vim te dizer? Ou está se fazendo de boba?

— Mãe... Você é supermoderna e descolada. Todas as minhas amigas dizem o quanto gostariam de ter uma mãe como você. Não acredito que agora estará se opondo em ao meu namoro, porque ainda não tenho quinze anos.

— Não é a idade, Valentina. Estou me opondo ao seu namoro porque achamos que você era, mas pelo que fez, acabou de confirmar que não tem maturidade.

— Mãe...

— Mãe? Não tem mais mãe. — Fui até a janela e olhei para a vista que dava para a cidade, disfarçando a vontade que eu tinha de chorar, por estar tendo essa conversa com minha filha. Depois me sentei na cadeira da mesinha do computador e me virei para ela.

— Poucos dias atrás, Valentina, estávamos no

tribunal acusando um rapaz de violentar e matar sua namorada de treze anos. O detalhe... Ela estava grávida e ele não queria assumir o namoro e muito menos a criança, porque isso iria manchar seu nome e ele perderia as chances de se eleger vereador em nossa cidade. Ele tinha vinte anos. E ela... Ela era só uma criança. Ele não tinha o direito de fazer o que fez. Mas durante o processo, percebi que os pais mal sabiam sobre a menina. Disseram que ela não vinha em casa a mais de uma semana. Mesmo assim fiz minha parte. E mesmo assim os pais fizeram sua parte e vibraram com o desfecho do caso.

Ela se mexeu na cama, mas continuou com os olhos fixos sobre a colcha. Como se tivesse analisando sua situação.

— Minha mãe não cuidou de mim conforme eu pude cuidar de vocês. Ela teve que trabalhar duro para mandar dinheiro para ajudar minha tia a cuidar de mim, e quando era meu aniversário, ela aparecia. Trazia uma boneca, mas muitos natais eu passei sem minha mãe, e tudo isso para que eu sobrevivesse. Então eu comemorava natal e ano novo no dia do meu aniversário. Ela me trazia uma

boneca. Sempre... E era a mesma boneca.

— Você devia falar para ela que já tinha trazido a boneca.

— Não me importava com a boneca, Valentina, me importava com a presença da minha mãe. As bonecas eu guardava, até porque não tinha muito tempo para brincar.

— Não entendo então, o que isso tem a ver comigo.

— Não entende? Então deixa eu te explicar melhor. Você teve tudo e foi isso que te fez mal. Não dá valor as coisas ou as pessoas. É egoísta e mimada. Por isso se atreveu até a mentir.

— Eu não menti.

— Claro que mentiu. Festa do pijama não envolvem meninos. E nem é na verdade uma festa. E você pelo jeito estava em uma festa. Eles têm dezesseis e dezessete anos, já você acaba de completar quatorze.

— Dois anos não farão diferença.

— Um segundo faz a diferença. Portanto vamos aos nossos combinados.

— Combinados?

— Sim. Não quer ser adolescente, mesmo ainda estando na pré-adolescência?

— E o que seria estes combinados?

— Primeiro... Ficarão sem celular.

— O quê? Mãe, está louca? Quem vive sem celular hoje em dia?

— Você vai aprender. Fui ter um celular quando conheci seu pai.

— Não é justo.

— Não é justo o que fez com a gente, também.

— Continuando...

— Continuando o quê?

— Os combinados. — Ela cruzou os braços na frente do peito. — Usará o computador só para trabalhos. Poderá usar a internet uma hora por dia.

— Não acredito. Parece meu pai lendo as sentenças de seus réus.

— Encare como quiser. A partir de hoje arrumará seu quarto. A arrumadeira não virá aqui. E eu exijo o padrão de sempre.

— Nunca fiz isso. Como vou saber o que fazer?

— Use sua hora de internet e descubra. Tem mais. A partir de hoje, seu cartão de crédito está limitado. Se pensa ser responsável o suficiente para sair beijando por aí, é responsável por administrar seu próprio dinheiro. Terá uma mesada mínima. E quando eu digo mínima, é mínima mesmo. Eu mesma vou estipular depois e te falo quanto tem por mês.

— Meu pai sabe disso? Foi ele?

— Acha que seu pai faria isso? Acha que ele teria a capacidade de ser justo com você?

— Não. E ele não vai deixar você me punir assim. Te odeio.

— Nós te amamos!

Fechei a porta e saí. Se eu ficasse mais um minuto no quarto, choraria com ela e voltaria a deixar que fizesse de tudo. Ela veio correndo, gritando pelo pai. Foi até o quarto e até o escritório.

— Onde está meu pai? Quero falar com ele.

— Seu pai foi correr. Espairar a cabeça e

aliviar o coração.

— Eu quero meu pai. — Se abaixou na parede, fazendo maior drama. Era sempre assim: quando um dizia uma coisa que ela não concordava, ela fazia um drama, e a gente acabava cedendo. Mas desta vez seria diferente.

Deixei-a lá se lamentando, até que parei de ouvir o choro. Ela devia ter ido para o quarto. Um pouco disso foi a vontade do Cairon ter um filho. E quando ela nasceu cheia de problemas e muito pequena, nós achamos que precisávamos nos desdobrar para cuidar dela e não deixar que nada faltasse. E hoje é o que colhemos.

Sete



Cairon

— Estou te achando um pouco velho, Juiz, para correr com a gente.

— Jura? — Disse ao meu amigo agente da Federal que corria ao meu lado. — Eu achava que quem estava se aposentando aqui era você.

— Estou me aposentando da PF porque tenho outros negócios em mente. Quero abrir uma firma de segurança e investigação. Trabalhei para isso, e estou investindo pesado durante todos estes anos. Agora posso ficar mais tranquilo.

— Isso é bom — disse ofegante. Quando concluímos os dez quilômetros, parei e aceitei a água da agente que estava nos esperando.

— Precisa se exercitar mais vezes, Cairon. Na sua idade...

— A idade está na cabeça.

— É verdade! Mas, uma opinião... Se exercite mais vezes por semana, ao invés de fazer tudo de uma vez no fim de semana. Parece que quer descontar tudo na corrida. Aí seu corpo não vai aguentar. E não é para isso que serve a atividade física. Tenha ela como sua aliada.

— Então vamos marcar para segunda. Ou não será mais meu personal trainer depois da aposentadoria?

— É a única atividade que quero dar continuidade. Não somos mais agentes e Juiz, você sabe disso. Passamos essa barreira desde que
NACIONAIS - ACHERON

salvou minha vida. — Não era bem salvar a vida o que ele se referia. Mas quando quis deixar a esposa, nós conversamos muito. E ele acha que isso foi o suficiente para que nossos laços se estreitassem.

— Eu sei. O mesmo digo, meu amigo. Você é igual ao Murilo para mim. Entrego minha vida nas mãos de vocês.

— Obrigado pela confiança. Se puder comparecer em nossa inauguração e dizer que fazemos sua segurança, isso me trará muitos clientes.

— Com todo prazer. Só me passe depois uma mensagem com o dia, o local e a hora, para que eu vá.

— Obrigado. — Apertei a mão do meu amigo e entrei no carro.

Eles me escoltaram até em casa, onde outra equipe aguardava, caso eu precisasse sair.

Mas hoje eu só iria sair para o jantar na casa de meus pais. Seria bem mais tarde. Agora eu teria que resolver assuntos pessoais.

Quando cheguei à portaria, avistei o tal

moleque que havia beijado a Valentina parado à porta. E juntos estavam: o homem loiro, que é o pai, e a mulher, a mãe dele.

Um dos agentes veio e parou meu carro dizendo que queriam falar comigo. Se eu conhecia e se eu desceria para falar com eles.

— Suba com eles até em casa e diga que esperem que os receberei. — Eu tinha sido um tanto que rude na festa deles, e como não eram brasileiros, pensariam que somos mal-educados.

Entrei em casa e fui direto para o banho. Entrei de baixo da água e deixei que ela caísse sobre mim, esfriando meus pensamentos e meu corpo, e que os céus me ajudassem a me controlar.

Quando cheguei à sala, a Liara os havia recebido e conversava como se os conhecessem há anos. Falava com a mulher sobre um quadro que tínhamos na sala.

— Boa tarde. Desculpem-me a demora.

— Nos desculpe o senhor, pela invasão. Sabemos que não se pode visitar um juiz assim, mas precisávamos vir.

— E como descobriram nosso endereço?

— Cairon...

— Tudo bem. Meu irmão tem uma firma de segurança e eles rastrearam o IP do celular de sua filha — o homem arrogante respondeu.

— Sabe que sobre essa declaração, eu poderia acusá-los de...

— Podem parar os dois — Liara ordenou, olhando para nós.

— É, pai. Não viemos aqui para brigar, se lembra? — O garoto parecia tranquilo e mais consciente que o pai.

— E para que vieram?

— Vamos nos sentar. — A Liara me olhava como se eu fosse o errado da história. Quando todos se sentaram, ela começou com uma cordialidade... — É a primeira vez que vêm ao Brasil?

— Não. O Hansi é a terceira vez que vem. Nós temos amigos aqui. Eu e o George moramos aqui por dois anos.

— Então por isso fala tão bem o português,
NACIONAIS - ACHERON

George.

— Eu era muito bebê, mas minha mãe fez questão que eu aprendesse por causa dos amigos que temos aqui. Eu acho legal aprender coisas novas.

— Então você fala português e alemão?

— E inglês, que é a língua materna de minha mãe.

— É, eu sou americana.

— Achei que era alemã.

— Não. É porque depois de doze anos de casados, você aprende até mesmo as gírias da língua.

Eu ouvia a conversa que não me interessava nem um pouco e imaginava que não era uma família muito normal. Não por ela ser negra, porque a Li também era. Mas o garoto a chamava de mãe, mas não tinha traços negros.

Seria filho só do sujeito? Seria adotado? Quando estava observando o garoto, vi que o homem olhava para mim.

— No que podemos ajudá-los? — Fui curto e
NACIONAIS - ACHERON

direto, já que ele me olhava. Mas quem respondeu foi a mulher.

— Nós trouxemos o George, porque nosso filho estava preocupado com sua filha. Nós conversamos com ele e o George é um amor de criança, não é, Hansi? — Colou sua mão sobre a perna do marido como se o obrigasse a falar. Deviam ter ensaiado.

— Nosso filho é dotado de princípios e valores, mas não gostamos que as pessoas pensem mal dele.

— Hansi. — O homem começava a se alterar. Talvez ele se esquecesse de que atrás das portas desta casa, haviam homens preparados para atirar em tudo que se mexesse em nossa direção.

— Me desculpem. É que o George foi tratado como um criminoso. Apontaram uma arma para ele na Alemanha e eu nem fiquei sabendo.

— Meu filho só queria falar com sua filha.

— Eu não acho viável. Já disse que ela não irá namorar. A Valentina tem apenas quatorze anos. É uma criança.

— E mimada, pelo jeito. — Me levantei. Quem esse homem pensa que é para dizer isso da minha filha? Apesar de que ele não estava de todo errado. Eu tinha a noção que havia criado minha filha assim, mas não daria permissão para que outros pudessem dizer. Ele também ficou de pé. Assim como o filho e as mulheres.

— O senhor tem noção que ao entrar em minha casa e continuar com seus desaforos poderá ser tratado pior que seu filho foi? Poderá sair daqui preso. — Era mais uma informação que uma ameaça.

— Cairon... — A Liara de um lado e mulher dele de outro, tentavam apaziguar a situação.

— Só pensamos que ele poderia explicar a ela sobre não poderem namorar. Não que nós não confiemos no George...

— Estão dizendo que não confiam em minha filha? — Me virei para ela.

— Não. Estamos dizendo que entendemos vocês. Não querem que eles namorem e se esta é sua vontade, meu filho, como garoto direito e futuro homem de bem, acatará seu desejo. Mas não

porque é juiz ou algo assim... Mas porque é pai.

— O George é um doce de menino e jamais nos desobedeceu. Talvez ele pudesse conversar com ela, também porque vamos embora amanhã e eles possam se despedir, como adolescentes civilizados. — A mulher era bem tranquila.

— Eu vou chamá-la. Embora ela já deva ter ouvido os gritos do pai. Aliás, todo prédio.

— Liara!

— Cairon, por favor. Eles não estão pedindo que a Valentina viaje com eles. É só uma conversa, amor.

— Eu não vou sair daqui. — E ela foi chamar a filha

Quando voltou com a Valentina, eu não quis falar nada. É uma situação nova para todos nós. Chateado é pouco para dizer como estou me sentindo em relação a tudo isso.

A gente vê aquele ser tão minúsculo em nossas mãos e de repente ele cresce e quer nos abandonar.

— George! — Ela o olhou assustada.

— Bom, vamos tomar um café na sala ao lado, enquanto eles conversam. — Liara só podia estar louca, querendo que eles fiquem sozinhos. Não diria nada por agora, mas ela me pagaria. — Vem, meu amor. Deixe os meninos conversarem.

Com muita dificuldade eu a segui a sala de jantar para tomarmos um café. Na verdade, eu queria era almoçar, mas só hoje podia esperar.

Enquanto nós tomávamos café eu observava se não haveria nenhum tipo de contato entre os meninos na sala. De onde eu estava sentado, tanto eu quanto o tal do Hansi, conseguíamos observar os garotos. Só espero que ela entenda que esse namoro não pode acontecer. Não agora.

Bônus - George



— George...

— Oi, Valentina.

— Nossa, me desculpa por todo esse
NACIONAIS - ACHERON

transtorno. Meus pais, sabe... Eles não são como os seus. Eles vivem só de leis e leis. E como eles trabalham com vários bandidos, acham que todos temos que ser tratados como eles. Acredita que ela tomou meu celular e só poderei usar o computador uma hora por dia? É demais, não é? Se eu tivesse uma família igual a sua, tudo seria melhor.

— Valentina... Valentina... — Ela falava sem tomar fôlego. Até que a chamei com mais força. — Valentina. — Então ela parou e me olhou.

— Ah, sim! Desculpe-me. Pode falar.

— Não vai rolar nada entre a gente. Não por causa da sua família, mas por causa da minha.

— Como assim? Sua família... Sua mãe é muito legal e você diz que seu pai é o pai que todos gostariam de ter, então o que pode ter de errado?

— O que você fez. — Ela piscou diversas vezes. — Meu pai diz que a forma que uma garota ou um garoto trata os pais é o jeito que irão tratar seu marido ou mulher. E mesmo que sejamos jovens demais para pensar em casamento, meu pai acha que você... Que talvez não seja hora de... Que você não seja uma boa... — Como eu ia dizer a

menina que ela era uma má influência, mimada e mentirosa.

Eu a tinha conhecido através de um fórum que temos online, e ela era muito linda pela foto, e agora sei que pessoalmente também. Mas... Meu pai tinha razão. Meu pai sempre estava certo. A visão da Valentina de família parecia um pouco diferente da minha.

— Ele acha que o que você fez, mentindo para seus pais, pode mostrar um pouco do seu jeito de ser, e nós não somos assim. Entende?

— Eu não fiz nada de errado, George. Eles não iriam entender se eu dissesse que queria participar da festa de vocês. Não me deixariam ir. O que faria em meu lugar?

— Não teria mentido, com certeza. Uma mentira poderia nos trazer sérios problemas. Acredita que das milhares de crianças e adolescentes que somem hoje é por causa das suas mentiras?

— Ah não, George! — Ela se virou de costas para mim. Como era linda.

— Verdade. Eles saem de casa dizendo que

NACIONAIS - ACHERON

vão a algum lugar, mas vão se encontrar com pedófilos disfarçados, sequestradores e assassinos. Mas depois a culpa fica sendo só dos responsáveis que não souberam cuidar.

— Foi isso que seus pais te disseram para me dizer? — Eu sorri.

— Val, eu tenho quase dezessete anos. Ninguém mais formula minhas palavras além de mim.

— Mas o nosso caso é diferente. Já nos conhecemos e não somos criminosos. — Abaixei minha cabeça e me lembrei do que minha mãe havia dito no caminho.

— Valentina. Você mentiu e mesmo que tenha sido para me encontrar, quem garante que não irá fazer isso comigo depois?

— George, quer que eu peça desculpas aos seus pais? Eu peço. Mas...

— Não. O Problema que você tem é com os seus pais e não com os meus. E seu problema tem que ser resolvido por você. Entre nós eu queria só dizer que... Estou a um passo de começar minhas escolhas, como faculdade, profissão. E você...
NACIONAIS - ACHERON

Ainda é uma menina com atitudes de criança.

— Está me chamando de criança, George? Foi seu pai que disse isso ou sua mãe? Não! Foram os meus pais. Tenho certeza.

— Não, Valentina. Meus pais me educaram para ser uma boa pessoa. Não só a mim como também a Sofie. Ela tem um ano a menos que você e não mente.

— Eu não menti, George. Disse que ia dormir na casa da Anne.

— Disse que era uma festa do Pijama e não era bem isso. Era uma festa.

— Então? — Ela sorriu. — Era uma festa. Não menti.

— Valentina. A verdade é que meu pai não me deixaria namorar você depois que descobriu que mentiu ou ocultou algo de seus pais. Se ele não tivesse descoberto a gente até poderia ter namorado. Mas como ele descobriu...

— Culpa do meu pai. Que ódio.

— Não, Valentina. A culpa é sua mesmo.

— Está do lado de quem?

— Não estou do lado de ninguém. Só sei que não dá para ter nada entre nós.

— Está terminando comigo, George?

— Terminando? Não tínhamos nada de concreto.

— Mas a gente se beijou.

— Ah... — Pobre Valentina! Como eu ia dizer a ela que um beijo não fazia dela minha namorada.

— Valentina, um beijo não faz da gente namorados. — Era a forma mais fácil.

— Não?

— Não.

— Você não gosta de mim, George?

— Gosto, mas...

— Então. Vamos enfrentar eles e pronto. — Enfrentar? Meus pais. Por que eu faria isso?

— Em nossa casa, a gente não enfrenta ninguém, Valentina. Meus pais me amam e eu não gostaria de magoá-los. Principalmente minha mãe. Ela passou muita coisa por mim.

— Não fizeram mais que a obrigação deles.

Quem mandou nos fazer?

— Nossa, Valentina! Você pensa muito diferente mesmo.

— Então não estamos namorando?

— Quando você for maior, quem sabe?! Por enquanto não.

Ela começou a chorar e saiu correndo. Meu pai e o pai dela acho que notaram e vieram. O pai dela não disse nada. A mãe, no entanto, era muito legal.

Meu pai disse que mesmo que por ele ser juiz precisamos ter respeito, mas não devemos ter medo de conversar abertamente.

Nos despedimos e no caminho minha mãe tentava me acalantar sobre várias meninas que ainda conheceria, mas eu fiquei pensando... Se a Valentina não tivesse mentido, meu pai não teria ficado tão impressionado com ela. Claro que negativamente.

— Está tudo bem, George?

— Está mãe. É como você disse: se for para namorarmos, isso irá acontecer um dia.

— Isso mesmo, George.

— Pai...

— Estou orgulhoso de você. — Mas agora eu só conseguia pensar em como estaria a Valentina. Ela disse que os pais confiscaram o celular dela, mesmo assim eu enviaria um e-mail.

Falei com ela um resumo do que meus pais haviam conversado comigo, mas não disse que foi o meu primeiro beijo e que eu guardava o sabor da boca dela na minha e guardaria se fosse preciso até que ela ficasse um pouco mais velha.

Eu sei que a magoei. Mas não sou desobediente e nem quero entrar em uma briga desnecessária com meus pais. Eu disse a verdade quando contei a ela como os amo. Amo mesmo. Fechei os olhos e voltamos para a casa do tio Nick e da tia Kaline.

Valentina. Seria isso que estou sentindo o que minha mãe tanto fala sobre o primeiro amor?

Oito



Liara

— Ficou sabendo? — A Késsia entra em minha sala. — Um dos promotores está assumindo outra cidade como Juiz e terá uma vaga na promotoria. Vai tentar?

Ela parecia tão feliz, mas quanto a isso eu havia desistido. Trabalhar em outra cidade estava fora de cogitação. Nunca me deixariam assumir algo próximo ao Cairon.

Cairon e eu chegamos uma vez a discutir seriamente por causa do assunto. Ele tinha consigo que eu poderia ir muito além se não fosse por ele ser juiz.

— Já cheguei bem mais longe que pensei um dia chegar, Késsia. Estou feliz com o que faço e estou em um caso grande, que me foi dado de presente.

— E a Valentina, como está? — Ela puxou a cadeira e sentou-se.

— Está bem. Mas se puder passar por lá e conversar com ela...

— Passo sim. Talvez eu possa buscá-la na escola um dia desses da semana.

— O Cairon não disse nada, mas sei que está profundamente magoado com ela, a ponto de a estar evitando a semana toda. Não foi almoçar no horário, quando foi. E a noite deixou de jantar por dois dias.

— E ele acha que assim ela compreenderá que ele a ama?

— Acho que não é bem essa a intenção dele. Creio que é para que compreenda que está muito decepcionado com ela. E ela sentirá, porque sempre foi ele a fazer todas as suas vontades.

O assunto passou por família, maridos e trabalho. Voltou novamente a alguns pontos dos quais tínhamos falado, até que recebi um telefonema da Josy.

Ela andava sumida, e com motivos. Agora

como Juíza de uma comarca vizinha, quase não tinha tempo para as amigas.

— Doutora? — brinquei. Mas senti que sua voz, mesmo quando perguntou pelas crianças e pela Késsia, estava preocupada. Só não quis dizer o motivo. Depois desligou e eu brinquei com a Késsia.

— Achei essa ligação um pouco estranha. Está acontecendo alguma coisa?

— Não que eu saiba. Mas precisa ir ao fórum. Talvez lá descubra algo.

Peguei minha bolsa e saí. Caminhei pela rua dos poderes. Primeiro passei no gabinete do Cairon e como ele ainda estava em reunião, desci até a garagem para deixar algumas coisas no carro dele.

Quase chegando ao carro, eu me desequilibrei e por pouco não fui ao chão. Por pouco não... Por duas mãos enormes que me seguraram.

— Obrigada! Eu devia prever que esse salto não aguentaria uma caminhada maior que... — Olhei para cima e ele me observava silenciosamente. Negro, devia ter aproximadamente 1,88 de altura. Barba cerrada e cabelo cortado à
NACIONAIS - ACHERON

máquina número um e alguns desenhos no corte do cabelo. Lembrou-me muito um ator de filme americano.

— Algum problema por aqui? — Eu havia me perdido na comparação com o ator americano e nem percebi que o Cairen estava chegando.

— Ah não. — Me arrumei e me coloquei firme sobre as pernas.

— A moça se desequilibrou e eu a ajudei.

— A moça em questão é minha esposa. E me parece que ela já está bem.

— Obrigada. — Ele continuou seu trajeto rumo ao TRF e eu esperei que o Cairen viesse até a mim. — O que foi isso?

— Isso o quê?

— Você foi mal-educado.

— Não fui.

— Claro que foi. O homem estava apenas me ajudando. Se não fosse por ele, teria me machucado ao virar o pé com esse salto de quinta, que inclusive me venderam por uma fortuna.

— Ele estava com você nos braços. E se não bastasse, minha filha querer me chatear essa semana. Agora vou ter que aturar minha esposa nos braços de outro?

— Quem vê ou ouve, pensa que eu estava até fazendo algo de mais.

— Você não. Ele não estava... ainda.

Encerramos o assunto e entramos no mesmo carro. Um dos agentes sempre trazia o carro que ficava. Eu até queria tocar novamente no assunto sobre a Valentina, mas achei que não era hora.

Quando chegamos à casa, o Cairon foi direto para o quarto do Benjamin. Antes ele passava nos dois quartos para saber como fora a aula e se estavam precisando de algo.

Mas desde o ocorrido no sábado passado, ele não tem feito o trajeto até o quarto da menina e isso me cortava o coração. Saber do amor que ele devotava àquelas crianças e agora isso.

— Pai. — Da cozinha eu a ouvi o chamando, quando ele passou pelo quarto dela sem dizer nada. Fui até a porta e sem que eles me vissem, fiquei observando.

— O que foi, Valentina? — ele a atendeu sem se virar.

— Poderia pedir a minha mãe, por favor, para devolver meu celular. Amanhã faz uma semana que estou sem ele. — Eu não acreditei no que estava ouvindo. Achei por um momento que ela pediria que voltasse a falar com ela, ou que fosse até seu quarto como costume, mas ela vem falar de celular. Se fosse uma mágoa passageira, seria testada agora. Ele sempre vinha intervir quando ela fazia algo que eu colocava de castigo.

— Assuntos com sua mãe, trate com ela. — Foi só o que ele disse e saiu. Quando ele desapareceu para o quarto, fui até o dela.

— Valentina, minha filha... Não está arrependida? Não acha que precisa pedir desculpas a seu pai?

— Mãe, esperei a semana toda que vocês vissem o quanto estão me tratando mal e você ainda acha que preciso pedir desculpas a meu pai?

— Nós te tratamos mal, Valentina? Eu não acredito em uma coisa dessa. — Decidi sair do quarto e ela ainda veio falando atrás de mim.

— E vocês ainda fizeram com que o George ficasse chateado comigo. É tudo culpa de vocês. — Pedi a Deus que me desse paciência. Seria a primeira vez que eu daria uns tapas em minha filha.

— Uma pena, Valentina. Não sei onde estamos errando com você. Eu achei o George uma gracinha de menino. E se fosse a mãe dele, não gostaria realmente que ele namorasse uma menina mimada e sem limites como você, filha.

— Mas eu sou sua filha e tem que me entender.

— Juro que eu estou tentando.

— Não está! — Quando ela gritou, dei dois passos em sua direção. Minha vontade era de enfiar a mão na cara dela. Mas me lembrei de tantos casos de pais que maltratam filhos e nós estávamos ali para defendermos os direitos das crianças. Então fechei os olhos e respirei e ouvi a voz forte do Cairon.

— Quem você pensa que é, garota, para gritar assim com sua mãe dentro da nossa casa? Nunca te demos esse exemplo. — O Benjamin veio assustado do quarto e ficou observando.

— Mas pai, ela...

— Ela? Ela? Esta mulher é sua mãe. Cale a sua boca e abaixe sua voz ao falar com quem deu a vida por você.

— Eu não pedi para nascer. — Ela chorou.

— Mas está pedindo para levar umas boas palmadas. E se não quer que seja a primeira vez que isso aconteça, vá para seu quarto e fique por lá. Nem nossa convidada para o jantar não será essa noite.

— E meu celular? — A confiança dela era demais.

— Onde está o celular dela, Liara? — Eu agora queria dar umas palmadas era no Cairen. Devolver o celular da Valentina? Mas tínhamos um acordo. Não tiramos a autoridade um do outro, principalmente na frente das crianças.

Abri minha bolsa e peguei o aparelho, entregando a ele. Ele que cometesse essa loucura.

Assim que viu o celular em suas mãos, ele pegou o aparelho e jogou no chão e pisou em cima, destruindo cada pedaço. Nunca tinha visto meu

marido tão descontrolado.

— Para o seu quarto agora! — ele gritou tão forte desta vez, que ela girou nos calcanhares e saiu correndo.

— Desculpa, filho. Não precisava presenciar isso.

— Hoje na escola, pai, ouvi a Valentina dizer que amanhã não voltaria para casa.

— Como assim, filho?

— Ela disse que iria dar um jeito e fugiria para se encontrar com o George.

— Disse isso a você?

— Não. Disse a uma menina da sala dela.

— Então amanhã, ela que me aguarde. Vou mandar reforçar a segurança de vocês.

— Bom... Vamos jantar. Deixe-a pensar um pouco. Venha, filho. — Abracei o Benjamin e fomos para a sala de jantar.

— E você, filho? Como está na escola?

— Péssimo em português. A prova valia dez e eu tirei quatro.

— Isso quer dizer...

— Que um de vocês terá que assinar a prova. Mãe, mas não foi por falta de estudar. Eu me esforço par entender a matéria, mas não entendo.

Ele conversou com o pai sobre um acontecimento no clube de xadrez e o tempo estava passando tranquilamente.

— Boa noite, família.

— Filho!

— Pietro, que bom que você veio para casa hoje.

— Fala, moleque. Trouxe um jogo irado para jogarmos mais tarde.

— Que legal, Pietro. Estou sentindo muito sua falta. Meu pai não sabe jogar, a Valentina não quer jogar e a mamãe não tem tempo.

— E mesmo se eu tivesse, com certeza não saberia jogar também.

O Pietro era o porto seguro do Benjamin. Tenho o observado um tanto triste depois que o irmão viajou para fazer pós-graduação.

— E essa carinha triste? Onde está a namorada? — O Cairon era observador.

— A gente terminou. — Ele suspirou, pensativo. — Mas onde está a pirralha? Trouxe uns DVDs para ela.

— Está no quarto de castigo.

— Posso ao menos entregar os DVDs?

— Claro, filho. Talvez a convença a deixar de ser tão desobediente.

Ele foi e a moça que estava como ajudante veio tirar a mesa. Mal ela tinha começado, o Pietro voltou.

— É melhor verem isso. — Entregou um papel ao pai. Fui até o lado dele e li o bilhete.

"Não me procurem. Ninguém me levou, eu fui porque quis. Quando for rica e independente eu volto. Valentina."

— Que Droga. — Cairon saiu de perto de mim, já pegando o telefone e eu sabia para quem ele iria ligar.

— Murilo, a Valentina fugiu de casa!

Ele saiu brigando com os seguranças que ficam à porta e querendo todo tipo de informação. Mas parecia que a garota tinha virado fumaça.

Sentei-me no sofá e rezei. Rezei aos céus que protegessem minha filha mesmo sem ela querer. Ela não tinha noção do que pessoas de má fé poderiam fazer se a tivesse nas mãos.

Pior... Eu não queria nem pensar. Só rezar.

Nove



Liara

Nosso desespero acabou pouco antes de sairmos à procura da Valentina. Um dos agentes federais ligou para o Cairen, e pelo viva-voz, acompanhávamos as notícias.

— Quais são as instruções, senhor?

— Entrem e expliquem à família e... — Ele parecia indeciso pela primeira vez na vida sobre

algo. — Não! — Como assim não? Pensei. Mas não questionaria nada ao meu marido. — Deixem-na ficar. Não permita que ela os veja e deixem que ela fique por quanto tempo quiser. Ela quer assim. Só consigam o endereço para que eu veja com a família se ela pode ficar.

Depois de alguns minutos eles ligaram fornecendo o endereço e o telefone para que ele pudesse ligar. Eu não perguntei nada, até porque, ele me parecia fora de si.

— Se quiserem vir busca-la... Mas não diga que conversamos antes, por favor. Minha filha ficaria muito triste comigo. — A mulher do outro lado da linha se colocara totalmente à disposição.

— Não se preocupe. Não iremos...

— Não irão dizer à minha filha?

— Não. Não iremos buscá-la. Se a senhora não se importar de deixá-la aí por alguns dias. — Como não assim não iríamos buscá-la?

— Não. Eu não me importo desde que não traga problemas para minha família e eu.

— Pode ficar tranquila. Está totalmente

segura.

— Cairon... — Tentei interromper, mas ele continuou conversando com a senhora.

— Só pedirei à senhora o mesmo que me pede. Que nossa filha não saiba que nos falamos. Deixe-a pensar que está muito bem escondida e que não a encontramos.

Quando ele terminou de dizer a mulher que depois acertaria com ela, o que a menina gastasse ou se desse algum prejuízo, ele desligou e fez outra ligação, para outro agente da federal, dizendo que haviam localizado nossa filha. Meu coração estava começando a se acalmar.

— Observem de longe e nada de deixar que ela perceba que estão seguindo-a. Se acontecer algo que acharem perigoso ou suspeito, ajam. Caso contrário, deixem-na até que ela volte por conta própria. — Eu estava mesmo ouvindo aquilo?

Quando ele desligou, balancei a cabeça, discordando de sua atitude. Ele não agiria assim com ela. Era o xodó dele. Seu amorzinho. Sua princesa.

— Não me condene. Sabe melhor do que eu,
NACIONAIS - ACHERON

que isso mata mais a mim do que a ela. Mas se não agirmos agora, será tarde demais. Perderemos nossa filha para sempre.

— Eu não sei se entendo, meu amor. — Eu realmente não entendia o que ele queria fazer, nem dizer com isso. Mas respeitaria o que ele fizesse. Estávamos aqui para criar e educar juntos nossos filhos.

— Notícias da minha irmã, pai?

— Sim, filho. Está na casa de uma das amigas da escola.

— Posso ir com você buscá-la?

— Não. — O Benjamin abaixou a cabeça tristonho. — Não iremos buscá-la, filho. E amanhã na escola, se ela aparecer, faça de conta que não sabemos de nada. Mas eu acredito que ela não aparecerá.

— Mas vai deixá-la ficar lá, pai?

— Vou, filho. Não é isso que sua irmã quer? Ela não quer viver nesta casa, não quer os benefícios que oferecemos a ela. Como os seguranças, por exemplo. Quer ser normal. Então é

isso que ela terá. Se ela aparecer e disser algo, diga que estamos preocupados, mas que como disse que não era para procurarmos por ela... Então não o fizemos.

O Cairen foi embora para o quarto e eu o segui. Eu queria entender melhor, mas não queria brigar àquela hora. O Pietro disse que iria dar uma volta para tentar encontrá-la, mas o Cairen ligou para ele, dizendo o mesmo que havia dito ao Benjamin.

As duas últimas ligações foram para o Murilo e para os pais. Foi dito a mesma coisa e proibido que se ela aparecesse na casa de algum deles, que a recebessem. Inclusive não dessem dinheiro e nem comprassem nada que ela pedisse. Ele havia explicado a mesma coisa que havia me dito. Mas estava muito triste com o ocorrido.

Quando desligou, fechou os olhos e ficou uns minutos, depois voltou a abri-los e os fixou em mim.

— Vamos viajar, meu amor?

— Viajar?

— Vamos? A nossa tão sonhada lua-de-mel.

Adiamos há tanto tempo por causa dos filhos, por conta de julgamentos. Acho que merecemos isso.

— Cairon, sei que está cansado, mas não dá. Realmente não dá. Meu escritório está com um caso grande nas mãos. Sem dizer esse caos na família. Não podemos ignorar nossos problemas.

— Não temos caos na família. Temos uma filha mimada e malcriada por nós mesmos. Mas ela vai aprender. Vai demorar, mas irá aprender.

— Quem essa menina puxou, hein? — Minha pergunta era séria, mas ele levou na brincadeira.

— Ela puxou a sua mãe.

— Mentira. Por que se lembrou da minha mãe agora?

— Não sei, Li. Foi só um pensamento que se passou por minha cabeça. Sua mãe, me lembro bem, era contra nosso namoro e não escondia de ninguém, muito menos de mim.

— Já pedi desculpas mil vezes e mesmo assim sinto que não foi o suficiente. Minha mãe era terrível. — Sentei-me envergonhada, próxima a ele.

— Não é necessário. Eu a entendi e no fim ela

estava bem mais tranquila em relação a nós. Foi só uma lembrança.

— Muito bem lembrado. Pensando no comportamento da Valentina, ela é a herança de minha mãe.

Nos lembramos de várias passagens que envolviam as crianças. A Valentina tinha por hábito querer aparecer mais que o irmão.

O Benjamin era muito calmo e centrado, embora precisasse estudar mais que ela. E agora demonstrava dificuldades em aprender algumas matérias.

Dormimos. Sentia um vazio em meu coração, mas não me sentia triste como estava mais cedo.

Quando a manhã veio, nos levantamos, tomamos café e fomos para o trabalho. Passamos na escola e deixamos o Benjamin.

— Filho, fica tranquilo. É só uma fase. Vai passar.

— Tudo bem, pai. Eu confio em vocês. Sei que tudo vai se resolver.

Quando chegamos ao STF, uma grande
NACIONAIS - ACHERON

movimentação se fazia por parte dos funcionários, o que chamava a atenção de todos na rua dos poderes.

Beijei meu marido. Enquanto caminhava para nosso escritório, logo mais à frente, ouvi alguém me chamando.

— Breno, que bom te ver. — Ao lado estava ninguém mais que o homem que me ajudara outro dia.

— Esse é o novo juiz que chegou a cidade.

— Você? — perguntei sem querer.

— E você deve ser a doutora salto quebrado.

— Não. É a doutora Liara. Minha esposa. — Cairon se aproximava. — Mas o Senhor já sabe disso, não é? Afinal, quando a ajudou, eu disse que era minha esposa.

— Sim, o senhor disse, doutor Cairon. É uma alegria para mim, trabalhar ao seu lado. Sempre ouvi dizer muito sobre o senhor. Meu nome é Élcio. — Ele estendeu a mão e o Cairon a apertou.

— Que bom. Quando quiser deixar seu passeio e ir até meu gabinete, estarei disponível.

O Cairon bateu amigavelmente no ombro do Breno e se afastou, nos deixando. Ouvi a apresentação que o Breno fazia sobre o homem.

— Gostaria que todos pudessem ajudar o Dr. Élcio a se situar no local. Posso contar com você?

— Bom! Estamos abarrotados de trabalho, mas contem comigo.

A rua ficou agitada o dia todo. O novo juiz era o centro de todas as conversas. O segundo assunto era o concurso aberto no fórum e no TRF.

As pessoas começavam a me sondar sobre a possibilidade de ser promotora. Elas não entendiam que eu estava feliz fazendo meu trabalho.

Dez

Cairon

Quando entrei em meu gabinete naquela manhã, nada me preocupava tanto quanto minha

NACIONAIS - ACHERON

família.

— Tem certeza que quer agir assim mesmo, Cairon?

— Murilo, eu não sei mais o que fazer com a Valentina. Ao passo que o Benjamin é muito discreto e tranquilo, essa menina quer deixar meus cabelos brancos.

— Se é isso que quer, pode ficar tranquilo. Já orientei aos homens que fiquem de olho nela. Mas talvez seja disso que ela precise mesmo.

— Espaço?

— Não. Sentir o que é ser normal. Andar a pé e não ter cartão de crédito sem limites, celular e internet à disposição. Gostaria de ser uma pulga para ver o que ela vai fazer daqui um mês.

— Acha que chega a isso tudo? Vou sofrer um enfarto.

— Mas agora não irá ceder. Sofra, chore, mas não deixe que ela saiba.

— Ela não saberá.

— E o Juiz novo?

— Gente boa. Acho que vamos nos dar bem.

Trabalhei a manhã toda e na hora do almoço deixei a Liara em casa com o Benjamin, e fui até a casa de meus pais.

Quando minha mãe me viu, me abraçou e beijou meu rosto. Acariciou meu cabelo e eu sabia que estava em meu porto seguro.

— O que está acontecendo, filho? — Meu pai sentou-se diante de mim.

— Não estou sabendo lidar com meus filhos, pai. Não sei ser um bom pai como o senhor foi.

— Claro que sabe, filho. Vocês são ótimos pais. Eu sempre digo isso, vocês sabem.

— Então por que minha filha chegou a fugir de casa, pai? Fugiu de nós, que somos sua família?

— Ela não fugiu de vocês, filho. Fugiu do que ela não entende. Fugiu de suas dores e questionamentos. Tudo para ela é descoberta agora. Tudo novo. E eles têm sede de saber e de entender. E daquilo que eles não entendem é melhor fugir.

— O senhor, sim, foi o melhor pai que alguém poderia ter.

— Mas sempre pensou assim? Não houve dias de achar que eu fui muito duro com você, Cairon?

— Houve sim. Mas eu sabia que era para o meu bem. E eu não sou duro com a Valentina.

— Talvez esteja aí o seu problema. Ela tem tudo. Pode tudo e é só escolher que vocês dão. Será que isso é certo, filho? — Ele passeou pela sala. — Eu sei. Sua mãe vive dizendo que os tempos mudaram e o jeito de educar também mudou, mas eu não acredito que tenha mudado tanto assim. Pais precisam fazer regras, elas precisam ser cumpridas.

— Está me doendo muito tudo isso, pai.

— Dói, filho. Tudo que acontece com os filhos dói e é em nós.

— Toma, filho. Vamos tomar um café. — Minha mãe entrou na sala com uma bandeja nas mãos e automaticamente devia estar ouvindo da cozinha, porque assim que entregou-me a xícara, entrou na conversa. — Seu pai tem razão. Nesse momento, por exemplo, toda dor que você sente chega até a gente. Se a Valentina soubesse valorizar vocês, como você nos valorizou, não daria metade desse trabalho. Você foi assim. Não nos deu

trabalho em nada.

— Sabe por que, pai? Porque você me ensinou a dar valor às coisas. Trabalhei para completar minha mesada. Estudei com bolsa pública e não tive metade do que eles tiveram.

— Então faça isso. Ensine a ela a dar valor ao que vocês dão. Ou tire dela. Seja firme. Filhos precisam entender que não somos seus amiguinhos. Somos amigos sim, mas somos os adultos responsáveis por eles e isso nos traz muitas responsabilidades. Não inverta os papéis filho. Você é o responsável. E para que eles tenham o que querem, precisam estar de acordo com o que você acha melhor até que eles tenham idade para fazer suas próprias escolhas.

Passei a mão sobre os cabelos e respirei fundo. Comecei a pensar nestas palavras que meu pai me disse. Assim que sai de lá, fui direto para o fórum.

Quando cheguei, a Liara estava novamente em um bate papo amistoso com nosso novo Juiz.

Não sou ciumento, juro! Mas isso já é um pouco demais. O homem nem mesmo havia se dado ao trabalho de ir ao meu gabinete para que

fôssemos apresentados formalmente, uma vez que trabalharíamos juntos, e o encontrei duas vezes com minha esposa que sequer trabalhava ali.

Quando me viu, vieram em minha direção.

— O Élcio acha que tenho um grande potencial para a promotoria. — Seu sorriso era contagiante.

Eu também achava e sempre dissera isso a ela, mas nunca tinha me dado ouvidos dizendo sempre que estava feliz como advogada.

— Estou tentando convencer sua esposa a fazer carreira.

— Eu o fiz várias vezes. — Talvez o homem achasse que eu não valorizava o trabalho de minha esposa como deveria.

— Ah, caro amigo... Santos de casa raramente fazem milagres. Quem sabe agora ouvindo de outros ela possa se encorajar.

A conversa do homem não estava tomando o correto. Meu casamento era sagrado. E ele não tinha autorização para chegar e tentar semear dúvidas e cizânias onde estávamos plantando há

anos.

Quando nos separamos, observei que ela estava muito pensativa sobre o assunto. A Liara tinha aprendido a ser mais racional nestes últimos anos, mas estava diferente nesse momento.

Haviam regras dentro do magistrado. Caso ela seguisse carreira, em algum momento nossos caminhos teriam que se separar. E isso nenhum de nós queria. Bom... Talvez agora ela pensasse diferente.

Naquela noite, quando me encontrei sozinho, fui até o escritório e peguei uma folha no fax.

"Valentina-Relatório. Primeiro dia.

Valentina deixou a casa da amiga sozinha, foi até o shopping e fez compras. Foi vista entrando em um apartamento que depois de checado, seria a casa de outra colega de escola e depois de cinco minutos saiu novamente.

Durante a tarde permaneceu o tempo todo na casa onde está hospedada, até o momento deste ser enviado."

Era isso que ela chamava de vida? Era assim

que queria viver? Pois bem. Fui para a cama e deitei ao lado da Liara, que dormia. Provavelmente cansada, preocupada com o bem-estar da filha. Eu estava sentindo um vazio em meu coração por causa da Valentina. E além de me sentir um fracasso como pai, agora pensava seriamente se estava sendo um bom marido. Será que conhecia bem os objetivos da Liara? Teria eu frustrado seus sonhos?

Um Juiz recém-formado havia conseguido ler em seus olhos o que me havia passado despercebido. Ela queria ser mais que uma advogada e esposa de um Juiz. Respirei fundo. Fechei os olhos e deixei minha mente se afundar na escuridão.

Onze



Liara

Não deixo que ele perceba, mas meus pensamentos voam em rumos desconhecidos. Havia tantos promotores ruins, que eu me vi ali, fazendo parte daquele meio.

Eu só não conseguia ainda ver uma resposta, por estarmos passando um momento delicado sem a Valentina.

O Cairon tinha uma estratégia para trazê-la de volta. Deixá-la voar. Quando entender que ninguém... Ninguém no mundo nos ama mais que nossa família, voltará.

Mesmo assim liguei duas vezes para a casa da coleguinha sem a que ele soubesse, e pedi também a mãe da menina que não contasse nada à Valentina. Eu precisava de notícias.

O Cairon ontem me informou que o limite do cartão dela está estourado. Ele cancelou a matrícula dela na escola, já que hoje é sexta feira e ela ficou

uma semana sem ir à escola.

Cancelou também todos os outros cursos, como idiomas, natação e outras atividades que ela fazia, impostas por nós. Como não compareceu a nenhuma delas durante a semana, ele trancou as matrículas.

— Mãe?

— Oi, Benjamin. Desculpe, filho. Estava distraída.

— As meninas disseram que a Valentina anda muito triste e chorando. — Me levantei da poltrona que estava reclinada e o olhei nos olhos.

— Como assim, filho? Aconteceu algo?

— Nada sério. Elas acham que sente falta de casa.

— Quando estiver, filho, ela voltará. Não podemos ir buscá-la. Isso seria dizer que ela estava certa todo o tempo. A Valentina tem que aprender que não podemos fugir dos nossos conflitos. Temos que resolvê-los. Encará-los de frente.

— Você sempre diz isso.

— Igual a você. Marquei hora com uma tutora
NACIONAIS - ACHERON

para te ajudar com as matérias que não entende.

— E eu disse que não queria ir. Meus amigos vão pensar que sou burro.

— Filho, todos nós temos direito de não entender algo. Não são todos que nascem superdotados de inteligência. E são vários os fatores que nos impedem de entender certas coisas. Não é por isso que seremos burros. Ah, e outra coisa. Quanto a seus amigos...

— Já sei, já sei. O pensamento deles não determina quem sou e nem minha capacidade.

— Isso mesmo. E se algum deles disser algo ou fazer algum tipo de brincadeira com suas limitações, examine bem se é seu amigo de verdade. Quais são as nossas máximas?

— Ter objetivo na vida, não ter vergonha de ser bom e escolher bem nossas amizades. — Ouvi isso na minha crisma em minha cidade e nunca mais me esqueci. Quis passar assim, aos meus filhos.

— Isso mesmo, garoto esperto. Espero que sua irmã se lembre que não devemos ter vergonha de sermos bons e nem da família que temos. Porque
NACIONAIS - ACHERON

quando os amigos que escolhemos vão embora, seja boa ou ruim, a família continua sendo família e nos espera de braços abertos.

— Eu...

— Fala, filho. — Eu conheço quando o Benjamin quer dizer algo. Ele fica rodeando e enrolando, então acaba não falando.

— Tem uma amiga minha. Na verdade, ela estuda com bolsa na escola e disse que podia me ajudar.

— Hum... Ela é tão esperta assim?

— Sim, mãe. Ela é muito inteligente e só tira notas boas. Só que...

— Só que?

— Ela perdeu os pais, e os tios não têm como mantê-la na escola. Por isso a diretoria deu a ela uma bolsa. Às vezes eu divido meu lanche com ela.

— Como eu nunca ouvi falar desta amiga? — Filhos adolescentes...

— Ela é muito tímida e não faz parte da turma da Valentina.

— Mas é só amizade, não é, filho? Porque não poderia te apoiar se estivesse rolando algo mais como não apoiei a Valentina. Eles dizem que o homem sai de casa mais cedo e coisa e tal, mas imagina... Se ela é sua amiga, tem sua idade. Com certeza se os pais fossem vivos, não gostariam que ela namorasse tão novinha assim.

— Não, mãe. É só amizade mesmo. Além do mais, ela é bem feia.

— Benjamin...

— Verdade. Usa óculos e aparelho nos dentes.

— Talvez sejam os acessórios que a façam ficar diferente.

— Não. Acho que não. Ela é feia mesmo.

— Filho, não julgue as pessoas pela aparência. Acredita que tem muita gente que acha que seu pai não fez a melhor escolha? Acham que porque sou negra não merecia seu pai.

— Mesmo?

— Verdade, filho. Ainda tem gente que acha que brancos devem se casar com brancos e negros com negros. Acham que homem bonito tem que

casar com mulher bonita. E eu penso que um completa o outro. A beleza exterior passa, filho. E se a pessoa não for bonita por dentro, quando o externo se for, não restará nada. Se a sua amiga é gente boa, a beleza dela está interna e eu não gostaria de ver você tratando-a como seus amigos a tratam. Seja diferente.

— Então... Sou o único que conversa com ela.

— Que bom. Sinto orgulho de vocês! Amo meus filhos.

— Também te amo, mãe.

Naquela noite o Cairon chegou muito tarde. Nem o ouvi entrar no quarto, só depois, quando saía do banho... Lindo.

Ele resumiu um pouco do julgamento e parecia muito cansado. Deitei-me em seu peito e fechei os olhos. Assim como ele. Com o tempo nós aprendermos que o amor se realizava também quando apenas nos deitamos e conversamos, ou dormimos abraçados. Não precisava acontecer o ato sexual. O casamento era muito mais que isso. Não que isso também não fosse importante.

A semana voou e todos os dias eu ligava para
NACIONAIS - ACHERON

a mãe da amiga onde a Valentina estava. Ela sempre dizia a mesma coisa.

— Minha filha é muito fechada comigo, sabe, Liara?! E quase não conversamos, mas vejo a sua filha um pouco inquieta estes últimos dias.

Eu agradei. E hoje em especial, sexta feira, eu tinha o costume de ir com eles até o shopping almoçar e farei isso mesmo sendo só com o Benjamin. Não podia deixar que nosso fracasso com a Valentina afetasse nossa convivência e educação com o Benjamin.

À tarde recebi uma mensagem lembrando que hoje seria o último dia para me inscrever no concurso. O Élcio estava mesmo disposto a me fazer repensar meu caminho. E mesmo sem falar com o Cairon, eu me inscrevi. Meu marido torcia por mim, e com certeza não se sentiria mal ao saber que eu estava buscando novos caminhos.

Eu que cheguei nesta cidade, pensando em ajudar minha mãe e talvez algum dia terminar minha faculdade de administração, conseguindo assim um trabalho em alguma empresa em um setor administrativo. Ganhar um salário e meio por mês,

vale transporte e alimentação. Sorri com meus pensamentos. O Cairon foi o divisor das águas em minha vida. Antes dele e depois dele.

Quando cheguei à casa, o Benjamin pediu para acampar com os amigos em um local aqui próximo da cidade e eu deixei. Ele sempre estava com seguranças. Confiava nele.

Mais uma vez o bendito julgamento estava demorando. Jantei sozinha, depois me sentei na sala de TV para assistir um filme qualquer. Desisti pouco depois do filme, optando por uma série investigativa.

Era sempre assim. Eu rodava todos os canais e parava ali. Algo me atraía a assistir o desenrolar dos assassinatos.

— Oi.

— Que susto, Cairon.

— Isso que dá ficar se envolvendo com essas histórias macabras. — Ele sentou-se no sofá próximo a mim. — Até que enfim o fim de semana, com a terça sendo feriado. Tudo parado até quarta. Eu precisava disso. Sabe do que eu preciso também?

— Nem imagino... — Mas pela cara dele, eu sabia sim.

— Vou tomar um banho, então, enquanto deixo você pensar um pouco, para ver se descobre.

Ele sabia ser gentil, delicado e ao mesmo tempo sexy quando o desejava ser. Deixei que ele se fosse e esperei um pouco, depois me levantei e fui para o quarto. Sentei-me aos pés da cama e cruzei as pernas. Já estava de camisola mesmo. Quando ele saiu, me olhou e me despiu com o olhar.

— Desculpa não te dar atenção essa semana. Estava com a cabeça quente com trabalho e a Valentina.

— Eu sei, meu amor. Estamos passando por isso juntos.

— E hoje, quando estava no trabalho, aproveitei para me inscrever no concurso. — Ele olhou-me diferente. Depois sorriu como se algo o incomodasse. Porém, nada disse.

— E sabe o que descobri vindo para casa? — desconversou.

— Acho que vou querer saber.

— Nunca transei com uma promotora.

— Vai ter que esperar um pouco.

Ele não respondeu, deixou a toalha no chão e veio tirando minha camisola. Depois me deitou novamente sobre a cama, abriu minhas pernas e percorreu cada pedaço do meu corpo com as mãos e quando chegou até minha parte mais sensível, ele tocou não com as mãos, mas com os lábios. Era delicado, gentil e...

— Hum... — Gemi porque ele havia me mordido. Não havia força, mas era de tirar o fôlego.

Continuou tocando meus pontos fracos com a língua úmida e quente, até que eu puxasse seus cabelos para que ele voltasse para cima.

— Preciso te sentir dentro de mim. — Mas ao invés de me penetrar com seu membro, ele colocou seus dedos. Eu sempre dizia a ele como tinha dedos longos e ágeis. Eu amava aquilo. Comecei a me contorcer sobre a cama, até que ele retirou os dedos e me penetrou profundamente.

Geralmente eu não ouvia muita coisa dele

durante esse momento, a não ser os gemidos. Ele me excitava muito, gemendo. Sabia que estava sentindo muito prazer.

— Cairon... Mais forte, meu amor. — Ele me virou de costas e além de me penetrar, massageava meu clitóris. Sensações maravilhosas percorriam meu corpo.

Um prazer intenso tomava conta de mim. E bastou aumentar um pouco nosso ritmo, para que meu corpo perdesse as forças, assim como o dele também. Ele deitou-se e me puxou sobre ele.

— E então?

— O quê? — Ainda estava ofegante.

— Como foi transar com uma futura promotora?

— É gostosa de qualquer forma. Seja amante, esposa, promotora ou só advogada. É sempre uma sensação nova. E não é seu título o que vejo em meus braços, e sim a mulher que escolhi para a vida toda.

Ficamos abraçados até que o cansaço venceu e nós adormecemos um nos braços do outro.

— Campainha e telefone. Tudo ao mesmo tempo, em pleno sábado. — Olhou no relógio. — Sete horas da manhã. — Ele se levantou. Foi até o banheiro e lavou o rosto, vestindo bermuda. Fiquei deitada. Se fosse algo muito sério, teriam ligado nos celulares.

Quando saiu do quarto, eu vesti uma camiseta e short e fui atrás, prendendo o cabelo. Quando cheguei à sala, ele conversava com um dos seguranças da casa.

— O que foi? — perguntei. Antes que ele respondesse, a Valentina entrou pela porta da sala com uma mochila, olhos vermelhos e parecia bem mais magra.

— Mãe! — Veio e me abraçou, já chorando.

— Meu amor! — Beijeí sua testa. Cairon estava com a fisionomia totalmente diferente de minutos atrás e dois seguranças estavam parados à sala.

— Podem voltar aos seus postos. Obrigado — ele agradeceu e foi em direção à cozinha.

— Pai. Não vai fazer nada? Eles me barraram e não me deixaram entrar em minha própria casa.

No mínimo devia mandá-los embora. — Ele estava colocando água na cafeteira e parou, olhando para ela.

— Manda-los embora porque estão fazendo seu trabalho?

— O trabalho deles não é proteger a nós? Ou é barrar os membros da família?

— Em menos de cinco minutos e você já disse duas mentiras, Valentina.

— Pai?

— Sim. Primeiro disse que te impediram de entrar em sua própria casa, mas essa casa deixou de ser sua desde que você partiu dizendo que só voltaria quando fosse independente. Como foram mesmo as palavras? Rica e independente. Então acredito que isso tenha acontecido bem rápido, para já estar aqui.

Dava para ver a vergonha estampada no olhar da Valentina, mas eu não impediria que o pai impusesse os limites que ela precisava. Só se fosse o extremo para que intervisse.

— A segunda mentira, é que somos membros

da mesma família.

— Pai... — ela choramingou.

— Membros desta família não agridem os outros membros, não mentem e não os desprezam. É assim que sempre ensinamos a vocês, mas você quis sua liberdade. Aproveite bem.

— Pai, não pode fazer isso comigo.

— Você também não podia ter feito o que fez, porém o fez. — Eu não reconhecia aquele homem falando com a filha. Mas confiava nele totalmente, assim como confiei minha vida e ele me trouxe onde estou hoje.

Foi até a cafeteira tirou as duas xícaras de café e colocou leite em uma, me entregando o líquido quente e fumegante. Segurei a xícara e o acompanhei até a mesa de café, assim como ela.

— Me desculpa, pai. — Ele não disse nada. — Eu sei que não devia ter partido, mas eu estou arrependida e voltei.

— Arrependida ou seu dinheiro acabou? — Ele não a deixava tomar um fôlego, por isso era um juiz. — E não é bem assim “eu me arrependi e

voltei”. Lido todos os dias com assassinos que também estão arrependidos e eles não podem voltar a circular pela sociedade só porque se arrependeram.

— Então agora sou uma assassina? Está vendo, mãe, como ele tem me tratado?

— Conheço homens e mulheres que se tornaram assassinos perigosos, Valentina, e que começaram muito mais inocentes que você.

— Cairon... — Agora ele estava passando dos limites.

— E assassinos não são só os que matam o corpo. São também aqueles que matam os sonhos, esperanças e a alma do outro.

— Eu não queria matar seus sonhos, pai. Eu queria viver o meu.

— Então agora está livre para fazer. Só não conte comigo mais.

— Está abrindo mão de ser meu pai.

— Não. Você abriu mão de ser minha filha, desde o momento em que disse que nunca pediu para nascer, que odeia ser parte dessa família.

— Estava com a cabeça quente.

— E eu estou com a alma doente. — Se levantou e olhou para ela. — Vai demorar um pouco para que ela se recupere.

Conheço meu marido. Ele estava juntando todas as forças para não a abraçar, colocar em seu colo e enchê-la de mimos, como sempre fez.

Saiu da cozinha sem dizer mais nada. E nós ficamos mais um pouco ali na cozinha, até que eu puxei assunto.

— Se alimentou direito esses dias? — Ela sacudiu a cabeça, afirmando.

— Ele não quer que eu volte, mãe?

— Não o ouvi dizer isso, filha. Seu pai está magoado, você não entende. Era um sonho dele e não meu, ter filhos. Um dia ele me pediu um filho e sonhou com isso todo o tempo. Cuidou de mim colocando a própria vida em risco. E quando vocês nasceram... — Lágrimas vieram aos meus olhos. — Ele sofreu com você, sentia medo de perdê-la. Ele levava foto de vocês e mostrava a todas as pessoas do trabalho, toda semana. Acompanhava cada consulta, mesmo que tivesse que sair no meio do

NACIONAIS - ACHERON

expediente.

— Para, mãe... — Ela soluçou.

— Só estou dizendo a verdade, filha. E agora é como se seu sonho estivesse sendo arrancado dele. Tirando à força.

Ela saiu da cadeira e me abraçou. Ouvimos a porta do apartamento se abrir e fechar. Isso era sinal que ele havia saído. Como era seu costume, aos sábados ele corria com o pessoal da Federal.

Levei-a até seu quarto e a ajudei com um banho e depois a se deitar um pouco para descansar.

— Agora precisa dar um tempo a seu pai, meu amor.

— Ele não me ama mais, mãe?

— Claro que ama. Só está magoado.

O tempo era o remédio que curava todas as feridas, e a gente sabia disso porque já éramos adultos, mas ela ainda aprenderia.

Doze



Cairon

— Está louco de me chamar para correr a uma hora dessa? O que houve? A Liara está te deixando de quarentena?

— Sua afilhada voltou.

— Então devia estar feliz.

— Estou. Mas tive que ser duro com ela e agora meu coração está em pedaços. Tive que sair de casa para que não me visse chorando.

— Te entendo. Lá em casa, quando preciso chamar a atenção, também fico mal.

— Mas o caso da minha filha é pior. Terei que me manter firme e se eu olhar para ela acabou. Mas ela tem que crescer, Murilo. Carreguei a Valentina mais que o tempo que o permitido pelos psicólogos.

— Eu não sabia que este tempo existia. — Sentamos no caminho.

— Existe. Você pode carregar o bebê para

ajudá-lo até certo ponto. Depois ele tem que aprender a caminhar e a levantar de seus tombos. Caso contrário se tornará um adulto que não sabe resolver seus próprios problemas.

— Nossa... Não sabia disso. Não seja muito duro consigo mesmo, Cairon. Isso é coisa de adolescente mesmo.

— Não posso deixar as coisas simplesmente acontecerem por serem adolescentes Murilo. Depois da adolescência tem a juventude e a fase adulta. Se não souberem se comportar agora, como se comportarão quando estiverem nas fases seguintes?

— Isso, mas...

— Quando levam algum jovem de dezoito anos e tenho que julgar e condenar, fico imaginando, quem falhou? Os pais, a sociedade ou o caráter? E hoje é minha própria filha. Não quero estar com ela em um tribunal e vê-la sendo julgada por crimes. — Respirei fundo.

— Então vamos correr mais um pouco. Precisa descarregar as energias.

Voltamos a correr. Quando vi que estava mais

NACIONAIS - ACHERON

tranquilo, voltei para casa. Assim que entrei e me dirigia ao quarto, ela me chamou.

— Pai. — Virei-me sem responder como sempre fazia, "oi, meu amor ou oi, minha filha". — Tentei entrar no portal da escola porque eu... Eu faltei alguns dias... — Sua fala era incerta. — E está dizendo que não estou matriculada. Será que não se esqueceu de pagar a mensalidade?

— Não.

— Então terei que pedir minha mãe para ir lá ver o que aconteceu antes de voltar na segunda, não é? — Estava mansinha como um cordeiro. — A Liara veio da sala e ouvindo, entreviu.

— É que nós encerramos sua matrícula naquela escola, filha. Terá que encontrar alguma outra que tenha vaga, no meio do ano.

— Me tiraram da minha escola? — quase gritou. Conhecendo bem a Valentina, estava surtando agora. — Eu estudo lá desde bebê.

— E de repente faltou quase duas semanas. — Foi meu complemento. — A escola tem regras. Não tinha atestado a oferecer.

— O que mais me tiraram? Estão me colocando de castigo?

— Não. Fizemos tudo pensando no melhor para você. No que você pediu. Queria liberdade, foi embora e não fomos te buscar. Quis faltar às aulas e agora não tem obrigação de estudar. Todas as aulas complementares, eu cancelei. Não vejo porque continuar fazendo coisas que não te agradam. É jogar dinheiro fora e eu não tenho porque fazer isso, porque meu pai me ensinou o valor de cada centavo.

— Tiraram minha vida de mim. Também são assassinos. — Começou a chorar alto.

— Não, filha. Era uma vida que você não queria. É diferente. — A Li tem um dom de amenizar as coisas. Ela levou a mão ao bolso e retirou um celular mais simples e entregou a Valentina. — Aqui está o celular. É um pouco diferente, mas o número é o mesmo. Seu quarto está à sua disposição e como eu havia te dito, terá uma mesada por mês.

— E onde irei estudar?

— Dá uma olhada na internet, com certeza irá

encontrar algum lugar que tenha vaga e que seja gratuito. Porque senão vai acabar com sua mesada pagando a escola.

— Pai... Por favor! Nem mesmo as aulas de idiomas? — Não respondi. Porque estava a um passo de ceder. Estava a um ponto de devolver tudo o que ela tinha. Fui para o quarto e entrei no banho. Ali eu podia chorar, a água levaria cada lágrima. Quando saí do banho a Li estava me olhando, parada de frente para a porta do banheiro.

— Acha que fui muito duro com ela, não é?

— Duro? Não... Acho que duro você foi comigo ontem na cama. — Sorri para ela. — Com ela está sendo somente o pai que ela está pedindo e não é de agora, faz algum tempo que a Valentina está praticamente gritando por limites. Só você não ouvia. E eu bem que tentei avisar. Você que não deixava, por isso tenho deixado tanto em suas mãos. Se fosse comigo o assunto teria sido totalmente diferente. Mas ela tem que aprender a ser filha e você... Está começando a aprender a ser pai.

— E você vai ter que aprender a não me

desafiar, não ser tão boca dura.

— O que eu mais gosto ainda é ser sua esposa.

— Também gosto que seja minha esposa. E não vamos começar nossas lições agora de como endireitar uma mulher porque o Murilo e a família estão chegando aí. Eles virão visitar a afilhada e assim ficam para almoçar. E o Benjamin? Deu notícias do acampamento?

— Ligou dizendo que está tudo bem. Mandou algumas fotos e sabe que estou preocupada com ele.

— Ah, não... Está querendo namorar?

— Acho que sim.

— A culpada de tudo foi você, meu amor. Não podia ter tido um filho de cada vez? Assim as preocupações não seriam as mesmas, ao mesmo tempo.

— O culpado foi você, que queria tanto ter filhos que deu no que deu. — Ela sorriu.

— E o Pietro?

— Está com a Giovanna.

— Então à noite se arruma que vamos sair. Vou te levar para jantar.

— Acha que devemos? A Valentina...

— Somos um casal, Liara, e não podemos mais viver a vida dos nossos filhos. Estamos aqui para educá-los, amar e ensinar, mas não podemos nos anular, por eles.

Ela sorriu e foi para o closet, dizendo que iria escolher o vestido enquanto eu falava com a cozinheira sobre o almoço.

— Afinal, foi você quem inventou.

— Mulher, mulher... Não brinca comigo.

— Adoro receber os castigos.

Fechou a porta do quarto me empurrando para fora. Esta era minha esposa, para todos os momentos. Única. Quando passei pela porta do quarto da Valentina, ela estava na internet e na tela havia uma descrição: “Escola Pública Joaquim Nelasco”. Era uma escola do bairro. Foi como se eu ouvisse meu pai dizer.

“Só se dá valor ao que se tem quando se perde ou quando se adquiriu por conta própria”.

Treze



Liara

Estava em minha sala tentando me encontrar nos diversos casos em que estava trabalhando, quando a secretária me avisou que tinha visita. Como não disse cliente, terminei minha leitura para não perder o raciocínio e ao abrir a porta me deparei com o Élcio. Quer dizer, o novo Juiz.

— Com sua licença — ele pediu assim que o convidei a entrar. — Estava passando e decidi ver com está indo nosso assunto.

— Nosso assunto? — Me fiz de boba.

— Lógico, Liara. Ficou de fazer a inscrição no concurso e...

— Eu sei. Só não sabia que era um assunto nosso, me desculpe.

— Eu que devo me desculpar. Estou tão eufórico com a possibilidade de ver seu crescimento, que acabei me empolgando demais. — Ele sorriu encantadoramente. — Só queria saber se está feliz. Não quero que faça nada obrigada.

— Tudo bem. Eu que não tinha o direito de ter sido tão rude. Estou sim. Muito feliz! E pode ficar tranquilo que não faço nada que não queira.

— Eu imaginei. Afinal, mulheres fortes como você não se intimidam com nada. — Ele tinha razão. A vida me fez forte e não seria uma situação qualquer, ou uma pessoa qualquer, que me intimidaria. Principalmente um juiz recém-chegado.

— Mas não podemos esquecer que sempre ao lado de mulheres fortes existem homens destemidos e valentes — eu brinquei. É que o Cairon e eu quisemos tanto viver em família que acabei me acomodando de fato. Não foi falta de ele insistir.

— Mas sempre é muito delicado quando esposas e maridos são do meio jurídico.

— Acho que se não fôssemos seria um tanto

pior. Talvez um não entendesse o trabalho do outro. Depois que fiz faculdade e passei na Ordem dos advogados foi que comecei a entender melhor o trabalho do Cairon e pude ser mais compreensiva.

Ainda falamos por alguns minutos sobre família e descobri que ele era solteiro até hoje. Em seguida a conversa rodou para o profissional e político, e quando vi, estava atrasada para o almoço. Sempre almoçávamos em casa.

Dei um jeito de me desculpar e saí com ele até a porta. Todos estavam em horário de almoço. Olhei meu celular e estava desligado. Não havia colocado para recarregar. Voltei à recepção e liguei para casa.

— Mãe? Meu pai está preocupado.

— Diga que estou chegando, Benjamin. Estou indo.

Desliguei e saí o mais rápido possível. Quando cruzei a cancela, os seguranças me seguiram. Eles deveriam ligar para o Cairon agora.

Cheguei correndo a casa, fui até o quarto, troquei de roupa e lavei as mãos e fui para a sala de jantar.

— Poxa, mãe...

— Filho, só perdi a hora. Só isso. Um dia na vida isso acontece.

— Está bem, mãe, desculpe. É que fiquei te esperando no colégio e não foi me buscar. Tive que ligar para meu pai. — Dei um beijo no rosto de cada um e o Cairon provavelmente estava com muita pressa, porque logo começou a servir-se, mas em nenhum momento disse nada. A Valentina chegou, e com a tromba pior que a do pai.

— Mãe, obrigada por ter ido fazer minha matrícula, mas não posso ficar lá. — Ela sentou-se e fez uma careta para o Benjamin, que sorria.

— Por que, Valentina? Se foi você mesma que olhou sobre a escola, e disse que era perto de casa e parecia ser legal.

— Mas não deixa de ser uma escola pública. O conteúdo que estão vendo agora eu já vi.

— É só ter um pouco de paciência, filha. É o segundo dia de aula.

— Pai. — Ela se virou para o Cairon, que ainda se mantinha em total silêncio. — Acha que

não preciso mais de segurança? Não estou vendo ninguém me acompanhar e quando fui pedir carona hoje com os seguranças do Benjamin, eles disseram que não era o caminho deles.

— Sua escola é muito próxima, realmente seria um gasto desnecessário. — Foi a resposta do Cairon.

— Pai, nesta escola não estudam só pessoas de nossa classe. Isso é um tanto perigoso.

— Às vezes, adolescentes que não são da sua classe tem um comportamento melhor que o seu. Já pensou que eles podem estar com medo de você? Porque você foi uma adolescente que fugiu de casa e...

— Vai ficar jogando isso na minha cara o resto da vida?

— Não — ele respondeu, bravo, nos fazendo olhar em sua direção. — Só estou dizendo quem nem sempre os piores comportamentos vêm das pessoas de classe média ou baixa. Escondida por trás de roupas finas e sapatos caros também há pessoa mau caráter.

— Vivemos isso na pele antes de vocês

NACIONAIS - ACHERON

nascерem, criança. A filha de um juiz namorou um bandido e se envolveu em coisas ruins. E era rica.

— Estão dizendo que eu vou ficar assim?

— Não vai porque não vamos deixar. Já te disse que aqui tem regras e agora precisa começar a respeitar as pessoas de sua escola. — Ele tomou um pouco de água e concluiu. — Venha caminhando para casa com elas. Deixem que elas te conheçam e as conheça também. Vai ver que tem gente aí que vale ouro. — Se levantou e saiu.

— Filha, eu te disse. Dá um tempo ao seu pai.

— Acho que ele não me ama mais.

— Talvez ele ache a mesma coisa, filha.

Ela ficou calada. Não esboçou nenhum sentimento. Eu sentia a dor dos dois dentro do meu próprio coração. Eram muito parecidos. Estavam sofrendo e ao mesmo tempo não dariam o braço a torcer.

O interfone tocou e anunciaram que a tal amiguinha do Benjamin estava subindo e ele se levantou para recepcionar a colega.

— Ah... Então o Benjamin pode namorar e eu

não?

— Ele me disse que ela irá ajudá-lo com as matérias que ele não está tendo êxito. Eu não tenho porque duvidar do seu irmão. A menos que você saiba de algo que deveria me contar.

— Não! Me desculpe. Ele teria me contado.
— Ela abaixou a cabeça enquanto o Benjamin voltava com a garota e nos apresentava.

— Seja bem-vinda a nossa casa... — Havia me esquecido seu nome.

— Emannuele, mas todos me chamam de Manu. — Ela estendeu a mão. — Obrigada por me receber e o prazer é meu de conhecê-la. O Benjamin fala muito bem sobre a senhora.

— Então vocês conversam bastante — perguntei, aproveitando que meu filho fora buscar os cadernos.

— Não, senhora. É que me sento duas cadeiras na frente dele, e é impossível não ouvir as conversas. — A Valentina se dirigiu a seu quarto e a Manu foi ao encontro da voz do Benjamin, que a chamava da sala de TV.

Não havia vestígios que eles pudessem estar namorando mesmo. Meu filho não tinha porque mentir, apesar de que poderia estar com medo de que fosse tratado como a Valentina. Eu não queria que eles tivessem a impressão que somos pais que não entendem a fase que eles passam.

A Valentina não foi proibida de namorar por acaso. Ela mentiu. Mentiu sobre onde estaria e com quem estaria. Mas conversaria com eles mais tarde. Agora precisava ver minha situação com meu marido.

Cheguei ao quarto e o vi deitado lendo um documento. Fui até o closet, troquei minha blusa e me deitei próxima a ele.

— Muito trabalho?

— Um só.

— Artilharia pesada?

— Hum... Nem tanto.

— Vai ficar falando comigo também só o necessário?

— Talvez.

Tirei o documento da mão dele delicadamente

NACIONAIS - ACHERON

e o olhei de frente. Ele só cruzou os braços e não disse mais nada.

— Não vai me perdoar pelo atraso?

— Não é só o atraso e você sabe disso.

— Entendo. — Cruzei as pernas e olhei em seus olhos. — Vamos fazer quinze anos de casados. Tivemos nossas crises, eu sei. E sei que também às vezes fico falando das mulheres, ou as atrevidas advogadas que descaradamente dão de cima de você, mas nunca duvidei de sua fidelidade.

— Se me lembro bem, houve uma situação em que ficou uma semana falando o mínimo comigo por causa de uma advogada que me chamou para almoçar. E também por causa de uma amiga antiga que me abraçou em uma festa.

— Mas ela fingiu que eu não estava lá.

— Impressão sua.

— Não foi. Mas agora está chateado porque me atrasei conversando com o novo Juiz.

— Nunca perdemos o horário de almoço com as crianças. Estava vindo para casa depois de te esperar por vinte minutos e recebi a ligação de meu

filho pedindo para pegá-lo na escola. Achei que havia vindo embora e havia acontecido algo. Então liguei para a Késsia e descubro que estava em uma conversa particular com um cara que mal conhecemos, que chegou ontem e até mesmo conseguiu mudar seus pensamentos em relação à carreira.

— Então é isso?

— Isso o quê?

— Está chateado não porque eu me atrasei, nem porque estava conversando com o Élcio. Está chateado porque ele conseguiu o que você não conseguiu em anos. — Quando as palavras saíram de minha boca, eu me arrependi imediatamente, mas era tarde. Ele se levantou e foi até o banheiro. O Segui, mas a merda estava feita. — Cairon... Cairon, me escuta.

Mas ele fechou a porta e não me ouviu. A água caía e eu podia ouvir o som do chuveiro. Sempre que estava de cabeça quente, tomava banho frio e com isso vinham as gripes e febres. Desde que o conheci era assim. Nem piscina fria ele podia curtir ao nosso lado.

Mas queria ser o orgulhoso e ao invés de brigar e xingar preferia se punir. Que droga. Logo agora que precisamos estar juntos para cuidar da Valentina e do Benjamin.

Me odiei o resto da tarde por ter feito isso. Mesmo tentando me concentrar, não conseguia entender nada sobre o processo. Deixei-o sobre a mesa e fui até o TRF. Precisava pedir desculpas ao Cairon. Eu não falei nada demais. Só estava de cabeça quente, mas aprendemos nestes anos de casamento que não se deve deixar que a noite nos encontre com algum assunto a resolver.

— O Cairon não veio trabalhar à tarde? Saí de casa e o deixei se arrumando — falei com a menina que atendia aos gabinetes próximos.

— Veio sim senhora. É que ainda agora, se não me engano, acontece uma rebelião em um presídio, e pediram a presença dele para a negociação.

— Odeio quando fazem isso. — Mas eu odiava mais ainda quando ele Ía. E ele devia estar muito, muito chateado mesmo, porque nem me disse sobre estar indo. Votei para meu escritório e

tentei me concentrar.

— Nossa, dizem que a situação lá no presídio está terrível. Fogo nos colchões e reféns. — Parei o que fazia para ouvir a informação da Késsia.

— Está passando na TV?

— Não o tempo todo, mas dizem que teve plantão. — Peguei o telefone e liguei para o Murilo. Estava ocupado. Desliguei e liguei novamente. Quando atendeu, logo respondeu, dizendo que mais tarde me ligava. Deixei o celular sobre a mesa e fitei a Késsia. Aguardaria o telefonema do Murilo ou do Cairon.

Catorze



Cairon

Depois que vi que as negociações iriam

NACIONAIS - ACHERON

mesmo ficar para a manhã do dia seguinte, saí com o Murilo e pedi que ele parasse em algum lugar para que pudéssemos beber algo. Minha cabeça estava a mil por hora.

— Precisa de férias.

— Começo a acreditar em você.

O Garçon chegou com as bebidas, esperei que ele se afastasse para continuarmos nossa conversa.

— Estou perdendo a razão, só pode. Hoje até com a Liara eu consegui ficar perturbado. Só porque ela estava conversando com o Élcio.

— Eu não vejo nada de errado em ficar com o pé atrás com esse cara. Não o conhecemos. Precisamos ficar atentos a tudo e a todos.

— Para, Murilo. Não tem com o que a gente se preocupar. É exagero meu. Tenho é que ser agradecido por ele ter convencido a Li a retomar seus projetos.

— Isso não está me cheirando bem, meu compadre. É melhor investigar.

— Não. Acho que é paranoia da minha cabeça.

— Lembra-se da Ana Luiza? — Eu sorri.

— Agora todos os Juízes são corruptos? Não. Não podemos pensar assim porque estaria me incluindo na categoria.

— Você é diferente. E por falar nisso, estão vindo umas garotas para cá. Melhor a gente ir embora.

— E desde quando nós corremos de mulher, Murilo?

— Desde que nos casamos com mulheres bravas do meio jurídico. Elas podem tirar até nossas meias se quiserem, sem falar em outras coisas. — Virei o resto do líquido que desceu queimando em minha garganta e saímos. Mas ainda cheguei a ouvir a lamentação das meninas, as quais eu nem cheguei a ver por estar de costas.

Quando chegamos ao carro, o Murilo pegou o telefone e me olhou, fazendo uma cara feia.

— O que foi agora?

— A Liara tinha ligado mais cedo. — Me mostrou a tela com as ligações dela marcadas na tela.

— E agora quem está enrolado sou eu?

— Na certa. Desculpa, Cairon.

— Tudo bem. Eu explico quando chegar.

Mas quando cheguei a casa os três estavam deitados vendo TV e eu acabei indo direto para o escritório. Li alguns documentos e abaixei a cabeça sobre a escrivaninha. Ouvi a porta sendo aberta e continuei esperando pela bronca que viria.

— Pai. — Não era a Li. Ouvir a voz da minha princesa era de cortar meu coração. Pela primeira vez depois de tudo o que falamos e fizemos, me dirigi a ela com mais carinho.

— Oi, filha.

— Nós vimos sobre a rebelião na TV.

— É. Só mais uma. Mas amanhã tudo acabará. O que importa é que os reféns foram libertados. Agora eles querem só negociar algumas necessidades que eles têm. — Notei que estávamos conversando como fizemos diversas vezes. Então me endireitei na cadeira e parei.

— Nada perigoso, não é, pai?

— Não, nada perigoso. Vá se deitar. — Ela
NACIONAIS - ACHERON

fez uma expressão estranha e virou as costas. Segurou a maçaneta e minha vontade foi de abraçá-la e ter de volta minha filhinha. Mas ela abriu a porta e saiu. Sei que foi um passo enorme ela ter vindo até aqui.

Fui para o quarto, tomei banho e quando saí do banheiro a Liara estava arrumando os lençóis.

— Custava ter ligado antes de sair para beber?

— O Murilo só me disse depois, que você havia ligado.

— É, ele me ligou dizendo que estava deixando você em casa e que a culpa não era sua e blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá, blá...

— E porque ele diria esse monte de blá, blá?

— Não brinque comigo, Cairon.

— Desculpa. Meus dias têm sido muito cansativos e começo a cogitar uma aposentadoria.

— Pensou nisso? — Ela me olhou assustada. Sorri desfazendo o ar de preocupação dela.

— Não.

— Que susto.

— Mas estou pensando seriamente em assumir a Comarca menor que está sem Juiz e ficar aqui só quando necessário.

Sei que deveria ter dito isso bem antes, mas ela estava tão radiante com suas decisões que contar a ela sobre a proposta do Conselho em eu ficar nas duas comarcas me pareceu muito pequena.

Eu estava visitando o lugar há algumas semanas e presidindo os julgamentos de lá ao menos uma vez por mês.. Mas assumir a Comarca, significava ir ao menos três vezes na semana. Seria cansativo; seria uma pequena viagem de hora e meia para ir e hora e meia para voltar todos os dias e com certeza sem vir em casa almoçar.

Ela estava em silêncio.

— Não vai dizer nada?

— Não.

— Eu que decido sozinho?

— Foi o conselho que te propôs ou você que pediu?

— Sugestão do conselho.

— Eles podem te transferir?

PERIGOSAS

— Eles não estão fazendo isso. Estão só pedindo ajuda.

— E por que não enviaram o Élcio para lá, já que aqui estão de três a quatro?

— Ninguém quer assumir o lugar. Além de pequeno, é...

— Perigoso. Não precisa continuar. — Ela jogou o lençol sobre a cama.

Ela ia ao banheiro voltava com a escova na mão. Voltava ao banheiro, querendo dizer algo, mas parecia arrependida, até que terminou de escovar os dentes e foi direta.

— Está querendo me punir por hoje, não é? Pelo Élcio. Não está sendo justo comigo.

— Amor. Há muito eu havia recebido a proposta. Só estou te dizendo agora porque...

— Porque quer que eu fique com a consciência pesada. Mas escuta só, Cairon. Eu não vou ficar. Já que guardou para você e só agora quis me contar, é porque cogitou a possibilidade mesmo sem falar comigo e provavelmente até fez sua escolha. Eu não vou dizer nada. Escolha sozinho.

NACIONAIS - ACHERON

Deitou-se, puxou todas as cobertas e virou-se para o canto. Eu odiava brigar com ela. Odiava mesmo. Desde quando eu soube não tive oportunidade de partilhar com ela.

Havia sido dois dias antes de o Élcio ser nomeado Juiz e enviado para cá.

Eu estive no conselho e soube que haveria o concurso, mas se a Liara seguisse carreira, o mais provável é que a enviassem para outra Comarca. Pensei que se eu não estivesse na cidade, ela poderia seguir tranquilamente, sem temer se afastar dos filhos. Me lembrei das palavras do meu amigo desembargador:

— A Comarca que você tem ido é pequena, nós sabemos, mas o caso é que não tem juiz para trabalhar lá e os casos estão se arrastando. Vamos fazer o seguinte: você assume o lugar, e caso sua esposa passe no concurso, poderemos dar um jeito de deixá-la na cidade.

— Está querendo fazer uma troca comigo, doutor? — Eu sabia que estavam praticamente me forçando a assumir o lugar.

— Não. Estamos nos ajudando. Eu a você e

você a mim.

Fiquei de pensar. E é o que estou fazendo até agora.

Mas hoje falei com ela e tinha toda razão fora por causa dos acontecidos. Minha cabeça não raciocinava plenamente em forma e eu quis por um momento fugir de tudo isso.

Mas antes que eu pudesse juntar meus pensamentos em um só lugar, meu celular tocou.

— Doutor, acabaram de assassinar o diretor do presídio. E deixaram um recado para o senhor. — Respirei fundo e levantei-me.

— O que foi? Acabou de chegar.

— Não é nada, meu bem. Volte a dormir. — Beijei seu rosto e saí. Se falo sobre a morte do diretor e sobre o recado, ela poderia imagina que era por causa do Élcio. — Sorri comigo mesmo, da minha brincadeira e parti.

Quinze



Cairon

Acabei ligando para o Murilo, embora eu não quisesse incomodá-lo a essa hora da noite, ou melhor, da madrugada. Entrei no carro e não disse uma palavra sequer.

— O que está havendo, Cairon?

— Mataram o diretor do presídio, mesmo depois de termos deixado tudo em andamento.

— Isso eu sei. Quero saber o que está acontecendo entre você e a Liara?

— Nada, que eu saiba. Estamos bem.

— Então por que tem andado tão desanimado?

Fiquei remoendo se seria isso mesmo o que estaria acontecendo comigo. Nunca me senti assim. Desde o dia em que havia buscado a Valentina na casa da tal amiga. Não... Desde o momento em que vi a foto dela beijando aquele garoto. Foi como se eu tivesse envelhecido anos em um dia só.

Eu sabia que alguma coisa em mim havia se rompido e que eu precisava urgentemente resolver isso comigo mesmo.

Quando chegamos ao presídio, havia dois presidiários com as reivindicações, advogados e a polícia no local.

— Aqui, chefe... Deixaram este bilhete. — Abri li e logo depois o Murilo vendo que eu não iria passar para ele, tomou o papel de minhas mãos.

"Queremos o Cairon."

— Eles atearam fogo nos colchões. — Um agente entrou correndo.

— Corte a energia e peçam ao batalhão de Choque e a Polícia Militar que invada o presídio. Não cumpriram com sua palavra, também não cumprimos a nossa — ordenei ao sargento que estava no comando — e diga a eles que estou aqui.

NACIONAIS - ACHERON

E que a cada um que morrer, eles ficarão um dia sem energia e sem refeições.

— Sim senhor. — Ele saiu. Passei a mão pelo cabelo e olhei para outro agente que havia dado a notícia dos colchões.

— Diga a eles que estou aqui. Caso queiram falar comigo agora é a hora. — O agente foi cumprir o que pedi e ficamos na sala onde anteriormente era do diretor.

— Acha isso uma boa idéia?

Antes que eu respondesse, alguém da polícia entrou.

— O que foi agora? — Ele saiu da frente e eu vi a figura assustada da Liara que surgia a trás dele.

— Cairon, pelo amor de Deus! — Ela veio em minha direção e me abraçou chorosa. Estava usando um moletom amarelo claro e os cabelos estavam escondidos no capuz da blusa.

— Quem foi o desempregado que te trouxe até aqui? — Abracei-a de volta.

— Disseram que estava tudo bem. Que as negociações iriam recomeçar pela manhã?

PERIGOSAS

— Foi o que disseram quando saímos daqui ontem — o Murilo interveio.

— Os jornais estão noticiando o falecimento do diretor. E como sempre ligo e vocês não atendem, eu exigi aos seguranças que me trouxessem.

— Não tem medo de estar em um lugar desses com todo esse perigo?

— Meu único medo é que você morra longe de mim. — Ela parecia sincera.

— Doutor, já estão na sala aguardando o senhor.

— Preciso ir. Murilo, cuida da Li...

— Não. Eu vou com você. — O Murilo era outro cabeça dura. — Ela ficará segura aqui com os policiais.

— Me deixa ir com você. Sabe que sou advogada e muitas vezes estive de frente com pessoas perigosas.

— Sei disso. Só espero que entenda que como não está no caso só será vista como minha esposa e eles sabem bem o quanto minha família é

NACIONAIS - ACHERON

importante para mim. Além do mais... — Beije seus cabelos e me afastei dela. — Se acontecer algo, alguém precisa cuidar dos nossos filhos.

Mesmo sob protesto, a deixei na sala da diretoria e segui para a sala onde eles haviam levados dois prisioneiros.

— O caso é o seguinte, doutor: as condições aqui dentro não estão boas e o diretor sabia disso. Há muito tempo a gente tá pedindo a atenção de vocês, certo?

— Só que foram longe demais. Agora não poderei ajudá-los.

— Olha só, chefe. Não fomos nós que o matamos, certo? Isso aí veio lá de fora. Não partiu daqui.

— E querem que eu acredite nisso?

A primeira questão era a superlotação. O presídio tem 13.335 presos no sistema carcerário, o dobro do número de vagas disponíveis nos presídios existentes no Estado, 6.686. A estatística estava deixando nosso estado na quarta colocação entre as unidades federativas com maior índice de detentos. A segunda questão era uma acusação

NACIONAIS - ACHERON

contra o diretor por abuso de autoridade ao limitar o acesso de advogados nos presídios federais.

Enquanto o batalhão fazia a contenção dos presos, bombeiros apagavam o fogo e agentes penitenciários fechavam alguns túneis encontrados e cuidavam do corpo do ex-diretor.

Já solicitamos a ampliação do local, mas nada foi feito. Os outros presídios também estavam lotados. Depois de horas conversando com os dois fiquei de ver o que podia ser feito, mas deixei bem claro que caso alguém mais morresse ali dentro ou fora, que as consequências seriam sérias.

Quando saímos do presídio, passava das sete da manhã. Liguei no trabalho avisando que não iria trabalhar hoje.

Em casa as crianças haviam saído para a escola. E antes de fechar os olhos sob o peso do cansaço, a Li me perguntou sobre a segurança das crianças.

— Nunca abri mão sobre isso, meu amor. Pode ficar tranquila.

— Mas e a Valentina?

— Nunca ficou sem segurança. Eles estão só distantes, para que ela sinta desfrute de sua liberdade.

— Você é um ótimo pai, amor!

Era um pai exausto no momento. Então fechei os olhos e sumi. Mas logo imagens vieram a minha cabeça, de homens levando a Li. Um deles sorria e tentava tocá-la. Fui até ela, mas não consegui segurar sua mão. Então ouvi a voz das crianças. A Valentina gritava por mim... “Pai me ajuda. Pai...” “Pai, aqui!” — Benjamin gritou.

Fui até as crianças, mas estavam em outro quarto da casa e quando fui entrar, trancaram a porta. Eu bati, bati, bati e não... Acordei assustado.

— Está tudo bem, meu amor. Foi só um sonho. — A Li tentava me acordar, tocando meu braço de leve.

— Não foi um sonho, foi um pesadelo. Eles levavam vocês e eu não podia fazer nada. Nada.

— Está tudo bem. Eu garanto. Estamos em casa, as crianças também estão.

— Quantas horas?

— Uma e quinze...

— Não devia ter dormido tanto assim. — Olhei para ela, tentando me levantar. Meu corpo estava em um estado lastimável.

— Se não ia trabalhar, poderia ter até dormido mais.

— Preciso ir ao velório. — Mesmo com todas as especulações sobre o diretor e sua má conduta, tínhamos uma caminhada juntos até ali.

— Será no velório municipal, ligaram para avisar. Tome um banho e logo depois a gente almoça então iremos nós dois. O prefeito decretou luto, então nada está funcionando hoje.

Fui até o banheiro e abri o chuveiro. Estava muito longe de ser eu ali naquele momento. Mesmo sendo um pesadelo eu havia ficado com um sentimento estranho e mesmo que a água caísse pelo meu corpo não apagava a sensação.

Eu ficava me lembrando das últimas conversas que tive com o diretor do presídio e embora não fôssemos os melhores amigos, sempre tivemos respeito pelo trabalho um do outro.

— Amor... — Ela me esperava com a toalha nas mãos. — Está aí há mais de quarenta minutos.

— Nem percebi. — Fui ao seu encontro e me enrolei na toalha, que ela mantinha aberta.

— Vem almoçar.

— Devia ter almoçado.

— Não sem você.

— Li... — Eu precisava dizer a ela.

— Sim.

— Havia um bilhete.

— Eu sei. — O Murilo teria contado?

— Sabe? Sabe o que estava escrito?

— Não. Esperava que me contasse.

— Eles virão atrás de mim.

— Não se pegarmos eles primeiros. Não passamos por tudo que passamos, para deixar que nos assuste agora, meu amor. Estamos juntos e sempre estaremos. O que não admito é que você se deixe abater por esses idiotas.

— Me sinto fraco e sem forças. — Me sentei

aos pés da cama.

— Amor, ainda estamos aqui. Somos nós, se esqueceu? Você é o Juiz que não tem medo de criminosos e é um grande pai de família e ótimo marido.

— Não sei se estou sendo tudo isso.

— Claro que é. Veja como a Valentina começa a colocar os pés no chão. E seu cuidado com Benjamin e Pietro. Está sempre atento a tudo que está ao meu redor. Mesmo quando não percebo.

— Estou cansado.

— Não está sozinho. Estou com você!

— Posso acreditar nisso?

— Como assim?

— Não sei. Estou te achando distante.

— Estou. Estou distante das decisões que você tem tomado como pai para que você faça seu papel. Durante todo esse tempo eu fiquei correndo com as crianças, com o trabalho e eu reconheço que eu mesma deixei que você fosse. Você amou os filhos, mas ao mesmo tempo também os mimou.

NACIONAIS - ACHERON

Deixando-me ser a megera da história, aquela que sempre dizia não. E quando você precisou fazer isso, eu senti que a Valentina achou que você não a amava mais. Mas porque ela estava acostumada a tudo pode.

— Não digo só aí... Digo também no trabalho. Digo também entre...

— Não faça isso, Cairon. No trabalho sempre procurei ser sua companheira em todos os momentos e sempre deixei bem claro que tudo que conquistei na vida, agradeço a você.

— Conseguiu por causa do seu esforço. Se não tivesse sido dedicada não teria sido a mesma coisa

— Então por que acha que estou distante, meu amor? — Ela passou a mão no meu rosto. — Ainda sobre a promotoria?

— Não, sobre o seu direito, mas... Deixa! Não vamos mais falar sobre isso. Eu tenho consciência que fiz o que pude para que você seguisse seu caminho. Não vamos mais falar sobre isso.

Encerrei o assunto para que não tivesse mais valor do que realmente tinha. Ela estava feliz, isso me fazia feliz. Essa é a métrica do casamento. Que

NACIONAIS - ACHERON

ambos estejam felizes, e que a felicidade de um seja a felicidade do outro.

Dezesseis



Liara

No velório o clima era... Clima de velório. Muito choro. A viúva estava inconsolável. Dava pena de olhar e de ouvi-la. Quando chegou minha vez de abraçá-la, terminei por chorar junto com a senhora de cabelos brancos.

— Filha... Curta cada momento com seu marido. Nós ficamos esperando nos aposentar para irmos curtir a vida e veja no que deu. — Colocou a mão sobre o corpo a sua frente. — Nunca mais faremos planos e nossa netinha que vai chegar nem

vai conhecer o avô.

Aquilo me cortava o coração. Foi um homem que dedicou toda sua vida a serviço da segurança das pessoas, e terminava assim. Olhei o Cairon conversando com... Se me lembro bem, já fomos apresentados. O atual secretário da justiça.

Por um momento meu coração doeu ao ver o Cairon ali tão ativo, tão jovem, e saber que estava em constante perigo, sendo alvo de ameaças e mesmo assim ainda dava sua vida pela profissão. Tinha orgulho do que era.

Passamos por um bom tempo, quando o Élcio chegou. Todos se cumprimentaram com respeito e nada mais. O Élcio ficou todo o tempo conversando com um funcionário do conselho e não deu atenção a mais ninguém.

Quando foram fechar a urna, a viúva parecia sem um norte, então fui até ela e a abracei. Os filhos choravam perto e o Cairon ficou bem próximo a mim. Durante o trajeto percorrido a pé fomos de mãos dadas.

Depois do enterro o Cairon foi chamado por um juiz de uma Comarca vizinha e conversava com

ele, enquanto o Murilo e eu ficamos próximo ao carro.

— Espero que esteja tudo bem com você, Liara. — Olhei para trás e me deparei com o Élcio.

— Está sim, obrigada! — Não entendi a preocupação, já que não éramos parentes do falecido. Mas respondi com educação.

— Se precisar de alguma coisa...

— Se ela precisar de alguma coisa tem a mim.
— O Cairon chegava atrás de nós.

— Ah, claro, meritíssimo. Desculpe-me. Eu só quis ser prestativo.

— Pois se coloque à disposição da família enlutada e não de minha esposa. O senhor fez por ela mais que o necessário, e inclusive já agradei. Mas que não vire costume.

O homem riu sem graça e saiu. Entrei no carro em silêncio porque não queria deixá-lo mais irritado do que já estava.

— Eu te disse para mandarmos uma real nesse sujeito antes que seja tarde demais. — O Murilo falou com o Cairon assim que ele entrou do outro

lado do carro, batendo a porta com toda força.

— Murilo, não coloca pilha, vai — praticamente implorei.

Em casa as crianças estavam na sala de TV conversando e brincando, com mais uma garota e dois meninos amigos do Benjamin. Cumprimentamos os garotos e fomos para o quarto.

— Cairon, fala sério. — Ele parou, tirando a gravata e me olhando. — Está com ciúmes mesmo do Élcio?

— Não quero falar sobre isso.

E realmente não falamos sobre o assunto ou qualquer outra coisa no fim da noite. Apenas tomamos banho e dormimos. Ele também não me procurou à noite. E isso me preocupava. Esse era um sinal de que algo ia mal. Muito mal.

E quando se pensava que nada podia piorar, a manhã veio arrebatadora.

Quando cheguei ao trabalho, depois de sair um pouco antes do Cairon, encontrei um recado sobre minha mesa. Teria que atender um cliente da Késsia na Comarca vizinha.

Haveria na tal comarca uma semana de julgamentos e não haviam escalado o Cairon por causa do caso que ele estava julgando aqui no centro. Fui até o TRF e o encontrei no corredor.

— A Késsia está de cama e a primeira audiência é hoje à tarde. — Estava dando a notícia a ele e parecia que estava feliz por mim, até o Élcio passar.

— Bom dia! Liara, estou indo para a Comarca ao lado, e soube que é a defensora de um dos casos, quer carona? Assim, me mostraria o caminho e faríamos companhia um ao outro. — Olhei para o Cairon, seus olhos pareciam até de outra cor.

— Eu não sabia que ele que iria para lá... — disse baixinho quando ele passou por nós.

— Tudo bem! Confio em você.

— Vou ter que ir em casa trocar de roupas e passar na Késsia para pegar alguns detalhes. — Na verdade eu não queria sair e deixar o Cairon com o coração aflito.

— Estamos bem, Li. — Ele passou a mão em meu rosto, vendo que estava dando desculpas para ir sozinha. — Vá fazer seu trabalho. — Quando me

NACIONAIS - ACHERON

virei o Élcio voltou todo sorridente, conversando com uma estagiária e brincando com o Cairon...

— Aguenta uma semana sem a esposa, colega? — Ele não respondeu. — Por uma semana ela será minha. — Foi nesse momento que o Cairon o agarrou pelo paletó e o colocou contra a parede, deixando a mim e a estagiária sem reação.

— Lembre-se que você está levando uma advogada e não uma esposa. Qualquer coisa que aconteça com a minha esposa haverá consequência.

— Calma. Calma. Foi só uma brincadeira. — Ele levantou as mãos e quando o Cairon o soltou, ele buscou sua maleta que havia ido parar no chão e arrumou o terno.

Passou sem dizer mais nenhuma palavra. E eu segui o Cairon até o gabinete dele. O Murilo vinha vindo e quis saber o que se passava.

— Murilo, pode dar andamento a sua investigação — Cairon disse, passando a mão sobre os cabelos, nervoso. Virou-se para mim. — Pode ir. Estou bem.

— Tem certeza?

— Claro. — Veio até mim e beijou minha boca. — Eu cuido das crianças. Tudo dará certo.

— E essa investigação? É sobre o quê?

— Nada não. Quando o Murilo tiver algo, se valer a pena, eu te coloco a par.

— Quando eu tiver? Está aqui, compadre, tudo que a gente precisa saber. — O amigo jogou os documentos sobre a mesa.

— A Liara vai passar uns dias na Comarca vizinha. A primeira audiência é hoje, mas como sabemos, poderá ser adiada para amanhã e não é bom que ela fique indo e vindo. Faz-me um favor, Murilo — Ele olhou para o amigo como se suplicasse o mais importante dos favores.

— Acha que ficará bem?

— Não ficarei é sabendo que ela está longe de mim sem ninguém de confiança.

— Hei, vocês dois... Estarei levando uma estagiária.

Mas eles nem ligaram, o Murilo combinou com alguém pelo telefone para ficar em seu lugar na segurança do Cairon e combinou de me pegar

daqui vinte minutos em casa.

Saí do fórum, fui em casa, peguei minhas coisas e passei na escola das crianças para me despedir. Assim que cheguei à Comarca, hora e meia depois, tive uma surpresa.

— A promotoria acaba de pedir prorrogação da audiência para amanhã.

Enquanto caminhava para o hotel, uma ideia se passou por minha mente. Com todas as ameaças, o Cairon ficaria dois dias vulnerável sem o Murilo.

Na verdade... Estava começando a imaginar que haviam me tirado de lá, cientes que o Cairon não me deixaria vir sozinha, e mandaria o Murilo comigo.

— Murilo, vamos voltar para casa. Agora. — Uma agonia tomou conta do meu peito. Estava quase sem ar.

— Alguma coisa errada?

— Eles não me tiraram de casa à toa, Murilo. Acho que a intenção deles não era eu sair, era você. Veja por você mesmo, que nem mesmo a promotoria estava por dentro da audiência. Eles

queriam tirar você de perto do Cairon.

Enquanto entrávamos no carro, tentava falar com o Cairon. Mas o telefone só dava ocupado.

— Vamos, Murilo. O que está esperando? — Ele tentava dar partida no carro, mas não dava certo. — O que houve?

— Parece que vamos ter que ver... — Desceu do carro e abriu o capô. A noite estava chegando e nada dele descobrir o que tinha no carro.

Com muita dificuldade, ligando para o Cairon e para casa, a Valentina atendeu ao telefone.

— Filha, graças a Deus! Onde vocês estavam?

— Estamos em casa, mamãe.

— Que bom! Chama o papai para mim. Preciso falar com ele.

— O Papai ainda não chegou, mãe.

— Como não chegou, filha? São quase dezenove horas.

— Ele disse mesmo na hora do almoço que chegaria mais cedo, mas ainda não chegou.

O desespero tomou conta do meu coração. Eu
NACIONAIS - ACHERON

devia ter ficado. Não devia ter saído de lá. Quando o carro pegou e conseguimos nos colocar a caminho, eu me encontrava em total desespero.

Onde o Cairon estaria? O que teria acontecido. O Murilo disse que seus melhores homens estavam com ele. Meu Deus! Que não tenha acontecido nada com ele.

Lembrei-me das palavras da viúva do diretor do presídio e chorei. Chorei por pensar que se algo acontecesse a ele eu...

Só pude chorar enquanto tentava, sem sucesso, ligar para ele. O Murilo dirigia a mais de cento e oitenta por hora, mas em minha mente o tempo se arrastava. Segundo por segundo. E o carro parecia não sair do lugar.

— Estamos indo, Cairon... Estamos indo. — Foram as palavras que ouvi do Murilo. Virei a cabeça e olhei pela janela, me lembrando de cada detalhe do nosso primeiro encontro, nosso primeiro beijo e nossa primeira vez.

Ele não podia me deixar agora. Não podia!

Dezessete



Liara

Quando estávamos quase chegando a casa, o telefone tocou e o Cairon falou comigo, me deixando mais irritada ainda. Irritada sim.

Irritada porque não me atendeu quando liguei. Irritada porque odiava ficar preocupada com ele. Odiava quando ele não atendia ao telefone. Sabia que ele odiava isso também. Mas em uma disputa, eu odiava mais. Mas não quis continuar a discutir, porque sabia que ele tinha razão.

Estava em reunião de última hora e não podia usar o aparelho. Assim que viu as ligações, estava retornando. Mas agora não adiantava. Estávamos chegando, mas não disse a ele. Também não aprovaria eu ter colocado o Murilo de volta à estrada por uma preocupação sem fundamento,

NACIONAIS - ACHERON

embora tivesse feito a mesma coisa.

A noite estava fria. Entrei no elevador com a maleta com roupa que eu havia levado para ficar. Como sabia que estava tudo bem, o Murilo não quis subir, indo direto para casa ver a Késsia e as crianças.

Antes de partir, pedi a ele mil desculpas por tê-lo tirado de casa.

— Murilo...

— Não precisa dizer nada... No seu lugar teria feito a mesma coisa. Acha que quando também ouvi não tive a mesma dedução que você?

— Acho que estou ficando paranoica.

— Não. Todo cuidado é pouco.

Ele estava aliviado por ter ouvido a voz do Cairon e saber que o amigo estava bem. E embora tivesse dito que não precisava pedir desculpas, eu sei bem que ele também estava aliviado por estar em casa.

— Mãe? O que houve? Não iria voltar somente na sexta feira?

Abracei o Benjamin que vinha ao meu
NACIONAIS - ACHERON

encontro, seguido do olhar curioso da Valentina.

— Sim. Voltaria só na sexta, mas não precisavam de mim assim com tanta urgência. Caso precisem me ligarão. E seu pai onde está?

— No banho. Já jantamos. Só meu pai que ainda não — a Valentina respondeu.

— Não vai voltar amanhã?

— Talvez, filho. Podem ir dormir agora.

— Já? Mas meu pai disse que podíamos assistir TV um pouco mais. — Esse era mesmo o pai deles. Sempre se deixando vencer por eles. Não estranharia nada se essa semana os dois fossem dormir nas madrugadas, comessem doce a semana toda e trouxessem amigos todos os dias aproveitando que eu não estaria em casa. Mas como eu voltei.

Mesmo sob protesto, eles foram cada um para seu quarto. Amanhã tem aula e não gosto que durmam tarde.

Entrei no quarto.

Deixei minha mala próxima a cama e ouvi a água caindo no banheiro.

Retirei o relógio e a pulseira, os brincos e coloquei sobre o criado mudo do meu lado da cama. Retirei sapatos e deixei ao lado da cama. A roupa fui deixando pelo caminho. Lembrei-me da porta e voltei para trancá-la.

Entrei no banho e o vi. Estava encostado com os braços na parede, de costas para a porta e com o corpo debaixo da água. Abracei suas costas.

— Que susto, mulher. Quer me matar? — Olhou para trás, então me abraçou.

— Por quê? Quem achou que fosse?

— Não iria voltar só...

— Não aguentei ficar longe de vocês.

— De vocês?

— Foi. Da minha família, das crianças, de você.

— E o trabalho?

— Que se fo...

— Ohhhh! Que boca suja!

— Não é isso. — Ele se virou e nos abraçamos.

— O que foi, então? Foi adiado?

— Não. Na verdade, só nosso escritório foi informado da audiência, a promotoria não. Precisou ser prorrogada a audiência para amanhã, mas na verdade não acredito que conseguirão remarcar tão rápido.

— Por que faziam isso?

— A primeira coisa que me veio à mente foi que tentaram me afastar de você e depois pensei que pudessem ter tentando afastar o Murilo de perto de você. E quando eu pensei nisso fiquei louca. Entrei no carro e viemos embora.

— Você é louca. — Ele me beijou, sorrindo.

— Ainda não descobriu que sou louca por você? — Ele começou a me puxar para ele.

— Isso foi uma declaração?

— Não é para ficar convencido.

— Claro que fico. Assim como depois de todos estes anos você pode ficar convencida de quando te digo que tenho ciúmes de você. Porque tenho. Não gosto de quando alguém se insinua para cima de você. Não gosto mesmo.

— Isso não acontece.

— Não? E o que me diz do Élcio hoje mais cedo dizendo que uma semana você seria dele? Ele quer mesmo morrer.

— Você não mataria uma mosca, Cairon. — Sorri e descansei meu rosto em seu peito. A água caía em nossos corpos. Até que ele pegou o sabonete e passou sobre mim.

— Não duvide de um homem enciumado.

Nem mesmo terminamos o banho. Ele desligou o chuveiro e fomos para o quarto. Usamos a mesma toalha, assim ele passava o tecido sobre meu corpo, fingindo secar minha pele. Por fim desistiu.

Virou-me para frente e se abaixou, secando com a língua algumas gotas de água que persistiam em correr pelo meu colo. Deixei escapular um gemido.

Fizemos amor naquela noite como se para lembrar que nossos corpos pertenciam um ao outro. Eu também queria aplacar um sentimento de medo que trazia dentro de mim. E adormecemos um nos braços do outro. Era assim que eu queria que fosse

NACIONAIS - ACHERON

para sempre.

Quando o sol chegou, banhando meu rosto, estranhei. Geralmente as cortinas impediam que os raios da manhã entrassem em nosso quarto.

— Bom dia! Trouxe seu café. — Ele colocou a bandeja sobre a cama.

— Nossa...

— Às vezes precisamos fazer um gesto de cavalheirismo.

— Quem é você? O que fez com meu marido?

— Então é assim?

Ele me beijou e sorriu, fingindo levar a bandeja de volta.

— Não. — Segurei o objeto com força. — Havia leite, café, e torrada com geleia.

Tomei o café, fui até o banheiro, me arrumei e duas horas depois estávamos no trabalho. Liguei para a Comarca vizinha, perguntando sobre a situação. E como havia deduzido, nada de audiência remarcada.

— Aiiiii... Obrigada! — A Késsia entrou

sorridente.

— Por...? — eu brinquei, mas sabia sobre o que ela falava.

— Trazer meu marido de volta justo essa semana que estamos com tanto trabalho e eu com essa maldita coluna me matando. O Murilo é indispensável nesse momento.

— Me desculpe por tirá-lo de casa, amiga.

— Tudo bem. Trabalho é trabalho.

— Não sei, viu, Késsia.

— O que não sabe? Não estou gostando da sua cara.

— Estou achando algo errado nesta história.

— Que história, flor?

— Eu não estou sendo mal-agradecida. Você já segurou minha barra diversas vezes no trabalho, mas marcarem uma audiência tão rápida e depois não avisarem a promotoria...

— Depois que partiu, fiquei realmente com uma pulga atrás da orelha. Mas nosso cliente está esperando tanto tempo por esse momento, que nem

questionei.

— Tudo bem. Temos que fazer nosso trabalho. Mas precisamos nos atentar mais aos detalhes.

— Como assim?

— O Cairon quem estava servindo nessa Comarca e agora mandam o Élcio. Ainda ontem falava de assumir o lugar. Estou achando que algo não se encaixa aí. Mas eu descobrirei se tiver algo escondido.

— Eles querem tirá-lo daqui?

— Não sei te dizer. Mas algo não está certo.

— O Murilo sabe disso?

— Não sei. O Cairon anda meio triste e eu estava pensando ser por conta da nossa situação com a Valentina. Pode ser que ele esteja desconfiando de algo, mas não tenho certeza. E ainda tem esse assassinato do diretor do presídio... É muita coisa, coitado.

— É muita coisa sim. Mas a Val, está melhor não está? Tenho conversado muito com ela.

— Está sim. Minha filha não é má, Késsia. Ela só andou meio perdida na situação em que se
NACIONAIS - ACHERON

encontrou. Ela será uma grande mulher.

— Não tenho dúvida. Principalmente se sair à madrinha.

Nós rimos e ficamos conversando por um bom tempo até concluirmos o caso que estava em nossa mão. E quando na sexta feira entramos na tribuna e diante do júri fomos vencedoras. Não tínhamos dúvidas sobre a inocência de nosso cliente, e agora o Júri também não.

A noite se aproximava e o que mais eu queria naquela sexta era ir para casa. Peguei minha bolsa e me preparei para encontrar com o Cairon, que provavelmente me esperava em seu gabinete. Quando cheguei ao TRF, a primeira pessoa que encontrei foi o Élcio.

— Olá... Chegando agora? Acabaram desmarcando nossa audiência e não remarcando, não é? — Sorri amigável e em troca recebi um olhar gélido.

— Devia ter esperado. Seria uma pressão contra a promotoria. Por isso tantos casos se arrastam, e muitas vezes quando são julgados, muitos inocentes pagaram por mais tempo que

necessário.

— Não, Élcio. Acho que houve um engano. A promotoria pediu a prorrogação e não nós.

— Eu sabia que isso poderia acontecer. Mas era uma oportunidade para você aprimorar ainda mais suas habilidades assistindo aos julgamentos que ocorreram.

— Eu pensei que confiassem em minhas habilidades.

— Confio. Mas aprender nunca é demais.

— Sou uma mulher casada, com filhos Élcio. Não posso me dar ao luxo de ficar saindo de casa para fazer estágio durante uma semana.

— Pensei que fosse profissional, Liara.

— Eu sou. — Senti as lágrimas banharem meus olhos. Mas não permiti que elas caíssem. Não seria ele que as fariam cair. E não por esse motivo. Minhas lágrimas caíam por meus filhos, por meu marido, por meus amigos.

— Muito decepcionado com você.

— Sinto muito se te decepcionei. Não foi minha intenção e não deveria esperar tanto de mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Agora vejo que não. Disseram-me que era uma batalhadora. Que veio do nada e olha aonde chegou.

— Sim. Vim do nada. Tive os incentivos certos, das pessoas certas e talvez fosse para eu chegar até aqui somente.

Não podia deixar que ele pensasse que ele devesse continuar me incentivando a seguir adiante. Ele não era meu marido, nem meu melhor amigo... Nem mesmo meu amigo. E por isso não devia nenhuma satisfação a ele.

— Começo a duvidar que realmente seja a pessoa apropriada para a promotoria. Na verdade, há várias pessoas competentes, e sem minha ajuda não teria chances de ficar aqui.

— Eu realmente agradeço, mas não pedi sua ajuda. Até me arrependo de me inscrever no concurso, porque agora me lembro porque eu não quis seguir carreira. É que havia feito uma escolha. E minha escolha havia sido viver intensamente meu casamento e minha família. Eu e meu marido...

— Seu marido está com os dias contados. — Ele parecia ter percebido que a informação que

acabava de deixar escapulir era de grande valor.

— Como assim com os dias contados? — Ele agora parecia aflito. — Eu fiz uma pergunta, Élcio. Por que acha que o Cairon está com os dias contados?

— Eu não disse isso. Só falei porquê... Porque... — Ele bem que tentou se justificar. — Não quis dizer nada. Foi um momento de fúria. Odeio homens que anulam a identidade da mulher. Só isso.

— Só posso pedir mais uma vez que me desculpe, mas não posso fazer nada. Entre você ficar decepcionado comigo e meu marido, não preciso nem responder, não é? Imagina ele descobrir que eu fiquei lá uma semana mesmo sem trabalhar só assistindo julgamentos e almoçando na sua companhia?

— A gente estava lá mesmo. Foi uma tolice sair de lá àquela hora. Poderia ter ao menos esperado amanhecer para voltar. Acha mesmo que valeu se sacrificar e ainda colocar seu trabalho em risco?

— Meu casamento vale qualquer sacrifício.

Talvez não tenha nascido para ser promotora. Lutei para ser advogada e estou feliz assim.

— Está dizendo que seu trabalho não vem em primeiro lugar?

— Isso mesmo. Se fosse preciso escolher entre o trabalho e minha família, não pensaria duas vezes.

— Nunca chegará a ser uma profissional na vida, Liara, se continuar a pensar assim.

— Se engana, Élcio... Quem não tem escrúpulos e não pensa em mais ninguém nada alcança.

— Eu poderia ter ajudado a você a ter o que quisesse. — Eu não estava ouvindo aquilo. O Cairon tinha razão. Esse homem estava procurando briga.

— Tudo o que preciso eu tenho, Élcio. E se me der licença... — Só que ele barrou minha passagem.

— E se eu disser que não? E se eu disser que você pode ser mais feliz ao meu lado?

— Tenho certeza que está enganado. E eu vou

pedir só mais uma vez: com licença... — Esperei.

— Algum problema aqui?

— Não, meu amor. Estou de saída. — O Cairon provavelmente cansara de me esperar e viera me encontrar. E eu estava agradecida pela intervenção.

Passei por ele e podia ter jurado ter visto um sorriso cínico no seu rosto em direção ao Élcio. Mas não podia dizer com certeza, mas a frase eu ouvi bem.

— Um bom fim de semana, colega. Vou lá... Passar o meu com minha esposa. — Passou a mão sobre meus ombros e saímos deixando o homem de costas para nós.

Não sei o que se passava na cabeça dele, nem na cabeça do meu marido, mas sei que de agora em diante eu gostaria de buscar respostas para as várias perguntas que martelavam minha cabeça. Eram tantos por quês. Mas por enquanto, era como o Cairon havia dito... No fim de semana, seríamos nós: família.

Dezoito



Liara

Os dias se passaram e tudo parecia tomar seu rumo. O Benjamin havia conquistado seu primeiro "A" na matéria que vinha tendo dificuldade. E eu observando um dia os dois estudarem, cheguei à conclusão que o problema não estava nele, e sim na forma em que nós estávamos explicando para ele.

A Manu usava o dia-a-dia que eles viviam, para estudarem português, história, ciências e política. Eles falam do jogo de futebol, sobre os grupos de amizades formados na escola que virava exemplos e grupos políticos e históricos e assim ele foi melhorando até o dia em que cheguei do trabalho e o encontrei em casa todo feliz.

— O que houve? Assustei-me com seu telefone dizendo sobre sair mais cedo.

— É porque a partir de hoje estou oficialmente de férias.

— Uma semana mais cedo?

— Isso. Junto com mais oito alunos da minha sala. E, claro, alunos das outras salas. Quem não alcança média fica mais duas semanas, que é o que sempre acontecia comigo.

Eu podia sentir a alegria do meu filho de longe.

— E a Valentina?

— Ainda não chegou. O calendário escolar dela é diferente.

É verdade. Ela havia dito ontem que como conseguiu a média entraria de férias uma semana antes com os que haviam conseguido, isso quer dizer que ainda seria na sexta feira, e os que não seguiam para a semana da frente que antecedia a semana do natal.

Com o fim do ano se aproximando também vinham os dutos natalinos e as demais pendências que haviam acontecido em nossas vidas.

O Cairen e a Valentina ainda não haviam totalmente voltado ao que eram antes, mas já conversam mais. Estavam mais próximos novamente. Minha esperança é que agora com a proximidade do Natal eles deixassem o espírito

NACIONAIS - ACHERON

natalino terminar de fazer o que é necessário para que a cura acontecesse em seus corações.

Sobre o Élcio... Durante o resto dos meses desde nossa conversa, evitamos contato com ele. E ele conosco. Levamos nosso trabalho de boa assim como ele trabalhou sem cruzar o caminho do Cairon. Ao contrário, parecia até fugir de nós. A não ser por uma ou duas vezes em dois julgamentos em que estávamos presentes, e peguei-o olhando para mim, mesmo não estando a trabalho. Mas assim que notava que eu o observava, desviava o olhar. Achei por prudência não comentar nada ao Cairon para manter a "ordem no tribunal e em minha vida particular." O Cairon não tinha idéia de que o homem chegara a pensar que eu poderia ser feliz ao seu lado.

Por fim, vieram as festas de fim de ano e a maioria dos estabelecimentos públicos estavam de recesso. Não viajaríamos porque toda família estaria por aqui, mas no começo do ano passearíamos com as crianças, ao menos um fim de semana.

— No que está pensando? — Sentei-me em seu colo.

— No suplício que são as tais compras de fim de ano. — Ele estava nos esperando para irmos às compras. Realmente era bem complicado. Eu gostava de comprar presentes para meus filhos, para ele, meus sogros, mandava sempre uma lembrança para meus primos, principalmente depois que minha tia veio a falecer e que eu deixei de visitá-los. E os enfeites de casa eu nunca deixava de lado. Sem falar nas pessoas que trabalhavam conosco que sempre precisavam ser lembrados com carinho.

— Por que não tenta se divertir enquanto vamos às compras?

— Eu tento. Mas nas lojas de livros não me deixam ler como deixam vocês experimentarem roupas. Se deixassem me poupariam de comprar vários livros ruins.

— Pronto, mãe! — A Valentina chegou à porta. Ficamos de pé e seguimos para a saída de casa. O Benjamin nos aguardava.

Passeamos por longas horas e depois de visitar várias lojas, estávamos com as mãos cheias de pacotes, menos o Cairon, que não trazia muita

coisa. Apenas uns poucos embrulhos.

O vi conversando com o Endrigo, um advogado amigo de longa data. E como estávamos acompanhados pelo Murilo e pela Késsia, os meninos caminhavam lado a lado, os nossos e os da Késsia.

A praça de alimentação foi um refúgio para um descanso aos pés e alimentar o corpo. Nesse momento avistamos o Heitor e a Josy, que pareciam animados para quem estavam rompidos há algum tempo.

— Então isso é uma reunião de amigos ou negócios? — O Cairon brincou com o Heitor, que se levantou para nos abraçar, sendo seguido pela Josy.

— Acabei de perguntar ao Heitor como ele me faz uma graça dessa? Estar na cidade e não nos chamar nem mesmo para um café?

— Culpado! Vim somente comprar algumas lembranças e estou de partida. Só não podia deixar de vê-los, e como tudo está fechado, eu achei melhor vir direto ao shopping. Se é uma coisa que sei que é tradição, são essas compras. Jantamos

animadamente, e na saída nos deparamos com o Élcio de mãos dadas com uma mulher. Ela era loira, de aproximadamente uns vinte nove anos e muito linda por sinal.

Ele só fez um gesto com a cabeça e passou adiante com várias sacolas nas mãos, subindo as escadas rolantes rumo às lojas, enquanto íamos buscar as crianças que haviam assistido a uma sessão de cinema nos dando um tempo entre adultos para o café.

Em casa, entrava no banho enquanto o Cairon ainda se dirigia para o escritório. Fui ao quarto do Benjamin e o beijei no rosto.

— Comprou tudo o que precisava?

— Sim.

— Não se esqueceu de ninguém?

— Não. — Ele me olhou com olhos que pareciam os do pai. — Mãe... Eu, eu... Eu comprei uma... Comprei uma lembrança para a Manu. — Abaixou a cabeça.

— E eu ficaria muito triste se não tivesse comprado, filho. Afinal ela ajudou muito você este

ano. Acho que a gratidão é um sentimento muito lindo. Principalmente nesta época do ano. Eu acredito que ela ficará muito feliz. O que comprou para ela filho, se é que posso saber?

— Veja, mãe... — Ele abriu a caixa e me mostrou uma tiara linda com uma flor dourada com uma pedra. — Foi meu pai que me ajudou a escolher. Estava surpresa. O Cairon sempre tão sensato ajudando o filho a escolher um presente para uma garota? Estaria pensando que seria só amizade ou seria um primeiro encantamento do filho?

— É linda, filho! Eu particularmente amaria receber um presente assim. Tenho certeza que ela irá ficar mais linda do que é.

— Eu também.

— Então está afirmando que ela é linda!

— Ela é legal! Bom... — Coçou a cabeça sem jeito.

— Não é proibido dizer que a garota é bonita, Benjamin. Ela é muito bonita mesmo e passando tanto tempo juntos não seria estranho que se...

— Que me apaixonasse por ela? Acha que posso estar apaixonado por ela? Ela é mais velha que eu. Ela vai completar quinze anos semana que vem. — Parecia desanimado.

— São só meses, meu filho. Daqui dois meses vocês também farão. Viu como o tempo passa depressa? Outro dia comemorávamos os catorze anos de vocês e agora... Já farão quinze. Se a Valentina tivesse esperado... — Passei a mão em sua cabeça.

— Está dizendo que quando eu fizer quinze anos poderei namorar com ela?

— Se a tia dela deixar, meu amor.

— E amanhã poderia ir comigo até a casa dela entregar o presente?

— Claro. Aproveito para conversar com a tia dela, enquanto vocês conversam. Bom... Agora se quiser... Peço a tia que os deixem ir até alguma sorveteria perto, enquanto conversamos.

— Acha que ela deixaria?

— Se prometer se comportar...

— Eu prometo.

— Aí você entrega o presente.

Deixei-o no quarto e fui até o quarto da Valentina, mas antes mesmo de chegar a vi entrando no escritório do pai. Então passei direto e fui para meu quarto, esperar que eles conversassem. Suas conversas estavam ficando mais constantes, embora o pai ainda respondesse com sim, não e talvez na maioria das vezes. Meu coração de mãe não se enganava... Tudo estava voltando ao seu lugar.

Dezenove



Cairon

Depois da tarde e da noite exaustiva de compras natalinas, sentei-me no escritório e tomei os envelopes que havia separado para as gratificações dos funcionários, dos federais, dos seguranças. Minha cozinheira e arrumadeira eu fazia questão de comprar algo pessoalmente, apesar

de saber que a Liara também comprava. Elas estavam comigo desde o tempo da Giovanna.

Olhei as correspondências que haviam chegado e notei uma em especial endereçada a mim. Abri e havia mais um envelope fechado dentro, li cada linha da carta e fiquei pensativo. Ainda estava quando ouvi baterem à porta.

— Posso entrar? — Era Valentina. Guardei as correspondências e os envelopes na gaveta e tranquei.

— Claro. Senta aí. — Ela também tinha um papel na mão.

— Preciso que veja as datas da rematrícula. — Me entregou o papel. Segurei e li atentamente.

— Gostaria de continuar onde está ou acha que ainda é necessário voltar a escola particular? — Ela puxou a cadeira e sentou-se.

— Para mim, agora... Tanto faz. Não me leve a mal, pai. Não estou sendo grossa. O que eu quero dizer é que, se quiser me voltar para a escola particular, tudo bem. Seria bom rever meus amigos antigos, mas agora também fiz amizade com as meninas da nova escola. Inclusive, como lá elas

NACIONAIS - ACHERON

não sabem quem sou, então eu acabo me sentindo... Não sei como explicar...

— Mais à vontade.

Parece estranho, não é? Minha mãe diria que é ingratidão, mas não é. — Cruzei as pernas e os braços a frente do peito e fiquei olhando para a menina que via a minha frente. Alguns meses haviam se passado desde nossa discussão e me parecia bem crescida agora.

Ah, a maturação. Um dia bebês e no outro, adolescentes, e em um piscar de olhos... Adultos.

— Eu entendo você, Valentina. Eu gostaria de dar a liberdade que deseja, mas não posso permitir que nada aconteça a vocês.

— Eu sei, pai. Então... Fica a seu critério onde me matricular. — Ela se levantou.

— Valentina — chamei e ela voltou-se novamente para mim. Peguei o envelope dentro da gaveta e retirei o outro envelope, olhei o remetente e li novamente, estava escrito "Hansi" e no de dentro "George", pelo peso deveria ter algo bem pesado. Peguei o envelope e entreguei a ela. — Recebi essa correspondência da Alemanha e dentro

NACIONAIS - ACHERON

há um envelope endereçado a você. Deve ser presente de natal. — Ela me olhava assustada e pegou o envelope sem acreditar no que estava vendo.

— Pai... Eu...

— Eu sei que não têm se falado. O Pai dele me disse na carta que me enviou. Disse que o garoto sente sua falta, e se eu permitisse... — As palavras me faltavam. Eu queria permitir que ela ao menos escrevesse ao garoto. — Estou abrindo uma exceção nessa época especial para que ao menos envie um e-mail ao garoto — disse, sem olhar para ela. Na verdade, ela continuava sendo minha bebezinha e eu não queria que ela crescesse. Daqui a dois meses eles completariam quinze anos e eu estava me tornando um... Velho.

Ai, meu Deus! Era isso eu estava me tornando velho demais e não estava conseguindo envelhecer bem. Eu até havia visto um livro na livraria com o título “Envelhecendo com sabedoria.”

— Mande este e-mail para o garoto.

Ela veio e me deu um beijo no rosto e sorriu. Antes de sair, abriu o envelope e tirou de lá uma

pequena caixa em formato de coração. Era uma caixinha de música que tocava Für Elise de Beethovem. Pude ouvir enquanto ela se dirigia à porta para sair. Mas antes de fechar a porta me chamou novamente.

— Pai...

— Sim?

— Eu sei que os seguranças estão lá, viu? Eu os vi outro dia.

— Nunca deixaria você sozinha, Valentina.

— Obrigada!

Tomei a carta nas mãos e me voltei novamente a sua leitura. "Caro Juiz Cairon Filho, estive durante este quase um ano, acompanhando seu desempenho como juiz, através dos meios de comunicação, ou até mesmo por amigos brasileiros, e confesso que tudo o que vinha pensando a seu respeito desde o dia em que o conheci mudou, e muito. As pessoas que me conhecem sabem o quanto tenho opinião, e o quanto sou de firme propósito quando tenho um objetivo. Mas também sabem que quando se trata de meus filhos eu me torno a pessoa mais maleável do mundo. Quando

NACIONAIS - ACHERON

voltamos do Brasil o George acha que eu não notei, mas ele se tornou um garoto triste, e quem conhece o George sempre comentava sobre sua alegria. Sabemos você e eu, que geralmente estes primeiros namoros, os namoricos de infância não vão muito longe, mas podem frustrar em muito a vida do adolescente. Encontrei este envelope sobre a mesa de meu filho e conversando com ele, me disse que tinha medo de enviar e você não gostar ou não entregar a sua filha. Te garanto que é de coração que ele está enviando e ele cumpriu sua promessa de não a procurar, mas estou descendo do meu orgulho de homem para pedir como pai, que caso ela possa pelo menos mandar um e-mail, ou um telefonema que seja para meu filho, ficaremos gratos. Entendo sua posição porque tenho uma filha na idade da sua, e sei que se não puder atender este pedido, mas, é de coração partido que, olhando para meu filho, peço que ao menos entregue a lembrança à Valentina.

Ps. Minha esposa insiste que qualquer dia destes venha nos visitar. Ass... Hansi.”

Dobrei o papel e guardei novamente dentro da gaveta e apaguei a luz. Levantei-me e fui para o

quarto.

Encontrei a Liara passando um creme no rosto, com uma camisola azul de seda que deixava seu corpo ainda mais lindo. Sentei-me na poltrona e a observava.

— Acho que preciso de um desse. — Ela sorriu.

— Não, não precisa. Está lindo, Cairon. Não pense que não vejo as mulheres suspirando por você nos tribunais ou nas ruas. Ainda há pouco no shopping, enquanto a atendente da joalheria me mostrava uma pulseira, acha que não vi a outra suspirando te mostrando um pingente? E ainda assim acha que está ficando o que feio?

— Velho.

— Nunca. Experiente, sim, e muito bom no que faz! — Ela guardou o creme e veio em minha direção. Subiu a camisola e abriu as pernas, sentando-se com elas abertas sobre mim.

— Isso pode ser perigoso. — Fechei os olhos e deixei que ela passasse o resto do creme que trazia nas mãos em meu rosto.

PERIGOSAS

— O que a Valentina queria? Vi que ela foi falar com você.

— Sobre a escola. Disse que tanto faz ficar na que está ou voltar para onde estava.

— Primeiro passo para o crescimento.

— Recebi uma carta da Alemanha. Do pai do George, o tal do Hansi. — Ela ficava me olhando sem dizer nada.

— E o que fez?

— Entreguei o que ele mandou para nossa filha. Na verdade, ela em breve fará quinze anos e eu não vou poder ficar segurando essa garota por muito tempo. E isso cansa. Estou velho.

— Para, amor. Quer ver que não está velho?

— Acha que não?

— Tenho certeza.

Começou a rebolar em meu colo e em segundos eu fiquei duro. A idade devia estar somente em minha cabeça e em minhas atitudes, pois meu corpo estava aceso como um garoto de vinte anos.

NACIONAIS - ACHERON

Naquela noite nos amamos de forma renovadora. Revigorante. Ousamos em coisas que ainda não tínhamos tentado e fomos felizes.

Amanhã seria véspera de Natal e eu gostaria muito de encontrar esse espírito que todos estão vivendo. O clima até melhorou, mas ainda precisava abrir muito o meu coração.

Bônus Valentina



"Eu sinto muito!" Não era assim que gostaria de ter começado este e-mail, mas ultimamente foi esta a palavra que mais usei. Usei-a com minha mãe, com meu irmão, com meus avós, amigos e com o homem que mais me amava, meu pai. Desculpe estar escrevendo justamente para me desabafar com você sobre ele, quando eu deveria

falar sobre nós, mas acredito que tenha perdido o amor do homem que mais me amava na vida e isso tem me tornado a pessoa mais triste do mundo. E sabe por que digo isso? Porque quando disse que estava apaixonado por mim na casa da Anne, você me deu meu primeiro beijo e eu acreditei que fosse verdade e poucas horas depois você disse que mesmo gostando de mim, me achava mimada e eu não servia para você. Não tem idéia de como feriu meus sentimentos. Foi esse o motivo de eu não ter escrito nenhuma palavra a mais a você. Em compensação, meu pai, ele me ama de verdade. Ele colocou sua vida em risco uma vez por minha causa, sabia? Não só uma vez, mas como todos os dias ele corre risco e mesmo assim não desiste. Meu padrinho me contou que mesmo ele sendo alvo dos bandidos, minha mãe sentiu desejos e ele foi até o outro quarteirão sozinho buscar sorvete. Pode parecer coisa boba, mas na época ele correu grande perigo. São gestos pequenos que fazem a diferença. Se tivesse me defendido, talvez... Não. Talvez não tivesse mudado nada entre nós. Eu estava cega realmente. Mas só agora começo a ver isso. Estou agradecida pelo presente, embora quando puder, lhe devolverei o mimo, pois acredito

que sua "namoradinha" não vá gostar da idéia. É, a Anne me deixou a par que você agora tem uma namorada. Não é ciúmes, pode acreditar. Bom... Só escrevi mesmo porque meu pai me entregou a lembrança que seu pai enviou a ele. E eu quis ser gentil. Obrigada, George pelo carinho! Com carinho, de sua amiga, Valentina. Ah... Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

— Fechei os olhos e deixei as lágrimas caírem sobre as teclas do computador.

Como doeu o dia em que a Anne me disse que ele estava namorando uma amiguinha da prima, amiga da filha da May. Eles moram todos juntos então a prima apresentou essa menina que frequenta a casa.

Agora ele tem dezessete anos, e ela deve ter a idade dele, enquanto eu sou tratada como uma verdadeira criança. Apertei o botão e enviei o e-mail. Não queria ser grossa, mas também não queria que ele imaginasse que eu ainda estava morrendo de amores por ele. E por mais que eu tivesse sido errada, em nenhum momento ele demonstrou que gostasse mesmo de mim. Abandonou-me em plena batalha. Batalha sim. Ele

disse que gostava de mim e quando o cerco fechou, disse que eu era imatura e mimada e que os pais achavam que eu não seria uma boa companhia para ele. Isso me dói até hoje. Acho que não vai passar. Tenho medo de falar com minha mãe e ela não entender direito. Ontem comprei um diário... É nele que vou contar minhas coisas. Não me sinto segura ainda para falar dos meus sentimentos com ninguém. Mas o que mais me dói é olhar a ver a tristeza no olhar do meu pai e saber que de alguma forma fui eu a causadora de tudo isso.

Abro a porta do escritório e dou de cara com ele, que está entrando segurando um papel e uma caneta na mão.

—Fazendo contas, pai? O contador não faz isso para você? E ainda mais hoje que é véspera de Natal?

— Não. É uma carta.

— Carta?

— É. Eu recebi uma carta do pai do seu amigo... O George. E... Quero retribuir a gentileza.

— Pai. Pelo amor de Deus. Ninguém mais escreve cartas.

— Ele escreveu. — Ele sentou-se na escrivaninha e eu fiquei olhando para aquele homem abatido e de sorriso triste que ali estava. Meu pai precisava de férias. Era visível a todos que precisava descansar. Começou a rabiscar o papel. E quem seria a pessoa que entenderia sua letra a não ser quem trabalha com ele? Eram alguns rabiscos que ele dizia que era letra. Eu mesma nunca entendi. O povo dizia que era chique eu na verdade achava que era uma falta de ética.

— Pai, não seria melhor escrever um e-mail? Eu tenho o endereço eletrônico do George. Chegaria muito mais rápido. Você economiza tempo, dinheiro de selo, e ele vai...

— Vai o quê?

— Entender sua letra. — Sorri.

— As meninas amavam minha letra na escola.

— A mamãe sabe disso? Ela pode pirar.

— Sua mãe também ama minha letra. Só você tem essa implicância com ela.

— Não é implicância. É que não entendo a metade do que escreve. Acho que muitas pessoas

estão presas porque os agentes não entenderam que era para soltar o pobre coitado.

— Valentina... — ele disse sério, então preferi mudar de assunto.

— Vamos ao e-mail, então?

Fui até ele e sentei-me em outra cadeira.

— O senhor sabe digitar. Eu sei que sabe. Não faz porque sempre tem que o faça para o senhor. — Ele acha que o estou desafiando, mas não estou. É verdade. Acostumou-se com todas as secretárias e estagiárias fazendo tudo o que ele precisa. Inspira e alguém leva água, respira e outra leva café. Não vejo meu pai sorrir espontaneamente faz tempo. — Assim que terminar é só enviar, apertando aqui.

— Não sou bobo. Sei fazer isso. Só não tinha o endereço do homem. Mas já que vou mandar e-mail, prefiro que peça ao garoto o endereço privativo do pai. Assim posso falar com ele sem que você ou ele fique por dentro de nossas conversas.

— Viu? Eu tento ajudar e veja o que eu ganho?

— Não quero que pense que estou sendo mal-
agradecido. Só quero que minha conversa não seja
do conhecimento de crianças... Somos adultos.

— Tudo bem. Vou enviar um e-mail. E assim
que ele responder eu te digo. — Saí do escritório
pensativa. O que meu pai poderia querer com o pai
do George? O tom da voz dele era serena, e ele
conversava comigo delicadamente. Isso quer dizer
que não havia sinal que estivesse bravo ou chateado
com algo. Não tinha porque ser indelicado com o
homem, até entregou-me o presente do George sem
gritar. Eu poderia jurar que está até doente. Está
melancólico. Então me lembrei das palavras de
minha mãe quando disse que estava com a alma
doente. Aquilo não era bom.

Saí de lá e o deixei sozinho com seus rabiscos.
Acompanharia a resposta do George do meu celular
no quarto. Dois minutos depois meu celular
vibrou... "Quanto ao e-mail do meu pai, segue o
endereço. Quanto a sua resposta, mas tarde eu te
envio. Ah, sim... envio.

Deitei na cama na esperança que ele enviasse
mesmo. Meu coração estava ansioso sobre o que
ele teria a escrever sobre o que eu havia mandado.

Eu sou uma burra mesmo. Não devia ter dito aquelas palavras. Devia ter somente dito obrigada pelo presente e pronto. Mas não... Eu e minha boca grande. Ah... O e-mail para meu pai. Levantei-me e saí correndo. Ele devia estar esperando por isso.

Bônus Benjamin



— Tem certeza que estou bem, mãe?

— Está, filho! Já me perguntou isso mais de mil vezes. Está lindo, mas não irei responder novamente. Lembre-se que a sorveteria fica de frente a casa da Manu, e que estaremos observando vocês. E se fizer algo de errado perderá a confiança da tia dela para sempre.

— Não podia ter pedido para irmos a algum outro lugar?

— Tenho culpa se tem uma sorveteria de
NACIONAIS - ACHERON

frente a casa da garota? Devia ter me avisado.

— Nunca fui a casa dela. — Virei o rosto fingindo que via a paisagem. Estou arrependido de ter comprado essa tiara. Devia ter comprado outra coisa, mas não sabia o quê. Isso foi sugestão do meu pai. Mas sinceridade... Não sei se meu pai sabe comprar presentes. Agora estou achando que ela não irá gostar. — Talvez devesse levar bombons junto.

— Não acho. Como ela não comprou nada para você, poderá ficar sem jeito se levar muita coisa. E fique quieto, filho, ou vai chegar lá todo amassado.

Tentei... Juro que tentei. Mas estava difícil. Eu devia ter ligado para ela, mas não houve como. Minha mãe disse que ligaria à mãe dela e assim ficamos combinados. Meus amigos me chamaram para jogar bola e acabei me esquecendo de ligar. Agora me encontro nesta agonia. O motivo? Não entendo. O presente é só para agradecer o empenho dela em me ajudar este ano. Não tem outro motivo. Claro que não. Nem mesmo quando soquei a cara do Clayton no jogo. Eu só estava irritado. Ele estava gritando que eu estava namorando com a

Manuela cara de ruela, mas eu não estou. E ela também não tem cara de ruela. Ela é... Até bem bonitinha. Mas ela era minha amiga.

— *Não quero que repita isso de novo — gritei com ele.*

— *Repita o quê? Que está namorando ou que sua namoradinha tem cara de ruela? — Eu perdi a cabeça e dei um soco bem na cara dele.*

— Os dois. — Eu não estou namorado e ela não tem cara de ruela. Ela é minha amiga. — Então ele saiu correndo, gritando e chorando.

Quando paramos à porta da casa dela, minha vontade foi de sair correndo e gritando, assim como saiu o Clayton.

— Toma, mãe... Entrega você. — Estendi o embrulho.

— O quê? Está louco? Desça, Benjamin. Você não me tirou de casa, com tanta coisa que eu tinha a fazer, para chegar aqui e me fazer passar por isso. Sua amiga está nos esperando. Vamos lá. — Ela simplesmente desceu e ficou me olhando. Não houve como não descer. Olhei-me novamente no espelho e suspirei fundo. Antes de soltar o ar a

NACIONAIS - ACHERON

Manu abriu o portão.

— Oi, Benjamin – disse naturalmente. Ela não estava sentindo esse frio no estômago que eu estava sentindo. Não podia estar sentindo. Se estivesse sua mão estaria fria como a minha está. Seu estômago estaria como se tivesse comido um bolo de quinze anos sozinho e estaria suando como se o sol estivesse fazendo quarenta graus e não esse tempo frio.

— O-o-oi... Manu. – Eu gaguejei? Foi isso?

— O que foi?

— Sua ti-tia...

— Por que está gaguejando, Benjamin? Minha tia está lá dentro. E ela não morde. Vamos entrar. – Ela segurou minha mão e foi puxando e conversando com minha mãe, falando das flores que estavam no caminho. Como se nada estivesse acontecendo. Ai, meu Deus onde fui me meter?

Ela fez as apresentações e quando soube que estava frente a frente com a advogada Liara, esposa do Juiz, a mulher parecia fora de si. Contou várias histórias e depois nos mandou tomar sorvete. E ficou lá conversando com minha mãe. Eu até

NACIONAIS - ACHERON

respirei aliviado.

Ufa!

Depois de fazer o caminho de volta segurando o presente - na mão que estava até vermelha - e em silêncio sem saber como começar, ela mesma deu início a nossa conversa.

— Isso é para mim? — Apontou para o embrulho que eu estava amassando.

— Ah... Isso? Sim. É só uma lembrança. É de Natal. Por tudo o que me ajudou.

— Está estranho hoje, Benjamin. Dê-me. — Ela estendeu a mão e eu muito relutante entreguei.

Abriu vagorosamente o embrulho aumentando ainda mais o meu sofrimento. Cada pedaço do papel que abria era um pouco do ar que se prendia no meu pulmão. Por que mulher era tão complicada? Estava começando a entender meu pai e o Pietro. Eles estavam sempre passando por alguma situação com as mulheres e agora eu começava a entender e não sei se queria passar por isso.

— Benjamin... Isso é... Maravilhoso!

— Mesmo? — Até que enfim. Que bom que ela havia gostado. — Fui eu que escolhi — Menti. Na verdade, eu iria dar um grampo de cabelo com uma flor, mas meu pai disse que mulheres gostavam de coisas diferentes das nossas.

— Sozinho?

— Foi. É... — Pensei nas palavras de meu pai. — Acho que... Se parece com você. — Ela sorriu. Ela sorriu como havia me sorrido tantas vezes naquele semestre. Aquele sorriso. Ai, meu Deus, estava acontecendo novamente. Meu coração estava fazendo aquilo novamente... Acelerando, como se fosse sair pela boca.

Eu estava agindo como um idiota. E de repente ela veio e me deu um beijo no rosto. Não acredito. E se a tia dela nos visse? E o pior... Se minha mãe nos visse? Iria pensar que não levei em consideração seu conselho.

— Não devia ter feito isso, Manu.

— Por que não? Estou agradecendo pelo presente.

— Ah...

— Mas não devia ter feito isso realmente.

— Está arrependida? — Eu sabia. Ela olhou para trás, até que voltou até a mim. E me beijou novamente. Só que desta vez... Beijou em meus lábios. Beijou em minha boca. Os meninos diziam que era uma coisa nojenta. Que ninguém gostava de beijar as meninas.

Mas... Mas... A Manu não estava sendo nojenta. Estava sendo bom! Eu havia gostado. Gostado muito!

Vinte



Cairon

— Pai, posso falar com você? — O Benjamin deitou-se ao meu lado na cama, onde eu assistia um especial de fim de ano esperando pela chegada do natal.

NACIONAIS - ACHERON

Há dias o garoto vinha se mostrando um tanto diferente. A todo instante ligava para o Pietro, cobrando sua presença em casa. Estava mais ligado em sua aparência. Lembrei-me que um dia passei por isso.

— Na verdade você já está falando, filho. Mas... Continue. O que é?

— É que hoje, pai, quando fomos levar o presente da Manu, ela... Ela...

— Não gostou da tiara? — Peguei o controle e abaixei a TV. Não era todo dia que meu filho falava comigo sobre meninas, e eu me sentia um pouco em falta com ele.

— Não, não foi isso. — Ele sentou-se na cama e cruzou as pernas. — Ela me deu um beijo no rosto.

— Então é um sinal de que ela gostou mesmo.

— É, e depois ela jsufskjfsduffusdfsdf. — Era justamente isso que eu ouvia: "jsufskjfsduffusdfsdf". Palavras sem nexos algum. Encostei-me a cabeceira da cama. Não dava para entender o que ele havia resmungado.

— O que disse, Benjamin? Para mim falou em alemão.

— Ela jsufskjfsduffusdfsdf... — Devia mesmo estar com problemas para ouvir.

— Filho, te juro. Depois que sua irmã fez uma observação horrível sobre minha letra hoje só me resta fazer uma observação sobre sua pronuncia. Não estou entendendo o que está dizendo. O que a garota fez? Estou ficando ansioso.

— Ela me beijou.

— Isso você já disse.

— Na boca — ele disse de uma vez, virando-se para frente e abaixando a cabeça. Não me lembro de contar isso ao meu pai. E por que estava passando por aquilo? — Eu queria gargalhar. Mas se fizesse, poderia perder a confiança de meu filho para sempre. Pelo jeito era... Seu primeiro beijo.

— Filho. — Meu pai nunca conversou isso comigo, caramba. O que eu diria a ele naquele momento? Sempre achamos que sabemos tudo, mas aí vêm os filhos e nos roubam as palavras. Os filhos são os piores ladrões que existem. Ladrões de alma e de paz e de palavras. Não, eu estava pensando

NACIONAIS - ACHERON

besteira. Eles não roubavam nada. Os pais dão tudo o que têm. Mesmo que eles não peçam.

— Hum... Juro que não tive culpa, pai. Ela me pegou de surpresa.

— Está tudo bem, filho. E como foi?

— Não está zangado como ficou com a Valentina?

— Não. Está conversando comigo como adulto. Se a Valentina tivesse feito isso eu poderia ter ficado chateado, mas iria conversar com ela. Mas ela mentiu. Não estou bravo. Desde que você tenha... Gostado. Que tenha sido bom para a Manu também.

— Eu gostei, pai. Bom... No começo foi estranho. Mas depois foi bom.

— Então foi seu primeiro beijo?

— Não vai contar para a Valentina?

— Não. Claro que não. Será um segredo nosso. — Mesmo pensando que a qualquer momento a Liara me arrancaria esse segredo, eu prometi.

— Posso participar desta conversa ou é só para adultos? — O Pietro se encontrava parado à

NACIONAIS - ACHERON

porta, sorrindo. Trajava uma calça jeans e uma blusa lilás, fora do habitual “terno” do qual sempre estava vestido, assim como eu.

— Claro, Pietro. Estávamos te esperando. — Eles se abraçaram.

— E sobre o que é o assunto? — Ele sentou-se na cama com a gente, nos empurrando um pouco para o lado.

— Mulheres... Harrrrr.

— - E por que fez esta cara, Benjamin? Não gosta delas? Por que se não gostar pode dar para mim. — Bagunçou o cabelo do irmão.

— Mas é claro que gosto. Só que ainda não sei... É que não sei o que fazer direito.

— Isso não se aprende, pirralho. Com o tempo você vai descobrindo.

— Espero que não tenha pressa também, meu filho. — Não queria meu filho com liberdades com as meninas, assim como prezava por minha filha.

— Ainda não tem namorada? — O Pietro era muito atencioso com os irmãos. Porém, mesmo tendo uma irmã, por parte da Giovanna, era da

Valentina que morria de ciúmes. Talvez por ter sido criado com a gente.

— Hum... Mais ou menos.

Ficamos conversando sobre mulheres e vi o Pietro aconselhar o irmão. Quando me senti mais seguro, aproveitei para ter uma conversa de homem para homem com eles. Mesmo sabendo que essa não era a minha melhor fase na vida. Eu, por exemplo, tive três ou quatro namoradas e não fui muito badalador.

Não faltaram as meninas que se oferecessem, mas eu tinha objetivos na vida e não tinha tempo a perder com namoricos. Meu pai sempre dizia que quando eu engravidasse alguma menina meu futuro estaria acabado, e acreditando em sua palavra, foquei no que queria. E eu que queria desde cedo era ser juiz.

— Hei... Vão ficar para sempre aí dentro, os três? Nossos convidados estão chegando e o anfitrião está trancado no quarto com os filhos.

— Não estou trancado no quarto, meu amor. Estou conversando com os meninos.

— Conversa de homem, mamãe. — O
NACIONAIS - ACHERON

Benjamin tentou passar por ela e foi detido.

— É? Você está muito estranho desde hoje à tarde.

— Não estou.

— E isso aconteceu depois que fomos a casa da Manu. Aconteceu algo que tenha se esquecido de contar?

— Não. Já disse tudo. — Ele passou por ela sorrindo e saiu.

— Espera, garoto... Vai me contar os detalhes.
— O Pietro saiu atrás.

— Vai me dizer o que está acontecendo?

— Você não é do time dos meninos, curiosa.
— Dei um beijo em sua boca, enquanto arrumava minha roupa e desligava a TV.

— Ainda bem. Quer dizer... Não sei. Porque sua filha parece furiosa com algo que alguém disse a ela ou escreveu a ela, porque andou resmungando a tarde toda. Mas não quis me contar. Sabe de algo?

— Eu? Não. Será que é algo com o e-mail que pedi para ela enviar ao George? Talvez ele tenha dito algo rude a ela.

— Ele parecia tão legal.

— Depois de quase um ano, muita coisa muda, não é?

— Verdade. Veja você. Agindo naturalmente ao falar de namoro aqui em casa.

— Ninguém está falando de namoro, está? A não ser entre nós? – Puxei-a contra meu corpo.

— Agora não dá, Cairon. Vem... Vamos para a sala receber os convidados para nossa ceia.

A ceia estava divina! Durante todo esse tempo, com dicas da minha mãe e buscando informações, a Liara se tornou uma excelente anfitriã. Ela melhor que ninguém sabe receber as pessoas, combinar os talheres, e o cardápio. Tudo o que me passa despercebido. E tudo foi muito emocionante. Meus pais. Meus filhos, minha esposa e amigos. À meia-noite, trocamos os presentes. Brindamos e sorrimos. Abraçamo-nos e ceamos.

— Algo te incomoda, filha? – Observei que Valentina olhava para o celular de dois em dois segundos.

— Nada não, pai. — Ela batia o pé no chão, impaciente. — É só que... Deixa para lá. — Balançou a cabeça.

— Se quiser falar. — Quando percebi que ela poderia falar sobre algo, não que eu não queira que ela tenha confiança em mim, mas se não estou tendo jeito com os meninos, como aconselharei uma menina, a qual ainda vejo como uma criança. — Tenho certeza que sua mãe ficaria feliz em te ouvir. — Ela me olhou e sorriu, saindo ao encontro da avó. O quê? As coisas precisavam ser divididas. Eu havia conversado com o Benjamin e o Pietro. E assuntos de meninas deviam ser conversados entre elas.

A noite se foi. A madrugada veio e a festa por fim acabou. A casa estava uma desordem só, mas eu não ficaria para vê-la voltar ao normal. Entrei no escritório e não era meu costume ligar o computador antes de ir para cama. Ao contrário. Sempre o desligava umas duas horas antes de me deitar. Assim não me preocupava com as mazelas do dia seguinte. Nem as pendências que haviam ficado do dia que estava findando. Mas hoje eu estava curioso em receber a resposta do tal Hansi.

Eu havia escrito a ele dizendo que estava surpreso ao receber a carta dele e que a encomenda estava nas mãos da Valentina. Mas que estava emocionado com a iniciativa de ele em ter enviado o presente do filho e ainda interceder pelo menino. "Não sei se em seu lugar faria o mesmo. Mesmo amando meus filhos com todo meu coração e minha alma. Gostaria de aproveitar a oportunidade e pedir desculpas por meu comportamento no início do ano. Fui pego de surpresa pela foto de seu filho, grudado à boca de minha princesa. Ela era o meu bebezinho. Não que ela não continue sendo. Mas hoje estou mais consciente de que ela está crescendo. Bom... Aproveito o ensejo para desejar um ano novo cheio de alegrias a você e a sua família, e que seus projetos se realizem neste ano que se inicia. Garanto que obtivera minha admiração, a partir deste momento. Também faria qualquer coisa por meus filhos." Me lembrava de cada palavra escrita no e-mail.

Agora, olhando para a tela do computador, e vendo que havia uma nova mensagem, eu secretamente torcia para que fosse da Alemanha.

De alguma forma, mesmo sem ter tido a

oportunidade de trocar mais de meia dúzia de palavras com ele, agora ele parecia uma boa pessoa. Cliquei sobre o envelope fechado e ali estava o nome de Hansi.

— Posso entrar? — Eu queria dizer que não, mas não tinha nada que esconder da minha esposa.

— Sim. — Ela veio e sentou-se em minha perna. Olhando para a tela do notebook a nossa frente.

— Hansi?

— É. Pai do George. Eles estiveram aqui em casa. Lembra-se deles?

— Claro que sei quem são. Só quero entender o que querem?

— É resposta de um e-mail que enviei. Ainda não sei o que diz.

— Você enviou um e-mail? Sozinho?

— Acha que não sou capaz?

— Claro.

— A Valentina me ajudou.

— Eu sabia. Vamos ler.

"Caro Juiz, Cairon Filho. Nossa família agradece o carinho e os votos de feliz natal e um próspero ano novo. E que vocês também recebam nosso abraço carinhoso. Tenho certeza que podemos ter tido um péssimo começo, mas não precisamos continuar tendo um relacionamento ruim (Bem, isso que disse foi a Angélica não fui eu). Mas no fundo eu também acho. Por tanto, nós... Toda a família, partindo pela sugestão do George, estamos convidando sua família para que venham nos visitar. O George disse que conheceu sua filha pouco antes do aniversário deles, que é uma viagem que fazem na primeira semana do ano. Quem sabe não venham nos visitar. Não é um simples convite. É de coração mesmo. E olha que quem me conhece sabe que não tenho um coração muito bom. Aguardo sua resposta para dar andamento aos preparativos. Hansi."

Qual seria o interesse dessa família em nos receber? No dia em que estiveram aqui em casa, a mulher me transmitiu muita confiança, embora ele não. A questão da Valentina, se ela quisesse agora namorar o garoto, eu permitiria. E seria uma boa. Em breve ela iria mesmo querer namorar, e ele não viria morar aqui, ela não iria morar lá. Era o mais

NACIONAIS - ACHERON

seguro no momento. Isso mesmo. Era o mais seguro.

— O que acha?

— Para onde viajaríamos em nossa semana de folga?

— Dissemos que poderíamos escolher entre Milão ou Japão. Não conheço os atrativos da Alemanha.

— Os meninos conhecem. Talvez nos ajudem a escolher.

— Verdade. Como estiveram lá, poderão nos auxiliar. E ainda poderemos ter a oportunidade de conhecer a família do George. — Vamos ficar na casa deles?

— Não precisa, amor. Faremos reservas em um hotel. — Cliquei em responder ao remetente.

"Aceitamos o convite. Sairemos daqui na quarta-feira, dia três de janeiro, e ficaremos até dia dez. Se não for incômodo e puder nos recomendar algum hotel. Cinco estrelas, um quarto de casal e dois solteiros. Ah... Três de solteiro, por favor. — Havia me esquecido que provavelmente algum

segurança nos acompanhará. — Se precisar pagar antes, é só dizer que deposito em sua conta o valor estipulado. Caso isso lhe traga importuno, é só comunicar e nossos secretários nos auxiliarão. Cairon."

— Gostei de ver esse homem decidido agindo agora... Até me senti, como posso dizer... Excitada.

Ela teve a iniciativa, o que era raro. Se virou de frente para mim e sentou-se, aconchegando seu corpo ao meu.

— Então se aproveite deste homem. — A Tela do computador piscou. Havia e-mail novo.

"Ansiosos pela chegada de vocês. Hansi."

Vinte e um



Liara

Nunca vi tanta burocracia para que saíssemos nessa viagem. Meus sogros estavam relutantes.

Foram praticamente uma semana de negociação entre os agentes federais para saber quais deles fariam nossa escolta.

O Murilo queria estar presente pessoalmente e ficou boquiaberto quando ouviu o Cairon dizer:

— Aproveite para pegar suas férias. Quinze dias agora e quinze dias em julho.

— Eu não sei se estará seguro com aquele homem. Ele me parece estranho. Notei o jeito dele no dia em que fomos buscar a Valentina na casa da amiga. E se for uma emboscada? — Eu tive que rir dos dois.

— Murilo, muito raro eu errar em meus julgamentos. Fique tranquilo. Qualquer coisa eu te ligo.

— Não sei, compadre.

— Murilo. — Ele deu três tapinhas no ombro do amigo, e isso significava que aquilo havia encerrado o assunto. — Está tudo bem. Ninguém nos conhece por lá, então estamos seguros pelo anonimato. E no mais, será apenas uma semana. Cinco homens são mais que o suficiente.

A expressão do Murilo demonstrava que ele não estava totalmente convencido com isso. Imagino que neste exato momento o Cairon e nós, devíamos estar sendo ameaçados, mas ele não me contaria. Não agora. E por isso a vigilância excessiva do Murilo.

— Cairon, apesar de achar que deveriam ir à Paris, mas já que querem ir à Alemanha, aproveite o máximo e descanse, meu filho. E não ligue para as lamúrias de sua mãe, ela nunca saberá que você cresceu. — O pai abraçou o filho e até que enfim, um abraço de sua mãe nos liberou para embarcar.

Nove horas de viagem e estávamos em solos alemães.

Um dos agentes estava responsável pelas nossas bagagens, assim como por nossos passaportes. Isso facilitava muito nossos embarques e desembarques em países diferentes.

— Podemos seguir, senhor. — Passamos pela sala de revista especial e por fim, podíamos seguir nosso destino. Assim que saímos a Valentina veio para perto de mim.

— O George, mãe. E os pais dele. — Ela

mostrou em direção ao portão. Acenei para a mãe que sorria e vinha em nossa direção.

Nos cumprimentamos como se fôssemos velhas amigas. E era o que de fato eu sentia dentro de mim. Que a conhecia há mais tempo que o real. Ela parecia verdadeiramente feliz.

— Que bom que vocês vieram. Nem acredito que estamos tendo essa oportunidade. É sempre muito bom fazer novos amigos e retirar as más impressões, não é verdade?

— Com certeza, Angélica. — Durante essa semana a Valentina havia lido um dossiê sobre a vida da família Reinerckes.

Já havíamos decorado nomes, quem era casado com quem, e mesmo não vendo rostos, sabíamos dos irmãos e filhos.

— Como vai, Cairon?

— Bem. E você, Hansi?

— Bem também. — Observei os homens se cumprimentarem com total frieza, quebrada apenas por um aperto de mãos.

— Não precisavam se incomodar em vir nos

PERIGOSAS

esperar. Era só terem enviado o endereço do hotel e teríamos nos localizado com facilidade. — Foi preciso que alguns agentes nos acompanhassem. Espero que entendam.

— Isso significa que você é perigoso? — o Hansi perguntou, não sei se sem pensar ou se por pura ignorância.

— Não. Significa que muita gente daria a vida para me encontrar e me matar. Já mandei muita gente ruim para trás das grades. O sonho deles é me verem debaixo da terra.

— Só confirma que você é muito perigoso. — Antes que alguém falasse algo, ele remendou. — Para os foras da lei.

Meu marido aquiesceu com um pequeno sorriso. Porém o Hansi continuou.

— Por isso parece tenso. Das duas vezes que nos encontramos parecia suspeitar de tudo e de todos.

— É verdade, eu...

— Senhor... Já podemos ir. Aguardamos as coordenadas sobre nosso destino.

NACIONAIS - ACHERON

— Hã... — O Cairen olhou para o Hansi, sem jeito de cobrar as informações sobre nosso paradeiro.

— Eles vão ficar em minha casa. — Vi o Cairen abrir a boca para protestar, mas o Hansi falava com o agente, enquanto meu marido tentava engolir a raiva. Desde o começo ele disse que não queria ficar na casa deles, mas... Agora seria uma indelicadeza. E o que eu poderia fazer, mesmo sendo fuzilada por seu olhar? — Ou vocês acham que não podem ficar na casa de simples mortais.

— Somos simples mortais, Hansi. Agradecemos tudo que estão fazendo. Só não queremos dar trabalho. — Foi a resposta clássica de um homem que buscava tranquilidade.

— Se fosse trabalho, com certeza não teríamos convidado. — E se voltando para mim, tranquilizou-me. — Fique tranquila. Estamos recebendo vocês de coração.

A partir deste momento o Cairen não disse mais nenhuma palavra e só então notei que o Benjamin conversava com a Valentina e que depois de nos cumprimentar educadamente, o George

também havia se calado.

Em minha cabeça, se passava uma cena de filme. Ela o via, corria até ele abraçava, beijava, o Cairon chegava, dava um soco no garoto, o pai dele voaria para cima do Cairon os agentes atirariam no pai do menino e... Respirei fundo. Só um coração de mãe apavorado, indo para uma terra desconhecida, casa desconhecida para alucinar tanto assim.

Não seria fácil passar uma semana amenizando as conversas entre Cairon e Hansi e nem tão pouco vigiando Valentina e George. Mas tudo bem. Uma vez que meu marido havia dado o primeiro passo em direção a pacificação, valia a pena fazer minha parte.

O Hansi foi à frente e nós o seguimos. A Angélica exala sensatez até no andar. Sua elegância, e o domínio que parece ter sobre o marido, se vê de longe.

Eles entraram em um carro enorme, que mais parecia uma limusine. A Angélica foi conversando conosco, sentada ao meu lado no banco de trás. Enquanto o George ia com o pai à frente. Os

seguranças nos seguiam bem de perto. O que parecia incomodar muito o Hansi.

Paramos diante de uma casa, que me parecia fazer jus ao tamanho da família descrita pela Valentina. Eu pensava que ela exagerava quando falava que era uma família grande, mas pelo tamanho da casa, agora não tinha dúvidas.

O Hansi brincou com o Cairon sobre o tamanho da casa, que intimidava muita gente. Mal sabiam eles, o quanto o Cairon poderia ser mais rico, apesar de preferir viver sem luxo e sem ostentação, para que as crianças dessem valor ao que tinham.

Se havia uma coisa que não viriam ele fazer era se gabar do dinheiro que herdara da avó. Das propriedades e das ações que obtivera com o dinheiro ao longo dos anos. Mas se preocupava mais em ensinar as crianças a serem gentis com as pessoas a sua volta e os valores que regiam a vida. Tanto que em menos de um ano nossa filha parecia outra pessoa. Eu ainda não me sentei com ele para fazermos um balanço do ano como sempre fazemos, mas ainda faremos quando voltarmos para casa e quero dizer a ele, que se ela voltou a colocar

os pés no chão foi graças à base de família que ele tem nos dado. O Cairon sempre dizia... que dar fundamento aos filhos é essencial. Mesmo que se percam, saberão para onde voltar.

— Liara... Seu quarto é por aqui. — Segui a Angélica pela casa linda que eles tinham. E ouvi o Hansi convidar o Cairon para ir à Biblioteca.

— Mãe? — Só ao ouvir a voz da Valentina me lembrei dos meus filhos, estava tão encantada com o país que não estava observando direito meus filhos.

— Sim, filha, vem comigo.

— Venha, Valentina. Embora seu quarto e do Benjamin esteja na ala dos jovens...

— Ala dos jovens?

— É. Aqui tem tantos jovens que tem um corredor que eles chamam de Ala dos jovens. Mas haverá um quarto para você junto com as garotas, não ficará sozinha. Achei que poderia ficar com medo por estar em casa desconhecida. — Pensei ter visto minha filha respirar fundo. Poderia jurar que estava aliviada, se não conhecesse sua adoração por privacidade.

— Angélica, não seria incômodo ficarmos no mesmo quarto.

— O que não falta aqui, Liara é quarto. Se os meninos quiserem ficar em quartos separados...

— Não! — a Valentina quase gritou. — Quer dizer... Não tem necessidade. Se não for atrapalhar as meninas, eu prefiro ficar com elas realmente. A casa é grande, eu poderia me perder.

— Mais tarde no almoço conhecerão todos da família. Agora podem tomar banho e descansar. Mandarei um lanche nos quartos para vocês.

— Não se preocupe, tomamos lanche no avião pouco antes de desembarcar.

Depois de me mostrar as acomodações onde ficaríamos o Cairon e eu, Angélica nos encaminhou até o quarto, ou melhor, a tal ala dos jovens. Observei que quarto de meninos era distante das meninas. O que me deixava bem mais tranquila. E que Deus ajudasse que o Benjamin ficasse no mesmo quarto que o George assim poderia vigiá-lo de perto. Apesar de que eu estava cada vez mais convencida de que a Valentina parecia muito mais incomodada com a presença do George, que

apaixonada.

Voltei ao meu quarto e retirei os sapatos. Apesar de confortáveis, começavam a me incomodar por tanto tempo de viagem. Não havia outras portas por perto. Nosso quarto era o último no fundo. Isso queria dizer que era em isolado. Teria algum motivo para isso ou só arquitetura da casa mesmo? Não quis perguntar quando vi o quarto. Era lindo e acolhedor.

— Que linda sua casa, Angélica — disse, antes que ela partisse.

— Não tão linda como o apartamento de vocês.

— Eu estou planejando mudar para nossa casa a mais de quinze anos. Na verdade, está pronta desde antes do nascimento dos gêmeos. Mas sempre acontece algo e não vamos. — O algo era o amor que tinha por aquele apartamento. Ali era nosso lar, e intimamente decidi por mim mesma, que quando voltássemos para casa falaria com o Cairen, sobre deixar a casa para os garotos e permanecermos ali para sempre. Vendo que ela ainda me observava completei. — Talvez por causa

do trabalho do Cairon, estivéssemos sempre mais seguros ali. — Fui até a janela e olhei para fora. Ela aproximou-se e fez um gesto em direção aos seguranças.

— Não sei como consegue. Aqui temos alguns seguranças e ainda posso sair sozinha. As crianças saem sozinhas e ainda achamos um pouco, como dizem as crianças... "invadidos".

— Eu me senti assim no passado. Mas quando compreendi o trabalho de meu marido, e a importância que temos na vida dele, assim, como ele na nossa, acabamos por aprender e nos adaptarmos a esta vida. — Olhei ao redor e vi o quanto o quarto estava impecável. - Angélica, não estamos desacomodando ninguém? Tem certeza?

— Quer saber se esse é nosso quarto?

— É... Acho que é isso mesmo — disse sem jeito.

— Não e sim. — Olhei sem entender. Ela percebeu e tratou de me explicar.

— Este foi nosso primeiro quarto e eu gosto de mantê-lo. Mas hoje temos uma nova ala do lado direito que abriga os casais.

— Casais?

— Sim. Os irmãos Reinerckes são quatro. E moramos todos aqui. Assim como nossos filhos. — Sentei-me aos pés da cama sem acreditar naquilo. A Valentina havia comentado sobre, mas achei que fosse um pouco de exagero. Como morar tanta gente em um único lugar. E será que todos estavam cientes de nossa estadia ali? — O Hansi é o mais velho deles, depois vem o Ben. Na verdade, Dr. Benedict Reinercke. O David, que também é médico e a Dra. May Reinercke, psicóloga. — Estava espantada.

Ela falou sobre a especialidade de todos e sobre as esposas, marido, filhos e eu até cheguei a ficar zozza. Quando terminou de falar com orgulho da família, encheu os olhos de lágrimas ao lembrar-se da mãe que falecera quando o George completara doze anos e também do pai que faleceu sem conhecer o neto.

— Nossa... — Secou as lágrimas. — Você nem chegou e eu já estou aqui com meu saudosismo e enchendo você com minhas histórias.

— Não. Está tudo bem. Também perdi minha

mãe. Ela não chegou a conhecer os meninos nem a me ver casar com o Cairon. No começo nem gostava dele coitado. E olha que e se não fosse por ele, teríamos morrido as duas bem antes de quando ela se foi.

— Quer falar sobre ela? A May diz que isso faz bem.

— No decorrer da semana eu conto a você minha história. Nada do que me arrepender ou me lamentar, fizemos tudo o que podia ser feito.

— Que bom. Então descanse um pouco. Vou lá ver se o Hansi deixa seu marido vir descansar.

Ela saiu e me deixou no quarto. Observei os detalhes. Deitei sobre as cobertas e fechei os olhos. Estava precisado descansar o corpo. Assim que o Cairon entrasse, eu me levantaria. Enquanto isso eu só queria aproveitar o momento de silêncio. Coisa rara em tempos de trabalho.

Ouvi os pássaros e as crianças falando ao longe. Era a voz do George. E depois disso, não tive forças para ouvir mais nada.

Bônus – Valentina



Estava no meu quarto, mas ninguém me chamava para nada, nem minha mãe apareceu. Então fui até o corredor e olhei certificando que o George não estava por ali.

Saí fechando a porta bem devagar. Para aonde eu iria? Claro que era só refazer o caminho. Refiz o percurso, descendo as escadas bem devagar.

— Hum... Você deve ser a Valentina.

— S-Sim... Senhor. — Quase gritei de susto. O Homem era alto, loiro de olhos azuis. Que bobeira a minha pensar nestas características, já que todos eles eram altos, loiros e de olhos azuis. Até mesmo o George estava agora bem mais alto que me lembrava de olhos bem azuis, só os cabelos haviam escurecido um pouco.

— Eu sou o Benedict. Tio do George.

NACIONAIS - ACHERON

— Ah. — Sorri. — Prazer, Valentina.

— É... Foi o que eu acabei de dizer. — Uma mulher linda chegou atrás dele, mas era morena, não era alemã com certeza.

— Esta é minha esposa. — Ele apontou para ela.

Nós nos cumprimentamos e logo em seguida eles se foram. Deixando-me terminar os degraus da escada em direção ao térreo. Quando cheguei ao fim das escadas não parecia ter uma viva alma. Mas logo descobri que parecer, não significava que não havia. De um minuto para o outro a casa encheu de tal maneira que eu fiquei tonta.

Eram tantas pessoas falando ao mesmo tempo, que só ouvia meu nome e prazer em te conhecer. Nenhum outro nome ficou guardado em minha memória. Vi o Benjamin descer as escadas e ficar paralisado quando os adolescentes se voltaram para ele e repetiram toda loucura da apresentação. Eram... Dois filhos do David. Dois filhos do Benedict e dois filhos da May. O Jhosuáh era o mais velho, devia ser pouco mais novo que o George. E a Sofie irmã do George isso dava, oito

adolescentes contando com o George e a irmã. Tudo isso na mesma casa. E eles estavam eufóricos e falavam ao mesmo tempo. Mas havia também uma menina que estava mais afastada e nem sequer se deu ao trabalho de nos cumprimentar. Os pais foram descendo e foram nos levando para uma sala, onde havia uma grande mesa de jantar com um banquete que parecia mais uma festa. Será que era sempre assim? Como meu pai ensinou, esperamos que todos se sentassem, para que então o Benjamin e eu encontrássemos os lugares desocupados para nos acomodar.

— Não vão se sentar?

— Sim. Onde poderíamos nos sentar, por favor?

— Onde quiserem. — Nos encaminhamos para duas cadeiras vagas que tinha, próximas à Sofie. Puxamos as cadeiras sobre os olhares atentos de todos e nos sentamos em silêncio. Não que em casa éramos silenciosos assim, mas como éramos só dois, não conseguiríamos fazer a metade do barulho que eles estavam fazendo, mesmo se quiséssemos

— Gente, eu vou falar uma coisa — a Sofie começou a dizer. — Eu estou de boca aberta. Nunca vi tanto homem bonito assim aqui na porta de casa. — Ela se referia aos agentes da Federal. — Essa semana será incrível. Pode falar, Valentina... Cara... Eles são lindos. São todos assim?

— Nunca reparei — disse sem jeito. Mas não menti. Nunca havia reparado, até porque se eles algum dia me olhassem atravessado, meu pai deixaria que apodrecessem na cadeia, sem direito a fiança.

Quando se fez um silêncio na sala, eu sabia, meus pais estavam descendo a escada. Ficaram de pé até que a Angélica pediu que se sentassem para o almoço e minha mãe praticamente puxou e obrigou meu pai ainda sonolento a se sentar à cadeira.

— Hansi? — Pelo jeito da mão do George, alguma coisa havia acontecido. E por alguns segundos eu desejei secretamente que pudéssemos ficar em um hotel.

— Eu... — O pai do George parecia ter dificuldade em pronunciar as palavras. — Eu

queria pedir que desconsiderasse nossa conversa de hoje mais cedo. Fui um péssimo anfitrião. Entendo sua situação. E sintase em casa. E pelo jeito as crianças estão se divertindo com os agentes.

Neste momento um dos agentes entrou. Provavelmente convidado por meu pai.

— Cairon... — Minha mãe olhou para ele.

— Tenente. Enquanto estivermos como convidados da família Reinerckes, o senhor faça uma escala de seus homens. Nosso anfitrião dispõe de seguranças particulares, acredito que dois homens serão o suficiente. Assim também não chamaremos tanta atenção. — O silêncio reinava na casa.

— Mas senhor, o Murilo...

— Tenente... O Murilo não está no comando... Eu estou. Dois homens, por favor. — O homem abaixou a cabeça e concordou com meu pai.

— Sim senhor. — E assim voltou a seu posto. Eu estava abismada. Nunca pensei em meu pai cedendo a um capricho tão louco quanto ficar sem segurança. Nem mesmo a pedido de minha mãe.

As duas mães estavam parecendo amigas. Eu não entendia muito bem como isso acontecera, mas a única certeza é que nossos pais não tinham a mesma amabilidade um pelo outro.

O clima só voltou a melhorar quando alguém mencionou o quarto onde meus pais estavam e o tio do George, o David, começou a falar e os adultos começaram a rir, só nossa família não entendia a piada?

— Aquele quarto? E a maldição? Ai, meu Deus. Juiz, cuidado. Aquele quarto é um perigo. — Mas se havia uma maldição, por que eles riam? Será que meus pais corriam perigo? E por que só o quarto deles é amaldiçoado? Não entendi.

Os jovens queriam sair. E isso ocorreria dois minutos depois, assim foi o aviso.

A Sofie tem minha idade, sendo apenas meses mais nova, e praticamente me arrastou escada acima. Eu escovei os dentes e comecei a trocar de roupa quando alguém abriu a porta.

— Está louco, George? Não batem a porta por aqui? — Me cobri ao ver o garoto atravessando a porta.

— Não. Somos todos primos.

— Eu não sou. Seria de bom tom se você entendesse isso, ao menos esses dias. — Terminei de colocar a blusa e fui para frente do espelho que era bem longe dele. Estava nervosa. Nervosa, e com raiva do que ele havia me escrito no e-mail antes de vir. E chateada porque aquela garota que andava pela casa, devia ser a namorada dele. Ele começou a se aproximar de mim, eu via através do espelho. Mas que isso eu sentia o calor da sua aproximação.

— Sua irmã está no banheiro, se quiser falar com ela.

— Se quisesse falar com ela teria gritado por ela. Por que está me ignorando, Valentina?

— Não estou te ignorando. Não temos nada a nos dizer, apenas isso. — Continuei escovando meus cabelos.

— Claro que temos. Lembra-se do que eu te disse no e-mail?

— Lembro. Foi um grosso.

De repente, sem continuar nossa conversa, ele

me puxou pelos cabelos. Gente...

— George...

— Cala a boca. Quer que todos escutem? Quer que seu pai ouça?

— Então me solta, se não vou gritar. Não quero nem ficar perto de você depois de tudo que me disse naquele maldito e-mail.

— Mas eu preciso beijar você, Valentina. — Ah não... Essa não. E o e-mail? E tudo o que ele havia escrito?

— E tudo o que disse?

— É verdade.

— Então me solta. Não vai me beijar. Nem nesta vida nem...

Mas ele não me ouviu e me beijou... E foi tão doido que quando me soltou eu quase caí. Não. Não era só um beijo. Não mesmo. Levei a mão à boca e olhei no espelho.

— George... Você... Você me mordeu.

Mas aí a Sofie saiu do banheiro e ele ficou mais branco que o normal. Eu nem fiquei com

pena.

— Valentina? O que houve? George? O Que fez com ela?- Ela acertou alguns tapas no irmão fazendo com que ele se afastasse.

— Eu?

— Está tudo bem, Sofie... Vou lavar e vai passar.

— Vem. Vamos cuidar disso. Se a mamãe vir isso não vai nos deixar sair. E você, George, vai buscar um gelo. Idiota.

Ele saiu apressado. Eu lavei o rosto e mesmo com a boca doendo, não queria lavar a boca. O gosto da boca do George era tão doce. Filho da mãe. Ele me paga.

Vinte e dois



Liara

NACIONAIS - ACHERON

Entrei no quarto praticamente arrastando as crianças quando cheguei da clínica com a Angélica. Não que ela tivesse feito algo errado, só almoçamos no centro. E quando cheguei descobri que as crianças estavam vendo TV e Cairon... Esse nem mesmo havia saído do quarto para almoçar.

— Arrumem suas malas. Vamos embora hoje à noite – disse, indo até o closet e pegando a mala, jogando-a sobre a cama.

— Como é? – Ele se levantou assustado.

— Eu não vou passar uma semana que temos de folga, sendo um peso para os anfitriões enquanto as crianças ficam a beira da piscina, que poderiam fazer em casa e você fica trancado no quarto de mau humor, lendo um... Um livro sabe lá sobre o quê. Vamos embora. – Comecei a colocar as roupas na mala. Ele começou a rir. As crianças observavam em silêncio.

— Amor, este não é um livro qualquer. É um livro sobre a vida da nossa anfitriã... Angélica. Veja. — Ele me mostrou a capa onde havia uma foto dela e Hansi.

Peguei o livro e li a sinopse, li um trecho do

livro. Olhei a capa, frente e verso, e olhei para meus filhos.

— Sabia disso, Valentina? Que há um livro sobre a Angélica?

— Também estou lendo. O George me deu. Mas não estou tão concentrada como meu pai. E se quiser partir, poderei arrumar minha mala e poucos minutos. — Ela saiu brava.

— Filho, vá atrás dela e diga que vamos ficar. — Assim que o Benjamin saiu, eu me virei ao Cairen. — Podia ter me contado. Mesmo assim, se for para ficar no quarto lendo o tempo todo...

— Eu prometo que não ficarei. Vamos sair. Termina de ler à noite.

— Eles querem sair para dançar à noite.

— Dançar, meu amor? Não podia ser um teatro ou um cinema?

— Cairen, estão nos recebendo com tanto carinho. Custa ao menos uma vez você ceder?

— Já cedi sobre nossas seguranças. — Dirigiu-se ao banheiro e depois voltou. — E já que quer sair para dançar, que seja. Eu não serei o estraga

prazeres.

Parecia bravo, mas se não fosse assim, ele realmente não sairia de casa.

Depois que ouvi a porta do banheiro sendo trancada, eu fui até o quarto da Valentina, precisava entender o que ela estava vivendo.

— Filha... — Ela estava sentada conversando com a Sofie.

— Bom... Vou deixá-las as sós. Vou ver minha mãe e depois a gente se encontra para se arrumar, Val.

— Val? — Ela sacudiu a cabeça e deu um sorriso fraco. — Filha, sabe o quanto te amo e eu noto tudo o que acontece com você. Sabe que eu cheguei a pensar que teria trabalho em tirar você de perto do George?

Ela não me respondeu.

— Mas pelo que vejo, está sendo difícil para você.

— Ele não gosta de mim, mãe. — Me pegou de surpresa. Eu achei que ela não teria coragem de dizer nada. Sempre tão fechada.

Colocou a cabeça em meu colo e ficou quietinha. Adolescência... Ai meu Deus. Não me lembro de ter passado por isso. Minha mãe nunca foi presente. E eu tinha que ajudar minha tia.

— Claro que gosta, filha. Os homens raramente sabem se expressar. - O que de certa forma era bom. Deixava-me mais tranquila.

— Não. Ele disse que a garota que está gostando dele, é mais madura, sabe beijar e que eles já fizeram coisas de adulto. Entre outras coisas que ele disse que não vou te contar.

— Filha... — Não acredito. Aliás, acredito sim. O garoto tem dezessete anos ou vai fazer. Ele não tem a idade da Valentina. — Eu não sei o que te dizer, filha... Homens têm necessidades diferentes das nossas, eles crescem mais rápidos que nós, é muito complicado. Eu sei que está doendo e que ainda vai sofrer um bom tempo, mas não pode deixar que isto determine como você vai viver de agora em diante. Então não irá aproveitar nosso passeio porque o George é um rapazinho. E tem mais, Valentina. Seu nome já diz, você é Valente. A pessoa que ele conhece é aquela que estava dando birra há uns dias, mostre a ele quem você é

de verdade. Vocês não se conhecem. Deixe que ele te conheça. Se você ficar fechada, neste mar de lamentação. “Coitada de mim... Ninguém me ama, ninguém me quer” – Fiz voz estranha e careta. — Não terá chances realmente. — Ela levantou a cabeça e sorriu olhando para mim e me abraçando em seguida. — Se ficar só deitada, sofrendo, ele não vai poder conhecer você. Agora... Se mesmo depois de te conhecer, ele preferir ficar com a outra garota, o jeito é aceitar, filha. A primeira impressão é a que fica, mas não custa nada você tentar mudar isso.

— Obrigada, mãe.

— Obrigada a você, por se abrir comigo. Ah... O que mais ele disse a você? O que não quer me contar? É muito sério.

— Mãe... – ela choramingou.

— Está bem. Mas quando estiver preparada para conversar, estarei aqui.

Às vinte horas, os jovens estavam todos prontos. Os homens bebiam na Biblioteca, graças a Deus. Com um esforço sobrenatural, o David havia arrastado o Cairon para lá. Então pude me arrumar.

Quando ele subiu e me encontrou, tornou seus passos lentos, porém ameaçadores. Eu conhecia aquele jeito dele. Isso não ia prestar.

— Não, Cairon, não. Levei mais de duas horas para me aprontar sozinha.

— Posso bater seu recorde e levar menos de dois minutos para tirar tudo. — Abraçou minha cintura.

— Cairon...

— Só um pouquinho.

— Você bebeu?

— Nada que tire minha sensatez. Está linda e gostosa. Eu te quero agora.

— Mãe... — Abriram a porta de vagar, O Cairon continuou abraçado comigo.

— Poder não podiam, mas como já entraram... — Me soltou um pouco, o suficiente para que eu conversasse com nossos filhos.

— Estamos indo.

— Estão lindos. — Abracei meus filhotes.

— Pai, é nosso primeiro show sem vocês — o

Benjamin disse, animado.

— Nossa, que máximo, hein, filho. Espero que não seja o último. Cuide de sua irmã. Vigie a cada momento e lembre-se que há dois homens de minha confiança de olho em vocês. Caso precisem.

— E vocês? Não estarão de segurança?

— Sim. Os seguranças de nosso anfitrião. Segundo sua mãe, estaremos seguros.

— Isso me parece estranho, pai.

— O que, filha?

— Vê-los sem ninguém da Federal.

— Não vai acontecer nada, Valentina. Pode ficar tranquila.

Ouvimos uma batida à porta. Batidas de uma Sofie ansiosa para sair. Esperariam por eles à porta. Um cinema, jantar e depois iriam a uma boate de uns amigos do Hansi. Mas estavam seguros com nossos homens.

Quando a May veio nos chamar para irmos, ainda tentava tirar o Cairen do banho. Quando ele saiu, fiquei de boca aberta. Estava com uma blusa meia estação preta, que realçava seus olhos, e de

NACIONAIS - ACHERON

calça preta, justa ao corpo. Usava seu perfume marcante, como sempre, que se misturava a loção pós-barba.

Em respeito à May, não mordi seu queixo. Exalava sensualidade por onde passava. Até a pobre da babá teve que piscar duas vezes para tirá-lo do foco quando descemos. Ela pode ter pensado que não vi.

Eu não sou ciumenta... Não sou. Nunca fui e não vai ser agora que vou ser. Sou superior. Todas podem admirar, mas só eu posso tocar. Esse é meu lema.

Na entrada da boate, o Hansi parecia bem mais a vontade do que ontem ou hoje cedo.

— Só vocês, mulheres para nos fazerem sair de casa em dia de jogo. Eu nem sei dançar – ele disse à Angélica.

— Então somos dois. Acho que nasci com os dois pés esquerdos. – O Cairon concordando com o Hansi?

— Se fosse, eles chegariam à uma conclusão – disse o David, bem-humorado. — Eu só sei que eu e meu amor arrasamos na pista, não é, querida?

NACIONAIS - ACHERON

— É verdade. Ninguém dança melhor que você, coração.

— Ave sagrada. Gaby, até quando vai ficar nessa melação? – o Hansi brincou com a esposa do David, ela era muito bonita. Eles se mereciam, era um casal lindo. E pelo jeito não tinham vergonha de expor isso. A todo instante se beijavam, estavam de mãos dadas ou ela sentada no colo dele. E isso não incomodava a nenhum dos outros moradores da casa.

— Para sempre. Fizemos um voto de compromisso, está se lembrando disso, Hansi? Até que a morte nos separe.

Entramos no lugar sem ter que enfrentar filas, e fomos levados para um camarote. Mesmo assim havia muitas pessoas no lugar. Open bar... Os garçons serviam e nós... Bebíamos. E isso foi durante uns vinte minutos. Então descemos para dançar.

— Não se importa que eu esteja pisando em seu pé? – o Cairen gritou para que eu ouvisse.

— Não, meu amor. Te amo assim mesmo.

Depois de tantos anos, é a primeira vez que
NACIONAIS - ACHERON

me lembro de termos saído para dançar. Assim... Em boate.

— Hei, Cairon, experimenta isso. — Ele pegou o copo da mão do David e provou.

— Tem que virar tudo de uma vez. — Com o som alto, mal ouvíamos o que o outro dizia.

Eu só vi o Cairon virando o copo. O que tinha ali devia ser muito bom. E depois desse veio outro e outro até que me aproximei dele.

— O que é isso? — Aproximei-me dele.

— Não faço a mínima idéia.

Continuamos dançando, até que uma garota veio com uma amiga de mãos dadas, e passou entre o Cairon e eu. Abriu um sorriso a ele e ele retribuiu.

— E agora, o que foi isso?

— Não sei do que está falando. Não bebi mais nada.

Levei na esportiva. Eu me referia a garota e ele à bebida. Minutos depois a menina voltou. Mas desta vez ela sorriu sozinha. Ele ficou olhando para mim até que ela passasse. A Angélica e as meninas
NACIONAIS - ACHERON

vendo a situação se aproximaram mais ainda.

— Liara, não liga, essas vagabas são atiradas assim mesmo.

— Mas qualquer coisa estamos aqui para te dar cobertura – a Gaby brincou.

— Tudo bem, eu não sou ciumenta. – Sorri.

Sorrimos e os homens também se aproximaram para continuarmos a dança. Cheguei bem próxima a meu marido e abracei seu pescoço. Beije seus lábios, de alguma forma queria que soubessem que ele era meu, antes de continuar a flertar com meu marido. Saberá agora que ele tinha alguém em sua vida.

— Não precisa disso. A garota nem me notou. Só sorriu por cordialidade. – Mas continuou abraçado a mim.

A noite transcorria calma até o David chamar o Cairen para buscarem uma bebida.

— O que vocês vão querer?

Todos disseram o que queria e eles foram. Demoraram bastante e quando estava quase chegando a mim, não é que a garota veio puxou o

Cairon e o beijou na boca. – Ele estava com as duas mãos ocupadas.

Eu juro que não sou ciumenta, mas isso foi à gota d'água. Parti para cima dela e puxei pelos cabelos. O que ela estava pensando? Não foi um beijo profundo, mas foi um beijo. Dei-lhe um tapa no meio das fuças. Para se enxergar e se colocar em seu lugar.

Enquanto ela recobrava o equilíbrio veio um cara e tentou acertar o Cairon pelas costas, devia ser namorado da garota, se não fosse pela rapidez do David, que lhe derrubou com um soco, teria acertado o Cairon em cheio.

Gente... Que loucura. Onde estão os seguranças quando precisamos deles?

A confusão estava feita. Mulher puxando os cabelos, eu nunca havia visto tanta loucura em toda minha vida.

Eu poderia jurar que o David estava se divertindo. Mas quando três homens brigavam com ele, e o Hansi e o Ben estavam ocupados com outros que queriam entrar. O Cairon entrou na briga. Acho que foi no instinto porque por sim

mesmo jamais ele faria isso. Retirou um cara a socos e ponta pés. Estava abismada olhando tudo de longe. A garota que começou a briga nem mais estava sobre minha visão. Meu Deus... Olha o que a piranha tinha feito.

— Sujou... – alguém gritou.

— Todos parados.

Nunca havia visto aquela expressão no rosto do Cairen. Provavelmente iria querer ir embora agora.

A polícia levou todos os envolvidos. Homens e mulheres. Não ouve quem escapasse.

— Desculpa, meninas... Eu...

— Não precisa se desculpar, Liara, qualquer uma de nós em seu lugar faria a mesma coisa – a Angélica me consolou enquanto éramos levadas para a delegacia.

Estávamos em um carro e os homens em outro. Eu estava morrendo de vergonha. Se fôssemos fichados? Como seria? Minha cabeça começava a girar. Estava muito bêbada.

Elas começaram a rir.

— O David dá a vida por uma boa briga. Como consegue, cunhada?

— May, a gente se acostuma com ele. E ele não briga comigo. — A esposa parecia calma mediante a acusação da irmã do David.

— Por isso desconta nos outros. — Continuavam rindo.

— E em que carro enfiaram aquela piranha? — A Mulher do Ben quis saber.

— Não faço a mínima idéia — disse, sincera. Não tinha visto a mulher mais depois que a polícia chegou.

— Se estiver no carro dos homens, eu mesmo a mato. — A Angélica parecia brava.

Quando chegamos à delegacia, descemos e nos encontramos na sala em que esperávamos o delegado.

— Amor... — Ele me virou e me colocou em sua frente.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou em meu ouvido.

O delegado chegou e assim que viu a família,
NACIONAIS - ACHERON

suspirou fundo.

— Irmãos Reinerckes... Achei que haviam se aposentado de vez. — Ouvíamos as conversas, e permanecíamos encostados à parede no fim da sala.

— Não foi culpa nossa, desta vez. — O Hansi tentou explicar.

— Claro. Nunca é! Mas vejam que coincidência, quando vocês decidem sair de suas casas para irem a qualquer lugar, sempre acontece uma briga.

— Coincidência mesmo. — O David tomou parte na conversa.

— A gente pode explicar, doutor. — O Ben me parece o mais sensato de todos. Meus irmãos não mentem desta vez. Estamos com visita e uma garota agarrou o marido da nossa hospede. Eles são brasileiros.

— Não quero saber. Vão passar a noite aqui. Os nove. — Apontou para nós. E nem adiantam chamar aquela comissão de advogados que vocês possuem. Que já deve ser por esse motivo mesmo. Sargento... — O Policial se aproximou. — Prepare as suítes porque vamos receber a família NACIONALIS - ACHERON

Reinerckes e convidados.

Senti algo se movendo atrás de mim... Duro... Não podia ser. O Cairon? Não acredito.

— Estou excitado – ele cochichou em meu ouvido.

— Estou vendo. Aliás, sentindo.

— Quero fazer amor com você.

— Agora não dá. Não vê que estamos meio que “presos”, meu amor.

— Mas estou muito excitado. Nunca fui preso. Eu sou a lei. Só mando prender. – Ele mordeu minha orelha. Que ninguém visse isso, meu Deus. Começou a me puxar contra ele.

Eu tentava sair mais ele não deixava. Começou a querer morder meu pescoço até que me soltei de seu abraço e olhei brava para ele.

Olhamos para frente e a família estava retirando os documentos das bolsas para dar entrada na detenção por desordem.

— Preciso ir para casa, amor – ele reclamou, alheio a toda a merda em que estávamos.

— Todos nós queremos... – Falávamos baixo porque o delegado conversava com os irmãos que ainda tentavam se explicar.

— A culpa não foi nossa...

— Isso eu já entendi. Vocês dois aí... Os documentos – o delegado pediu, eu peguei minha bolsa e tirei minha carteira, o Cairon começou a procurar por um documento. — Isso mesmo. Temos a noite toda.

O Cairon me entregou a carteira, mal se aguentando ficar de pé. Voltou a se encostar-se à parede. Assim que o delegado tomou consciência das nossas identidades, até o sarcasmo que ele vinha mantendo na voz desapareceu.

— Um juiz e uma advogada. Como convidados da família Reinerckes? – Ele pediu que o Cairon se sentasse diante dele. Ele caminhou com firmeza e fez o que o delegado disse. – O senhor está liberado. Pode ir com sua esposa. Os irmãos vão ficar aqui comigo.

O Cairon guardou a carteira no bolso.

— O senhor aceita um café? – O Homem estava sendo gentil?

— Sem açúcar, por favor. Eu não sei o que foi que eu bebi. Na hora parecia gostoso, mas agora me deixa totalmente fora de mim.

Ele fez mesmo sinal para o policial que pouco depois chegava com uma xícara de café. O Cairon tomou o café e olhou para ele.

— Não dá para liberar o pessoal? Não tem como eu e minha esposa irmos para a casa deles, se não estiverem lá, não é mesmo? Melhor do que ninguém eu sei que erramos, mas a culpa realmente não foi nossa. Foi da mocinha que também havia bebido além da conta. Ela só me deu um selinho, coisa boba... Mas mulher o senhor já viu, né? É casado?

— Sou, e inclusive minha esposa fica furiosa quando tenho que sair no meio da noite.

— Então...

Então que neste momento parecia que o pelotão de choque entrava na delegacia. O tenente da PF que estava conosco, dando explicações e apavorado com a situação.

— Não precisava ter se dado ao trabalho. Eu acabava de liberá-los. — Estendeu a mão para o

NACIONAIS - ACHERON

Cairon e sorriu. — Bom conhecê-lo. Difícil de entender essa amizade, entre um juiz, e os irmãos. Mas foi uma oportunidade de nos conhecer — ele disse baixinho perto do Cairon enquanto nossos anfitriões saíam.

— O Senhor diz isso por que... São perigosos?

— Não... Arruaceiros... Brigões. Mas no mais... São ótimos. Eu não iria deixá-los aqui mesmo, mas fica entre nós. — Sorriu.

Quando entramos no carro, o silêncio pairava. Ninguém dizia uma palavra sequer. Até que o Cairon explodiu em uma gargalhada. Ninguém entendeu, mas todos riram. Começou tímido, mas depois todos davam gargalhadas.

— Eu sempre prendi as pessoas. Nunca fui preso em toda minha vida. Nem briguei à toa. Quando meu pai souber disso, não irá acreditar. Ser preso depois de velho.

— Não foi à toa, seu... Seu... Foi um beijo na boca. Sabe o que isso significa? — Eu queria beliscar o Cairon.

Tudo que dizíamos era motivo para que ele risse. Até o Hansi parecia aliviado. Mais tranquilo.

Na casa dos Reinerckes, as crianças se encontravam dormindo. Nos despedimos e não foi fácil levar o Cairon para cama. Antes de subirmos ele cumprimentou a todos.

— Obrigado a todos vocês por esta noite. Nunca havia me divertido tanto.

— Se tivesse mostrado sua carteira antes, talvez nem tivéssemos ido até lá. — O David sorriu.

— E não teria tido graça.

No quarto ele parecia bem melhor.

— Que droga forte aquilo que o David me deu. Preciso saber o nome. — Esse realmente não era meu marido.

— Vou tomar um banho.

— Não senhora. Venha aqui.

— Cairon, não estou de graça com você.

— Amor, não foi minha culpa.

— Claro que foi. Vestiu-se pensando em provocar a mulherada. Seu...

— Sua linda. — Ele me beijou. — Quero brincar com você. — Mentira, gente... O Cairon era

sempre tão certinho.

— Brincar?

— É, brincar.

— E qual seria a brincadeira?

Ele foi me levando até a cama... Retirando minha roupa.

— Não pode dizer duas palavras...

— Só?

— Só. Não pode dizer "um", e nem "ai".
Topa?

— Vai ser fácil. E o que se ganha e o que se perde?

— Se você ganhar, você me pede algo e eu farei. Qualquer coisa. E se eu ganhar a mesma coisa.

— Algo como?

— O que você quiser... De sexo a joias ou carro. O que quiser. Tinha algo errado nessa brincadeira, mas como ele não era de brincar, eu aceitei.

Ele me deitou sobre as cobertas e terminou de
NACIONAIS - ACHERON

tirar minha roupa. Fiquei nua diante dele, como tantas vezes aconteceu durante esses anos. Mas ele estava ainda com sua roupa preta. Abriu minhas pernas, só nisso minha respiração já ficou entrecortada.

— Quais são as palavras que não pode dizer?
— ele perguntou, querendo reforçar o que havia dito.

— “Um” e “ai”.

— Já perdeu.

— Não, Cairon, não valeu. Achei que queria saber que eu tinha entendido.

— Tudo bem, então. Vamos lá... — Ele se abaixou e começou a beijar minha barriga. Desceu. Ele foi com sua língua quente e tocou bem dentro de mim. Gemi no mesmo instante.

— Hummmm...

— Eu disse que não podia dizer.

— Não disse nada, só gemi. — E antes que eu terminasse de me explicar, ele mordiscou meu clitóris, me levando a loucura.

— Ai... — Não acredito que eu disse. — Não... Não valeu.

PERIGOSAS

— Claro que valeu e eu já sei o que eu quero.

— Cairon, foi premeditado tudo isso.

— Não foi. — Ele continuou sugando, e sugando. Eu não consegui contestar mais nada. Sua boca, sua língua e seus dentes trabalhavam em prol de minha plena satisfação.

Quando sentiu que eu estava bem excitada, entrou em mim. Fazendo-me dele, mas se fazendo meu ao mesmo tempo.

— Sua louca. Não há espaço entre nós para mais ninguém.

— Então me ama — supliquei.

E ele fez. Tão forte, tão guloso, que eu estava até assustada. Habitualmente era tão tranquilo, e nunca fora bruto ou algo assim., mas hoje, especialmente hoje, estava selvagem. Quando me segurei às cobertas, sabendo que estava próximo a terminar, afundou o rosto em meu colo e também explodiu dentro de mim. Geralmente, quando tudo acabava, exaustos, deitávamos abraçados e ficávamos conversando até o sono vir ou levantávamos para tomar banho.

NACIONAIS - ACHERON

— Satisfeita? – Até isso estava sendo diferente.

— Muito.

— Posso pedir meu prêmio agora?

— E o que seria?

Ele me virou e prendeu meus braços para trás.

— Quero penetrar você por aqui. – Ele levou os dedos até meu ânus, fazendo com que um calafrio percorresse meu corpo. .

— Está louco! Só pode. Conversamos sobre isso um dia. Não de não fazermos, mas concordamos que era dolorido. Então havia pensado que o assunto havia morrido.

— Eu serei carinhoso. Te prometo. Você me deve isso. Perdeu a brincadeira. Eu sempre cumpro o que prometo.

— Eu não sabia o que iria pedir. Achei que era algo fácil.

— Relaxa, amor. Se não relaxar dói mesmo, mas se relaxar, será delicioso para os dois.

— Se doer você vai parar? – Estava com

medo, mas ao mesmo tempo estava ficando excitada com a conversa e com o peso dele sobre mim.

— Te juro. — Eu não duvidava. Empinei o bumbum e fechei os olhos, esperando pelo pior. Mas o carinho era próprio do Cairon. Quando soltei alguns gemidos, um pouco mais alto, ele tampou minha boca. A dor era terrível, mas ele não entrou de uma vez e nem ao menos entrou tudo. Ficou brincando ali um pouco e depois voltou a me penetrar normalmente e me fez terminar novamente.

— Nunca mais! — sussurrei, aninhada em seus braços.

— Não diga isso. Foi tão ruim assim?

Não tinha sido, mas também não foi a melhor experiência que se pode ter.

— Você até gostou.

— Gostei na hora. Agora está doendo.

— Amanhã eu compro algo para tirar a dor.

Não dei resposta. Só fechei os olhos. Um dia na casa dos Reinerckes e estava agindo como um

louco. Essa é a primeira impressão que eles passam. Uma família estranha e louca. Mas agora eles pareciam do bem. Ao menos são gentis, atenciosos e acolhedores.

Dormi nos braços do meu marido. Embora estivesse diferente, eu queria que ele continuasse por ali. A cidade, aquela casa, e até mesmo aquelas pessoas, faziam bem a ele.

Vinte e três



Cairon

Quando dormi ontem, depois de toda nossa aventura, tudo que eu esperava era uma tremenda dor de cabeça. Por isso devia abrir os olhos devagar. Tentando localizar o ponto central da dor. Durante toda minha vida eu sempre fui atento e nunca havia perdido a linha. Mas ontem...

NACIONAIS - ACHERON

Senti como se alguém me observasse. Sabe aquela sensação que você tem e mesmo com os olhos fechados você sabe que alguém está por perto? Quando abri os olhos o Benjamin estava me olhando de muito perto.

— O que foi, filho? Que susto!

— Estamos preocupados! Vocês não desceram para o café, e agora vamos almoçar. Pensei que tivesse sentindo-se mal.

— Estou bem. — E estava mesmo. Melhor que imaginava. A tão temida dor de cabeça ainda não havia se manifestado. — São que horas?

— Quinze e vinte.

— O quê? — Quase pulei da cama. — Eu dormi tudo isso?

— Não só você. — O olhei ao meu lado e entendi o que dizia. — A mamãe também! — A Li dormia tranquilamente, sem dar sinais de que acordaria. Seu jeitinho moleca era o mesmo de quando a gente se conheceu. Dormia enrolada às cobertas, bem no cantinho da cama.

Ela devia estar exausta, uma vez que ontem eu

sentia uma excitação fora do normal. Ontem? Só de me lembrar, meu ânimo começava a voltar. Puxei os lençóis para que meu filho não me visse em situação crítica.

— Não acha melhor chamar a mamãe? — Pensei que ela poderia ainda estar dolorida pela nossa experiência. E não seria bom que nosso filho presenciasse a bronca da mãe, caso ela acordasse disposta a me matar.

— Não! — Vendo que a minha voz teria saído mais forte que o desejado, limpei a garganta e pedi ao Benjamin que descesse. Prometi que em poucos minutos estaríamos reunidos a eles.

— A Valentina saiu com a Sofie e as primas dela. Os adultos da casa começaram a acordar agora. — Acho que ele estava meio perdido, sozinho na casa a maior parte do tempo. Então antes de sair me deu as informações.

— A Valentina saiu só com as meninas?

— Sim. Ontem alguma coisa não estava bem entre o George e o Jhosuáh, primo dele. Acho que andaram brigando.

Depois de me passar todos os detalhes, ele
NACIONAIS - ACHERON

desceu. Fui até a porta e a tranquei. Pensei no perigo que passamos a noite deixando de trancar essa porta.

— Amor... — Beijeí sua orelha.

— Hum... — Ela segurou as cobertas ainda mais no corpo.

— Já passou da hora de acordar. Vem... Vamos tomar um banho para descermos, senão vão falar de nós.

Com muita preguiça, abriu os olhos e se arrastou para fora da cama. Fiquei observando seus movimentos manhosos. Eu poderia devorá-la agora mesmo. Mas acabei me contendo. Não estávamos em casa, e precisava me policiar mais. Depois de quinze anos nos acostumamos com a pessoa. Não quero mais viver assim.

— Quer que eu te leve nos braços para o banho?

— Não, Cairen. Estou toda dolorida, não sei nem como vou olhar no rosto dos meus filhos e nem das pessoas desta casa.

— Liara... Acha que eles vão saber o que

fizemos? Isso é nosso. Muito íntimo. Não sairei por aí contando às pessoas o que se passa entre nós. — Ela me olhou com expressão séria, eu percebi que era melhor parar de brincar.

Tomamos banho. Tentei ser o mais gentil possível enquanto passava o sabonete por seu corpo. Depois a encostei em mim e ficamos debaixo da água.

— Vamos, amor. Não queremos passar vergonha. — Nos vestimos e descemos.

Ainda não estavam à mesa. Chequei o relógio da parede e depois o meu de pulso, para ver se era verdade. Dezesseis horas. Não tínhamos costume de almoçar tão tarde assim., mas pela janela dava para ver que havia uma mesa ainda com café, que devia ter sido preparado com todo carinho para nossa manhã, à beira da piscina. Como havia sido feito ontem.

— Boa tarde, mãe e pai.

— Boa tarde, filha. Divertiram-se ontem?

— Nos divertimos sim, mas dizem que vocês se divertiram mais. Que chegaram até a serem presos.

— Não chegamos a ser presos. Fomos levados até a delegacia e a culpa foi da sua mãe, que depois de todos esses anos deu para ter ciúmes. Pode isso?

— Mãe? Você?

— A moça beijou seu pai na boca. – Ela levou a mão até a cintura.

— Pai? Você?

— Para com isso, Valentina. Vamos almoçar e pronto.

Durante o almoço, comecei a observar que a Valentina estava mais animada e comentei com a Liara sobre.

Ela disse que provavelmente a filha estava começando a se enturmar, uma vez que estávamos vendo-a conversar com primo do George toda sorridente.

— Jhosuáh o nome do garoto, Cairon – a Li respondeu quando comentei com ela.

Fiquei observando que enquanto eles conversavam animadamente, o outro garoto, o George, observava minha filha, todo cheio de marra, igual ao pai. Tomara Deus que a Valentina

não tivesse aprontado nada. E muito menos este garoto houvesse feito algo à minha filha.

O Almoço terminou com a gente dando muitas risadas do ocorrido de ontem. Ouvindo o Hansi bravo, porque eu não havia me identificado mais rápido e ao fim do almoço ele conduziu os homens para sua biblioteca, enquanto as mulheres se arrumavam para irmos dar uma volta no shopping.

Se fosse outra situação eu teria simplesmente odiado a idéia de ir ao shopping. Mas eu estava interessado em comprar umas roupas novas, e também ver se encontrava algum salão onde pudesse cortar o cabelo. Quando entramos na biblioteca, logo o David brincou.

— A noite foi boa, não foi, gente?

— Não por sua conta – resmungou o Hansi.

— Ah, vai. Eu descolei para vocês aquela bebida que o garçom só faz para mim.

— Aquilo é um perigo. A May fica furiosa quando tomo aquela droga que você consegue sabe-se lá com que diabo.

— Mas vocês continuam a querer.

— É... Não podemos negar que de certa forma é muito boa. – O Marido da May parecia se dar muito bem com os cunhados. Nunca tive essa experiência por não ter tido irmãos e nem ao menos a Liara. Tudo era novo para nós. Minha relação com o Murilo apesar de muito amigos e íntimos até, não chegava aquele ponto.

— Foi aquilo que me deu? – perguntei a ele. Eu nunca havia me sentindo tão... Tão... Relaxado. E excitado também. Pronto. Sentia-me vivo. Aceso. Como há muito não me sentia. Como nunca havia sido. Meu pai foi um homem muito reservado, e eu me sentia na obrigação de ser como ele.

— Sim! É uma bebida produzida aqui na Alemanha. É um licor aromatizado, deve ter no mínimo catorze diferentes ervas. Qual sua opinião? – O David estava mesmo querendo saber sobre minha vida particular através de perguntas “sem propósitos”.

— Não me faça perguntas indecentes. Sabe bem o efeito e mesmo assim me deu e não me preparou sobre o efeito.

— Não tinha nada demais, é afrodisíaco, mas

só tira para fora nossos desejos mais profundos. Nada demais. Posso apostar que não lhe deu poderes mágicos. Só despertou algo adormecido. Ou teria acontecido algo anormal? Saiba que poderá compartilhar com a gente. Aqui somos todos amigos. – Mas que merda era essa agora? Não éramos moleques falando das primeiras namoradas. - Eu, por exemplo, adoro saber as experiências de outras pessoas, e não me importo de revelar algumas que vivo com minha esposa. – Se ele não falasse, eu nem teria percebido que é um desavergonhado. — Vai ficar na vontade. – Sentei-me e tomei o resto do licor que estávamos bebendo. E acabei sendo salvo daquela biblioteca, quando a Angélica veio nos apressar para o passeio.

A caminhada até o local foi produtiva. Pela primeira vez o Hansi e eu mantínhamos uma conversa sociável e quase amigável.

Ele falou dos projetos. Do novo hospital em que o Ben estava à frente. Mas não tocou nada sobre o pessoal. Eu fui um bom advogado e com jeito consegui extrair algumas informações sobre eles. Mas nada muito significativo.

No shopping, o David me levou a um salão de
NACIONAIS - ACHERON

um amigo deles, que era anexo a uma boutique masculina. Ali eu cortei o cabelo - um corte mais moderno -, e comprei algumas roupas, enquanto esperava minha esposa e as demais mulheres.

— Nosso apartamento não é tão grande como a casa de vocês, mas sintam-se convidados a vir nos visitar quando quiserem. Teremos prazer em retribuir o cuidado que estão tendo com a gente. — Falei de repente, surpreendendo a mim mesmo.

— Vamos ao menos duas vezes por ano, para o aniversário da filha de nossos amigos e para o aniversário deles de casamento. Quem sabe em uma dessas viagens não façamos uma vista? Com certeza as mulheres se incumbirão disso. Obrigado por ter nos convidado.

— Na verdade eu agi um pouco de forma egoísta. Estava pensando no sofrimento que estava estampado no olhar do George. Mas ao que parece não foi a melhor coisa, uma que o Jhosuáh não sai de perto de sua filha. Eu queria entender minha filha. Uma hora morria de amores pelo tal George, e agora...

Antes de embarcarmos, eu havia feito uma

promessa a mim mesmo. Não ficaria de marcação com ninguém. Só interviria se visse que era preciso. Seria um pai mais moderno.

E até agora tudo parecia calmo. Se bem que nem tudo que parece é.

Vinte e quatro



Liara

— Não quer aproveitar e comprar alguma lingerie para essa noite? Posso te ajudar a escolher.
— Ele se aproximou e cochichou em meu ouvido. Tenho quase certeza que a Angélica viu meu olhar, quando o encarei.

— Eu não sei o que deu em você. — Me afastei e me virei. Não... Este de fato não era meu marido. Nunca havia cortado o cabelo de forma tão... Tão jovial. E com sacolas de boutiques? Até sua forma de vestir estava diferente. O que essa família havia feito com meu marido? Não que eu estivesse

reclamando da noite que vivemos. Poderia me acostumar com ele. Só preciso entender se tudo isso era efeito da bebida ou efeito de alguns dias sem a pressão do trabalho ou das ameaças sofridas.

— Vamos ser sinceros. Está chateada comigo?
— Ele colocou o braço acima de minha cabeça, me colocando contra a parede. — Nunca nos permitia ter demonstrações de carinho ou afeto diante das pessoas. E agora queria falar sobre nossa vida particular em uma loja de shopping?

— Não estou... Estou só...

— Eu te disse que queria, mas, não queria que fosse obrigada a fazer o que não queria. E agora fica com esse jeito, todo... — falava baixinho para que ninguém ouvisse.

— Não estou com jeito de nada, Cairon... — repeti no mesmo tom. — Você é que está com atitudes que não nunca havia visto. Só isso. Mas não estou reclamando. E nem estou brava, só... Curiosa.

— Curiosa como?

— Oh, Juiz... Vamos lá. O David chamou o Cairon, que sussurrou que mais tarde
NACIONAIS - ACHERON

conversaremos, o que me deixou mais preocupada.

Caminhamos mais algumas lojas e não os vimos mais. Iríamos nos encontrar no estacionamento.

— Mãe...

— Sim, filha?

— Viu o Jhosuáh?

— Não, não vi. Mas até gostaria de falar com você sobre isso. Acha que não notei que está usando o Jhosuáh para causar ciúmes no George?

— Ele bem que mereceu. Mas não acredito que esteja com ciúmes. Ele está ficando com essa garota. Aquela menina que estava na casa deles quando nós chegamos.

— Mas a vimos somente no primeiro dia. Desde o dia seguinte à nossa chegada, não a vimos mais. Não acha isso estranho?

— Não sei, mãe. Só sei que o Jhosuáh é muito legal, e o George não é nada do que pensei.

Minha filha estava passando por sua primeira desilusão. Tinha pena, mas não podia fazer nada. Cada um vive e carrega suas próprias marcas.

NACIONAIS - ACHERON

Dois dias antes de nossa partida, na quinta feira, dia amanheceu simplesmente perfeito. Só o sono que tomava conta de nós. Na noite anterior, nós tivemos bastante movimentação com um jantar promovido pelos jovens.

E a sexta chegou e precisávamos nos preparar para voltarmos para casa. Quando abri meus olhos, o Cairen não estava mais na cama. Nem no banho. Simplesmente havia me deixado sozinha dormindo.

— Bom dia! — Encontrei com a Angélica.

— Bom dia, querida. Venha sentar-se com a gente e tomar seu café. — Olhei à procura da minha família e logo o Benjamin vinha em minha direção.

— Bom dia, mãe!

— Bom dia, meu amor! Onde está sua irmã?

— Dormindo ainda. Ontem chegamos tarde. — Eles tinham muito mais pique que nós. Após o jantar ainda foram a uma festa. — Ela desmaia naturalmente, imagina quando cansada — brinquei com ele.

— E seu pai?

Quem respondeu foi a May.

— Eles saíram para correr.

— Eles?

— Todos foram, menos o Hansi, que mantém uma preguiça nata dentro de si. — A May se sentou conosco.

— Não falem do meu marido. Tudo calúnia. — Elas ficaram rindo porque se conheciam melhor e devia haver alguma piada interna.

Ficaram observando alguns dos filhos que estavam à beira da piscina. Mas só tomando café. Ninguém havia mergulhado.

— O Jhosuáh me acordou às sete da manhã. — Ah... A May falava comigo e eu quase não entendi.

— Nossa...

— Está encantado com sua filha. Disse que a Valentina é uma menina muito inteligente, doce.

— Doce? Será que não se confundiu? — brinquei com ela.

— Só elogios. Eles são da mesma idade, me parece. Ele é dois anos mais novo que o primo, o George. — Eu sabia a qual primo ela se referia. Embora tivesse mais dois garotos na casa, diante do
NACIONAIS - ACHERON

George e do Jhosuáh passavam despercebidos e também não eram bem adolescentes ainda. Eram mais novos. A beleza deles era algo de família. Todos eram muito parecidos, mas o Jhosuáh provavelmente não era filho de alemão. Ele era um pouco mais moreno que os outros garotos, mas manteve os olhos claros da mãe.

— Está tudo bem, Liara? — A Angélica retirou os óculos e me olhou. Certifiquei-me que o Benjamin estava afastado o suficiente, para falar.

— Está sim. — Mas na verdade estava muito preocupada com a confusão que poderia estar sendo armada pela Valentina. Ela não gostava do Jhosuáh, gostava do George. Esse foi o motivo de toda desavença dentro de nossa casa no início do ano passado. - Só estava pensando na disposição que meu marido conseguiu por aqui. Andava cabisbaixo e pensativo e olha, até saiu para correr mesmo tendo dormido muito tarde. — Acabei tendo que desviar o assunto da Valentina.

— E eu não queria alimentar sua paranoia não... Mas se no sábado estava morrendo de ciúmes e seu marido realmente é muito bonito e atraente, se o tivesse visto sair para correr, no mínimo estaria

enfartando nesse momento. — Elas riram.

— Eu juro a vocês que não sou ciumenta.

— A gente viu. Mas hoje ele estava todo perfumado, com uma roupa azul. — Olhei no celular.

— Eles não vão voltar! Nem mesmo ligar, Liara. Mas, fique tranquila, que os rapazes protegem o Cairon das meninas atiradas.

— E quem protege os rapazes? — brinquei.

—A consciência deles, na certeza de que se algo acontecer nós os mataremos.

A Conversa tomou outro rumo, mas meu pensamento permaneceu no Cairon. Até me lembrar do livro. Perguntei sobre o Livro e a Angélica me explicou sobre o projeto. Sobre as amigas. Foi onde descobri que havia um livro também sobre a mãe da Anne. E isso me deixou tremendamente envergonhada. Minha filha era amiga da filha da tal Kaline, e eu nunca ouvira sobre esse tal livro. Havíamos até mesmo nos esbarrado no colégio por diversas vezes.

Elas resumiram um pouco da história da

família, como se conheceram, os porquês de morarem juntos, que seria decisão do Hansi, por se sentir responsável por todos. Falaram sobre os negócios da família, e as profissões. E a conversa ainda poderia ir longe se a Valentina não tivesse chegado.

— Bom dia! Bom dia, mãe!

— Bom dia, meu amor. — Ela me deu um beijo, e parecia mais animada que os dois dias em que estávamos aqui. — Se divertiram ontem?

- Ah sim! Foi muito bom. O Jhosuáh não me deixou em nenhum momento. Nós dançamos muito, falamos sobre vários livros que lemos em comum... Foi muito divertido.

— Não há algo de errado, filha?

— Não. Acho que agora está perfeito. — Ela colocou os óculos e sentou-se próxima a nós.

Hoje usava biquíni, como as outras garotas, e havia prendido o cabelo com uma caneta. A Valentina não dá um ponto sem nó. Ela se esquece de que a conheço desde bebê. Está aprontando algo. Olhei para a piscina e o George ainda estava com o título de emburrado do dia. Estava olhando para

NACIONAIS - ACHERON

nós e quando percebeu que eu olhei desviou o olhar. Ela estava usando o primo para fazer ciúmes no George. Claro, ela não iria querer namorar um garoto que era da sua idade ou até meses mais novo que ela.

— E o George, Valentina? – disse em tom baixo para não ser ouvida pelas mães.

— Não tenho notícias. Por que está se preocupando com ele? Eu que sou sua filha. Não ficou chateada com ele ao saber tudo que me disse?

— Claro que fiquei. Mas também ficarei chateada com você se usar o primo para fazer ciúmes no garoto. Isso não é legal. E não por você e pelo George, mas pelo pobre do Jhosuáh que poderá sofrer quando souber disso. E também pela situação em que deixará as duas mães.

— Eu não estou fazendo isso.

— Claro que está. E vai parar agora. – Tomei um tom mais autoritário.

— Somos só bons amigos. – Ela retirou os óculos e me olhou profundamente. — Eu disse a ele sobre o George.

— E por que ainda está este clima? Olha para o George... – Ela olhou e sorriu.

— Eu estava assim nos primeiros dias e ele nem se preocupou. Pelo contrário. Estava se divertindo muito com aquela...

— Valentina... – Interceptei suas palavras.

— Valentina, vem... Vamos à clínica da minha mãe levar o Benjamin para conhecer. – A Sofie gritou e ela se foi.

Todos os jovens começaram a sair. E quando se viu sozinho, o George se levantou e saiu atrás deles.

— Que idade complicada. – A Angélica sentou-se mais perto de mim, no lugar de onde a May acabara de sair.

— Eu que o diga, com dois na mesma idade.

— Mas eles parecem tranquilos.

— São sim. Tirando aquela crise do começo do ano passado com a Valentina, eles são uns amores. Apenas passando pela pior fase da vida, que é a adolescência.

— Minha adolescência não foi minha pior
NACIONAIS - ACHERON

fase. Eu beijei muitos garotos legais e determinei o que gostaria de ser. E foi a partir da minha juventude que eu comecei as piores fases da minha vida. Fui abandonada no altar. Casei-me no mesmo dia com um homem que era um amor, mas que era tremendamente apaixonado pela filha da empregada. Fiz uma inseminação artificial e acabei perseguida pelo pai do bebê. E aqui estou. Morei no Brasil dois anos escondia do Hansi. Não gosto de nem de me lembrar de tantas coisas que passei em minha vida. Por isso prezo cada minuto de tranquilidade que posso desfrutar.

— O Cairon leu seu livro. E eu quero ler. Vou começar durante a viagem.

— Na verdade o projeto são três livros. E, antes de irem, eu lhe darei os três. Assim poderá entender porque nos reunimos sempre ou na casa da Kaline, ou na casa da Helen.

— Pelo jeito é uma amizade muito intensa e bonita, a de vocês.

— É sim. E são histórias de lutas e sofrimentos também. Não pense que vai encontrar só coisas doces nos livros. E na minha em especial,

tudo o que fiz indo para o Brasil foi diretamente ligado ao George. O Hansi o queria e eu também. Até que chegamos à conclusão que teríamos que ficar juntos.

— Que bom que chegaram a essa conclusão.

— Por isso o Hansi e eu decidimos pedir que viessem. O George passou um ano praticamente trancado em casa. E mesmo você o vendo assim emburrado pelos cantos, pode ter certeza que é melhor do que estava. Escreve cartas à Valentina, e não chega a levá-las ao correio. Nem envia mais e-mail. Só estuda e agora se dedica ainda mais ao português. Então achamos que era hora de intervir. Ela completará quinze anos em breve, e quem sabe...

— Por mim, não vejo nada de errado. Nosso problema é o Cairon. Ele a vê como uma bebezinha e eu até entendo. Não queremos que ela comece a se machucar tão cedo, e como não os conhecíamos também, não tínhamos certeza que o George fosse o melhor para ela naquele momento. E a Valentina agora... Só agora está tendo mais consciência, mas acho que na cabecinha dela, ela pensava que o George iria chegar aquele dia e como um

NACIONAIS - ACHERON

cavaleiro de armaduras a levaria embora para longe e morariam em um castelo de algodão doce.

Ela riu, mas eu falava sério. Se tivesse namorado antes, hoje poderiam estar separados para sempre.

— Só agora estou reconhecendo minha filha novamente. O pai sofreu muito com tudo que vivemos e ainda não conversamos sobre namoro.

— O Hansi vai conversar com ele.

— Tomara que tenha mais sucesso desta vez.

— Nós fazemos qualquer coisa pelo George. É o melhor garoto da face da terra. Não é porque sou mãe, mas...

— Mas ela está magoada com ele. Ele enviou um e-mail para ela nos dias de virmos, disse coisas que a chatearam, por baixo daquela menina durona, existe uma menina delicada e acima de tudo... Apaixonada.

— Meu filho é igual ao pai, Liara. Para que tenha uma noção, o Hansi levou meses para dizer que gostava de mim e além do mais queria de todo jeito me tomar o George, e na cama... — Ela parou e

depois sorriu. — Deixa pra lá. Agora imagina meu filho morando com homens que resolvem tudo com suas próprias mãos, e são brutos e não muito românticos. Não tive muito que fazer. Até mesmo nossas filhas não são delicadas, não sei se reparou a Sofie e as garotas, mas elas mesmas resolvem seus problemas. Ele não está acostumado com meninas delicadas, Liara. Desculpe-me, vou falar com ele.

— Também vou conversar com ela, mas agora o que mais me preocupa é...

Eles chegaram. Todos muito bonitos, mas o Cairon estava em destaque realmente. Diante de tantos homens loiros, ele se destacava visivelmente e depois de tanto tempo juntos, foi como se eu nunca o tivesse visto.

Eu o amava e... Era ciumenta sim. Ele era meu.

Bônus – Valentina



Quando chegamos a clínica da Angélica, fiquei encantada. Quanta modernidade. Se não fosse meu objetivo em um dia ser como meu pai, eu até optaria por ser fisioterapeuta.

— Minha tia hoje quase não atente ao público. Não aqui. Reservou esse local ao atendimento aos profissionais do esporte. Mas ela atende no hospital do meu tio.

— Jhosuáh, não acha melhor eu mesmo contar sobre a clínica da minha mãe à Valentina? Talvez ela queira saber mais detalhes. E eu, melhor que ninguém, poderia fazer isso. — O George praticamente fuzilava o primo. Se sua intenção era me intimidar, havia se dado mal. Não estava nem um pouco assustada.

— Acho que o Jhosuáh está se saindo muito bem. Não preciso de informações para um estágio.

— Mas agora ele vai me deixar conversar com você. Quero te mostrar uma coisa. — Apenas tomou minha mão sem esperar pelo consentimento do primo e saiu me arrastando, deixando o Jhosuáh ali parado.

Pelo caminho encontramos o Benjamin, que

tentava ganhar um autógrafo de um famoso jogador que era atendido pela Angélica. Aproveitando-se do encanto dos demais pelo astro, o George me levou para longe.

— Onde estamos indo? — Entramos no elevador e ele apertou o botão do terceiro andar. A Clínica era enorme e muito bem equipada. Chamava-se "Angels", que lembrava Angélica. Mesmo insistindo em saber nosso paradeiro, ele continuou caminhando, quebrando o silêncio apenas quando teve certeza de que estávamos sozinhos.

— Está ou não, ficando com o Jhosuáh? — Parecia bravo de verdade. Mas eu também estava e ponto final. — Não é da sua conta, George. Já conversamos sobre isso. Você tem sua namorada e...

— Que droga — me interrompeu. — Ela não é minha namorada. — O Elevador se abriu, então entendi que ali devia ser o terraço.

A vista era magnífica, mesmo não sendo um prédio alto. Atrás da Clínica havia uma praia maravilhosa.

— Que delícia aquele lugar. — Parecia mágico.

— Ouviu o que eu disse? Ela não é minha namorada. — Agora demonstrando mais calma, poderíamos conversar. — Eu não devia ter mentido para você e nem dito tudo o que disse. Só achei que...

— Que eu estava morrendo de amores por você e que ficaria correndo atrás de você o tempo todo? Que encontraria aquela menina boba do começo do ano que achou que fôssemos o par perfeito?

— Não sei o que pensei, mas estou arrependido. Eu gosto de você, Valentina! E me desculpe — Tocou meu lábio. —, por ter mordido você. — Aproximou-se a ponto que tive que me afastar. Se o Benjamin nos visse, com certeza contaria ao meu pai.

— Tudo bem. Não tem importância. Amanhã iremos embora mesmo. — Uma tristeza tomou meu coração. Eu não queria partir deixando essa situação constrangedora entre nós.

— Mas não quero que você vá pensando que não gosto de você.

— Tudo bem, George! Sei bem o que pensa de mim. Não daria certo mesmo. Sou mimada e se meus pais me cercam de cuidado e segurança, e isso me faz ser filhinha de papai, eu sou mesmo. E não gostei em nada de ter me mordido. Agora me deixa voltar para junto dos outros, o Benjamin pode contar ao meu pai.

— Ele não vai dizer nada. — Passou a mão em meu rosto e eu fechei os olhos. Voltar para casa parecia o mais certo até dois minutos atrás, e agora pensava não ter sido uma boa ter mostrado tanto interesse em partir aos meus pais. Foram segundos que meu coração se amoleceu, depois me lembrei das palavras do George no e-mail e voltei à realidade. — George, para. Meu pai não vai gostar.

— Na casa da Anne não pensou isso.

— Não estamos na casa da Anne. E nem sou mais a mesma menina. Fiz muitas coisas idiotas nestes últimos meses e não quero brigar com meu pai novamente, agora que ele está se recuperando de tudo.

Acho que ele não me ouviu, porque me beijou.

Eu o havia beijado na casa da Anne. Foi um

selinho, lógico. Uma brincadeira de criança, que não me dava o direito de pensar em namoro. Também havíamos nos beijado no quarto da Sofie, o que na verdade não havia sido um beijo. Gemi quando comprimi meus lábios ainda feridos. Uma coisa havia permanecido dos três encontros: o gosto de sua boca.

E agora era oficial. Meu primeiro beijo.

Naquele momento, nada existia mais e nem me importava. A única coisa que era de fato importante, era nós dois. Meu coração batia descompassadamente, numa explosão de sentimentos.

Ele tinha os olhos muito mais bonitos que eu pudesse me lembrar. Quando ele os abriu, me afastei um pouco e quase caí. Então, carinhosamente me abraçou.

— Podíamos ter aproveitado muito mais. Desculpe-me. E o Jhosuáh?

— Só ficamos amigos. Ele gosta muito de você. Disse que são praticamente irmãos.

— Isso mesmo. Mas eu fiquei com raiva dele estes dias. Achei que ele estava gostando de você.

— Precisamos ir. Devem estar nos procurando. — Tentei me afastar dele, mas segurou minha mão e me encarou.

— Preciso te dizer duas coisas e te fazer uma pergunta. — Só sorri, sem saber o que dizer. — Primeiro sempre venho aqui quando quero pensar em você. Então tecnicamente este é nosso lugar. Mesmo que não saiba, ou que tivesse conhecimento desse lugar. Nunca trouxe outra garota aqui.

— George...

— Só a Sofie, quando ela está brava ou triste. Mas é nosso. Sempre que pensar em nós, pense aqui.

— E a outra coisa? Disse que queria me dizer duas coisas.

— Eu... Ainda não... — O que ele estava tentando dizer?

— Você ainda não?

— Ainda não fiz nada com ninguém. Eu menti para você. Queria que achasse que eu era experiente. Mas nunca... — Eu provavelmente neste momento estava roxa de vergonha. — Podíamos

fazer um compromisso de que fossemos nós a ter a nossa primeira vez. — Eu que me achava entendida e super descolada para as meninas da minha idade, agora estava com as mãos geladas e sem saber o que dizer. Ouvia tanta coisa sobre este momento. Agora tremia toda.

— Meu pai me mata de verdade, George, se souber que estamos tendo essa conversa.

— Calma! Não agora. Talvez em seu aniversário de dezesseis anos. O que acha?

— Esperaria até lá? — Fiquei animada com a possibilidade. — Ainda farei quinze daqui uns dias e...

— E eu irei a seu aniversário. É quase perto do aniversário da Anne.

— Que bom. Mas conseguirá ir à minha festa?

— Não sei. Se seu pai não se opuser.

— Preciso falar com minha mãe, George. Ela falaria com meu pai e teria maior êxito. Não quero briga como ano passado.

— É só não mentir.

— Nunca mais. E o que queria me perguntar?

— A porta se abriu e o pessoal começou a vir em nossa direção.

— Quer ser minha namorada?

Vinte e cinco



Cairon

Estamos a caminho do aeroporto. Fim da nossa semana na Alemanha, e posso até confessar que irei sentir saudades.

O Hansi, Angélica e George nos acompanham até o aeroporto. A diferença entre nossa chegada e partida, é que ao desembarcar aqui, encontramos estranhos nos esperando, e agora deixamos amigos. Já havíamos nos despedido dos demais na casa, e acabei sentindo ao me despedir do David. Engraçado e otimista.

Como não tive irmãos, facilmente poderia tê-

los como família. Diferentes em suas atitudes, mas eu também me sentia um tanto diferente e não para pior, mas apenas mais aliviado. Mais livre.

— Aguardamos vocês no Brasil.

— Pode ter certeza que iremos sim. — O Hansi segurou minha mão, selando um compromisso que tínhamos feito antes, quando estendemos o convite para nos visitar.

— Foi... Foi bom conhecer você de verdade, Juiz. Às vezes temos uma impressão das pessoas e, quando as conhecemos, vemos que não é aquilo que pensamos. E essa versão nova de você ficou muito melhor.

— Talvez porque conheceram o Cairon e não o profissional. Apesar de que, somos um só, ao menos no caráter.

Olhei para mim naquelas roupas novas, com meu corte de cabelo novo e eu havia aprovado minhas mudanças. Quando a Li dissera gostar, não senti firmeza em suas palavras, embora eu saiba que ela esteja apenas assustada.

— Não digo só externo, mas suas atitudes.

— Eu também estou gostando de mim — confessei, mais para mim do que para ele. - E gostei de saber um pouco mais de sua família. E... Obrigado pelos livros. - Mesmo não o vendo com a mesma visão de antes, era meu jeito de ser mesmo, não tinha muito assunto, a não ser com as pessoas muito próximas. Como a Liara, meus filhos e o Murilo.

As mulheres como sempre são mais demoradas ao se despedirem. Elas se abraçam, falam, choram. Abraçam-se novamente. Sorriem. Nunca entendi essa dinâmica.

— Liara, a gente vai se falando por mensagens. — Nossa anfitriã secou as lágrimas como se fossem amigas de longa data.

— Vamos sim. — Voltaram a se abraçar.

De longe observamos nossos filhos. A Valentina se comportou perfeitamente, como eu nunca pensei que se comportaria. Vim esperando que essa menina fosse dar o maior trabalho e ela me surpreendeu.

Enquanto aguardávamos a chamada para o embarque, eles conversavam um pouco afastados

de nós. Não me importei em nenhum momento. O George durante essa semana demonstrou ser um rapaz de responsabilidade e caráter.

Quando ouvimos a primeira chamada para nosso voo, nos levantamos para seguir nossa viagem. Cumprimentei o Hansi e a Angélica, seguido pelo Benjamin e a Liara.

Fui até o George e a Valentina, e me despedi do garoto sem delongas, avisando à Valentina que estávamos partindo. Ela assentiu e me acompanhou, sem questionar. Tudo isso era muito novo para nós. Sei que para ela também era novidade.

— Até breve, Juiz.

— Hansi. — Fiz uma menção com a cabeça e segui sem olhar para trás.

Ouvi alguns murmúrios dos que vinham e continuei meu caminho. No avião sentei-me em meu lugar e esperei que todos tomassem os seus assentos. A Valentina olhava agora com pesar para o saguão do aeroporto onde um garoto triste também acenava.

Eu fiquei me questionando se algum dia eu
NACIONAIS - ACHERON

teria passado por aquilo, se não tivesse passado minha pré-adolescência e adolescência focado em ser um juiz. Eu teria odiado essa fase da minha vida. Eu sempre odiei a instabilidade emocional.

O avião decolou nos levando de volta para casa. Eu havia tomado uma decisão. Não queria voltar para a mesmice. Pela primeira vez em quinze anos vivemos uma semana diferente, foi divertido. Consegui descansar minha mente. Não precisei ficar o tempo todo tendo que ser perfeito. Descobri que isso pode ser mais cansativo do que se pensa.

De agora em diante eu seria apenas eu. Em casa, no trabalho, com minha família. Viveria mais minha vida. O motivo de tanto sofrimento passado pela minha família havia sido o bendito dinheiro deixado pela minha avó e eu ainda não tinha tocado em um centavo. Mas hoje, começava a pensar em dar mais conforto aos meus. E a mim mesmo. Veremos o que o futuro nos espera. Esse ano será o ano!

Vinte e seis



Liara

— Está dormindo?

— Não.

Ele abriu os olhos e me olhou intensamente. Essa semana havia sido maravilhosa em nossas vidas, nos proporcionando o descanso merecido. Entre brincadeiras e outras coisas, visitamos museus, fomos à praias maravilhosas. Vivemos momentos inesquecíveis.

— Estou achando a Valentina muito tranquila. Acha que...

— Vamos deixar que ela continue tranquila assim. Melhor desse jeito do que na revolta que estava no começo do ano passado. — Sorrio para ele. Sei que a metade de seu desgaste emocional foi por tudo que viveu com ela.

— Ela está apaixonada, Hansi.

— É? Eu também! — ele disse, fazendo um meio sorriso, não levando a sério o que eu estava dizendo.

— Estou falando sério.

— Também estou. Descobri nesta semana que não temos vivido intensamente nosso relacionamento. Sempre fomos muito formais um com o outro, não acha? Viu o David e a esposa como são?

— Dois safados?

— Não. Andei conversando com ele, que me disse que falar sobre a vida sexual do casal ajuda muito.

— Não dentro do avião, não é?

— Não há um lugar certo. Este é o bacana do esquema. Como eu não tive irmãos, então não tive muito com quem falar, e o Murilo diz que não, mas ele me respeita muito mais do que pensa, embora até tenha tentado algumas vezes brincar. O Endrigo é mais sério. Nunca tocaria em assuntos como esse.

— Por isso está tão estranho?

— Pode me dizer a qualquer momento se não

estiver gostando.

— Já disse que não é que eu não esteja gostando. Só acho que levará alguns dias para que eu me acostume com você desta forma.

— Também não exagera. Não estou tão mudado assim.

— Está lindo!

— Você também.

— Preciso acompanhar meu marido.

— Quero te levar em um motel assim que a gente chegar à casa.

— Está querendo é me matar de vergonha mesmo. — Minha sorte era que as crianças estavam sentadas do outro lado e não tinham como ouvir o teor de nosso assunto.

— Na verdade quero te matar de prazer. E para isso, precisaremos sair da rotina.

— Isso também vem dos irmãos malucos?

— Não! Estou pensando no que fazer para envelhecermos bem.

— Não estamos velhos, Cairon.

Beijei seus lábios e sorri.

Que coisa! Esse homem estava com isso na cabeça agora. Se ele achava que estava velho com o desempenho que vinha tendo na cama, imagina se não estivesse.

O avião fez um pouso tranquilo e em poucos minutos estávamos em casa. O Murilo havia deixado recado que só chegaria na segunda, caso precisássemos dele poderíamos chamar que eles voltariam antes. Mas o Cairon achou melhor deixá-los aproveitar o resto do descanso.

O sábado já havia acabado mesmo. Passamos todo ele dentro do avião e o domingo em breve mostraria seus primeiros raios. Tomamos banho e dormimos. Quando o ano começasse para valer na segunda, podíamos ter certeza que ele viria com tudo.

Bônus Valentina



Eu nem acreditei que estava acontecendo aquilo comigo. Estava nas nuvens. Não sei porque ele foi fazer aquela palhaçada toda. Poderíamos ter vivido uma semana inesquecível. Mas agora tudo parecia estar chegando a seu lugar.

Reviro na cama de um lado e de outro, mas nada do sono chegar. Só que eu também não queria dormir. Queria ficar me lembrando das palavras do George, de seu beijo. Ele havia dado um jeito de ficar sozinho comigo e me colocou contra a parede. Beijou minha boca, enquanto meu coração se acelerava ao ponto de tirar todo meu ar.

— *Já havia beijado antes? – sussurrara em meu ouvido.*

— *Não.*

— *Nem antes da casa da Anne? – Quis saber.*

— *Nem antes e nem depois. Só você. – Não tive medo nem vergonha de confessar.*

— *Fico feliz com isso.*

— *E você?*

— *Alguns selinhos, mas nada tão significativa para mim como foi essa semana. Sua boca é muito*

gostosa.

Mas daí ele começou a passar a mão na minha barriga e eu fiquei um pouco assustada. Primeiro porque nunca havia sentido coisas como as que eu estava sentindo e outra que se meus pais ou o Benjamin pegasse a gente, nossas chances estariam acabadas.

— Para, George... Disse que iria esperar.

— Mas não estou fazendo nada demais, só acariciando sua barriga. Não é nada demais, te garanto.

Enquanto acariciava minha barriga, ele beijava minha boca, puxando meus lábios.

Garotos! Eu lia sobre eles, mas na prática era muito diferente.

— George — falei baixinho.

— Se eu te pedir uma coisa, você deixa?

— Não, George... — Tentei me afastar.

— É rapidinho e não vai doer, eu te garanto.

— Você prometeu...

— Val... Por favor.

Ele não podia fazer isso comigo. Ficar me olhando com esse jeito todo carente. Não era justo. Tinha me dito que ia esperar. Eu não podia fazer nada que magoasse meus pais e causasse novamente um mal-estar entre nós.

— O que é?

— Posso te tocar aqui? — Ele passou a mão por cima da minha blusa sobre meu seio e meu coração disparou mais ainda.

— Não. — Quase gritei.

Então me segurou mais forte contra a parede.

— Val... Não vamos ser namorados?

— S-Sim... Mas... Mas você disse...

— E vamos esperar. Mas namorados fazem isso. Você não sabe por que nunca namorou.

— E nem você. Agora me deixa descer. Já devem estar me procurando.

— É só um pouquinho. Já está indo embora e queria ter algo para me lembrar de você até nos encontrarmos novamente.

— Estou com medo, George. — Era verdade.

Nunca me sentira tão medrosa.

— Não precisa ter medo. E qualquer coisa é só pedir e eu paro.

— Então está bem – concordei, colocando um fim em nosso impasse. – Mas se eu pedir terá que parar – ele confirmou com um sorriso.

E quando pensei que ele me tocaria com a mão, ele subiu minha camiseta, abaixou a cabeça e tocou meu seio com os lábios. Estava incrédula com a atitude do George. Ele era um... Queria brigar e pedir que parasse, mas estava gostoso. Eu fechei os olhos e permiti que continuasse.

Era bom! Muito bom!

Abri meus olhos para ver se ainda estávamos sozinhos e os fechei novamente. Estava sentindo um frio na barriga e uma sensação gostosa vindo entre minhas pernas.

Ai meu Deus! Ai meu Deus! Não era minha mente que dizia isso...

— Ai meu Deus! — Era a Sofie. — George, o papai vai te matar quando souber disso. — Comecei a tremer. Estávamos perdidos. Ela passou

pelo irmão e veio até a mim. — Val, o que está fazendo?

— Na-na-nada... Eu juro. — Arrumei minha roupa me escondi atrás do George.

— Nada. Ele estava grudado no seu peito, Valentina.

Que vergonha, meu Deus! Que vergonha!

— Se contar a alguém, Sofie, eu juro que...

— Eu só não vou contar por causa da Valentina. Mas... Vai me dar aquele pingente que eu te pedi semana passada.

Ele olhou com uma expressão chateada para ela, mas não disse nada. Esse era o preço que teríamos que pagar.

E agora eu rolava na cama, olhando as últimas mensagens que tínhamos trocado pelo whatsapp e não conseguia dormir.

Éramos namorados. Mesmo que por enquanto só nós e a Sofie soubéssemos.

Vinte e sete



Cairon

Eu já ouvi dizer do ditado e agora tinha certeza: há males que vêm para o bem. E em nosso caso, aquele descanso havia sido merecido, porque assim que chegamos, uma nuvem carregada pairou sobre nós.

— O Senhor não tem muitas opções, meritíssimo. — O homem andava de um lado para o outro de meu gabinete. — É em consideração aos anos de serviço prestado, e todo seu desempenho, que estamos lhe dando a chance de continuar seu belo trabalho. Só que em uma Comarca menor.

— A mesma que já me ofereceram e eu recusei durante todo o ano passado.

— Não é uma Comarca ruim, meritíssimo. Não seria como um ato punitivo. Estamos mesmo precisando de um bom juiz naquele lugar.

— Deixe-me ver. — Nunca havia sido irônico, mas a ocasião pedia. — Os dois últimos... Ah, sim,

foram assassinados, foi isso?

— Na verdade...

— Na verdade eu sinto desde a primeira vez que me fizeram o convite, e, diga-se de passagem, que com demasiada insistência, que comecei a pensar que estavam querendo se livrar de mim. — O Homem ficou mais branco que o normal.

— Não senhor. — As palavras saíram gaguejadas e inseguras de sua boca. — Tanto que não poderíamos deixá-lo agora responder por seu crime, sem ao menos lhe dar a oportunidade que estamos dando. Mas em consideração ao senhor, sua magnífica reputação e ao seu pai. — Crime? De juiz à infrator? Isso não me parecia nada bem.

— Quais são minhas opções mesmo?

— Assumir a nova Comarca. Responder pelo crime cometido ou a aposentadoria compulsória.

— Me dê alguns minutos a sós, por favor. — Ele saiu da sala, como se cumprisse a pior de suas funções.

Levantei-me fui até o armário e olhei meus pertences. Foram anos de trabalho naquele lugar.

Andei por aquela sala, olhei cada detalhe. Cada foto, cada móvel. Eu vi essa comarca crescer. Quando vim para cá foi o momento em que mais trabalhei e me fortaleci. Passei por duas comarcas pequenas, no fim do mundo, mas não me deram maturidade quanto essa.

Sou um juiz experiente, devia ter percebido que havia algo errado no julgamento.

— Cairon... — A Liara entrou apavorada em minha sala. Com certeza o Murilo havia ligado para ela, assim que ouviu a sandice do homem. — O que está havendo, meu amor? — Senti seu abraço como um carinho em minha alma.

Eu não queria me mostrar desanimado, mas havia presenciado por diversas vezes situações como essa, e não via uma luz, por enquanto.

— O que estão alegando? — O Breno foi o segundo a entrar sem bater. — Estou sem chão. Pensei que fossem boatos na rua dos poderes, mas pelo que vejo... — Estendi a mão e o cumprimentei.

— Um processo do ano passado. Envolvia um deputado e agora descobriram que a esposa dele é prima da Liara.

— Minha prima? — Ela me apertou mais forte ainda.

— Nenhuma de minhas primas faria algo assim.

— Inclusive alegam que você recebeu poucos dias antes, presentes da mesma. E logo depois eu os favoreceria.

— Não pode ser. — Ela não era culpada. Eu também tentava me lembrar de quando isso ocorrera. Mas era inútil.

A Liara se afastou de mim e olhou em meus olhos.

— Ano passado. Quer dizer, em outubro, para ser mais precisa, eu recebi uma caixa com vários doces, mas havia de todas as meninas, e não me lembrava de uma delas. Nunca fomos de ter intimidade com a família de uma irmã de minha mãe. Quem me criou foi minha tia, que Deus a tenha. E...

— Então só pode ser isso.

— Mas não me lembro de ninguém dizer que ela era esposa de deputado.

— Isso não tem importância. Precisamos provar que não temos relacionamento com sua família.

— Claro.

— Porém, não tem que resolver nada agora, Cairon. Vamos até o conselho e veremos o que é possível ser feito. Se de fato irão abrir processo ou...

— Já tenho outras opções. – Os dois pareciam surpresos.

— Como assim? – A mão da Lira permanecia fria. Mesmo o sol brilhando lá fora, e a temperatura variando entre vinte e seis e vinte oito graus.

— Uma comarca pequena, longe daqui, ou...

— Ou? – O Breno também se demonstrava impaciente.

— Aposentadoria compulsória. – A expressão deles devia ter sido a minha diante da menção da aposentadoria.

As lágrimas banharam o rosto da Li. Todos nós sabíamos que aquilo não seria uma maneira justa de encerrar minha carreira.

— Vamos recorrer. — O Breno bateu a mão sobre a mesa. — Eles não podem tratar você assim como se fosse um juiz recém-formado. Aliás, não podem nos tratar assim. Isso é uma falta de respeito para com todos nós. Com sua família e seus amigos. Com quem eles acham que estão brincando? — Não houve tempo para responder. — O homem bateu à porta, interrompendo o Breno, que começava a se desesperar.

— Senhores, com licença...

— Só mais um minuto, por favor. — Fez um gesto impaciente e voltou a fechar a porta.

— Breno, desde a chegada do Élcio aqui, eu penso que há algo estranho acontecendo. Mas preferi ignorar, pensando ser ciúmes.

— Então precisamos fazer alguma coisa. Vou falar com os desembargadores meus amigos e ver o que eles aconselham. Ainda não tinha ido à direção. Nem ao conselho. A notícia havia me surpreendido e de certa forma me deixado em pânico.

Assim que ele saiu, fui até a janela e encostei-me no batente. Olhava para o mesmo ponto de ônibus que um dia havia abrigado a Liara e sua

mãe. Claro, ele estava mais sofisticado agora. Talvez alguém tivesse pensando com carinho nas pessoas que cansadas, esperavam ali por horas para irem para casa.

— Cairon... — Sua voz agora era carinhosa. Quase um sussurro. Beijeí sua cabeça e abracei de volta. Ela começou a chorar. — Diz que isso é mentira.

— Não, não é.

— Estávamos felizes até hoje de manhã.

— E vamos continuar. Não são as pessoas que determinam como vamos viver. Essa é minha nova filosofia de vida.

— Não... É tudo minha culpa.

— Hei... Não é culpa de ninguém. Ainda me ama?

— Claro.

— É o que importa. Estamos juntos.

— Não. Eles precisam entender que...

— Amor, a regra é clara, o artigo está lá, só precisamos provar que não houve favorecimento.

Nunca fiz nenhuma árvore genealógica e isso acontece. Só precisamos provar que somos inocentes. E caso não dê certo, então...

— Então? — Ela se afastou. — Cairon, não estou te entendendo. Você nunca foi de desistir. Aceite a Comarca menor, ao menos. Ser juiz é sua vida.

— Não estou desistindo. Estão me punindo e eu estou aceitando minha punição.

— Então já se decidiu?

— Sim, e como minha esposa, você será a primeira a saber. — Olhei em seus olhos. Caso não consiga provar, vou aceitar a aposentadoria. — Ela sentou-se.

— Só pode estar brincando. Aposentadoria?

— Melhor do que a morte. Não acha que estão querendo me enviar para um lugar onde já assassinaram dois juízes com algum intuito? Eu acho. E me chame de covarde, mas amo muito minha família e minha vida.

O homem entrou. Conversamos e em seguida um dos desembargadores ligou, perguntando sobre

minha decisão provisória.

Passei por ela e peguei uma caixa. Comecei a colocar as coisas que estavam sobre minha mesa.

— Não, por favor. – Ela segurou minha mão.

— Liara, não faça isso.

— Não faça isso comigo. Esta dilacerando meu coração.

— E como acha que estou? Só não posso dar esse gosto a eles, de me humilharem como eles querem. Estão insistindo demais com essa Comarca. Eu não irei. Aceitarei a aposentadoria, responderei pelo crime, mas não irei para esta Comarca. É uma forma de eles me obrigarem a aceitar algo que não quero. E não pense que estou olhando só o meu lado. Estou pensando muito em você. Em nós, nossa família. Como seria bom estar em casa mais cedo. Poder estar com as crianças mais tempo.

— Não. Não estou ouvindo isso de você. Não estou mesmo. Se é assim, abandonarei a carreira de advogada e também o concurso.

— Amor... Entenda. Essa não é minha palavra

final. Calma. Tudo ficará bem. – Voltei e a puxei para meus braços.

Uma batida à porta e a pessoa que eu menos desejava ver naquele momento a atravessou. Eu tinha que ser forte, mas agora minhas defesas haviam sido derrubadas.

— Até você já sabe, pai?

— O Breno achou melhor me ligar. – Ele me abraçou. — Como foram de viagem?

— Fomos bem.

— Minha filha! Como estão as crianças? – Ele cumprimentou a Liara.

— Estão bem, meu sogro. Seu filho que não está. Está mentindo. Estão...

— Li, me deixa falar com meu pai sozinho, por favor. – Ela abraçou meu pai chorando, me deu um beijo e saiu.

— Se veio aqui, pai...

— Vim ajudar você a levar suas coisas embora. – Olhei para meu pai assustado.

Ele sempre foi um homem como eu, centrado,

e que nunca deixou que nada o derrubasse. Vi meu pai lidar com políticos corruptos, bandidos perigosos, quadrilhas internacionais e não temeu nenhum deles, nem cedeu a nenhuma chantagem.

E agora ele me assustava. Quantas vezes eu queria sair com meus amigos e meu pai sempre dizia:

— *Filho se quer ser um bom juiz, tenha foco.*

Eu o tinha como um espelho. Ele refletia retidão e justiça aonde ia. Não tinha quem não falasse bem do meu pai. E eu queria ser assim... Sempre quis ser.

— Acha que eu vim aqui dizer a você para se juntar a essa corja que se formou em nosso país, em nossos tribunais? Em nossos ministérios de justiça? Não, filho. Quem perde com seu afastamento, infelizmente é o povo desta cidade. Que vai ver os criminosos soltos. Quem perde é a própria justiça que trai seu juramento de promover a paz e o direito de todos. Você fez o seu melhor e sairá pela porta da frente, de cabeça erguida.

— Eu posso te dizer que está doendo, pai?

— Claro, filho. Se não tivesse eu ficaria
NACIONAIS - ACHERON

muito decepcionado com você, por ter perdido todos esses anos fazendo algo que não gostasse. Mas sei que não fez só por minha causa. Ama o que faz.

— Isso é minha vida.

— Eu sei. Como foi a minha a minha por muitos anos. Mas chega um tempo que deixamos de viver, e ninguém reconhece isso. De repente morremos e eles nos mandam uma coroa de flores. Nada mais que isso.

Deixei algumas lágrimas caírem.

Diante do meu pai eu não tinha porque guardar segredos e minhas dores. Minhas feridas eram expostas. Esse homem conhecia o que havia de mais obscuro em mim.

— Agora vamos, filho. Amanhã a gente vê o que se pode ser feito.

— Preciso retirar meus pertences.

— Eles não podem esperar a gente entrar com um recurso?

— Não, pai. É uma medida provisória, e o novo Juiz responsável pela Comarca precisa do

gabinete.

— Eles enviarão um novato? Como assim, meu filho? A cada instante fico mais confuso com a história.

— Não, pai. Será o Élcio. Ele já está nesta Comarca.

Voltei a colocar meus pertences nas caixas e em pouco tempo o Murilo entrou, não dizendo nada. Apenas sacudiu a cabeça e começou a levar minhas coisas para o carro. Quando abri uma caixa, encontrei minha primeira beca.

Olhei para ela com carinho.

— Sua mãe te deu isso no dia da sua posse. Não sabia que ainda a tinha guardado.

— Foi — disse com a voz embriagada de emoção. — Ela disse que me daria... — Respirei. — Sorte na vida e me traria serenidade.

— E trouxe, filho. Orgulhei-me de te ver na tribuna. Orgulhei-me de ver o homem em que você se tornou. Orgulhei-me de assistir o pai que é, e o marido exemplar e dedicado. Você só me trouxe orgulho. E quando entrei por essa porta, concluí

que de fato herdou o melhor de mim, meu caráter. Eu teria feito o mesmo que você.

Eu chorei neste momento, segurando a beca de minha mãe, sentado de frente para o homem que era o meu modelo e que falava tantas palavras de conforto para mim.

Depois de empacotar tudo, peguei meus livros antigos e os coloquei em minha maleta.

Ao passar pela porta um grande pesar tomou conta do meu coração. Não houve um dos colegas que não estivesse no corredor com os olhos cheios de lágrimas para que eu passasse. Eu não iria dar o gosto de me verem chorar.

Precisava ser firme, e me lembrar de que não estava sozinho. Estava com meu pai ao meu um lado. Também meu amigo, Murilo, que não me deixaria jamais. Um pouco mais à frente, a Liara segurou minha mão. E assim, ao sair, encontrei a Josy e o Breno, também o Élcio.

A Josy me deu um abraço apertado, prometendo que ainda essa semana eu estaria de volta. O Breno não conteve as lágrimas, apertou minha mão e virou o rosto. Mas o sorriso cínico do

Élcio estava lá.

— Que pena, caro colega.

— Sabe que por um lado eu não acho?! Vou ter mais tempo para minha família e como eu sou rico, muito rico, só me faltava o tempo para fazer o que eu queria. E agora o tenho. De forma que não é de todo mal.

Eu disse isso, mas no fundo eu queria matá-lo. Ele estava sorrindo agora. Estava achando que eu saia dali derrotado, mas ele que me aguardasse. Se houvesse algo de errado em tudo isso, eu iria descobrir.

Só precisa de tempo. E como eu disse agora eu o tinha.

Almoçamos na casa de meus pais com as crianças, e minha mãe como sempre, fez o drama ficar um pouco maior. A Valentina chorou, o Benjamin estava um pouco apreensivo, mas quando fomos levar a Liara no trabalho, na volta, propus que naquela noite fizéssemos algo especial.

Fomos para casa, a Valentina, o Benjamin e eu. Faríamos um jantar para nossos amigos e para meus pais. E assim foi. Compramos os ingredientes

NACIONAIS - ACHERON

e dispensamos a cozinheira. O vinho que meu pai gosta e não poderia faltar. E por fim, localizei aquele licor alemão que o David havia me dado. Maldita bebida afrodisíaca que me deixava fora de mim.

— Só espero que funcione sem as tais misturas.

— O que você disse, pai?

— Ah, não. Não disse nada, filho.

— Disse. Você estava olhando para este vinho e dizendo algo. Vai dizer que o vinho entende o que diz.

— Espero que ele entenda sim, Benjamin, e deixa de ser curioso e faça sua parte no jantar. Que não é ficar bisbilhotando.

Fizemos o jantar. Meus pais chegaram, a Késsia o Murilo, e por fim, a Liara totalmente arrasada.

— Não quero mais trabalhar naquela rua – ela me disse, entrando na cozinha em busca de taças para o vinho.

— Vão dizer que mantínhamos relação dentro

do fórum, ou do TRF. Isso seria ruim. – Pisquei para ela e sorri tentando desfazer o clima ruim.

— Não consigo sem você ali perto.

— Claro que consegue. E eu preciso de você lá. Será meus olhos e meus ouvidos.

— Sem você...

— E espera para ver como pode ser reconfortante seu retorno para casa, seu horário de almoço, comigo por aqui. Sem ter que voltar ao trabalho. E com a cabeça livre. Sem pressão. – Mordi sua orelha.

— Eu não estou acreditando que estamos passando por tudo isso e você consegue pensar em sexo.

— Claro. Tive tempo de pensar nisso a tarde toda. Veja só o que tenho. – Fui até a geladeira peguei o licor coloquei na taça e servi a ela.

— O Que é isso? – Tomou um gole generoso.

— Aquela bebida que o David me deu na Alemanha. – Ela quase cuspiu.

— E só agora me diz? Hoje é segunda-feira.

— Não haverá mais terça, nem quarta-feira, nem quinta-feira, nem dia, nem noite, nem madrugada para nós.

— Cairon...

— Só haverá nós dois. Em qualquer lugar que eu acharmos que vale a pena. — Ela estava caindo na minha, quando a Késsia entrou.

— Ops! Só vim pelas taças. — E sorrindo pegou as taças da mão da amiga e se foi. A Liara aproveitou e a seguiu, quase trombando no Murilo e meu pai, que entravam na cozinha.

— Todos foram convocados, amanhã às nove da manhã. — Meu pai certificou-se que elas não ouviam. — Todos confirmaram presença.

— Será que isso vai dar certo, pai?

— Claro, filho. Se algo está encoberto, nós traremos à tona. Se há alguém aprontando para você, irá pagar até o último centavo.

Bebemos ali na cozinha, brindando um assunto que era só nosso. Estava acontecendo algo maior que não era do nosso entendimento. Mas com a ajuda do meu pai, do Endrigo e do Murilo e

de toda uma equipe da PF, iríamos descobrir.

Vinte e oito



Liara

—O Cairon não pode nem sonhar que estamos tramando algo. Mas eu não posso deixar que eles façam isso com ele.

— Nós entendemos... Pode ficar tranquila. — A Josy me acalmou. — Entramos em contato com todas as mulheres necessárias.

Enquanto as sugestões começavam a ser partilhada, uma sensação estranha começou a tomar conta de mim. Não era bem sobre o assunto em questão. Era um arrepio, um... Não sei explicar. Comei a me dispersar... Não sei se era mal-estar ou... Um pensamento povoou minha cabeça.

Poderia ser o bendito licor que o Cairon teria me dado. Só podia.

Quando o jantar terminou, sem que eles percebessem, combinamos a nossa reunião para o dia seguinte às dezessete horas. Então começamos a nos despedir.

— Mãe... Podemos dormir na casa da madrinha? Ah, vai. Queria conversar com a Fê... — Elas são praticamente da mesma idade.

— Não sabe se sua madrinha... — Eu queria dizer não, mas ao mesmo tempo ter o apartamento só para nós. Sacudi a cabeça afastando meus pensamentos. A sorte é que a Késsia me socorreu.

— Deixa, Li. Há muito tempo os dois não dormem lá em casa.

Então eles se foram, assim como meus sogros. Casa silenciosa... Fui para o quarto e comecei a me despir.

— Adivinha...

— O quê? — Ele estaria sentindo o mesmo?

— Amanhã levarei as crianças à escola. Deixarei você no trabalho, correrei no parque com

o Murilo e... – Não. Não era nada do que eu pensava.

— E já estou cansada só de ouvir você falar. – Sorri e caminhei em sua direção.

Usava uma calça preta de moletom e havia tirado os sapatos, os pés estavam tocando o tapete. Sua camiseta era larga e seu sorri.

— Quer que eu o ajude a se despir? Preciso de um bom banho, não vai me ajudar?

— Hum... Está acontecendo algo?

— Não, nada. – Estava jogando comigo.

— Viu como é bom sermos nós mesmos?

Não sei se era efeito do tal licor, ou se era só embriagues mesmo. Sem as crianças por perto, havia um sentimento de liberdade. Os gemidos eram livres, as experiências eram bem-vindas.

— Eu te disse assim que nos beijamos pela primeira vez, que era tímida. E só me sinto atrevida com você. Mas hoje... Não te disse antes, estava um pouco envergonhada diante das pessoas.

— Então diz agora.

— Estou amando essa forma com a qual você tem se comportado. Atrevido... Ousado... Gostoso e safado.

— E apaixonado.

— Hoje quando saiu do TRF, fiquei pensando... O Élcio estava conseguindo o que ele queria.

— Também pensei nisso. Meu gabinete, meu cargo... Só o que nós vivemos ele nunca poderá ter. Nem poderá te amar como te amo e nem ser amado como sou... O resto... É resto.

Ele me puxou para si, e como se todos os nossos problemas estivessem em outra dimensão, tocou-me. Com tanta força e poder que eu gemi alto.

— Cairon...

— Ninguém mais pode fazer isso além de mim. – Um dedo e o outro. E com força. Sem raiva, mas com autoridade.

Ele não precisava me explicar. Eu havia entendido. Eu era dele. Ele era meu.

Quando me virou, me jogou sobre a cama e

mesmo sem se despir por completo, apenas abaixando a calça, ele se meteu dentro de mim.

— Gosta disso? — Se eu gostava? Estava delirando. — Posso parar.

— Não! — Não era para ser um grito. Mas acabou sendo. Era desespero.

Ele não parou. Entrava e saía de forma majestosa. E quando parou para me virar novamente, me colocou em sua cintura, e encostou-me à parede.

Eu adorava esse homem.

Isso se chamava experiência. Sabia o momento de entrar e sair e de se mexer dentro de mim. E eu queria mais.

— Cairon... Mais forte.

— Quem é o safado agora?

Eu sorri e o abracei com força, enquanto era arremessada contra a parede e novamente para seu corpo. Pensando não ser o suficiente, ele começou a tatear meu ânus, em busca de abertura. Desde a Alemanha o cara tinha cismado com isso. Mas hoje eu o deixaria. Era dolorido, mas não iria negar que

era gostoso.

E quando ele parou e levou o dedo até minha boca para lubrificar, eu o olhei em seus olhos e confiei no homem que amava.

Senti primeiro a dor e depois o prazer. Que droga! Eu poderia me acostumar com aquilo.

— Quero te comer com muita força.

— Então come, meu amor.

Eu gemi, gritei. Puxei seus cabelos como nunca faria em uma situação normal. Reconhecia aquilo.

— Quero gozar.

— Então goza e muito, meu amor.

— Cairon... Eu vou...

— Vem!

Cada experiência era diferente. Nunca tinha gozado de forma tão livre como acabava de fazer.

— Gostosa. — Mordeu minha orelha e me levou para a cama.

Gostoso ele também era, mas nem tinha forças para dizer. Ficamos deitados na cama até a
NACIONAIS - ACHERON

madrugada, quando ele me acordou para tomar banho e voltamos a nos amar. Com mais calma e carinho, dessa vez. Mas deliciosamente.

Com Toga ou sem Toga, esse homem era divino e era meu.

Vinte e nove



Liara

Estava no fórum, absorta nos detalhes do que tínhamos que fazer, quando ouvi os buchichos das estagiárias e algumas se levantaram e saíram. Depois outras, e me vi sozinha com a Késsia.

— Onde essas doidas estão indo?

— Sei lá.

— Não acha melhor dar uma olhada? — questionei à Késsia?

— Se quiser ir... Melhor, deixa que eu vou e aproveito para dar uma esticada nas pernas. — Ela saiu do gabinete e me deixou cheia dos documentos. Estava analisando tudo o que encontrei nos documentos do Cairon sobre os NACIONAIS - ACHERON

processos nos quais havíamos trabalhado.

Ao que tudo indicava, eram processos falsos. Alguém tinha plantado aqueles processos para serem julgados. Aquilo não estava cheirando bem. Houve um casamento forjado e agora havia uma separação. Tudo armado. E havia gente grande envolvida. Só precisava descobrir quem estava por trás de tudo isso.

— Amiga, você não vai gostar de saber o motivo do reboião. — A Késsia voltou ofegante.

— O que foi? — Me levantei assustada.

— Seu marido está no prédio.

— Ai, meu Deus! Não me diga que ele bateu no Juiz? — Comecei a me encaminhar para a porta.

— Pior que isso. Está na sala do Breno.

— Diga logo, Késsia. O que foi?

— A mulherada está toda no corredor, esperando que ele saia de lá. Dizem que ele está uma coisa de louco.

Eu parei, com a mão na maçaneta.

— Espera aí. Está querendo dizer... Que as

franguinhas se ausentaram da sala para irem ver o meu marido? Estava com aquele buchicho todo porque o Cairon está no fórum? Como se elas nunca tivessem visto ele na vida?

— Bom... Algumas realmente nunca o viram, chegaram esta semana e o homem é uma lenda por aqui. E as outras... Bem... As outras nunca o viram como disseram que está.

— E como disseram que está? — Fiz uma careta.

— Dizem que está de caça jeans preta, justa no corpo, e uma blusa branca baby look. Está dando água na boca da galera.

— Késsia! — Olhei brava.

— O quê? É meu compadre. Só estou repetindo o que ouvi nos corredores. — Ela se sentou em sua mesa.

Nesse instante as pirralhas entraram rindo e brincando umas com as outras, arrumando os cabelos e passando batons, e se sentando em suas mesas.

— Vocês não querem dizer o que está

acontecendo aí fora para que possamos participar?
— Elas ficaram sem jeito e pararam de sorrir de imediato.

— Não foi nada não, senhora. É só que...

— É só quê... — incentivei.

— Nada não.

— De certo não estão tendo trabalho pela frente. Não é isso?

A porta se abriu e o Cairon entrou.

— Posso te roubar um pouquinho? — Olhei para ele parado à porta, então notei o silêncio. Eu juro que não era coisa da minha cabeça. Depois de quinze anos, ele parecia mais lindo que nunca. O tempo parecia ter feito um bem enorme ao Cairon. Ele parecia ter crescido em graça, sabedoria e inteligência. Olhei para elas, que estavam todas de boca aberta olhando para ele.

Duas semanas que ele não estava indo ao fórum.

Estava ocorrendo um processo administrativo e quem estava à frente era o Endrigo. O Cairon confiava no amigo e nós também. O Pietro havia

chegado da Itália onde havia decidido passar suas duas semanas de férias e agora estava em casa. Embora passasse mais tempo fora do que em casa, devido sua pós-graduação.

— Claro, meu amor. — Peguei minha bolsa e saí batendo a porta atrás de mim. Na volta elas me pagariam.

Dei um beijo em sua boca e saímos. Com certeza marcaria uma psicóloga amiga minha, esposa de um advogado que conheci. Isso não estava me fazendo bem. Sentir ciúme não era bom.

— Aconteceu algo, meu amor?

— Estava aqui perto e decidi te ver. Por quê? Fiz mal?

— Não, não, de forma alguma. Fiquei muito surpresa com sua presença e muito feliz. É que as mulheres agora ficam olhando para você e...

— Assim como muitos homens te veem. Assim como o Élcio te olha... Mas ninguém te toca. Já falamos sobre isso, não já?

— Já.

— Então? O que você quer? Que eu saia de

qualquer jeito pela rua? Ou que eu saia nu?

— Só pode estar brincando, não é? Se vestido está causando...

— Bom... Vim também porque estou achando a Valentina meio estranha. Acho melhor falar com ela. Mas tem que ser você, que é mulher. Que tal saírem hoje à tarde para arrumarem as unhas enquanto jogo uma bola com o Benjamin.

Olhei para ele muito assustada. Tudo o que ele precisava era continuar assim... Sem trabalho. Era um ótimo chefe de família, um dono de casa excelente. Eu chegava à casa e havia pão quentinho, café fresco... Claro que não fazia com suas próprias mãos, mas calculava os horários certos e pedia para preparar.

Ajudava as crianças com as tarefas e organizou uma rotina sistêmica em casa. As crianças até aceitaram. Tudo estava em ordem. Até mais organizado do que comigo.

— E depois podíamos jantar fora os quatro.

— Hum... Acho uma boa ideia.

— Então eu te pego às cinco. — Me deu um

beijo e se foi.

Voltei ao trabalho e como os processos estavam misturados, mergulhei novamente no que estava a minha frente, no processo que o Cairon estava sendo citado. O tal processo administrativo.

Esse era minha prioridade. Enquanto eu não encontrasse a falha deles, eu não descansaria. Para isso eu tinha ficado noites sem dormir estudando, fazendo estágio, observando os melhores. E um deles era meu próprio marido. Por isso eu era a esposa de um Juiz.

Trinta



Cairon

Quando eu fui falar com o Breno, foi a pedido do meu filho Pietro. Ele não pode me defender pessoalmente, mas está ajudando o Endrigo. Ele tinha algumas teorias e me pediu que checasse com

NACIONAIS - ACHERON

o Breno, mas como todos são suspeitos, que eu fizesse sem que ele percebesse. Por isso fui fazer uma visita e aproveitei para ver minha esposa.

Sei que no futebol eu e o Benjamin estávamos nos divertindo, quando nos encontramos com nosso primeiro caso. Um senhor que a Liara defendeu logo que saiu da faculdade.

Lembrava-me bem do rosto dele. Ele alegava que os filhos estavam tentando tomar ainda em vida o que era dele e o colocar em uma casa de repouso. Eu não fui parcial. Ele era bem lúcido ainda. E ali estava a prova. Estava jogando bola com seu neto, e engraçado... Um dos filhos que o acusava de falta de juízo na época, estava ao seu lado.

O Benjamin, todo descuidado, jogou a bola sobre eles e eu fui buscar.

— Desculpem-nos. Não queríamos... Olha, que coincidência. Se não me falha a memória vocês são a família... — Levei a mão até a cabeça, fingindo-me forçar a mente.

— Wilson.

— Isso mesmo. Estiveram uma vez no tribunal. Uma briga por... — O filho nem ao menos

NACIONAIS - ACHERON

me deixou terminar...

— Nem mesmo gostamos de nos lembrar do fato. Principalmente perto do Bruno. Ele nem sabe sobre isso.

— Ah, me desculpe pela indiscrição. Que bom que estão bem, vivendo em família. — *Cretinos*, pensei comigo. Acham que não sei que foram pagos para forjarem essa situação e que isso pode levá-los à prisão. Falso juramento, brincar com o tribunal... Isso não é coisa que se faça. Vão precisar voltar a se encontrar comigo. Essa era minha frase para encerrar nossa conversa, mas apenas sorri e me despedi do idiota e do avô, que me olhava desconfiado. Assim que me afastei, os vi cochichando. Então foi a prova que eles ficaram amedrontados.

Quando me aproximei do Benjamin, ele veio sorrindo e satisfeito de sua participação.

— Tirei bastante fotos, pai. Assim como o Pietro pediu.

— Que bom, filho. Vamos a melhor de três?

— Acha que ainda tem fôlego?

— Eu tenho e você? Estou achando que é melhor ter, porque estou vendo que tem uma turminha de meninas lá em cima olhando para você. Se desistir agora, poder pagar o maior mico da história. — Ele olhou para a arquibancada e acenou.

— É a Manu... A gente está se conhecendo.

— Hum... Sei... Então melhor levá-la para conhecer sua mãe também.

— Minha mãe já a conhece. Até já fomos a casa dela.

— Então só eu não a conheço.

— Você também já a conhece. Ela estava me dando aula ano passado.

— Mas ela parece tão diferente...

— Pois é... Parece mesmo... Cortou os cabelos e deixou de pintar as pontas que os garotos achavam tão estranhos, agora o Guto quer namorar com ela, o Fábio não a acha tão feia...

— E ela? Como está reagindo com essa quantidade de pretendentes?

— Ela disse que gosta de mim. — Sorri para ele

NACIONAIS - ACHERON

e ele sorriu de volta.

— Aí, filho... Arrasando os corações. Então vou deixar você ganhar para fazer bonito para ela.

— Não precisa deixar... Eu vou ganhar mesmo.

Fomos jogar... Ele não ia ganhar se eu não tivesse deixado, mas não contei a ele. No fim do jogo, fui até o vestiário, deixando que ele fosse falar com a Manu. Ela realmente está muito diferente do ano passado. Lembro-me de tê-la visto lá em casa umas duas ou três vezes, e não a reconheceria hoje se a encontrasse na rua.

Quando nos encontramos novamente, ele estava todo sorridente. Eu já estava de banho tomado e me vestindo para irmos nos encontrar com a Liara e a Valentina.

Meu celular tocou.

— Claro, filho. Será muito bem-vindo – falei e desliguei o aparelho, guardando-o enquanto o Benjamin me observava.

— O que foi? É o Pietro?

— Sim. As aulas dele foram canceladas e ele

voltou. Vai jantar com a gente.

Quando chegamos ao restaurante, fomos conduzidos à mesa que já havia reservado. O Pietro chegou logo em seguida. Estávamos conversando e eu bebia enquanto meus filhos tomavam água com gás. Uma garçonete muito atenciosa não nos dava o melhor dos atendimentos e duas senhoritas simpáticas que estavam sem mesas, humildemente nos abordava.

— Olá... Não sabíamos que era preciso fazer reservas. Não somos da cidade. Então acabamos tendo que ficar no bar esperando ou que alguém desista da reserva ou que alguém esteja com a mesa sobrando cadeira. Então vimos que as de vocês têm duas cadeiras sobrando, então pensamos... Talvez eles estejam esperando alguém, mas talvez as cadeiras estejam vagas... Não custa tentar.

Quando olhei para trás e vi a Li entrando, eu sabia que aquilo não ia prestar.

— É, da próxima vez deveriam ficar mais espertas e fazerem a reservas. As cadeiras estão ocupadas, sim. E se nos derem licença...

— Obrigada e desculpem.

Preferi ficar calado. Todo homem sabe o momento de se calar.

— Mãe... Acho que mal chegou de viagem e está precisando sair novamente — o Pietro brincou com a Li.

— E você está matando aula por quê? — Ela o beijou no rosto.

— As aulas foram canceladas. Perdemos um professor e estão de luto por uma semana.

— Hum... Que pena. Agora explicando... As moças foram só minhas válvulas de escape. Não sabem o que aconteceu ainda há pouco.

— A mamãe descobriu que o caso daquele político que vocês julgaram juntos. Eles se separaram para encobrir algo. Tipo... Eles ainda estão juntos. No salão estava a ex-esposa, que agora não é mais casada no papel, mas que ainda moram juntos e quem ele agora põe todos os bens no nome e então não aparece nada no nome dele. E ele fica limpo... Essa mulher estava contando as maiores vantagens sobre como ele tem sido bom para ela, e como estão vivendo melhor. E a mamãe ficou muito irritada com isso.

— Não foi só por isso. A separação deles foi tudo uma armação. — Ela parecia desiludida. — E nós caímos como idiotas. Como a gente ia imaginar uma coisa dessas, gente? — A Valentina colocou o celular sobre a mesa e empurrou em direção a mim.

— Gravei tudo como me pediu.

— Boa, filha.

— O quê? Como assim?

— Se eu pedisse a você, iria fazer um interrogatório à mulher e ela iria desconfiar. Iria se lembrar de você e tudo iria por água a baixo.

— Usou nossos filhos?

— Assim como tirei foto do velho e do filho jogando bola.

— Cairon Filho! — Pronto! Agora ela está brava.

Nossa sorte é que a garçonete chegou. Fizemos os pedidos e eu dei uma bebida para ela se acalmar. Puxei sua cadeira um pouco mais para perto de mim, mas ela puxou para longe. Emburrada. A noite seria longa... E o Endrigo pediu tanto para não falarmos nada com mais

ninguém sobre o que estava acontecendo... Estávamos tão perto. Mas ou eu contava a ela ou meu casamento poderia estar em perigo.

Jantamos e nos divertimos. Quando a sobremesa veio, chegou também o Élcio com o chefe do Conselho, e sua esposa e filha. Ao que tudo indica, o Élcio estava namorando com a filha do chefe do Conselho. A esposa do Chefe e o chefe foram até nossa mesa e nos cumprimentaram e por educação sua filha, mas o Élcio não fez nem por educação. Também não fez questão.

— Cairon... Como o tempo tem te feito bem. — *Não fala isso, mulher.* Pensei comigo.

— A você também, Tânia. Cada dia mais linda! — Fui simpático.

— Liara, você também, minha filha. Que casal mais lindo. Vocês estão um casal de dar inveja, aliás, olhando vocês sentados aqui... É a família perfeita.

— Obrigada, Tânia. Sua família também é muito bonita. — Ela fez um ar de tristeza e eu sabia que alguma coisa estava acontecendo. Era essa nossa peça chave. A Tânia sempre foi muito

honestas com tudo e eu sabia onde recorrer neste exato momento.

Amanhã mesmo eu teria uma conversa com ela. Longe do marido, é claro, e da Liara.

Depois que eles se foram, aí sim o clima piorou. A Li nem conversou comigo direito. Falamos com as crianças, sorrimos e fomos embora.

Em casa, quando todas as luzes já haviam se apagado, eu tentei puxar assunto novamente:

— Estamos fazendo uma investigação sobre os casos que julgamos. Eu acho que o que quero é aproveitar minha aposentadoria. E advogar para os que não têm condições. Mas não quero terminar minha carreira injustiçado. Depois que provar que sou inocente, vou encerrar.

Não houve resposta.

— Não vai falar comigo mesmo?

— Não é que não esteja ligando. Também fizemos uma comissão de mulheres e temos dados muito importantes para te passar sobre estes casos. Talvez juntos já tenhamos mais que o suficiente.

Mas tenho coisas no momento me preocupando além do que imagina.

— Então fala comigo.

— Preciso de um psicólogo.

— Está doente?

— Estou.

— O que foi? – Sentei-me na cama e puxei-a para meu colo.

— Estou doente de ciúmes. – Se eu risse agora seria um homem morto com certeza. E não era brincadeira. Eu também era ciumento mais já havia notado que o dela estava passando um pouco dos limites. E sem motivo, porque eu me sentia até dias atrás, desmotivado para tudo.

— Fico feliz.

— Como assim, Cairon? Eu te conto uma coisa ruim, e você diz que fica feliz.

— Não é ruim, meu amor. Só precisa dosar. Não acha que eu morro sabendo que está lá trabalhando ao lado daquele safado do Élcio e que ele dá de cima de você? Mas eu confio é em você. Não nele.

— Mas ultimamente você começou a se vestir diferente, arrumar o cabelo diferente, trocou o perfume...

— Porque achei que você merecesse, meu amor.

— E está transando...

— Está reclamando novamente?

— Claro que não.

— Estou fazendo isso com você. Não há outra pessoa. Somos só nós. Entenda de uma vez por todas que eu te amo.

— E agora com você longe de mim durante todo o dia... Não sei... Parece que... — Ela começou a chorar...

Eu estaria tão errado assim? Talvez estivesse na crise da meia idade realmente. Agindo como um jovem, não encarando minha idade real e isso pudesse estar magoando minha esposa.

— Me perdoa. Não sabia que isso pudesse estar ferindo você a esse ponto. Achei que estivesse apático e velho, e que estivesse te arrastando para um mundo de tristeza e solidão. Só quis que não

caíssemos na rotina e vejo que só piorei as coisas. — A tirei da minha perna e me levantei. A brincadeira havia acabado. Precisava repensar minhas atitudes. Eu não podia brincar com os sentimentos dela.

Saí do quarto. Ela não sabia o que estava vivendo naquele momento e nem iria contar. Não queria que sofresse o que eu estava sofrendo; não queria que ficasse agoniada da forma que eu estava. Tentava disfarçar minhas dores, mesmo sabendo que minha consciência estava tranquila diante de tudo que me acusavam, mas ainda assim aquilo doía.

E ela estava presa em ciúmes. Ciúmes de que? Há quinze anos eu só tinha olhos para ela. Desde que eu me decidi por ela, nunca mais olhei para outra mulher. Tudo que fazia era para ela e por ela.

Olhei-me no espelho e decidi sair. Saí de casa. Precisava de ar fresco... Respirar.

Entrei no elevador e descí. O Porteiro abriu o portão... Atravessei...

— O Senhor vai sair a essa hora?

— Só uma volta no quarteirão. Nada sério.

— Ninguém vai acompanhá-lo, senhor?

— Não há mais necessidade.

Continuei caminhando como as mãos no bolso. Depois de quase chegar à esquina, senti que alguém vinha atrás de mim.

— Posso caminhar com você?

Era a filha do chefe do conselho. A gente tinha se visto mais cedo no restaurante.

— Se não se importar de uma companhia chata e patética.

— Tudo que você nunca foi, Cairon. – Ela esbarrou em meu ombro e sorriu.

— Cuidado! Pode se surpreender de quão chato eu posso ser.

— Quando eu era criança, adorava quando você ia falar com meu pai. Sempre me imaginei casada com você.

— Mentira, vai... – Olhei para ela. Era uma mulher muito bonita. Como eu nunca havia reparado? Devia ter a idade da Liara.

— Verdade. Você era meu homem ideal.

Brincava de casar e você era meu noivo.

Eu gargalhei.

— Mas daí você se casou com a Giovana...

— Pois é. Mas que bom que agora está com o Élcio.

— Na verdade já estamos nos separando.

— Se separando? Eu não sabia que você havia se casado?

— Um péssimo negócio. E agora para sair, estamos pagando um alto preço. Meu pai está pagando um alto preço.

— É?

— Eu engravidei de um cara na época, e meu pai, para não ver o "nome da família"... Ah, enfim... É uma longa história. Não quero perturbá-lo com minhas chorumelas, como diz meu pai. — Por isso ela andou sumida. Talvez tivesse ligação com os acontecimentos e por isso talvez o Élcio estivesse pressionando o pai a me tirar do cargo e dar a ele. Fazia sentido.

— Bom... Se tiver tempo para uma boa caminhada...

— Eu sabia, Cairon Filho! Eu sabia!

A Liara gritou atrás de nós e saiu correndo.

Putá merda! Justo agora...

— Cairon, deixe-a. Deixe que ela esfrie a cabeça. — Ela segurou meu braço.

— Quando ela esfriar a cabeça minhas roupas já estarão todas do lado de fora. — Dei um sorriso e saí correndo atrás da minha esposa. Todo homem sabe o momento certo de fazer o que deve ser feito.

Quando a alcancei, já havia entrado no elevador. Assim que entrou no quarto, a acompanhei.

— Que droga! Quer acordar toda vizinhança e as crianças?

— Devia mesmo. Devia chamar a todos. Para verem você ir embora desta casa. — Começou a abrir o guarda-roupas, então bati a mão na porta e segurei.

— Pare com isso. Deixe de ser paranoica.

— Eu vi. Agora vi com meus próprios olhos.

— Então descreva o que você viu.

— Vi você com a Thawanny.

— Então vocês se conhecem?

— Claro que sim, não se faça de idiota. Estudamos alguns períodos juntas e depois fizemos o concurso juntas. — Ela virou as costas e começou a chorar novamente. — E agora, pelo jeito, estamos dividindo o mesmo homem.

— Não seja criança, Liara. Acabei de conversar com você antes de sair de casa. Acabei de te dizer o quanto de amava, que só existia você em minha vida.

— E foi caminhar com ela.

— E fui caminhar. Ela que surgiu sei lá de onde e pediu para me acompanhar. Eu ia dizer que não?

— Isso mesmo. Como homem casado deveria ter dito não. — Passei a mão pelo cabelo e respirei fundo. Ela começou a me dizer algumas coisas que achei que poderiam ajudar no nosso caso, aliás, no meu... Já que o dela é ciúmes.

— Ah... Então acha que não estou empenhada o suficiente para te ajudar?

Não respondi. Estava ficando cansado.

— Li, presta atenção... Estão nos jogando um contra outro e estão conseguindo. Precisamos estar juntos, meu amor. Não estou te traindo, te juro. — A segurei pelos ombros. — Olha para mim porque é a última vez que te digo isso.

Joguei-a sobre a cama, tirei sua roupa sem me importar se estava sendo gentil ou não, rasguei sua blusa indelicadamente, como nunca havia sido. Ela precisava ficar ciente disso e tomei posse de um seio seu.

Passei a mão por trás de sua cabeça e puxei seus cabelos, a puxando para cima da cama. Ela gemeu... Não liguei! Que sentisse, que soubesse, que ficasse marcada, que ficasse registrado, assim, de uma vez por todas, e ela tivesse certeza que éramos um do outro.

— Quer chorar, mulher? Chora de tesão... Ou quando eu te fizer gozar. Para com essa desconfiança boba.

Foi a primeira vez que ela demonstrou um pequeno sorriso.

— Quer ver o quanto sou seu?

— Quero.

— Fica por cima.

— Mesmo?

— Pode fazer o que você quiser.

E ela usou e abusou. Com poder e autoridade... A noite foi dela. E eu? Simplesmente adorei.

Quando abri os olhos de manhã, assustei-me com o quanto estava tarde. Rolei de lado e não encontrei minha esposa, mas havia um bilhete sobre o travesseiro.

“Depois do que fez por mim e por toda minha família, eles não tinham o direito de te prejudicar assim. Vou pessoalmente até minha cidade tirar essa história à limpo. Te amo! Sua sempre... Li.”

A mulher era louca, só podia. E era a mulher que eu amava, e escolhera para amar todos os dias de minha vida.

Bônus.

Liara

Eu me lembro do dia em que saí da cidade.

Não fui de Avião como estava chegando agora. O Aeroporto mais próximo estava a setenta quilômetros. Agora o resto do percurso seria feita de taxi, ou de ônibus.

Optei pelo taxi. Caso contrário levaria mais uma ou duas horas na estrada contando com as paradas que ele faz nas cidades vizinhas.

Quando chegamos diante a casa de minha tia, no caso agora de minhas primas, esperei que elas abrissem para então dispensar o taxi.

—Liara? — Estavam espantadas. Olhavam para mim e para a mala.

— Posso entrar? — Então a Lisandra se deu conta de que estava parada à porta me impedindo de entrar.

— Claro. Claro que sim. Esperava até mesmo pelo Papa, menos por você. — Minha visita era assim tão ilustre? Ou estava apenas sendo irônica.

Sei que nos últimos anos, não tive como visitar a família. Na verdade, há muitos anos. Acabamos até mesmo perdendo o contato telefônico depois que foi necessário trocar nosso número por conta de uma ameaça à família. E eu

NACIONAIS - ACHERON

preferi me afastar para deixá-las em segurança. Não seria justo que minha profissão, e a profissão do Cairen, colocassem em perigo uma família que gozava de liberdade.

Na verdade, eu hoje invejava o que eu podia viver aqui. Ir e vir, sem que suspeitar de que alguém estivesse espreitando nosso passeio. Ou dormir sem seguranças à porta e ter uma noite tranquila de sono.

Ela começou a retirar cobertas do sofá, e jogá-las no quarto. A situação continuava a mesma. E o dinheiro que depositava todos os meses? O que faziam com ele? Não que desse para viverem com luxo, mas... Era uma ajuda.

— Eu acredito que esteja acontecendo algo, para que venha pessoalmente nos visitar. — Ela foi direta e deixava claro, que havia mágoas por minha ausência.

— Lisa, espero que desde nossa última conversa tenha entendido minha posição em não estar vindo com frequência. Deixei claro que minha vida havia mudado.

— E nem precisava se dar ao luxo. Desde

quando minha mãe era viva e precisamos ficar na sua casa, voltamos sabendo que não levava mais a mesma vida que nós. Apartamento de luxo, empregada e homem cheio da grana. — A velha história ainda pairava pelo ar. Mesmo casada com o Cairon, elas não deixavam de achar e insinuar que eu fora amante dele, ou como dizia minha mãe, uma prostituta. E por algum tempo eu me senti e me coloquei nessa situação. Até que tinha entendido em meu coração. Que eu não era aquilo que as pessoas estipulavam ou diziam. Eu era aquilo que minha consciência determinava e eu me permitia. Eu amava o Cairon, mesmo se ele não pudesse me dar nada em troca.

— Local onde meu marido, que na época era meu namorado, e eu, as recebemos com muito carinho. E me lembro que na época, você ficou mais deslumbrada que, eu propriamente falando.

— Liara... Liara. — Ela sentou-se de frente comigo, e sorriu. — Duvido que nenhuma vez na vida tenha se deslumbrado com a vida que agora vive.

— Não digo me deslumbrar, Lisa. Mas por várias vezes na semana, desde o dia em que

NACIONAIS - ACHERON

conheci o Cairon, eu agradeço a Deus pelas oportunidades que tive de mudança. Mas não pense que fiquei em casa apenas aproveitando a vida não, porque não foi assim. Eu estudei. Trabalhei e trabalho até hoje. Apenas aproveitei a oportunidade.

— Oportunidade que nem todas nós temos. —
Aí eu não podia discordar. Até mesmo eu não teria, se tivesse ficado ali, na cidade do interior. Agora entendia porque tantos vão para a capital.

— Bom... Não vim discutir minha vida com você. Até porque, muitos querem ter o que o outro tem, mas não querem pagar o preço que ele pagou. — Encerrei a conversa sobre oportunidades e sorte. Até porque eu não acredito que seja sorte. É sempre Deus. — Eu quero notícias de nossas primas que não conheço.

Ela gargalhou.

— Qual delas? Porque se me lembro bem, você não conhecia todas as primas e nem sequer recebeu a Leiane quando estive na capital — Agora era minha vez de sorrir. Primeiro porque não me lembrava de prima chamada Leiane, e segundo

porque não me lembro de ter sido procurada por ninguém em casa ou no trabalho com esse nome. Mas deduzi que poderia ser ela a pessoa pela qual procurava.

— E poderia me dar o telefone dela ou o endereço?

— Por que agora? Será porque ela também tenha se dado bem na vida se casando com um deputado?

Bingo! Era justamente a pessoa que eu procurava.

— Não sabia disso.

— Lógico que não. Manda uma migalha de dinheiro para nós, esperando que vivamos bem como você e nem sequer liga para saber de nossas vidas. Claro que não saberia que a Leiane havia se casado. — Ela se levantou pegou um jornal e jogou sobre o sofá perto de mim.

Tomei o papel nas mãos e vi a foto da mulher que agora eu sabia ser quem eu procurava. Afinal, me lembro do caso, só não conhecia a bendita como minha prima. E como eu, devia estar muito diferente, depois de um banho de loja e salão de

NACIONAIS - ACHERON

beleza.

— Não me lembrava dela.

— Não. Ela é filha de nosso tio.

— Tio? Não era só a mamãe e a tia de irmãs?

— Sim. Ele foi um irmão de criação e depois de se casar, acabou se afastando da família.

— Hum... Então não tinha mesmo obrigação de conhecê-la.

— Não, não tinha. Eu mesma a conheci porque passou a frequentar nossa casa depois que minha mãe faleceu. Ela havia pedido o pai também e quis se aproximar da única família que restou. Porém, ao contrário de você, nos ajuda e muito.

— E onde aplica o dinheiro? Já que o que eu mando somado ao dela, deveria ajudar.

— Tenho filhos, Liara. E agora consigo pagar uma escola particular para dar a eles uma chance de serem alguém na vida. Assim como seus filhos têm essa oportunidade. — Sim. Deixar de viver em melhores condições, ou ter o que comer na mesa para dar aos filhos um colégio particular não seria minha melhor escolha, mas não estou aqui para

julgar ninguém. Cada um com suas prioridades.

— Minha filha ano passado estudou em escola pública e não morreu. Aliás, além de conteúdo, também aprendeu valores que o pai e eu talvez tenhamos deixado de ensinar.

— Aposto que fizeram isso para castigar a menina. Podem se dar ao luxo. Nós não... É a opção que temos. Agora, com o dinheiro da Leiane, estamos tendo novas oportunidades.

— Que bom! Então a partir da semana que vem, peça-a para mandar mais, porque eu trabalho a beça para poder mandar o que posso.

— Seu marido poderia mandar muito mais, se quisesse.

— O Cairon nem sabe que mando esse dinheiro. Nunca peguei um centavo dele. O que mando é de meu salário. Aliás, que mandava.

— Não ficarei escandalizada se cortar a sua ajuda. Porque esperava tudo vindo de você. Que “enricou” e virou as costas a sua família.

Aquilo me doeu profundamente. Nós fomos criadas juntas, e agora ouvir isso...

— Preciso ir. Eu mesma encontrarei a Leiane.
— Tomei minha mala e saí da casa, logo depois uma criança veio correndo me chamando de tia, e entregou-me um pedaço de papel. Olhei e vi um número de telefone.

Agradei o menino e continuei caminhando. Eu não queria que ele contasse à mãe que havia me visto chorar.

Duas quadras depois, encontrei um taxista e combinei que ele ficaria à minha disposição enquanto precisasse e só quando fui ligar para a Leiane, observei quantas mensagens e quantas ligações tinham do Cairon. Respondi as mensagens o tranquilizando, e fiz a ligação.

Depois de fingir não me conhecer, disse que me concederia alguns minutos de seu precioso tempo.

Essa não era minha família com certeza.

— Bom dia! — A funcionária, vestida de uniforme, me convidou a entrar e a esperar pela patroa.

Eu não havia tomado café. Não havia almoçado e agora começava a sentir o cheiro do
NACIONAIS - ACHERON

almoço que fazia meu estômago roncar.

E se eu soubesse o quanto seria demorado essa espera, teria almoçado primeiro. Estava fazendo do propósito. Mais de uma hora e meia depois, ela desceu as escadas.

— Estava em reunião com as damas da cidade.
— No quarto? Essa era minha pergunta. Mas preferia ficar quieta, porque eu precisava saber o motivo que a fizera entrar em uma barca furada como essa. Mentir diante a tribuna. Devia saber que caso viessem descobrir ela estaria encrencada.

— Muito bonita sua casa. — Tentei respirar para não esganar a fulana.

— Trouxe engenheiros de Nova Iorque. — Perca de tempo. Tantos bons aqui no Brasil. — Mas acredito que não tenha vindo de sua cidade para falar de minha casa aqui no interior. Caso fosse, deveria me fazer uma visita lá na Capital. Aí sim veria o que é ter uma casa.

— Então casamento com deputado é lucrativo — alfinetei.

— O salário de um deputado hoje não é desconhecido da população. — Ela tinha razão.
NACIONAIS - ACHERON

Trinta e três mil e setecentos e sessenta e três reais, chegando a ser superior ao do Presidente da República. — De qualquer forma, temos alguns benefícios que nos ajudam a complementar o salário.

— Já ouvi falar. Auxílio moradia. — R\$3.800,00. Comecei a calcular mentalmente. — Um valor quase equivalente ao salário, quer dizer de 30 a 45 mil, para despesas com passagens aéreas, combustível, contratação de segurança e consultoria. Além de verba separada para contratação de até 25 secretários parlamentares. — R\$97.000. Em minha mente calculei que aproximadamente R\$168,6 mil por mês. Isso só o deputado. E as esposas ainda recebem alguns benefícios.

— É. Mas o salário é jus ao trabalho de cada um.

— Lógico. — Fui irônica. — Mas você fala... Marido, marido. Não haviam se separado? — Ela ficou branca.

— Mas nos reconciliamos meses depois.

— Ah, sei. Que bom, não é?

— Muito. Porque eu amo demais meu marido, assim como você deve amar seu juiz. E sem falar que eles também não ganham mal, não é?

— E como disse, trabalham para isso. Mas ao contrário dos deputados, senadores, eles têm uma carga horária. — Antes que ela pudesse retrucar algo, continuei. — Mas sabia que mentir em juízo é crime?

— Não estou te entendendo, Liara. Quando penso que está vindo me fazer uma visita familiar, me vem com ameaças?

— Não. Claro que não. Primeiro, eu não a conhecia. A culpa não é minha, porque você não conviveu com a gente. E jamais viria aqui lhe fazer uma ameaça, uma vez que não tenha feito nada de errado.

— Claro que não. A vida de meu marido é um livro aberto. Não temos nada a esconder. E sobre sua visita, acho que ela termina aqui. Como disse, nunca tivemos contato, não será agora que teremos.

— Engraçado é que meu marido está sendo processado por te dar ganho de causa em um processo que te cita como minha prima. Como isso

aconteceu?

— Bom... Eu não sei do que está falando. Passamos uma fase difícil, e agora estamos bem. E se me der licença...

— Claro. Seu tempo deve ser muito corrido. E peço desculpas por ter me procurado em minha casa e não ter me encontrado.

— Ah, sim! A Lisa te contou. Mas eu não fui te procurar. — Eu tinha certeza. Eu me lembraria dela. — Disse a ela que fui para não ficar decepcionada. Mas não tinha mais jeito. A criança estava condenada.

— Como assim? — A Lisa não havia me contado toda a história. A filha mais velha se engravidara aos treze anos e precisou transferência para salvar mãe e filho durante o parto, mas não tinham condições. A Leiane ficou de me procurar na capital, mas voltou dizendo que eu não a havia recebido. Ajudou como pode, mas foi tarde.

— Ela deveria agradecer por agora a menina ter a oportunidade de seguir sua vida como adolescente e não mãe. Mas não diria isso a ela. Sabe como são as mães.

Minha vontade foi de esganar a maldita. Deixar uma menina de treze anos passar por um trauma desses?

Entrei no taxi chorei novamente. Precisava pensar. Pensar no que fazer. Fui até um hotel. Paguei o motorista pelo dia e o dispensei. Ficaria ali. Almoçaria e jantaria ao mesmo tempo, e depois precisava pensar no que fazer.

Precisava desfazer o engano com minha prima Lisa. Pedir desculpas por não estar presente nos momentos mais precisos, e precisava colher provas de que a Leiane nunca havia se separado, e provar também que em nenhum momento da vida tivemos um relacionamento familiar.

Mas como seria isso?

Pensa, Liara! Pensa!

Trinta e um



Cairon

NACIONAIS - ACHERON

— Pai, posso entrar? Como está o processo?

— Foi aceito, filho. Só não imaginávamos que com ele seria desencadeado tantos outros assuntos pendentes no CNJ. O ministério começou a investigação e a gora é só esperar. Espero que dê tudo certo. — Recostei-me à cadeira diante do Endrigo.

— A participação da Liara foi extremamente importante no desenrolar dos fatos, Cairon. — Disso eu não tinha dúvidas.

Quando minha esposa voltou da viagem à sua cidade natal, ambos ficamos abismados com a capacidade do ser humano.

As primas achavam-se no direito de desfrutarem da mesma comodidade que ela, uma vez que eram família. Se sentiram indignadas pela Liara viver tão bem, enquanto elas mesmas viviam na pobreza.

Não estavam levando em consideração que minha esposa havia batalhado e trabalhava até hoje para progredir e isso me deixava puto da vida. Pessoas que querem se subir às custas do trabalho do outro.

Visitamos a tia uma vez, e assumi a hipoteca da casa, quitando a dívida. Reformei e entreguei o imóvel como novo a ela. Mas quando fomos nos despedir, notei que haviam homens demais sem contribuir dentro da casa. Se ao menos os três mais velhos trabalhassem, conseguiriam sustentar toda família. Lógico que depois que faleceu, eu não podia assumir a família pelo resto da vida.

Agora a Liara relatara que em um jantar promovido com a desculpa de se retratar, havia ouvido da boca da própria prima que ajudaria ao marido em qualquer situação para não voltar à pobreza. Acumulavam bens com dinheiro público.

Graças à minha esposa, o deputado era agora, acusado de lavagem de dinheiro. A esposa não mentira, sua mansão na Capital era fantástica e dispunha de patrimônio incompatível com sua renda. Somente para comprar a mansão de luxo ele teria que acumular seu salário por doze anos. O que levou minha esposa a deduzir que foram as informações que recebera da suposta prima. O lugar ocupava um terreno de 5 mil metros quadrados, e avaliada em R\$ 5 milhões, juntando - se terreno mais valor da construção.

A partir daí foram confrontadas as informações atuais com as que foram relatadas no processo em que julguei e pronto. Havia muita sujeira debaixo dos panos.

— Claro que agora tudo dará certo, meu amigo. A ideia deles era que, te afastando do meio, jamais descobririam a lama em que estavam se afundando. Em breve teremos notícias do processo administrativo instaurado em nosso favor. — O Endrigo se levantou e apertou minha mão e a do Pietro. — Agora deixa eu ir dar uma olhada em minha esposa. Está com depressão. Isso é mais sério que se parece.

— Mesmo? Não tinha me dito nada. Se houver algo que possa fazer... Talvez, se quiser sair para jantarmos ou dançarmos... Nós seis. Vocês, o Murilo e Kessia, Liara e eu.

— Dançar? — Ele riu. — Vindo de você, meu amigo, isso pode mesmo ser a cura.

— Não estou brincando. Lá na Alemanha nós saímos e foi muito bom.

— Poderia ser uma boa. Ela vivia me pedindo para fazer algo diferente. Mas agora não sei. Às

vezes só quer ficar dentro de casa, sem ver ninguém.

— Então ficamos combinados assim. Pode ser no sábado. Não temos nada para fazer. Eu falo com a Li.

— Aguardo você me ligar.

— E se tiver alguma novidade do processo, me ligue. — Ele se foi, deixando a mim e o Pietro no escritório.

— Como estão as coisas, filho? E sua mãe? Tem falado com ela? Na correria de tudo isso, me esqueci de perguntar.

— Está bem. Minha irmã também está bem. Estão felizes na medida do possível e do jeito dela. Minha mãe agora descobriu, até que enfim, depois de todos estes anos, algo que gosta de fazer, e está lá firme e forte com suas receitas. As pessoas até encomendam seus pratos. E assim ela ajuda o Jeff.

— Não tem mesmo vontade de morar com eles?

— Não. É demais para mim. É sobre isso que quero falar com você. Acho que está na hora de

morar sozinho, pai. Ter meu canto. O que acha?

— Não quer mais morar com a gente?

— Por mim moraria aqui o resto da vida. Mas você, por exemplo, saiu de casa muito mais cedo. Não tem nenhum amigo da minha idade que ainda more com os pais. Chamam-me de filhinho de papai. — Sabia que ele não se importava com isso, mas estava certo. Estava na hora de ganhar sua liberdade.

— E está fazendo isso por que te chamam assim?

— Não. Claro que não. É porque quero ter minha casa. E...

— Levar as namoradas. — Ele só sorriu. — Vá com calma, filho. Nesse momento em que nossos hormônios estão à flor da pele é que precisamos nos policiar, senão nem sua pós-graduação conseguirá terminar. Vêm os filhos e quando a gente percebe... — Vi a tristeza nos olhos dele, e me vi sendo o antigo Cairen. Cheio de tradições e regras, e eu que havia prometido para mim mesmo que a vida era curta e que iria viver um dia de cada vez. — Mas vamos lá. Já tem um lugar em vista? —

Ele mudou o semblante ao me ver sorrir.

— Seu antigo apartamento.

— Não acha aquele lugar apertado e cheio de lembranças?

— Pensei em economizar no aluguel.

— E se comprasse seu próprio apartamento?

— Não queria contrair uma dívida agora. — Como era sensato o Pietro.

— Pensei em usar um dinheiro que seu avô deixou para você que tenho guardado.

— Então esse dinheiro existe mesmo, pai? Minha mãe quase enlouqueceu dizendo ao Jeff que esse dinheiro existia e que você roubou dela. Falava nele o dia todo.

— Não roubei, filho. Está aplicado e hoje você deve ter um pouco mais do que seu avô havia deixado. Mas é seu. Ela não tinha o direito de gastar assim como eu não tinha. Eu tenho o da minha avó. Mas até hoje só gastei o do meu salário. Também tenho você e os meninos, que quero deixar em situação boa na vida. E agora quero viver melhor com a Liara.

— Mas nós vivemos muito bem, pai. Eu sempre achei que era muito rico.

— Nós somos por conta do meu pai, que lutou e teve seu pé de meia e me favoreceu em determinada época da vida. Mas o dinheiro da minha avó está aplicado em ações, imóveis e várias outras coisas. Mas ajudo também a várias instituições de caridade. Sua avó é que fica responsável por estar à frente disso para mim. Qualquer dia se quiser ir visitar, te levo lá. Agora quanto ao apartamento... Se quiser dar uma saída e procurar, eu gostaria muito de fazer isso com você. Assim como meu pai fez comigo um dia.

— Eu ficaria muito feliz então, pai. Bom... Agora vou buscar meus irmãos. E a gente não vem almoçar. Prometi que iríamos almoçar fora hoje. Vamos a uma loja de game que abriu, e depois os levo para almoçar comida chinesa.

— Cuidado, filho, com essas comidas.

— Eu sei, pai. A gente toma cuidado.

— Então vou aproveitar para buscar minha esposa para o almoço.

Sáímos os dois. E só no caminho me lembrei
NACIONAIS - ACHERON

de algo que ela havia falado e liguei para minha mãe, pedido a ela que providenciasse para mim. Minha segunda ligação foi para a Késsia dizendo que provavelmente a Liara não voltaria para trabalhar à tarde. Assim, ela tomaria conta da agenda da minha esposa.

— Aonde vamos? — Quis saber assim que entrou no carro e me deu um beijo no rosto.

— Visitar uma amiga da minha mãe. Confia em mim?

— Se é amiga de minha sogra, eu confio.

Depois de dez minutos de trânsito, chegamos à clínica. Era bem moderna. Os tons claros davam ao ambiente um clima gostoso e aconchegante.

Interessante como as cores tinham o poder de agir de forma positiva ou negativa na vida da gente. Assim como o céu azul se alegrava com o sol em seus diversos tons amarelos e logo depois se entristecia com seus tons de cinza e chorava com a chuva.

Era isso que eu conseguia detalhar ao ver as cores internas daquele lugar enquanto aguardava a Liara em sua primeira visita a psicóloga já que ela

NACIONAIS - ACHERON

achava que estava precisando.

Enquanto olhava para as cores, lia uma frase. "O segredo é saber equilibrar". Era isso... Precisávamos aprender a equilibrar a vida. Não entristecer demais nem nos alegrar demais. Tudo precisava ter seu ponto certo.

Agora eu já estava um pouco impaciente depois de meditar mais de cinquenta minutos a mesma frase, e nada da Liara aparecer. Cinquenta e cinco... cinquenta e sete?

— Sabe me dizer quanto tempo de atendimento em geral? — A atendente retornava do almoço.

— Uma hora, aproximadamente.

Mas o estranho é que já se passava de uma hora e vinte. Se me lembro bem, a moça devia ter uma hora de almoço e estava aqui quando chegamos. Mais Dez minutos e nada mais. Era isso que eu esperaria.

Mas eles também se foram e depois de cinco minutos do que eu havia dado de tolerância, ela saiu sorrindo e apertando a mão da senhora, amiga de minha mãe.

— Espero que volte na próxima semana.

— Pode me esperar. Voltarei com certeza!

No carro, ela parecia mais feliz, mas não disse nada. Limitou-se a sorrir e a me olhar.

— Me deixa no shopping?

— Sozinha?

— Sim. Não voltarei ao trabalho hoje.

— Já tinha dito isso a Késsia, mas pensando em assistirmos um filme, ou sei lá...

— Então você assiste algo enquanto resolvo um assunto. E a gente se encontra para o chá às quatro. Naquela cafeteria linda que tem lá mesmo, pode ser?

— Pode, meu amor. Ah, eu pensei em sairmos amanhã com o Endrigo e a esposa, o Murilo e a Késsia, para dançarmos. O que acha?

— Se você prometer que não vai beijar ninguém e nem vai beber nada que nos levará para nenhuma delegacia?

Só pude rir da situação me lembrando de nossa aventura na Alemanha. Algumas semanas se

passaram e me dei conta de que não tinha enviando nenhum e-mail ao Hansi ou a sua família.

Estava na hora de enviar notícias, até porque precisava manter os amigos perto e os inimigos mais perto ainda. E nesse caso meu “inimigo” era o George. O pobre menino pensa que me engana em relação à Valentina e ele. Mas estava completamente enganado. Fiquei de olho neles o tempo todo.

Em poucos dias ela faria quinze anos eu sabia que não conseguiria mantê-los afastados por muito tempo. Estou aguardando que venham falar comigo e deixarei que namorem. Claro que enquanto eles estiverem longe será muito conveniente. Para mim, principalmente. Ele parece um rapaz legal, mas se esquece de que sou homem e sei como funciona. Sei como era na adolescência, sei por que estou vivendo isso com o Benjamin e já passei com o Pietro. E nenhum homem é totalmente inocente.

— Eu sou inocente.

— Nenhum homem é totalmente inocente — ela frisou. Olhei para ela desconfiado. Uma hora de terapia e a mulher vinha com uma teoria nova.

— A terapeuta que te disse isso?

— Cairon... Cairon. Está curioso? Não te direi o que conversamos. É segredo entre paciente e psicólogo.

— Então agora temos segredos?

— Não está gostando de brincar? – Ela deu um meio sorriso.

Se a brincadeira fosse boa eu até toparia. Estávamos precisando sair do comodismo do casamento de quinze anos em que havíamos nos permitido cair. Tudo ia muito bem. Nós nos dávamos bem em quase tudo. Nossos gostos eram os mesmos. Não discordávamos de quase nada. E raramente brigávamos.

Ela dizia algo e eu preferia me calar, para não irritá-la. Mas ao fim das contas, nosso casamento não estava bem. E quando tentei mudar, agora percebo, tentei fazer sozinho. Por isso não estava dando certo. Precisávamos caminhar os dois juntos.

No momento as coisas ainda estavam um tanto confusas por causa desta acusação, e de meu afastamento e todo este processo investigativo, e administrativo. Mas não seriam esses processos que

NACIONAIS - ACHERON

fariam minha vida parar.

Conversando com minha mãe ela sugeriu terapia de casal, mas como a Li havia dito sobre precisar de um psicólogo, antes da nossa terapia de casal, pensei em deixá-la fazer seu tratamento sozinha. Caso depois ela achasse que precisávamos mesmo da terapia de casal, que eu acho que não chega ao ponto, então faremos.

Quando paramos no shopping, o Pietro me ligou dizendo que havia achando o primeiro apartamento e era ali perto, caso eu quisesse dar uma olhada.

Tudo bem. O filme não era nada tão bom assim. E assistir sozinho não teria a mesma graça.

Deixei a Li com a promessa de me encontrar com ela às dezesseis horas e fui ao encontro do Pietro em um condomínio ali perto.

Esperava que isso não tomasse toda minha tarde. Não gostaria de chegar atrasado ao meu compromisso com ela, colocando em risco nosso fim de semana.

Ao sair do shopping eu jurei ter visto o Élcio entrar. Mas o que ele estaria fazendo ali, com tantos

NACIONAIS - ACHERON

outros shoppings para ir? Seria muita coincidência. E se eu dissesse que o cara estava nos seguindo. Seria muita pretensão. E agora se eu desse a volta e entrasse novamente, ela diria que estou desconfiando dela. Conheço bem a esposa que tenho.

Mas agora estava nervoso. Muito nervoso. Ao contrário da Liara, não tinha ciúmes. Eu confiava nela. Com todo meu coração. Jamais desconfiaria da minha Dama da noite.

Continuei meu caminho. Ela tinha seguranças. Ele não poderia fazer nada com ela a luz do dia.

Calma, Cairen! Tudo está bem. Foco no apartamento do Pietro. Cada coisa de uma vez. Cada coisa de uma vez. Forcei-me a acreditar naquilo e partir.

Trinta e dois



Liara

As palavras de minha prima ainda ecoavam em minha cabeça essa manhã enquanto trabalhava. Ela faria de tudo pelo marido e principalmente para voltar à pobreza.

Ele a tirou da miséria, e ela achava que sua história era uma repetição da minha. A diferença, que deixei bem claro a ela é que, eu não teria coragem de defender, ou ocultar nada da justiça para ajudar ao Cairon. E faria sim, tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudá-lo porque tinha certeza de que ele não estaria cometendo nenhum crime.

E embora eu jamais deixasse de ajudar minha prima Lisa, ela teria que se contentar com o que eu mandava, porque nunca teria coragem de pedir ao Cairon que assumisse minha família da mesma forma como assumiu minha mãe e eu. Não era justo com ele.

Esse choque da realidade me fez voltar com
NACIONAIS - ACHERON

uma visão diferente. E o que eu mais precisava fazer por meu marido no momento, era aceitar todas as suas mudanças, e também tentar mudar por ele. E o que, quase uma hora e meia de conversa não poderia mudar na vida da gente.

Eu tinha comigo, que não era só o processo que atormentava ao Cairon. Mas sim também seus quase cinquenta anos. Assim como a mulher, os homens também passavam uma fase de adaptação. Por isso procurei a psicóloga, para que me ajudasse a passar por esse momento com sabedoria.

— O que se faz quando é casada com um homem bonito? — Foi a primeira coisa que perguntei à psicóloga.

— Eu não tenho resposta para isso. — Ela sorriu. — Você que precisa descobrir.

— Hum... É que eu pensei que vindo aqui, você teria respostas para minhas perguntas. — Vejo que havia me enganado completamente.

— As respostas estão com você.

— Não. Não estão. A senhora é amiga da mãe dele e deve conhecê-lo. O Homem não envelhece, ele “enbelhece”. Ele está passando uma fase

NACIONAIS - ACHERON

complicada com a idade, mas não envelhece fisicamente e nem mentalmente.

— Embelhece?

— É. É a palavra que a Valentina usa para o que as amigas descrevem o pai. Ele fica mais belo a cada dia. Embeleza a cada dia. E é verdade. E olha que elas são adolescentes. E não estão se referindo apenas às suas roupas, sua postura, mas de lindo mesmo. Imagina o que eu tenho passado com as mocinhas mais jovens e as mulheres de nossa idade.

— Todas dando em cima dele. — Ela só sorria, como se isso fosse normal. — E ele correspondendo todas?

— Não. Claro que não. — Não havia porque mentir. — Não é bem assim. Ele não corresponde. Pelo menos não em minha frente. E acredito que seja fiel. Mas eu não sei o que acontece comigo. Estou sempre insegura com o que vestir quando vamos sair. Com o que fazer quando estamos juntos, e quando ele diz que me ama, eu tenho vacilado em acreditar.

— E você? Não estamos aqui para analisá-lo.

Você ainda o ama?

— Eu? Morro por ele.

— E qual seu maior medo?

— Perdê-lo? Que ele me abandone? Que me deixe? — Passei a mão no meu cabelo amarrado. — Sei lá qual meu maior medo. Acho que é que ele encontre alguém que o encante.

— Então chegamos ao ponto central. Então agora o que precisa fazer?

— Não sei. — Olhei desesperada. Eu esperava mesmo que ela dissesse.

— Claro que sabe, Liara. Se você tem uma loja onde vende sapatos. E outra loja abre de frente a sua e vende sapatos e roupas, porque o cliente entrará onde só vende um produto, quando ele precisa dos dois e pode conseguir um bom desconto?

— Na loja da frente — disse desanimada.

— E se você tem os sapatos e coloca agora roupas... O que o cliente faz? Entra na sua ou na loja da frente?

— Talvez entre na minha ou na da frente.

— Isso. Ele terá opção. Muitos ficarão com você por serem seus amigos, e já terem se acostumado com você. Mas muitos optarão por mudarem, verem coisas novas na outra loja. Então qual é sua opção?

— Não sei. Fechar? Abrir falência?

— Vai desistir tão fácil assim? É seu sonho. Tudo o que você mais lutou na vida.

— Eu posso... — Pensei um pouco... — Colocar assessórios, roupas, sapatos e assessórios — disse, ainda desanimada e insegura.

— Isso, Liara. — Ela aplaudiu. — Você tem que ter um diferencial e estar sempre um passo a frente deles porque você é o original. Você é a matriz. Chegou primeiro. Não tem que ter concorrência. Tem que investir, tem que oferecer sempre o que o cliente busca. Não deixe que ele busque lá de fora o que você pode oferecer em melhor qualidade aqui dentro. Mostre a ele que o que ele vai receber lá é de má qualidade. O melhor está aqui. Cliente que é bem tratado nunca abandona o vendedor.

— Nunca pensei nisso. Nossa história sempre

foi tão bonita que nunca pensei que precisasse investir.

— O amor às vezes não morre. Mas também não cresce. Fica estagnado. A gente acha que está tudo bem, quando não está. Está parado.

— Ele está tentando. Está tentando fazer a parte dele, mas eu achei que ele estivesse era se exibindo para as mulheres. Talvez estivesse me oferecendo um produto de qualidade.

— E você não está comprando este produto?

— Acho que não.

— Mau comprador também desanima vendedor. Cuidado. Dá uma olhadinha no seu estoque. Veja o que tem oferecido. Renove e venda hoje para ele seus melhores produtos. — Ela deu um sorriso experiente.

Quando saí de lá estava muito mais animada. E agora depois de passar por manicure e pedicuro, cabeleireiro, e estar acabando de me arrumar em um salão, tive a ideia de pedir que minha sogra fique hoje com as crianças para que possamos conversar com maior tranquilidade. Precisamos de um tempo. Só nós. Sem filhos, sem família e sem

NACIONAIS - ACHERON

encrenca. Só nós. Cheguei a reservar um chalé, um local que há aqui na cidade para termos mais privacidade.

Faltavam quinze para as quatro quando saí do salão. A primeira pessoa que eu vi foi o Élcio. Ele parecia cabisbaixo e triste. Minha vontade foi de deixá-lo ali, mas o homem parecia acabado. Aproximei-me dele.

— Olá tudo bem?

— Oi... Es-Está sim.

— Algum problema?

— Não é nada.

— Não é o que me parece. — Ele tomou um gole do café que estava na xícara sobre a mesa, que parecia estar frio, e voltou até a mesa.

— Fui casado e agora estou me separando. Pareço ser duro e sem coração, mas foi muito difícil. E para terminar eu pensei que a gente podia dar certo e você só me esnobou. — Agora estava sendo irônico, só podia.

— Não esnobei você, Élcio. Eu sou uma mulher casada. Só isso. Talvez se a gente tivesse se

conhecido em outra época, em outro tempo. Mas hoje tenho alguém na minha vida. Tenho filhos. E acima de tudo, não me vejo com outra pessoa, a não ser meu marido.

Ele ficou de pé e como era bem alto, tampou minha visão. Eu fiquei bem atenta à entrada do shopping porque a qualquer momento o Cairon entraria e eu não gostaria que ele me visse conversando com o Élcio. Não hoje, que eu estava disposta a vender a ele meus melhores produtos.

— E seu marido como está?

— Está bem. Bom... Se já está melhor e me der licença, eu preciso... — Foi muito rápido...

Foi um passo que dei por passar, ele me puxou e me beijou. Beijou mesmo de enfiar a língua dentro da minha boca, quase me sufocando. Eu me assustei e quando ele me soltou, procurei o rosto dele para dar um tapa, mas vi que ele só havia me soltado porque havia sido arrancado de cima de mim.

O Cairon estava até vermelho e esmurrava o homem. Os seguranças não sabiam se seguravam o Cairon ou se retiravam o Élcio. O Élcio também

não era um homem de porte pequeno, então a briga estava equilibrada.

Só eu via sangue no rosto do Cairon e isso me apavorava. Eles estavam bem mais calmos quando a Polícia Federal os conduziu ao CNJ.

Eles não me deixaram acompanhar os dois. Fui ao carro do Cairon e fiquei na porta esperando. Enquanto os federais, os conduzia, eu ligava para o Murilo e para o Endrigo, assim também liguei para o Pietro e para meu sogro.

— O que aconteceu, amiga? — A Josy chegou apavorada.

— Estava lá dentro? Me conta, Josy, o que aconteceu? Viu o Cairon? Eles não quiseram me deixar entrar.

— Calma, amiga, está tudo bem. Só houve uma advertência. Porque haviam testemunhas contra o Cairon, e se o Élcio fizesse algum tipo de denúncia, também seria denunciado por ter te assediado. E isso seria prejudicial aos dois.

— Meu marido está ferido. É sobre isso que quero saber. Quando poderemos ir para casa. Preciso ver como estão seus ferimentos. — Ela

NACIONAIS - ACHERON

respirou fundo e eu senti que aí vinha bomba.

— Ele acabou de sair pelos fundos com o Pai e o Pietro. O Murilo está vindo aí... Deve te levar para casa.

— Como assim o Cairon foi embora sem mim? Tudo bem que eu não vim em seu carro. Mas daí ele não me esperar?

— Vem. Eu te levo para casa. — Entramos no carro e partimos.

— Como você chegou tão rápido aqui?

— Já estava aqui. Vim com a Késsia. Nosso caso começou a ser colocado em pratos limpos e o chefe caiu, e com isso levou muita gente com ele. Principalmente o Élcio, que era seu genro. O chefe foi cassado e a polícia federal está com ele em prisão domiciliar. O Élcio está sendo citado, mas ainda faltam algumas provas, então está achando que poderá se safar. Afinal ele chantageava o chefe por saber de algumas verdades. E se contribuir, poderá se tornar delator.

Eu não entendia nada do que ela falava. Só pensava no Cairon. Só pensava o que se passava na cabeça dele a essa altura. Ele estaria pensando que

NACIONAIS - ACHERON

passei a tarde toda com o Élcio?

Que droga.

— Quer ir direto para casa?

Não respondi.

Se ele tivesse com a cabeça quente, talvez tivesse ido para minha sogra ou estivesse em seu antigo apartamento.

Liguei no apartamento e ninguém atendeu. Liguei e meu sogro confirmou que o havia deixado em casa, e que as crianças estavam com eles.

Me despedi da Josy e subi sem ver os vizinhos que subiam comigo. Quando cheguei ao nosso andar, o Pietro estava esperando na sala.

— Seu pai...

— No quarto. Já tomou um banho, mas melhor deixar ele, mãe. — Ele vivia me chamando assim, principalmente nos momentos em que queria me confortar. — Bebeu meia garrafa de whisky e está uma tristeza só.

— Ele falou alguma coisa, Pietro?

— Não. Nenhuma palavra. Acho que está

envergonhado por ter brigado em público. Nunca foi disso, não é?

— Eu vou lá.

Entrei no quarto e estava tudo escuro. O cheiro do sabonete deixava mesmo bem claro que ele havia tomado banho. Não acendi a luz para não o incomodar.

— Oi. — Sentei à beira da cama e passei a mão sobre seus cabelos. — Está melhor? — Ele não respondeu. Estava debaixo de cobertas e assim ficou. Era o Cairon do ano passado novamente. Tristonho. — Fala comigo, vai. Sabe que não tive culpa. Sabe que ele só fez porque sabia que estava lá. Sabia que você estava vendo. Ele queria que isso acontecesse.

— E você também.

— Como assim?

— Havia falado um pouco antes sobre a garota ter me beijado na Alemanha.

— Cairon... Eu falei, mas sei que aquilo não significou nada para você. E nem para mim. Era uma menina doida e embriagada, a gente mal

conhecia a garota.

— E por isso está doendo em mim. Porque conhecemos o Élcio. E sabemos desde o começo que ele quer você. Você sabe disso, eu sei disso. E você não estava satisfeita com nós dois. — Ele parecia tão sofrido com as palavras que saíam de sua boca que era como se cuspsse sangue. — Aliás, não estava satisfeita comigo. Havia deixado claro.

— Não disse isso. — Ele puxou as cobertas até o pescoço e não disse mais nada. — Está agindo como criança. Eu briguei, falei e...

— Eu prefiro o silêncio.

— Cairon...

— E você estava tão linda. Tão linda. Pena não ter sido o primeiro a beijar você!

— Mas era para você, meu amor! Eu fiz tudo isso para você. Olha para mim... — Mas ele não olhou.

— Só preciso dormir. Esquecer a tarde de hoje.

Fechou os olhos e a noite que prometia se

acabou. Se eu estava com birra do Élcio, agora eu tinha agarrado um ódio dele, que ele nem imaginava. Eu queria que uma... uma bigorna caísse em sua em sua cabeça. Miserável.

Tomara que logo agora minha empresa não viesse abrir falência.

Trinta e três



Cairon

— Podia esperar pela gente. Não conseguimos te acompanhar assim. Se alguém tentar atirar contra você. Morrerá sem chances de socorro, porque até a gente chegar, compadre, já era.

— Então trate de colocar o corpo em dia.

— Não estou brigado com minha mulher.

— Nem eu – reclamou meu amigo agente da PF, que corria com a gente há mais de dez anos.

NACIONAIS - ACHERON

Nosso fim de semana estava acabado mesmo.

Ontem não tive coragem de ignorar os fatos de seguir adiante com o que havia planejado. E hoje como de costume todo domingo a gente saía para correr.

Nenhuma agente feminina hoje fazia o percurso conosco, por isso estava acelerado, mas o Murilo, como sempre, reclamava.

— Açam que é por isso que estou à frente de vocês? Não pensaram que pode ser por estarem realmente fora de forma?

— Não. Em nenhum momento. Vamos parar um pouco e conversar. — Então paramos e nos sentamos em um gramado próximo de alguns eucaliptos.

— Um dia já se passou, Cairen. A Liara ontem estava arrasada, cara. Nunca a vi daquela forma.

— Se ela está arrasada imagina eu. — Tomei um pouco de água.

— E advinha quem está sorrindo nesta história toda? Claro, o Élcio.

Fiquei em silêncio. Ontem realmente ela

NACIONAIS - ACHERON

tentou puxar assunto comigo, mas passei a maior parte do tempo trancado no escritório sem dar a chance de que ela precisava para me provar qualquer coisa. Ela o teria conseguido.

Eu a amo mais que tudo na vida. E sei que foi pura artimanha daquele homem. Minha questão nem esta com ela. Está na dor que eu senti em vê-la conversando com ele e em vê-la dar a chance a ele, de criar a oportunidade. Isso não pode acontecer. Ela tem que aprender que a ocasião faz o ladrão. Se ela o deixa se aproximar, ele vai criar essas situações.

Quando cheguei a casa, novamente mantive minha postura. Os encontrei, os quatro sentados tomando café na cozinha.

— Pai... Vem tomar café com a gente — o Pietro interrompeu minha passagem pelo corredor.

— Preciso de um banho, filho. — Tentei me desvencilhar.

— É que vamos sair, pai. Vamos ao kartódromo e queríamos tomar café juntos.

Por fim não relutei, mas me sentei. Sabia que a Liara odiava isso, quando eu chegava suado da
NACIONAIS - ACHERON

corrida e me sentava à mesa do café.

— Bom dia, pai — os gêmeos cumprimentaram quando entrei.

— Bom dia, filhos. — Beije a testa dos dois e sente-me do lado oposto à Liara na mesa.

— Não vai dar um beijo de bom dia na mamãe, pai?

— Melhor não, filho. — Ela olhou para mim.
— O Papai está todo suado e a mamãe não gosta nem que eu me sente à mesa assim... Ainda mais que me aproxime dela.

Não era de tudo verdade, mas não era de tudo mentira. Ela ergueu o olhar e depois voltou a tomar seu café sem dizer nada.

As crianças tagarelavam sobre uma ou outra coisa do cotidiano e vez ou outra, nossos olhares se cruzavam, eu era sempre o primeiro a desviar, não queria manter um contato visual... Hoje era o aniversário da Josy e quase todos do fórum e do tribunal iriam... Não sei se estava preparado para todas as perguntas e olhares. Mas era uma tradição este aniversário... Lembro-me que no primeiro em que comemoramos com ela foi no hospital e estava

NACIONAIS - ACHERON

em momento paquera com a Liara.

— Vão se separar? – a Valentina perguntou de repente, fazendo o Pietro e o Benjamin se engasgarem com o café que tomavam.

Olhamos para ela e vi uma Liara sem reação. Então me aproveitei da situação para tirar o máximo proveito. Eu já estava bem mais tranquilo em relação a tudo.

— Não sabemos ainda – respondi tranquilo.

— Como não sabemos ainda? Claro que não vamos nos separar. Cairon? Está indo longe demais com essa brincadeira.

— O que houve? – Benjamin questionou, desolado.

— Nada, Benjamin. Você é muito jovem para entender essas coisas. – Eu queria rir da resposta da Valentina e lembrá-la de que eram gêmeos. Mas não foi preciso.

— Nós temos a mesma idade, Valentina. Daqui alguns dias completamos quinze anos.

Meu Deus! Como o tempo passa rápido. Isso quer dizer que em breve também estaríamos

completando quinze anos de casados.

Era toda uma história. Não podia desistir assim. Ainda hoje precisava acertar nossos passos. Só precisava passar um aperto nela, para nunca mais dar a chance do Élcio se aproximar.

— Pai? Pai? — a Valentina me chamava.

— Sim, filha...

— E por quê?

— O que disse, filha? Por que do que mesmo?

— Porque vão se separar?

— Não vamos nos separar. E vamos mudar de assunto — Liara interrompeu, já brava.

— São coisas de adulto, filha.

— Podíamos almoçar na vovó, já que a noite é o aniversário da tia Josy? A vovó ligou convidando.

— O Pietro salvou-nos de aprofundar na discussão.

— Claro. Diga que iremos. — Então eles se levantaram e saíram da mesa, pedindo licença.

Quando eles se foram, ela me fuzilava com o olhar. Me levantei e como era miúda e mais rápida, em poucos minutos passou a minha frente. Como se

pudesse me deter a sair da cozinha se eu quisesse.

— Agora chega! Veja se cresce. Não é mais criança. Aliás, temos três filhos. Eles podem até se comportar assim, mas nós não podemos. Separação, Cairon? Por conta de um beijo armado?

— Não. Por conta de uma atitude impensada sua. Toda vez que se aproximar de um homem que tenha má intenção, ele vai conseguir o que deseja. Porque você deu o primeiro passo.

— Eu só o vi cabisbaixo e pensei que talvez precisasse de ajuda. E outro dia estava caminhando com a ex dele.

— E se ela tentasse me beijar, não iria conseguir.

— Claro. Porque é mais forte e mais alto que ela, iria detê-la.

— Isso.

— E como acha que eu faria isso, então? Está confessando que eu não tinha como me defender?

— Exato! A não ser, não se aproximando.

— Tudo bem, Cairon, eu errei. E já pedi mais de mil desculpas. Não sei mais o que fazer. Mas é
NACIONAIS - ACHERON

sério sobre a gente se separar? Porque se for, também não vou ficar aqui implorando e chorando.

— Não, não é. Mas pense melhor da próxima vez. Ou melhor. Que não haja uma próxima vez.

Passei por ela e fui para o quarto. Precisava sair de perto. Estávamos sozinhos agora e como eu vinha de uma corrida, já há quase uma semana sem sexo, meu corpo começava a trair meus propósitos.

Escolhi uma roupa, deixei sobre a cama e entrei no banho. Gelado, para acalmar os ânimos. Quando ouvi o barulho da porta, sabia que todo e qualquer esforço de agora em diante seria em vão. E foi.

Trinta e quatro



Liara

Eu não podia deixar que ele simplesmente desse a última palavra. Pensei na psicóloga. Nas palavras que ela disse. Era como se ele estivesse comprando um produto, mas ao mesmo tempo

dizendo que não estava satisfeito. Eu precisava convencê-lo por completo.

Entrei no quarto e pela roupa que ele havia separado sobre a cama, eu sabia que o antigo Cairon não havia voltado. O moderninho ainda estava ali. Ele continuava tentando. Então a Liara também precisava sair de mim. Aquela que agora precisava ser mais decidida. Entrei no banheiro e fechei a porta.

Ele não se virou. Eu já estava nua. Mas quando meus pés tocaram aquela água fria, tive certeza que ele estava escondendo-se de mim. Estava mais aceso do que gostaria de aparentar. Então desliguei o chuveiro e troquei a temperatura da água. Eu não gostava de banhos frios.

— O que pensa que está fazendo?

— Encerrando nossa conversa.

— Nosso assunto está longe de ser encerrado, só será quando desmascararem o Élcio.

— Esse será outro assunto.

— É tudo a mesma coisa. Ele está nisso por uma coisa só. Prejudicar-me. Tanto na vida

particular como na profissional. Por tanto...

— Mas eu não quero falar dele agora. Quero encerrar nosso assunto, separação.

— Hum...

Enquanto eu ia falando, deixando que agora a água quente caísse sobre nós, passava a mão pelas suas costas, pelo seu corpo, por suas pernas. Abracei seu corpo e encostei-me a ele.

Ele se virou e começou a acariciar meu corpo como só ele sabia fazer. Mordeu o lóbulo da minha orelha, pescoço, e quando busquei sua boca, ele enrijeceu seu membro.

— Não vou beijar você.

— Claro que vai. Minha boca pertence a você. Meu corpo é seu, assim com o seu é meu. Somos um do outro. Nos demos um ao outro muito antes de nos casarmos. Lembra de quem somos? Sou sua amante, esposa. Agora me beija... — Com muita resistência, ele aceitou meu beijo e fizemos amor no chão frio do banheiro que só era amenizado pelo calor da água quente que caia sobre nós.

Gemi seu nome várias vezes para que ele

tivesse certeza que em minha vida só havia um homem capaz de arrancar suspiros de meus lábios, e juras e promessas de meu coração. Esse homem era ele.

Mais tarde, ainda estávamos na cama quando minha sogra ligou para irmos almoçar. Atrasados. Quando nos demos por nós, voltamos para nossa realidade. Sabíamos que nada poderia ser mais forte que nosso amor.

Todos notaram que havíamos feito às pazes. Meus sogros estavam aliviados com a constatação. Vi meu sogro conversando com o filho como sempre faziam. E sorrindo animadamente. E minha sogra por diversas vezes me disse o quanto nossa família merecia ser feliz.

Às cinco ele mesmo teve a iniciativa de nos convidar para irmos para casa nos arrumarmos para o aniversário da Josy.

E quando às vinte e duas horas paramos diante do clube reservado para o evento, eu sabia que seria muito complicado passar ali mais que alguns minutos. Embora todos fossem amigos, o clima ainda não era dos melhores, ainda mais agora que

todos já deviam saber da briga entre os juízes.

— Feliz aniversário!

Cumprimentamos nossa juíza querida e amada. Ela estava cada dia mais linda e mantinha a firme decisão de não ter filhos e não se casar nunca.

Meia hora depois, o Élcio entrava no recinto. O Cairon se remexeu na cadeira e se incomodou. Estávamos o Murilo, Késsia, eu e mais dois colegas de trabalho na mesa. As crianças estavam em outra mesa. Quando o viram, se levantaram e vieram preocupados em direção ao pai.

— Pai...

— Está tudo bem, Benjamin. Está tudo bem. Voltem aos seus lugares. — Eles voltaram, mas demonstravam estarem temerosos pelo pai.

O Élcio passou pelas mesas, cumprimentando a todos. Sorria como se nada estivesse acontecendo. Quando chegou próximo a nossa mesa, sorriu e brincou com o Cairon.

— Achei que seu rosto havia ficado pior que o meu.

— Eu te acertei mais vezes.

— É... Acho que sim. Sem ressentimentos.

Logo em seguida ele sorriu e saiu. O Cairon estava tenso, porém manteve sua pose.

Uma hora depois, três homens de terno entravam no local. Mostraram um papel ao Élcio, ele sorriu, se levantou e seguiu-os.

Vimos de longe, a Josy levantar a taça e a Késsia também erguer a dela, assim como o Murilo e o Pietro.

— O que aconteceu? — O Cairon quis saber.

— A casa do Élcio acaba de cair.

Eu vi um sorriso brotar nos olhos e nos lábios do homem que meu coração decidiu amar para sempre.

Trinta e cinco



Cairon

NACIONAIS - ACHERON

— Está acompanhando todo processo, filho?
— Meu pai entrou no escritório de nossa casa com duas xícaras em mãos. O café fumegava e ele sorria.

— E até enviei um e-mail solicitando ser o representante do nosso caso. — Cruzei as pernas e levei a caneta até a boca.

— Está querendo enfrentar o Élcio no tribunal como um simples advogado, Cairon?

— Como um simples advogado não, pai. — Tomei o café. — Eu era o melhor na minha época. Sempre me dediquei muito em tudo que fiz. Nunca fui ao tribunal para perder uma causa. Sempre fui para ganhar.

— E quando obterá resposta?

— Já obtive. O TJ negou.

— Justificaram?

— Caso seja comprovado toda veracidade das nossas acusações contra o Élcio no envolvimento do Chefe e de mais três deputados, eu tenho noventa e nove por cento de chances de voltar ao cargo de Juiz.

— Eles ainda acham que "se" comprovarmos? Já está mais que comprovado. Eles terão que se redimirem diante de você e ainda estão dizendo que você terá chances? Eu fico revoltado com o ponto nossa justiça chegou. Em quem poderemos confiar?

— Pai. Eles só não querem manchar o meu nome.

— Estão é preocupados, que a gente manche o nome deles colocando a boca no trombone. Agora... Eu pedi ao Endrigo que nos consiga permissão para assistir ao julgamento dos cretinos.

— Isso eu também quero ver.

— E sua esposa?

— No trabalho. E a mamãe?

— Na igreja.

— E desde quando ela é fervorosa?

— Desde que você saiu de casa.

— E por falar em sair de casa... Preciso ver um novo apartamento que o Pietro disse que gostou. Quer vir comigo?

Sáímos e seguimos até o endereço que o Pietro

nos tinha enviando por mensagem. O condomínio era de muito bom gosto.

— Acho que agora sim. Seu avô gostaria de ver você morando em um lugar como este, meu filho.

— Eu nem acredito que você guardou todo este dinheiro, pai, sem mexer em nenhum centavo todo este tempo.

— Eu não precisei. E não era meu.

— Mas meu avô disse que era para ser gasto com meus gastos e você teve muitos comigo, porque eu sei que dei muito trabalho e você não tinha obrigação.

— É verdade. Tudo o que se faz por obrigação é muito ruim. Mas não fiz nada por obrigação. Só fiz por amor. Amo você, meu filho. De todo meu coração. Nunca o vi de outra forma, a não ser como meu. Tive até ciúmes quando precisei dividir você com mais alguém.

Entreguei a caneta a ele. A moça da imobiliária entregou os documentos e meu pai sorriu.

— Uma foto para meu primeiro porta-retratos.
— Nós três nos abraçamos e a moça mesmo tirou a foto no celular dele.

— Quando for revelar, revela uma para mim?

— Para mim também — meu pai pediu.

E assim estava feito. O primeiro apartamento do meu filho estava comprado. Agora era transferir um pouco do dinheiro da conta que eu mantinha para a conta dele e ver como ele se virava. Se fosse bem na administração, eu daria o resto. Caso fosse igual à mãe... Manteria algo em segurança até que tivesse mais controle.

Fui até a escola buscar os gêmeos.

A Liara viria de carro. Não estava buscando-a esses dias. Podia ser que ainda fossem vestígios da nossa crise, mas talvez ela estivesse precisando de um pouco de espaço.

— Pai... Poderia deixar a Manu na casa dela?
— A garota estava olhando do lado de fora do carro, esperando que eu desse minha resposta. Quando sorri, ela entrou e sentou-se.

Esperamos até que a Valentina viesse.

E assim começava minha tarde. Manhã com filho mais velho e tarde com os filhos mais novos. No fim da tarde a Josy marcou uma reunião para me deixar a par de toda situação. Tomei um banho e fui até o local onde ela havia marcado.

— Meritíssimo... — Ela apontou a cadeira a sua frente.

— Esse não seria seu lugar? Já que é a única juíza por aqui? — disse, ainda de pé.

— Tenho muito respeito pelo senhor, meritíssimo, e sei que no mínimo semana que vem estará de volta ao seu cargo.

— Mesmo assim. Sinta-se à vontade para me explicar toda situação, sentada em seu lugar. — Sentei-me em outra cadeira diante dela.

— O Senhor tinha toda razão. Dentro do CNJ estava acontecendo todo um esquema de corrupção, e mencionaram até mesmo uma menção honrosa a seu nome.

— Eles que fiquem com suas menções, só quero justiça. Sou todo ouvidos. — Ela se endireitou na cadeira e começou a me explicar.

Segundo ela, o Ministério Público de nossa comarca tem pago super salários à promotores e procuradores de Justiça. O Subprocurador-geral do Estado teria recebido mais de duzentos mil em um único mês. E outros haviam recebido também. Entre eles, o chefe de nossa Comarca e o Élcio. Propinas de deputados que precisam de autoridades aos seus lados.

— Estado, indenizações e remunerações retroativas em folhas suplementares, que ultrapassam até dez vezes o teto salarial.

— Eu só não entendo o que temos a ver com isso. Não fazemos parte desta elite, fazemos?

— Aí que está... Enquanto o senhor estiver no comando de nossa Comarca, não aceitará e não assinará nenhum dos documentos que eles precisam. Eles necessitam de um deles no comando.

— Eles não precisam de nós. Estão recebendo seu dinheiro sujo.

— Mas em breve irão desconfiar. Porque só nós não recebemos o mesmo valor. Nenhum de nós. Eles não querem desfazer do senhor, mas não

podem deixá-lo no comando sem que se levante a suspeita sobre eles.

— Eles precisam, com o perdão da palavra, de um pau-mandado.

— Isso mesmo. Vários Juízes estão desse lado. Têm os casos que querem ganhos e os que não querem. — Eu senti pena de quem fazia um juramento de estar do lado da justiça e a gora agiam desta forma. Senti pena porque se dependesse de mim. Iriam todos para a prisão. Um por um.

Levantei-me da cadeira e comecei a analisar os documentos que eu mesmo havia entregado a ela. E os que ela havia anexado. Estava com tempo para analisar, agora que não estava trabalhando.

— Eles sabem que o senhor é inocente. Sabem que foi tudo uma armação. Só precisamos encontrar alguém ali dentro que possa testemunhar. Agora... O deputado da esposa da prima da Liara seria o segundo no comando do esquema. Por isso, ao investigar a vida de vocês, encontrou a brecha perfeita. E o resto era só esperar.

— Eu conheço uma pessoa lá dentro.

— Amigo seu?

— É. Deixa comigo. Te aviso amanhã. — Olhei no relógio e provavelmente a Liara estaria em casa.

— Vamos atrás deles.

— Não acha um tanto arriscado, meritíssimo?

— Vou direto ao ministro da Justiça. E eu mesmo irei fazer a denúncia. — Ela me olhou desconfiada. — Viajarei ainda amanhã.

— O Senhor tem meios de chegar até ele?

— Estudei com o filho dele. Ele não vai me negar um café e um bom momento de conversa. Se não fizer por mim, o fará por meu pai. Na época de faculdade ele tinha grande apreço por mim e por minha família.

Passei pelas ruas da cidade, pensando em todos os anos de estudos e na vontade de fazer justiça com as próprias mãos. Depois de todo estudo e tantos estágios, ficamos aflitos por querer colocar em prática tudo o que se aprende. E não podemos deixar que o dinheiro tirasse de nós essa paixão; esse tesão pelo ofício.

Parei no caminho e tomei uma bebida. Depois

segui para casa. Havia dias em que questionava muito minha vocação, mas depois de parar para pensar, eu chegava à conclusão que nasci para isso. Eu gostava de ser o que era.

Quando cheguei a casa, deixei as chaves sobre o aparador. Fui até a cozinha e pelo jeito haviam jantado.

Ouvi vozes vindas da sala de TV. Era o Benjamin e a Manu, que assistiam a um filme.

— Oi, doutor. — Ela se levantou.

— Aqui pode chamar meu pai de senhor. Só no fórum deve chamá-lo de Meritíssimo... Ou de Juiz.

— Tudo bem com você, Manu?

— Nós estávamos esperando pelo senhor, pai.

— Mesmo? — Sentei-me no sofá. — E o que é o assunto?

— É que a minha mãe quer que o senhor vá lá em casa amanhã.

— E o que sua mãe deseja que eu faça lá?

— Reforce meu pedido de namoro. —

Engasguei com a própria saliva.

— Namoro? Eu?

— É, pai. Ela disse que só se você for lá. E como daqui a alguns dias faço quinze anos, ela disse que precisa saber que você está ciente. A Manu já tem quinze anos.

— Quase dezesseis, na verdade.

Onde estaria a Liara nesta hora?

— Onde está sua mãe?

— Foi ao salão arrumar o cabelo.

— A essa hora?

— Sim. Pai, você vai ou não?

— Não. Quer dizer... Preciso falar com sua mãe primeiro, filho. Talvez ela queira ir. Ela tem mais jeito que eu com essas coisas.

Levantei-me e fui até a cozinha novamente. Coloquei água no copo e bebi.

— Pai... — Deixei o copo cair, assustando-me.

— Não, Valentina. Não me venha falar de namoro porque eu não aguentaria. — Peguei outro copo e tomei mais da água, enquanto ela sorria.

NACIONAIS - ACHERON

— Ao menos posso convidar o George e a família dele para meu aniversário?

— Já estão preparando?

— Estamos falando sobre convidados.

— Não vejo mal algum.

Ela sorriu, satisfeita.

— Está tudo bem, pai?

— Tirando que seu irmão quer me matar do coração? Querendo que eu vá à casa da mãe da Manu pedir a menina em namoro amanhã.

— Pai... Você faz um drama. — Ela pegou suco na geladeira e voltou ao quarto. Tomei o resto da água, fui até o quarto, tomei banho e fui para o escritório. Já era mais de dez horas quando olhei no relógio pela última vez. Fui até a sala e a Manu ainda estava lá, mas o filme estava terminando.

— Manu, quer que te deixe em casa? Eu peço o motorista para deixá-la.

— Ouvi alguém falar em motorista?

— Pietro! — Eles gritaram e foram ao encontro do irmão, que chegava.

— Não querem ir conhecer meu apartamento primeiro? Depois deixamos a Manu em casa e voltamos.

— Obaaaa!

— Pode ser, pai?

— Só lembrando que amanhã vocês têm aula.

Eles se foram e eu voltei até o escritório para terminar de juntar todos os documentos que eu precisava e ligar para meu pai para pedir que ele me acompanhasse. Ele ficou animado com a ideia e oportunidade de rever um amigo de longa data.

Ouvi barulho e deduzi ser a Liara, por não ter ouvido mais vozes. Os passos foram até o corredor e provavelmente ela teria ido até nosso quarto. Terminaria de arrumar meus documentos e iria até ela.

Quando terminei e arrumei meu passaporte e documentos dentro da mala, fechei e apaguei a luz. Abri a porta e segui para o quarto.

— Demorou a aparecer.

A luz do quarto estava na penumbra. Havia uma cadeira no meio do quarto. Eu só balancei a

cabeça e sorri. Ela se virou e estava vestida de calcinha e sem sutiã, com uma daquelas cintas ligas presa a calcinha.

— Interessante...

— Gostou? — Me olhou com os olhos cheios de paixão.

— Amei e estou pronto para o que é que tenha pensado.

— Mesmo? — Havia algo diferente.

— Cortou o cabelo — comentei.

— Achei que não iria notar.

— Noto tudo que você faz. Tudo que acontece com você.

Uma vez ou outra... É até bom variar.

Ela deu um sorriso.

— Nunca sei o que te agrada.

— Sempre soube. Comer frango todos os dias eu não gosto. Aí precisa de variações. Mas quem sustenta mesmo é o arroz com feijão. Esse não pode faltar.

— Está dizendo que o que nos sustenta é o
NACIONAIS - ACHERON

amor?

— Isso. O que nos sustenta é nossa decisão de amarmos um ao outro. As brincadeiras no sexo... As novidades... Isso são os detalhes... Não deixam de ser importantes, porém, não é o prato principal. Agora para de falar e faça o que veio fazer.

Ela fez e fez perfeito. Como sempre foi.

— Ainda está aí.

— Uhum... — Já disse quase sem forças.

— Amanhã a mãe da Manu espera por um de nós para reforçar o pedido de namoro que nosso filho fez à filha dela.

— Não acredito. Amanhã tenho um julgamento. Estou apertadíssima.

— Mas terá que ser você. Não estarei na cidade. — Ela sentou-se em um pulo só.

— Como assim?

— Vou viajar com meu pai. Negócios.

— Cairon...

— Se der tudo certo, na volta te deixo a par.

— Nem vou discutir, porque estou com a
NACIONAIS - ACHERON

cabeça cheia. E pode deixar que irei à casa da Manu. — Voltou a deitar-se.

Dei um beijo em seu rosto. De manhã acordei e ainda faltava muito para que ela fosse trabalhar. Quando estava pronto para sair, escrevi um bilhete e deixei sobre o meu travesseiro, dizendo "te amo". Quando abri a porta, a ouvi:

— Amor... O que vai fazer pode oferecer algum perigo?

— Não. Está tudo bem. Volte a dormir.

— Te amo!

— Também amo você.

Fechei a porta e parti. Horas depois, na sala de estar do ministro, olhando as fotos da família e contando a meu pai sobre algumas que me lembrava do meu amigo, o homem entrou.

— Por pouco não me pegam em casa. — Estendeu a mão e depois abraçou meu pai. Se cumprimentaram com intimidade, como quem mata a saudade de muito tempo passado.

— Desculpa vir sem avisar.

— Quando me disseram que era você, cancelei
NACIONAIS - ACHERON

uma viagem.

— Não precisava, ministro.

— Claro que precisava. Não pense que seja por causa de um simples café ou só por uma conversa. Mas porque a mais de um ano espero sua visita.

Ele fez sinal para que nos sentássemos.

— Meu filho acredita que estamos com um grande problema em nosso CNJ... E não sabemos em quem confiar.

— Eu só tinha uma certeza: se chegasse a você, poderíamos contar com seu depoimento e seu testemunho no caso que estamos investigando há mais de dois anos.

— Então a coisa é séria?

— Mais do que você pensa.

Eu torcia para que não fosse enganado novamente. Que eu tivesse o olhar e ouvidos atentos para discernir e saber julgar quem mentia e quem falava a verdade. Agora mais que nunca eu precisava estar no meu lugar de Juiz. E de agora em diante todos os demais estariam como réus.

Principalmente aqueles que faltavam com a verdade.

Bônus – Valentina



Quando cheguei ontem, estava muito cansada e acabei não falando com o George. Ele anda um pouco chateado porque fiquei de ver com meu pai sobre nosso namoro e até hoje não tive oportunidade. Acho que é coragem mesmo o que me falta.

Ele acha que estou adiando a situação porque não gosto dele o suficiente, mas não é isso. Ele não entende que meus pais estão passando por uma barra. Poxa, gostaria que ele entendesse isso.

Quando saí no intervalo, peguei meu telefone e abri meu WhatsApp, chamando-o.

+55 1198765-0000 - Valentina

— Oi, George está por aí? — Logo em

seguida aparecem aqueles dois sinaizinhos e sei que a mensagem foi lida pelo contato.

Esperei que ele respondesse já que leu a mensagem, mas não respondeu. Então escrevi novamente.

***Garoto... Dá para responder? Hoje falei com meu pai. Não teve como eu falar sobre o namoro porque o Benjamin foi mais esperto e pediu primeiro, mas falei sobre minha festa e ele disse que não vê mal algum em que vocês venham ao meu aniversário. ***

Enviei a mensagem e mais uma vez ele não respondeu.

O George às vezes não parecia estar à beira dos dezessete anos. Semana que vem completaria dezessete e agia como uma criança de dez. Emburra à toa. Desde quando saí da Alemanha e aceitei ser sua namorada, as coisas têm ficado ainda piores entre nós.

Eu não posso sequer ter amigos aqui no Brasil. Ele disse que precisamos ser fieis um ao outro..., mas está difícil.

Bem... Ele leu. Se não quer falar, problema
NACIONAIS - ACHERON

dele. Coloco o celular no bolso e penso em voz alta.

Droga!

— Agora além de bravinha ainda fala sozinha?

Olhei para trás e vi um garoto que tem na escola. Não é da turma do Benjamin. Ele é considerado um dos maiores CDF's da escola.

— O quê? Vê se te enxerga, garoto. Primeiro que eu não sou bravinha. E segundo que não estou falando sozinha.

— Se está falando acima do tom normal, mesmo que agora seja comigo, é porque está nervosa, ou quer dizer que está brava comigo. E antes, como não tinha ninguém por perto, significa que estava falando sozinha, mas tudo bem. Agora não precisa falar sozinha. Prazer, meu nome é...

— Não me interessa seu nome. Eu nem perguntei porque não quero saber e nem vou dizer o meu.

— Valentina. Eu sei o seu. Aliás, sei várias coisas sobre você.

— Porque é um intrometido. — Que ódio

desses meninos que não se tocam da realidade.

— Algum problema, dona Valentina? — Um dos agentes que nos acompanha veio ver o motivo pelo qual eu estava alterada. Deu-me vontade de dizer que sim. Mas não tinha nada. E eu estava tentando ser diferente.

— Não. Nada não. Só estava voltando para a sala.

Passei por eles e tomei o corredor em direção a minha sala. Só agora me vinha a vaga lembrança que aquele garoto estudava comigo desde a primeira série do fundamental. Não era possível.

— Benjamin — gritei meu irmão. Ele saberia me responder melhor.

Trinta e seis



Liara

— *Interpretando-se a letra da lei, isto significa que todos têm acesso à justiça para postular tutela jurisdicional preventiva ou reparatória relativa a um direito. Verifica-se que o*

princípio contempla não só direitos individuais, como também os difusos e coletivos, e que a Constituição achou por bem tutelar não só a lesão a direito como também a ameaça de lesão, englobando aí a tutela preventiva.

Com essas palavras ouvimos o encerramento da pena conferida aos mais de oito juízes que foram citados no processo administrativo do qual meu marido agora era restituído ao cargo.

Um mês havia se passado depois que ele esteve em Brasília e eles trabalham duro neste período em busca de provas e organizando um dossiê. Contaram com a ajuda de vários amigos de nossa Comarca e das Comarcas vizinhas.

Agora o presidente do STJ lia algumas sentenças que ainda restavam. Todos os Juízes, promotores ou quem quer que fosse que estivesse ocupando um cargo público e que tivesse sido citado no processo, estava sendo punido com aposentadoria ou perda do cargo. Alguns tinham dinheiro a devolver aos cofres públicos, mas outros não. Muitos cumpriam pena em regime semiaberto e outros em regime aberto, mas todos estavam cumprindo anos que variavam de três a

seis de reclusão, e claro, pagar dias-multa. Cada uma no valor de um salário mínimo.

Eu não guardei de todos, mas guardei bem a do Élcio. Além de perder o cargo e ter que devolver aos cofres públicos todo o dinheiro encontrado em suas contas ele deverá cumprir três anos de reclusão, em regime domiciliar, claro e pagar 80 dias-multa, cada uma no valor de um salário mínimo.

Podia parecer pouco, mas para nós era um primeiro passo. Mas o que mais mexia comigo era ver meu marido todo de preto em sua beca de volta ao seu ofício. De onde nunca deveria ter saído. O conselho entendeu que nenhum juiz julga o que ele quer, mas sim o que lhe é encaminhado. Portanto o erro veio do conselho. Ele só pode agir se for convocado, nunca por sua decisão própria. Caímos em uma armadilha vinda de onde menos esperávamos.

Os casos foram provados que haviam sido armados. Tudo montagem. Justiça brincando com a cara da Justiça. Só no Brasil mesmo. Na verdade, no julgamento da separação do deputado. Era tudo fachada. Como havíamos previsto... Lavagem de

NACIONAIS - ACHERON

dinheiro. Nada no nome dele. Ela vencida e ficava com boa parte do dinheiro e assim ele não teria nada para ser acusado nas próximas eleições.

Eles ainda estão juntos. E rezo para que a Leiane aguentar agora toda tribulação que terão que passar por amor ao seu marido.

Mas meus olhos estavam vidrados em meu marido.

Não tirava meus olhos dele. Eles eram muitos, sentados na imensa tribuna de Brasília, onde os casos estavam sendo julgados.

Nossos filhos haviam ficado com o Pietro e com a avó. Embora todos estivessem loucos para verem o pai.

Desde o primeiro dia em que ele estivera em Brasília, voltou em casa uma vez só e depois praticamente esteve aqui até hoje. Não que deixasse de ligar algum dia... Mas não consigo me ver ser sua presença. É estranho dormir sozinha.

Aproveitei esses dias para fazer minhas terapias e colocar a casa em ordem. Quando o presidente concluiu as penas. Eu estava olhando aquele homem de longe e ansiosa para que tudo

NACIONAIS - ACHERON

terminasse. Queria abraçá-lo e dizer quantas saudades senti.

Após seis horas em que tudo estava terminando, olhei no relógio e confirmei: não conseguiríamos pegar o avião para casa hoje, só amanhã. Liguei para minha sogra e avisei.

Mais um dia fora de casa. Eu só consegui vir porque hoje era sexta-feira, caso contrário não teria vindo. Ouvi vozes e me virei. Era ele. Assim como eu me lembrava. Meu Juiz favorito.

— Que bom que veio. — Ele me abraçou.

— Que bom que deu tudo certo, amor.

— Graças a Deus. Tudo acabado.

— A Josy me disse que o diretor do presídio havia descoberto algo sobre isso naquela época, por isso deram o comando para que o matassem.

— Foi. Mas agora está tudo bem. Acabou. Pena que não poderei ver o Élcio retirando as coisas dele do fórum.

— É? Por quê? — Acreditada que ele deveria fazer isso na segunda-feira. E nesse dia já estaríamos no trabalho. — Não vai voltar ao

trabalho?

— Sim. Daqui uma semana quando voltarei de lua-de-mel com minha esposa.

Olhei para ele e sorri. Há quase um ano ele falava disso. Viemos adiando o máximo nossa lua de mel. Quinze anos. Todo ano dizíamos que iríamos viajar sozinhos, mas depois das crianças, não teve como. Nunca me senti confortável deixando-os sozinhos.

— E será que consigo isso tudo de folga no trabalho?

— Já falei com a Késsia como um favor pessoal. E ela irá segurar as pontas até nossa volta.

— E aonde irá me levar? Paris?

— Pensei em Gramados, Campos do Jordão. Dizem que é lindo. Mas posso levar você também para a Disney. Disse que queria voltar.

— Só com as crianças e duvido que hoje eles queiram. Pelo menos não a Valentina.

— E como eles estão?

— Estou muito preocupada. — Começamos a caminhar em direção a saída. — Nem sei se é
NACIONAIS - ACHERON

tempo de viajarmos.

— Não, Li, vamos sim. Nada nos impedirá. O que é desta vez?

— A Valentina tem um novo amiguinho e...

— E?

— Ela disse que está rolando um estresse com o George.

— Logo agora que eu já tinha pensando em deixá-los namorar? Caramba...

— Caramba? Você dizendo isso?

— Aqui se aprende de tudo. Caramba, caralho e aí por diante. — Ela gargalhou.

— Então iria deixá-los namorar?

— Sim. Ela já vai fazer quinze anos e como ele mora longe, me é muito cômodo, mas agora com esse novo amigo na área... Quem é o garoto?

— Se chama Raphael. É filho de advogados. Talvez a gente conheça.

— É, mas nem mesmo isso me fará mudar de ideia em relação a nossa viagem.

— E se marcássemos para o domingo após a
NACIONAIS - ACHERON

festa?

— Não poderemos, porque o Hansi disse que ficarão uma semana por aqui. Não podemos fazer a desfeita de não os acompanhar em algumas atividades.

Ele me abraçou e me retirou do lugar. Deixou a beca na entrada do tribunal onde todos deixavam as suas e saímos. Então a família da Angélica havia respondido que viriam? Eu admirava aquela mulher, mas esperava de todo coração que não nos colocassem em nenhuma fria.

— E seu pai?

— Ficarà com o amigo dele. Vão visitar outro conhecido. Amanhã o deixarão no aeroporto com um agente.

— E nós?

— Nós? — Ele aproximou o rosto de minha orelha e cochichou: — Vou te levar para um motel e matar o desejo de estar dentro de você, que estou sentindo esses quase vinte dias.

— Vinte e dois, depois da última vez que estive em casa.

— Contou todos os dias? — Me empurrou para dentro do carro e fez sinal para o motorista seguir.

— Cada minuto.

O Motorista do STJ nos deixou diante de um prédio muito bonito, que com toda certeza era onde o Cairon estava hospedado.

— E o Murilo?

— Embarcou hoje. Devem ter se desencontrado. Foi minha terceira e quarta mão aqui. Uma pena não ter seguido carreira jurídica.

Quando entramos no elevador ele me olhou com aquele jeito que só ele sabe e eu queria dizer algo durante todos esses dias.

— Eu te amo! — Ele veio em minha direção e beijou minha boca. — E descobri esses dias que entraria em qualquer briga por você, porque não suporto imaginar outro homem te tocando.

— Também te amo.

— Quero te pedir perdão por tudo isso que temos vivido e por tudo que posso ter feito para te magoar. Sei que você anda meio chateada comigo,

mas...

— Então vamos olhar para frente e seguir. Não tem como apagar o que aconteceu e nem ao menos as palavras que dissemos, mas tem como de agora em diante a gente seguir procurando melhorar sempre.

A porta se abriu nos dando passagem, ele me conduziu para sua suíte, onde passamos a noite. Descansamos os dois, jantamos, depois fizemos amor.

Na manhã seguinte embarcamos para casa na companhia do meu sogro, que estava radiante com os novos acontecimentos. E nossa conversa atravessou a viagem até chegar à mesa de café da casa deles.

— Liara... Há um cargo de Juiz em aberto na Comarca. Não irá concorrer? — perguntou-me enquanto sentávamos a mesa de sua casa, para um lanche, depois de uma hora e meia de voo.

— Então... Eu passei no concurso, mas até chegar lá ainda falta muito. — Mas chegar à promotoria para mim já é meio caminho andado.

— Me lembro até hoje o dia em que me decidi

NACIONAIS - ACHERON

ser juiz.

— E eu admiro isso em você, amor. Não faz por dinheiro, não faz por status. Faz porque ama a profissão.

— Quando se decidiu por ser juiz, filho?

— Um dia, quando o papai chegou à escola tão atrasado que se esqueceu de tirar a beca. Meus amigos ficaram apaixonados e disseram que ele era o Batman. Quando eu cheguei a casa, pedi que ele me explicasse o que era o trabalho dele. E eu sabia que ele estava cansado, mesmo assim ele me falou o que fazia. E era tão bonito.

— Mas naquela época eu ainda era promotor, filho.

— Mas o senhor já sabia que iria ser juiz.

— Eu trabalhava para isso.

— E conseguiu.

Minha sogra não tardou em buscar as fotos e as lembranças sempre trazem sorrisos, mas também trazem as lágrimas.

Sáímos de lá para nos encontramos com o Pietro e os meninos no apartamento dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Ficou lindo, filho. — Cairon ainda não tinha visto depois de decorado e mobiliado o lugar. — Sua mãe já esteve aqui?

— Já, e quis saber se minha irmã vai ter parte na minha herança. — O Cairon gargalhou. A Giovanna sempre querendo algo a mais.

— Claro que não. O dinheiro é seu. E eu estou deixando bem claro que caso ela venha falar comigo, vai escutar poucas e boas.

— Acredito que ela não virá.

— Que bom que estamos todos reunidos. Já temos nossa lista de convidados para nossa festa de quinze anos.

— Por mim não precisa, pai. Meninos não fazem festa de quinze anos — ralhou o Benjamin, parecendo contrariado.

— Já conversamos sobre isso, Benjamin. Quando se é gêmeos, não tem como fazer uma coisa para um e não para o outro.

— Podemos fazer o seguinte — o Cairon começou a explicar, porém foi interrompido pelas crianças.

— Está falando como pai ou como Juiz?

— Como Juiz. — Eles olharam atentos.

— Mas está sem Toga.

— Só hoje, Benjamin, não vou usar, combinado?

— Combinado.

— Aluguem um lugar onde tenha dois ambientes. O da Valentina poderá ser mais dançante e decorado e o seu poderá ser tipo uma boate ou coloque jogos para receber seus amigos. Almofadas para ver filmes ou jogar games.

— Mas que coisa... E minha valsa?

— Filha, calma. Quando for a meia noite, vocês se encontrarão no centro do local e dançarão a valsa.

Eles olharam um para o outro e depois para o Cairen e pareceram pensar no assunto.

— É, pode ser que dê certo. Nesse caso, Valentina precisarei dos meus convidados de volta.

— Você disse que eu poderia convidar meus amigos e que você não iria convidar quase

ninguém.

— Mas isso foi antes.

— Pai...

— Não estaremos aqui. Portanto terão que se virar — ele disse sério.

Pela primeira vez concordávamos. Seria uma semana cansativa e eu acabada deixando que eles fizessem sempre o que não estava no combinado. Deixá-los a frente de sua própria festa será um desafio. Mas a verdade é que, nestes dias havia deixado tudo pronto. Tudo o que era preciso minha presença. Agora eram poucos detalhes. Muitas mães poderiam dizer que é um momento em que os filhos precisam muito dos pais. Mas agora é, escolha de música. Onde ficarão as fotos. O Cairon não estava conosco todo o momento das escolhas, mas até o local a gente já tinha reservado porque tinha que ter reservado com meses de antecedência. Homens... Sempre desligados achando que tudo se resolve de um dia para o outro.

— Como não estarão? Não podem fazer isso conosco.

— Claro que podemos. Tanto que amanhã
NACIONAIS - ACHERON

mesmo embarcamos. O Murilo e o Pietro estarão com vocês e o Pietro ajudará com o que for preciso da parte das compras. E esses convites, não estão atrasados?

— Não. Os virtuais enviamos todos. — Ela ainda parecia bicuda com a ideia de não estarmos durante a semana. — Agora é só postar os originais para que as pessoas, os tenha e os individuais para entrarem. Na internet nossa festa já bomba.

Se o Cairon estava assustando imagina eu. A tecnologia está sempre um passo a nossa frente. E essas crianças atentas a tudo. Eu precisava me “antelar” mais, como diziam os garotos. Ficar mais ligada às novidades. Faria isso quando voltasse da minha lua de mel. Eu sonhei com esse dia quando nos casamos. Mas não podemos viajar. Sonhei com isso depois cada dia que se passou... E agora iria acontecer. Só nós dois...

Trinta e sete



Cairon

Coloquei minha cabeça sobre o travesseiro àquela noite, com um peso a menos. Estava leve, tranquilo. Embora o Murilo houvesse me dito algo quando saiu de Brasília.

— *Não podemos dormir no ponto com o Élcio. Pior que um homem ambicioso é um homem com sede de vingança.*

Nem mesmo comentei isso com meu pai ou com a Li, acho que não compensa pensarmos nisso. Ele não estará preso realmente atrás das grades, mas sabe que cumpre pena e que qualquer coisa que fizer de errado poderá ser preso.

Em nosso embarque as crianças estavam mais conformadas. Não entendia como maldade de minha parte, e entendo que a Li esteja com o coração apertado, mas sempre haverá algo que tenhamos que socorrer. Mas nosso casamento não deve mais ser deixando em segunda instância. Não é só por mim. Por ela também.

Tenho visto seu esforço para não cairmos na rotina. E para dar um sacode em nosso casamento. Assim como tenho me esforçado. Mas depois que

vêm os filhos... tudo se torna muito complicado, porém eles não podem ser sozinhos, responsáveis pelo fracasso do casal. Por isso tantos casamentos se desfazem. Porque deixamos o casal sempre em último plano.

Quando chegamos ao hotel, estávamos pela primeira vez sozinhos. Mas sozinhos mesmo. Dois seguranças à porta do hotel nos acompanhariam de longe. Foi um trabalho árduo fazer com que o Murilo permitisse que viéssemos.

— Nem acredito que chegamos aqui.

— Desculpa por ter demorado tanto tempo.

— Não me importo. Só espero que valha a pena.

— Vamos fazer os dois valerem a pena essa semana. Só de estarmos juntos... Já está valendo.

Trinta e oito



Liara

Na terça-feira, depois de acordarmos já em Gramados, eu tinha que concordar. Ele tinha razão, podemos viajar para o exterior onde há lugares lindos, mas não deveríamos deixar de conhecer o nosso Brasil, com seus lugares exuberantes.

O tempo não estava tão frio como eu pensei. As pessoas sempre diziam que aqui até chegava a nevar. Começava a me arrepender das poucas roupas de verão que havia trago.

— Sejam bem-vindos ao Saint Andrews. Oferecemos uma estrutura como a de um castelo e os senhores terão mordomos vinte quatro horas à sua disposição.

O gerente de hospedagem do lugar nos acompanhava pelo hotel nos mostrando os detalhes. Ontem quando chegamos, até flores eu recebi. Eu observava que o lugar, que era decorado de acordo com o que queria ser reconhecido... Um castelo. Peças e móveis antigos decoravam o lugar.

NACIONAIS - ACHERON

Eu não escolheria lugar melhor... Ontem foi uma noite para descanso... Descobri que ali não haveria gritos de crianças, porque há uma idade mínima para se hospedar... Quatorze anos. Eles dizem que é pela segurança das crianças, mas sentindo a paz e tranquilidade do lugar eu apostaria que é para manter a privacidade e o silêncio dos onze casais de hóspedes. O hotel só oferece onze suítes.

O Lugar é magnífico, agora com a luz do dia dava para ter uma idéia muito melhor. Nunca imaginaria o Cairen gastando uma pequena fortuna por uma semana em um só lugar.

Não estávamos aqui nem por vinte quatro horas e eu tive certeza que seria a melhor lua-de-mel que alguém pudesse imaginar...

Voltamos ao quarto para nos trocar e assim começar nosso primeiro passeio, antes, porém, fui até a sacada do quarto. Ficava de frente para um lugar esplêndido. Que ontem já escurecendo, não tinha conseguido distinguir o que era.

— Esse é o vale do Quilombo. — Abraçou-me, ficando atrás de mim e mordendo minha orelha.

— Aquele mesmo aonde os negros vinham após ganharem a alforria?

— Esse mesmo.

— Tem algum significado me trazer aqui? – Sorri.

— Nada, sua boba. Só estou dizendo o que o gerente disse. Eu escolhi o lugar por causa da calma e tranquilidade. Dizem que é ótimo.

— Não duvido. Deve ser uma fortuna.

— Nossa lua de mel vale cada centavo. Pena que o frio tenha diminuído sua intensidade. Caso contrário, seria perfeito ficarmos deitados o dia todo.

— Então me trouxe para esse lugar lindo para dormir?

Nós rimos e entramos, não queria escandalizar os outros hóspedes do lugar. Nem tão pouco atrasar o passeio.

Assim que descemos, a maioria dos casais já nos esperavam no transporte. Um ônibus lembrando o estilo americano.

Passeamos... Degustamos vários vinhos e
NACIONAIS - ACHERON

paramos para almoçamos em um lugar ao ar livre. Depois de nos atender, o garçom se retirou.

— Vou à toalete. — Pedi licença e saí. Quando voltei, ele não estava à mesa... Deduzi que também tivesse ido ao banheiro.

Sentei-me e observei tudo em volta. A paisagem era linda e nos fazia ter vontade de não querer mais voltar para casa.

— Com licença...

— Sim — respondi ao garçom, que se aproximava na certeza de que ele vinha trazer nossos pedidos.

— Cortesia... Aqueles senhores à mesa esquerda disseram que a senhora já foi advogada de um deles e que com sua permissão, eles queriam lhe pagar uma bebida.

Olhei para a esquerda como disse o garçom e vi dois homens, na faixa de seus quarenta e cinco para cinquenta anos.

Dei um sorriso constrangido e voltei-me para frente, me deparando com o Cairen já parado à mesa.

— Bom... – gaguejei.

— O que foi? – ele já disse todo a contragosto.
— Este é o vinho que pedi?

— Não, senhor. Este é uma cortesia dos senhores da mesa à esquerda.

— Eles disseram que fui advogada em um caso deles, amor. Foram gentis.

— Hum... sei. Esperando-me sair para te enviar uma cortesia. – Ele sentou-se. Fiz sinal para o garçom, aceitando o vinho, e ele nos deixou a sós.

— Sabe que em nossa idade ciúmes não está mais na pauta, não é?

— Hum... Se fosse eu... Aliás, se alguma mulher aqui me mandasse um vinho ou uma água da torneira. Essa garrafa já estaria na cabeça dela.

— Para, Cairon... Eu não sou ciumenta.

— Claro que não, amor. Claro que não. Assim como eu. Também não sou... Ora, para que mentir? Sou ciumento e pronto. Terá que se acostumar com isso.

O Almoço também foi ótimo. Embora preocupada com meus filhos, eu aproveitava cada
NACIONAIS - ACHERON

momento.

Assim os dias se passaram e nós nos divertimos muito. E descansamos bastante. E transamos todos os dias sem receio se alguém nos ouviria ou não. Essa era a melhor parte.

Na quarta-feira, inclusive, transamos de manhã e à tarde. Coisa que não acontecia tanto em casa. Eu sentia falta disso. Com o tempo vamos deixando o cansaço tomar conta e acabamos por perder um pouco a sensibilidade em relação o sexo. Ele passa a ser comum.

Na quinta jogamos boliche e fomos visitar o castelo de gelo. E quando percebemos, a sexta feira estava para chegar. Embarcaremos no dia seguinte às dezoito horas.

Na sexta, ele me trouxe o café na cama. Depois que tomei o suco, comi o último pedaço de torrada que eu tinha na mão e ele deitou-se sobre mim.

— Se tivéssemos vindo há quinze anos, hoje não teria o mesmo sabor nossa lua de mel.

— Pois quero que saiba que fiquei muito feliz com essa viagem. Eu senti falta das crianças, mas
NACIONAIS - ACHERON

valeu cada minuto ao seu lado.

— Eu sei. Para você, aliás, para todas as mães se separarem dos filhos sempre é mais doloroso que para os pais. Nem por isso amo menos meus filhos. Além do mais, falou com eles todos os dias.

— Não podia deixá-los abandonados à sorte.

— Amei cada momento com você. Por mim não iríamos embora hoje, só semana que vem. — Beijou meu seio.

— Lembre-se de que temos que voltar ao trabalho. Temos filhos e responsabilidades.

— Às vezes eu queria ter menos responsabilidade.

— As responsabilidades fazem seu sangue correr, Cairon. Acha que não vejo como vibra quando está em uma tribuna. Vejo em seus olhos o quanto é feliz fazendo o que gosta. Por isso estava tão triste te vendo afastado.

— Eu também estava. Só não queria preocupar você.

— Mas que bom que tudo terminou de forma favorável a gente.

— Agora o que não entendo é como as pessoas pensam que poderia eu, influenciar você de alguma forma?

Eu ri.

Passei a mão pelos seus cabelos e o puxei de encontro a mim.

— Pessoas bobas... Como elas pensam que euzinha poderia influenciar um homem deste tamanho que tem tanta convicção?

— A justiça não é cega, Li, eles sabem que um homem apaixonado faz tudo o que sua mulher pedir. Por isso os padres não casam. Imagina no momento em que o homem está chegando ao clímax, a mulher pergunta algo... Ele contaria, na certa, os mais indecentes segredos de seus fiéis. — Era raro ver o Cairon com tanto bom humor.

— Eu acho que não é bem por isso que eles não podem casar não, amor.

— Não sabem o que estão perdendo...

Pegou uma geléia da bandeja de café e espalhou sobre um de meus seios. Brincou com o outro primeiro e depois com a maior delicadeza

retirou parte do creme com a língua.

— Muito mais gostosa.

Eu gemi baixinho... Não que não quisesse gritar, mas estava tão tranquilo e tão suave que se eu gemesse mais alto estragaria o momento. Quando viu que havia conseguido com êxito o que havia se proposto, que era me deixar excitada, ele começou a descer pela minha barriga, repetindo o mesmo processo.

Desceu um traço do alimento sobre meu corpo com um dedo, até encontrar a parte mais íntima de mim, que já o esperava. Mas ele não a tocou. Fez o mesmo que fez com o seio. Desceu limpando toda a geleia com a boca.

Quando chegou onde eu queimava por inteiro, ele se levantou e pegou no frigobar um vinho. Abriu e tomou um bom gole direto na garrafa.

— Cairon... Ainda são dez da manhã.

— Ainda estamos em lua de mel. — Senti o cheiro do álcool e acompanhei quando ele pegou uma taça e derramou o líquido. Tomou mais um pouco e voltou para cima de mim. Voltou a abaixar a cabeça e encontrou minha intimidade. Sua língua

NACIONAIS - ACHERON

agora era gelada. E eu senti o liquido sendo entornado sobre mim...

— Cairon...

— Oi...

— Maluco...

— Ainda não viu nada.

Passeou com a língua por todos os cantinhos que encontrou... Eu senti um calor... Era com certeza o vinho em contato com minha pele.

Flash começaram a vir em minha mente da nossa primeira vez. Meu Deus! Parecia tão longe e ao mesmo tempo tão presente.

Ele logo estava dentro de mim, preenchendo todo espaço que era só seu. Eu lhe pertencia, e ele era meu. Nosso casamento estava firme porque sabíamos bem o que queríamos. Eu me decidi por ele e ele por mim.

— Agora vira...

— Não, Cairon aquela primeira experiência não foi muito boa, não...

— Desta vez eu vou te tratar com carinho.

E foi mesmo. Desta vez não foi tão dolorido o sexo anal... Ele usou um produto. Acha que não senti.

Quando não aguentou mais... Chamou meu nome e eu que estava em outra dimensão voltei até ele para que chegássemos juntos ao ápice do nosso amor.

O Sol não apareceu, tornando nosso último dia no lugar perfeito. Tiramos muitas fotos e gravamos alguns vídeos.

A tarde veio e precisamos dar adeus ao lugar.

— Prometo que o ano que vem nesta mesma data, voltaremos. Até lá as crianças estarão completando seus dezesseis anos e estarão mais independentes. Quem sabe até não trocam a festa por uma viagem – ele disse, convicto.

— Mesmo que não troquem, agora sabemos o quanto isso é importante para nós. Eu apoio nossa viagem sempre uma semana antes do aniversário das crianças.

— Crianças... Tomara que fiquem assim por muito tempo.

— Só espero que amanhã não tenhamos problemas com o George e o novo amigo da Valentina. — Suspirei prevendo trovoes e raios.

Nestes últimos dias, sempre que eu ligava ela falava do tal amigo. Sobre o George mesmo eu só sabia que ele viria para a festa com a família.

Dentro do avião eu encostei minha cabeça em seu ombro e descansei. Estava ao lado do homem que ganhara meu coração para sempre.

Trinta e nove



Cairon...

Quando chegamos em casa de madrugada. Peguei o celular e só então chequei os e-mails. Havíamos combinado que em nossa lua-de-mel ficaríamos desligados de tudo.

O Primeiro que li foi o que estava escrito "Visita"

"Acabamos de pousar e estamos indo para a casa de nossos amigos... Kaline e Nicolas. Os quais você visitou quando nos conhecemos. Fiquei sabendo que não estavam em casa, por isso adiamos a visita. Espero que ainda sejamos convidados da festa de quinze anos dos gêmeos."

Ps. Caso sim... Estamos em oito adultos. Quatro adolescentes e quatro pré-adolescentes. Espero que não tenham problemas em acomodar quantidade de pessoas.

Sorri ao ver aquele e-mail... Essa era uma família que mesmo barulhenta era ótima para se manter uma amizade e uma boa convivência.

Respondi o e-mail.

"Sejam bem-vindos! ".

Quarenta



Liara

Quando chegamos à festa, o local estava lotado. Os jovens já se movimentavam para lá e
NACIONAIS - ACHERON

para cá. Graças a Deus a ideia do Cairon agora me parecia espetacular. O Salão inicial havia sido trocado por um local que oferecia três ambientes e um salão em comum. Eu havia checado tudo horas antes de ir para casa me arrumar.

A Valentina havia montado uma boate para ela e as amigas e também havia um espaço para as meninas mais tranquilas poderem ficar sentadas com um sofá aconchegante e almofadas.

Do outro lado a sala de jogos onde os meninos estavam equipados com vários jogos modernos, ali eles se divertiam diante de três telões e vários outros espalhados pelo local.

O ambiente mais acolhedor era dos pais que ficariam para festa... Quase todos em sua maioria. Havia mesas com cadeiras... Sofás e uma réplica de um bar antigo. Os jovens ainda não podiam, mas os adultos estavam em momento de descontração total.

E no meio era o salão de dança. Quem quisesse dançar, ali era o local onde um DJ tocava variados estilos e não só o dance frenético da garotada.

PERIGOSAS

— Está tudo bem? – O Cairen me beijou no rosto me conduzindo pelo salão entre os jovens que circulavam...

— Claro. Só fico ansiosa até hoje para saber se tudo terminará bem.

— Dará tudo certo. – O Pietro veio em nossa direção.

— Achei que havia acontecido algo, vocês demoraram.

— O trânsito que está uma loucura. – O Cairen estava ficando profissional em inventar desculpas para nossas demoras.

A verdade é que antes de sairmos ele me fez trocar de roupa. Não que a minha não estivesse perfeita, mas ele conseguiu me amassar toda. Disse que seria rapidinho, me mandou encostar à parede e que nem ninguém iria perceber que havíamos transado. Mas quando me soltou eu estava saída de uma garrafa de tão amassada. Tive que trocar de roupa e retocar a maquiagem.

Só olhei e sorri...

Passei na boate e vi tudo certo por ali, como

NACIONAIS - ACHERON

estava também na sala de jogos. Claro que a diferença de convidados era gritante. Enquanto a boate da Valentina estava superlotada com aproximadamente oitenta meninas, o Benjamin se divertia com seus vinte e pouco amigos...

Quando cheguei ao ambiente dos pais, a família Reinercke's Brenner, a sensação do momento.

Os homens loiros, olhos azuis e fortes, lindos, nem pareciam pais dos jovens que tinham. As mulheres estavam muito elegantes e como não falavam bem o português chamava a atenção de muitos pais a sua volta.

Principalmente das mulheres. Ali haviam muitas separadas e divorciadas que criavam seus filhos como mães e pais. E porque não as casadas também. Somos casadas, mas não somos cegas. Não é assim que eles diziam?

— Angélica... Bem-vinda. — Nos abraçamos.

Todos eufóricos.... Conversavam, sorriam. O Cairon apresentou os homens da família à maioria dos homens ali presente. O Murilo foi nosso segundo braço com a família. Assim como a Késsia

me ajudou muito com as mulheres.

Precisávamos circular entre os convidados, mas como não eram muitos e estavam decididos a se divertirem sem os filhos, vários ficavam direto na fila do bar. Principalmente os homens.

Os pais estavam encantados com a estrutura e a ideia da festa. E assim a noite transcorria perfeitamente. Muito raramente os jovens vinham até o ambiente dos pais.

— Mãe... — O Pietro me chamou e eu fui ver o que era.

— Algum problema, Pietro? — Ele demonstrava preocupação.

— Vejo tempestades se aproximando.

— Não brinca, Pietro, o que é?

— O tal amigo da Valentina comentou na sala de jogos que iria dançar a valsa com a Valentina e que é muito a fim dela... O George não gostou. Foi até a boate e deu uma prensa na Val e disse que se ela dançar com o carinha ele não vai dançar com ela e...

— Pietro... Fale devagar. Onde está a

Valentina?

— No banheiro chorando, esperando por você.

— E o George?

— Na varanda dos fundos, emburrado. Falei que vinha falar com você e voltaria para ficar com ele.

— Então faz isso, Pietro. Não deixe ele chegar nos pais, por favor. A Valentina me mata um dia desses...

— Olha só... É melhor se preparar, porque parece que vai rolar dois pedidos de namoro nessa festa.

— Não brinca, Pietro. Você também quer me matar?

Ele saiu sorrindo enquanto eu me dirigi ao banheiro. Graças a Deus não tinha mais nenhuma menina no lugar.

— Filha?

Ela abriu a porta, veio e me abraçou.

— Mãe, o George disse que... — Não terminou a frase começou a chorar novamente. — Ele falou...

— Filha, pula essa parte. Já disse, falou... Seja mais focada.

— Disse que eu o enganei. Que estava namorando com o Rapha enquanto ele não arrumou mais ninguém. Mas é mentira, mãe. O Rapha é só meu amigo. Você sabe disso.

— Eu sei. E acho que é hora de ter uma conversa séria com o George. Se ele não confiar em você, esse namoro não dará certo. Vocês são jovens, estarão namorando a distância e se um não confiar no outro... Simplesmente não vai rolar filha. E ele precisa parar com isso de ficar chateado com qualquer coisa. Afinal ele é o responsável por aqui. Você tem quinze anos e ele dezessete. Mas está parecendo que você tem quinze e ele oito.

Ela parou de chorar e gargalhou.

— Mãe.

— Falo sério, Valentina, precisa ser dura com o George assim como foi com a gente no ano passado. Não seja manhosa, mas seja firme. Quando os homens não jogam com a gente, precisamos mostrar a eles quem está no comando.

— Vou falar com ele.

— Ele está na varanda. Inclusive, diga a ele que acha mesmo que não dará certo e que talvez devesse namorar o Rapha, já que mora na mesma cidade.

— Mãe? Assim ele vai me deixar. — Não era uma boa ideia já que o Cairon deixaria os dois namorarem só porque eram países diferentes.

— Não se ele gostar de você de verdade. Não vê seu pai e eu? Eu quem mando...

— Mãe. — Com a gente não havia quem mandava e quem não..., mas companheirismo e confiança.

Ela se levantou, foi até o espelho limpou o rosto e passou o batom novamente. Respirou fundo e saiu.

Espero que tudo termine bem. Também fui ao espelho e chequei meu visual.

— Podemos ajudar em algo, Liara? — A Angélica apareceu atrás de mim no espelho.

Eu estava precisando mesmo falar com ela sobre o filho e sobre esse namoro. Precisava saber o que a família pensava sobre isso e porque o

George tinha um temperamento tão forte.

— Filhos. — Encostei-me na pedra de mármore atrás de mim.

— Sei bem o que é. Tenho dois com diferença de quase quatro anos e posso dizer que sejam na mesma idade, sejam em idades diferentes, filhos sempre nos farão ganhar cabelos brancos.

— Angélica... Esse namoro do George e da Valentina... — Ela se aproximou de mim e segurou minha mão.

— Liara... Quem de nós nunca viveu nossas brigas de amor na adolescência? Eu mesma, vivi intensamente minha adolescência e minha juventude. — Ela gargalhou. — Menina, eu fui sapeca e aprontei bastante, e que o Hansi não me ouça, mas eu fui muito beijoqueira. Nossa, eu comecei a namorar aos treze anos. Minha mãe penou comigo. Agora que sou essa mulher porque encontrei o homem certo. Mas até encontrar...

— Não tive muitos namorados. Namorei poucos rapazes por longos tempos. E quando vim encontrar minha mãe encontrei o Cairon. Minha mãe não está aqui ou alguém da minha família para

me ajudar a criar a Valentina. Só pude contar com minha sogra e duas boas amigas. Graças a Deus minha sogra se tornou uma mãe para mim. Não vivi o processo de odiar a sogra e nem ser odiada por ela. Mas sempre me pergunto se estou criando bem a Valentina. — Ela soltou minha mão e olhou em meus olhos.

— Nunca saberemos. O George foi um amor de criança. Quando me casei com o pai dele o Hansi passou a também fazer efeito sobre o menino. Não que ele tenha tido uma adolescência complicada, mas acho que falou demais na infância e se tornou mais silencioso agora. Qualquer coisa que a gente fala, ele se cala. Isso me irrita. Já disse isso a ele milhares de vezes. Mas filhos você sabe... Nunca ouvem as mães. Sem falar no temperamento. Igualzinho ao pai. Impaciente e reservado.

— É eu já vi que o Hansi não tem o mesmo jeito brincalhão do David ou a paciência do Ben.

— Nem a doçura da May. Acho que eles todos puxaram o pai deles, porque não conheci a mãe, mas pelo jeito que conta ela não era muito estável emocionalmente. Mas o Hansi é o homem... Claro que o homem da minha vida. E eu acredito

fielmente que meu filho será o homem da mulher da vida dele. Se for sua filha pode acreditar que toda a família já a espera de braços abertos.

— O mesmo digo a você, Angélica. Se o George e a Valentina vierem a namorar. Saiba que ele terá aqui uma família que cuidará dele, sempre que precisar. Mas se não der certo com minha filha... Torço para que você encontre uma nora excelente.

Abraçamo-nos e depois voltamos para o salão onde os homens conversavam animadamente.

Por volta de quinze minutos antes da meia noite a organizadora nos chamou para as últimas orientações.

A Valentina conversava com algumas meninas e pelo jeito estava tudo bem. Fiz de tudo para não me preocupar além do necessário.

A valsa começou e os gêmeos dançaram a primeira dança. Depois eles dançaram com os padrinhos... Murilo e a Késsia. Então foi a vez dos pais. Eu estava muito emocionada. Quinze anos. Nem parecia. Desde que eu ouvi a frase... "me dá um filho". E eu querendo agradar o homem

providenciei logo dois. E agora... Daqui a pouco eu os daria a outras pessoas. Eles namorariam e se casariam e teriam sua própria família.

— Mãe... Está tudo bem?

— Está sim, filho. – Eu devia estar olhando para eles com os olhos rasos de lágrimas.

Continuamos a dançar, até que a música mudou e a Manu veio em nossa direção. Assim como vi o George se aproximar da Valentina e do Cairen. Ele era um garoto lindo, com certeza minha filha terá muito trabalho e teria que saber lidar com sentimentos como o ciúme, assim como eu.

Entreguei meu filho a Manu e senti o Cairen segurar minha mão. Saímos do centro e os deixamos dançar.

Era um sentimento estranho que estava me rondando. Como se fosse o fim. Encostei minha cabeça no ombro de meu marido e juntos observamos nascer ali novos recomeços.

Quarenta e um



Cairon

O Hansi e os irmãos me davam um novo ânimo. Estar com eles era como se a lei não fosse assim tão severa. Eles não estão infringindo nenhuma regra, mas vivem como se elas deixassem de ser um fardo e se tornassem mais leves.

— Cairon, gostaríamos de conversar com você se fosse possível – o Hansi me chamou. Eu tinha uma noção e desta vez eu prometi a mim mesmo que não surtaria.

— Claro. – Seguimos para o ambiente onde até a pouco os pais estavam e agora só se encontrava o Murilo e a Késsia, o Heitor que havia vindo com a Josy. Quando nos viram entrar eles deram uma desculpa e se juntaram aos jovens da família no salão de dança.

A Angélica entrou com a Liara e minha esposa sentou-se ao meu lado. Eu estava preparado... Estava. Estava sim. Essa conversa conseguimos adiar por um ano, agora não há mais solução.

NACIONAIS - ACHERON

O George entrou e sentou-se perto dos pais. E todos estavam em silêncio até que a Valentina entrou toda animada com um refresco na mão.

— Cairon, nós viemos com nosso filho hoje porque ele quer te dizer algo. E nós como família estamos aqui porque conhecemos nosso filho e posso afirmar que o que ele disser aqui a você ele irá cumprir. Não é, filho?

— Sim, pai. — O garoto sorriu.

— Pode falar, filho. — Eu não era diferente com meus filhos. Embora eles demonstrassem uma emoção ao falarem um com outro.

— Doutor Cairon, eu queria aproveitar essa data para pedir que se o senhor não se importasse... Quer dizer. Se o senhor me permitir eu gostaria de pedir a Val em namoro. Não só ao senhor mais também a doutora Liara.

— George, não precisa nos chamar de doutor ou doutora ou senhor ou senhora... — A Liara sorriu quebrando um pouco o clima.

— A gente faz muito gosto por esse namoro Cairon, não é mesmo Hansi? — Angélica cutucou o marido.

— Eu disse isso ao Cairon hoje mais cedo, Angélica. — Então se virou para mim esperando minha resposta.

— Eu achei que o filho de vocês só demorou um pouco.

— Demorou? — O Hansi se espantou. — Mas ano passado você mesmo tirou a menina da casa de nossos amigos e não quis nem saber de namoro.

— Não falo do ano passado, estou falando sobre nossa visita a casa de vocês. Eu os vi se beijando...

— Cairon... — a Liara quase gritou comigo.

— Eu disse que havia ficado de olho. Mas não quis dizer nada porque sempre sou eu que sou o do contra.

— Cairon...

Os jovens nos olhavam com uma expressão de assustado, como se fosse ser a barreira a separá-los. Voltei-me para o George e falei com ele com firmeza.

— Então, George... Eu havia dito a Liara que caso vocês dissessem algo até mesmo durante a

viagem em que estivemos hospedados na casa de vocês eu não iria colocar impedimento. Depois que conheci sua família principalmente eu sei que se algum dia minha filha precisar de outra família poderá contar com a sua, assim como também ficamos a disposição. Não vou dizer nada sobre compromisso agora, porque como juiz eu sei que vocês ainda vão passar por muita coisa antes de falar em compromisso. Espero que você coloque um pouco de juízo na cabeça da minha filha George... Assim com sei que ela terá algo com que você aprenderá com ela durante esse namoro de vocês. — Não disse mais nada então a Valentina se posicionou.

— Só isso? Não vai dizer mais nada? Nenhuma bronca, nenhuma recomendação?

— Não.

— Pai, esse não é você.

— Também acho que não. — Eu mesmo me estranhava.

— Hansi... Quer dizer algo?

— Geralmente só a família da noiva fala. Eles devem achar que a mulher é mais sensível, e que o
NACIONAIS - ACHERON

homem nunca sofre transformações em um relacionamento. Mas eu queria dizer que o George e a Sofie são nossos tesouros preciosos. Então a gente espera também Valentina receber você como nossa filha e que você cuide do nosso filho com carinho.

Ela sorri e me deu um beijo no rosto. O George também ficou de pé apertou minha mão e recebeu um abraço da Liara. Assim como o Hansi e sua esposa abraçaram minha filha.

Os dois deram as mãos e saíram. Deviam agora se juntar aos outros jovens.

Assim que eles saíram o resto da família voltou a se encontrar conosco. A madrugada apontava, mas ainda estava cedo. A festa agora estava diferente... E como era nossa podíamos ficar até quando bem entendêssemos.

— Que tal uma dança? — Sugestão vinda do David. Mas já estava na hora mesmo de descontrairmos.

Todos na pista de dança, animação total. Foi só então que pude beber o quanto eu queria.

Não havia mais tensão. Ao menos esse estava
NACIONAIS - ACHERON

resolvido. Agora só precisamos ir os dois na casa da Manu embora a mãe estivesse presente, o Benjamin preferiu que fôssemos a casa dela durante a semana, já que as mães já haviam se falado e só faltava minha participação.

Dançamos até o sol aparecer... Eles estavam na casa de um casal amigo, mas viriam jantar conosco. E fiquei de mostrar o TRF ao Hansi e aos irmãos.

Seria uma semana e tanto.

— Você me surpreende a cada dia — a Li cochichou em meu ouvido quando entramos no carro de volta para casa.

— Eu vou fazer um projeto para te surpreender cada dia mais. — A puxei para mim e a beijei. — Em casa a gente conversa.

— Louca para ver essa ameaça se cumprir. Tem quase onze horas que a gente não transa.

Eu ri dela e coloquei o carro em movimento. Essa semana seria de recomeços mesmo. Até mesmo minha volta ao trabalho depois de quase quatro meses. Por isso fiquei de levar a família para conhecer o TRF na terça, porque na segunda eu

NACIONAIS - ACHERON

mesmo não sei o que me esperava.

Bônus Valentina



— E então? — Estávamos na varanda de casa vendo o sol nascer.

— Então já sabe que sou ciumento. — Ele esbarrou em mim.

— E muito.

— Desculpa. Não queria te magoar.

— Tudo bem. Acho que namoro é assim mesmo, não é?

— Eu queria te dar um presente... — Ele levou a mão no bolso e tirou uma caixinha. Achei que fosse um anel. E era e além do anel havia uma pulseira toda delicada com dois corações.

— Que delicado, George. Adorei. — Abracei e dei um beijo em seu rosto.

— No rosto?

— Acho que fiquei traumatizada depois que meu pai disse que nos viu beijando. Achei que foi

bem arriscado, ele poderia ter visto você fazendo outras coisas. Imagina se ele nos pega quando sua irmã entrou no quarto.

— Você não gostou?

— Eu gostei, mas acho que a gente ainda é muito jovem, não acha?

— Eu tenho um amigo que já é pai.

— E quantos anos a menina tem?

— Quatorze.

Fiquei até assustada. Eu queria estudar ainda e me formar e ele tinha amigo que era pai.

— George, eu... Não sei se estou preparada para certas coisas.

— Eu não estou te pedindo nada agora. Não temos um combinado?

— É verdade. No meu aniversário de dezesseis anos.

— Agora nós somos namorados. – Eu sorri.

— A gente vai se falar por telefone, por redes sociais... E vai se encontrar só ano que vem?

— Meus pais virão mais uma vez antes disso,
NACIONAIS - ACHERON

no aniversário de casamento do tio Nicolas e da tia Kalie.

Isso era bom. Saber que não vamos ficar quase um ano sem nos encontrarmos.

— E nas férias de vocês pode convencer seus pais de voltarem para a Alemanha.

— É, vamos ver. — Ele segurou meu rosto e me beijou.

— Hum hum... — Meus pais acabavam de chegar. O empurrei com delicadeza.

— Eu já estava de saída.

— Até a noite.

— Até. — Sorri e o acompanhei até a porta.

Voltei e meus pais já estavam deitados. Olhei o anel e a pulseira. Era tudo que eu esperava de um namorado. Peguei meu celular e fui até minhas redes sociais. Alterei meus estados... "Em um relacionamento sério com George Reinercke Brenner" logo eu o marquei... #oficialmentenamorando.

Quarenta e dois



Liara

Daqui a pouco ele estará entrando pelas portas do TRF. Vim um pouco mais cedo porque todos estão ansiosos esperando por sua volta. E hoje é público, assim como ele saiu daqui, deve voltar. As pessoas estão aglomeradas aos passeios da Rua dos Podres. Ninguém trabalhará nessa primeira hora da manhã fazendo uma pequena confraternização por seu retorno.

Tudo pronto, a ansiedade me consome. Em casa ele não disse muito sobre esse momento, mas sei que ele também anseia por estar aqui.

— Ele está vindo! — alguém gritou da porta.

Quando saiu e virou a esquina, eu vi o carro parar, e ele descer para ser respeitoso com todos os que se encontravam ali. Lia cada cartaz colocado na rua, e cumprimentou a todos que estendiam a mão.

O Cairon fica vermelho com facilidade. Não

era de se estranhar que agora estivesse quase em um tom de roxo ao ser aplaudido pelos funcionários daquele lugar.

— Bem-vindo, meu amigo. — Se tinha alguém que com certeza não escondia a felicidade em receber o amigo de volta, era o doutor Breno.

— Bem-vindo, meu amor. — Beije seu rosto.

— Devia ter me dito.

— Aí não seria surpresa.

Depois que o momento passou os juízes se reuniram em uma sala com promotores e alguns advogados, assim como o Breno, desembargadores e outros membros mais importantes.

Falaram de alguns casos que precisariam ser revistos. Segundo um levantamento feito pelo cartório, o Élcio havia liberado dois criminosos do presídio, os quais precisariam ser recolocados em seu lugar o mais rápido possível.

Outros casos foram citados. Um caos estava instalado naquele lugar, a sorte é que todos estavam satisfeitos com o retorno do Cairen e empenhados em colaborar. Mesmo que isso significasse horas

extras de trabalho.

Quando paramos à entrada do Gabinete do Cairon o Breno foi solícito e atencioso com meu marido.

— Sabe que se precisar de mim para qualquer coisa, estou logo ali em frente. — Eles se abraçaram e o Breno saiu.

Ele entrou, e foi observando cada detalhe... O Élcio havia praticamente redecorado o ambiente, com cores contraditórias ao estilo do Cairon.

— Acha que dá para mudar até amanhã?

— Claro. É só dizer o que quer. — O desembargador também estava solícito.

— Algo em especial amanhã, Cairon? Ou só a pressa de tirar os vestígios do Élcio?

— Amanhã mostrarei o lugar aos amigos da família vindos da Alemanha e não quero que pensem que tenho esse gosto horrível para cores.

— E por falar em gosto. Até hoje o Élcio não buscou o resto dos pertences dele. Vou pedir que liguem para que ele faça isso.

O Desembargador se retirou, assim como o
NACIONAIS - ACHERON

chef do almoxarifado que tinha todas as mudanças anotadas e ficamos sozinhos.

Ele foi até a porta e passou a chave...

— Sabe que uma recepção bem calorosa merece ser completa... Não sabe disso?

— Cairon... Alguém vai chegar.

Ele me sentou em sua mesa e começou a me beijar... Eu não ia oferecer resistência... Ele é o Juiz.

Mas como eu o tinha alertado alguém bateu à porta ele praguejou baixinho e foi atender. Eu me recompus enquanto, uma estagiaria entrou com vários documentos. Primeiro deu os cumprimentos, expressou a imensa honra em estar o conhecendo, nem se importando, que eu estivesse ali. Na verdade, me ignorou.

— Ela não te ignorou, amor — ele disse quando ela saiu e eu ressaltei a atitude da moça. E ainda o alertei para que não tivesse problemas mais tarde.

Eu tinha uma audiência daqui a minutos e precisava voltar a meu escritório e organizar a

documentação.

Quando sai do local o Cairon havia saído para o almoço. Quem diria que audiências só com promotoria poderiam durar tantas horas assim.

Em casa pedi para servirem o almoço e só então fiquei sabendo que tínhamos visitas.

George, Manu, Sofie irmã do George e a amiga brasileira a Anne. Que eu conhecia, filha do casal Nicolas e Kaline. Ela também é amiga da Valentina da escola.

Durante o almoço a conversa dos jovens foi predominante. Eles falaram sobre quem estava namorando quem, quem tinha se separado. Fulana que tatuou o nome do namorado. E o menino que procurava um processo seguro para apagar a que fez.

Mesmo não estando no mesmo país, os assuntos devido a idade eram muito parecidos.

— Os pais da Anne pediram para convidar vocês para a festa de aniversário de casamento deles no próximo sábado.

Era a primeira vez que eu ouvia a voz do meu

genro a mesa... Meu Deus, eu já estava nessa de genro mesmo? Isso nos faz parecer muito mais velhos do que gostaríamos de apresentar.

— Ah, mãe vamos... Vai ser legal.

— Filha, temos que estudar tudo com o Murilo, se ele achar que está bem, então nós iremos.

O Cairon assistia a todos com atenção e respondia a todas as perguntas. As meninas estavam curiosas por saber de nosso trabalho e ele foi bem atencioso com todos.

Conversou com o George sobre o que ele será no futuro.

— Meu sonho é ser piloto de avião..., mas ainda é um sonho.

— E a faculdade?

— Acabo de ingressar no curso de Engenharia Aeronáutica. E em breve poderei começar meu curso de Aviação Civil.

— Nossa George muito bom. Tinha um segundo plano ou sempre teve esse objetivo?

— Desde quando comecei a estudar eu sempre
NACIONAIS - ACHERON

tive esse desejo. Achei que meu pai me pediria para fazer algo relacionado à administração ou a medicina, como meus tios, mas ele simplesmente disse que cada um segue seu caminho.

Eles eram uma boa família, que além de tudo respeitava o espaço e a individualidade do outro.

— Eu não quis influenciar a Valentina, mas segundo ela, seguirá a carreira de juíza.

— Ela me disse mesmo. Eu acho bonito ser advogado ou juiz. Só não conseguiria ficar trancado dentro de algum lugar, mesmo que seja uma sala espaçosa.

O George era de pouca conversa assim como o pai dele. Já a Sofie devia ter puxado a Angélica, porque monopolizou totalmente o Benjamin fazendo com que a Manu começasse a demonstrar sinais de irritação.

Graças a Deus o almoço acabou e nós tivemos que voltar ao fórum. A Valentina me garantiu que a tarde deles será no shopping e no cinema. Eu não tinha porque duvidar. Os seguranças fariam a parte dos adultos responsáveis.

Durante o trajeto para o fórum fiquei pensando

NACIONAIS - ACHERON

no futuro... O que seria a vida de um Piloto e de uma Juíza? Eu não via um eixo de conexão entre eles... Tudo bem que não cabe a eu entender ou questionar. Cada um, ama de forma diferente. Onde está escrito nas regras ou normas que um Juiz de renome olharia para uma mulher negra dormindo em um ponto de ônibus. Mas isso aconteceu eu era a prova viva.

E a cada dia basta o seu entendimento.... O futuro mais próximo é o segundo que o ponteiro do relógio há de marcar. O Resto ainda não sabemos como e nem se virá.

Quarenta e três



Cairon

Quando voltamos para o trabalho, eu queria muito ficar no meu gabinete, mas as coisas do Élcio ainda se encontravam esparramadas por lá. Por isso trabalhei na sala de reuniões, reorganizado todos os

processos que com certeza daria andamento na quarta-feira.

Encontrei em minha mesa um recado. O conselho me pedia para estar à frente de uma visita em uma comarca fora da cidade. Eles eram astutos quando queriam ser, tentando me convencer para que eu aceitasse o cargo de conselheiro do conselho.

Juíza Analice, e o promotor era Douglas. Hum... O que seria? Liguei para me inteirar do assunto. E por fim depois de entender o que seria essa visita eu aceitei. Não é uma promessa de deixar o que faço. Mas como disse um dos conselheiros, seria um favor. E para mim também sempre é muito bom conhecer outras comarcas. Ver como funcionam outros fóruns.

— Com licença, meritíssimo... — Olhei e reconhecendo a voz eu sorri.

— Heitor? Quanto tempo. — Apertei sua mão e o abracei. — Quanto tempo, rapaz...

— Vim agradecer. — Olhei para ele e não entendi. — O Conselho está me mandando de volta, como Juiz na vaga que havia ficado em

aberta com a saída do Élcio.

— Meus parabéns, Heitor.

— Obrigado, meritíssimo.

— Então agora somos colegas.

— Mas eu sei que foi o senhor que me indicou a um amigo do senhor lá de Brasília.

— Não pense assim, Heitor. Sei da sua capacidade e também não queremos mais nenhum juiz suspeito ou terrorista por aqui. Queremos nossa equipe de volta para trabalharmos bem e em paz. Fazendo o que a justiça nos pede.

— Espero não decepcionar.

Ele ainda ficou conversando comigo durante algum tempo. Encaminhei-o à administração, e depois fomos caminhar pelo lugar para que eu o apresentasse aos funcionários. Claro que a maioria, das mulheres se lembravam dele do fórum.

Quanto a mim, a Liara podia ficar tranquila, mas as estagiárias que se dessem ao respeito porque nosso Dom Rhuam estava de volta.

Os operários chegaram e passariam o resto da tarde e a noite trabalhando nas mudanças do meu
NACIONAIS - ACHERON

gabinete. Eu peguei minha pasta e paletó e me sentei no corredor observando as pessoas passando e fazendo seu trabalho.

Me vi entrando pelo corredor a quase vinte anos atrás. Eu era um jovem sonhador com desejos de mudança. Com sede de justiça e ávido por ser um juiz. Foi um tempo de lutas e conquistas, dia após dia. Nada caiu do céu e nem veio por intervenção.

Os corredores não são mais os mesmos... Já reformamos diversas vezes e nem mesmo as pessoas são as mesmas o tempo nos reformou. Nos poliu e nos conservou.

Lembrei-me de meu velho professor que fora juiz aqui. E de um homem que foi extremamente em minha decisão... Olhei para a porta e ele vinha andando. Devagar. Seus passos não eram os mesmos firmes de outrora. Mas não parava nunca.

— Em breve não conseguirei andar sozinho por esses corredores.

— Ainda tem muito chão pela frente. — Apertei sua mão. — Achei que não viria.

— Não perderia isso por nada. Eu só queria

NACIONAIS - ACHERON

ver a cara do tal Élcio agora.

— Eu penso que gostaria também, depois eu penso que não gostaria de vê-lo nunca mais. — Nós rimos.

— As pessoas precisam aprender, não é filho, que não pegamos nada de ninguém? Precisamos construir nosso próprio caminho. Tudo que vai, tem volta, o que fazemos de coração e o que não foi feito de coração.

Meu pai nos convidou para jantar na casa deles e eu não via nenhum obstáculo em não ir. Estávamos em dívida com minha mãe. Não podia perder os laços com a família. Meu pai me abraçou e disse que me esperava em casa.

E por falar em família. Peguei meu celular e liguei. Liguei para o Hansi. Eles passariam o dia conosco amanhã. Nem a Liara nem eu, viríamos trabalhar. Devolveríamos com horas extras.

— Hansi — ele atendeu.

— Espero que nosso compromisso esteja de pé para o dia de amanhã.

— Estamos ansiosos por nos encontrarmos

novamente.

Marcamos de que eu iria buscá-los. A Li ficou responsável pela programação.

Às vezes eu me pegava pensando que ser filho único... Tem suas vantagens e desvantagens. Eu sentia falta de um irmão. E ver a família do Hansi e cuidado que ele tem com cada um me faz sentir vontade de ter irmãos. Sei que posso contar com o Murilo sempre. E... Meus pensamentos foram interrompidos por uma agitação na entrada do TRF.

O homem falava tão rápido que eu não conseguia entender nada do que ele dizia... Devia ser um advogado.

— Posso ajudá-lo?

— Só se for um homem importante, porque de subalternos incompetentes, non gosto. — Que arrogância. Era minha definição para o sujeito.

— Sou o Juiz Cairon Filho.

— Enton deve servir. — Era brincadeira que quase no fim do expediente no meu dia de voltar eu teria que passar por aquilo. — Respirei fundo.

— Em que posso ajudá-lo?

— O tal Juiz Élcio, marcou uma reunião comigo e non está. Algum outro Juiz non tinha que me atender? O que ficou no lugar dele talvez? Ou essa comarca é ton bagunçada assim?

— Em primeiro lugar eu queria pedir ao senhor que se atente com suas palavras para não sair daqui direto para a prisão. Em segundo. Quem é o Senhor?

— Meu nome é Pierre. Pierre Edu... Só Pierre. Sou advogado. — Ele me olhava de cima. Como se fosse o superior. Então me lembrei do nome...

— Pierre Edouard Follmann? — Eu já havia ouvido falar desse advogado quando fui até Brasília. Dizem que ele tem o QI mais elevado do que o nosso e todos os promotores públicos estavam amando trabalhar com ele. Até juízes falam deste Pierre. O que ele estaria fazendo ali. Só sei que é ele por causa do sotaque francês.

— Oui... Mas non conte a ninguém esse sobrenome. — Ele fez uma careta. — Ninguém colocaria nome em seu filho de Pierre Edouard Follmann. Pierre Follmann talvez. Minha mãe non gostava de mim desde o ventre materno parra

pensar nesse nome.

— Em que posso ajudá-lo, Pierre? Eu sou o Juiz responsável pela Comarca.

— Enton... Já duas semanas que tento entrar em contato sobre um processo que está arquivado. E pedimos autorização parra que minha funionárria visite o filho na prisón e até agora nada.

— Me desculpe. É que os processos estavam todos parados porque estávamos passando por um processo de investigação administrativa.

— Ouvi dizer. Mas se puder me ajudar nisso... Sei que só precisava de uma assinatura de um juiz.

— Mas me dê o nome da pessoa e seu telefone. Amanhã mesmo resolvo seu caso. Só não vou dizer agora porque as promotoras já foram embora.

— Eu agradeço... Suzana chorra todo dia eu non aguento... E minha esposa. Ela acha que eu sou o culpado de tudo, até de non deixarrem a Susana verrem o filho. E quando a arrumadeirra non vai diz que a culpa é minha. E quando a Franchesca discute com alguém na faculdade.

— Franchesca é filha de vocês?

— Sim...

— Não aparenta ter filho na faculdade.

— Ela tem doze anos.

— Então, talvez na França fale faculdade, aqui é ensino fundamental. - Aí me lembrei que alguém me disse que ele era superdotado. A garota devia ter a mesma facilidade de aprendizado.

— Faculdade... A Calourra mais jovem da turma dela. Assim como eu fui. Só que ao contrarrio de meus pais, sigo cada movimento. A mãe os irmóns e eu. E ela morra com a gente. Nunca deixaria minha filha morrer sozinha com tutores.

Eu queria ver esse homem detalhista em uma tribuna. Queria ver como ele se sairia.

— Sua esposa é advogada?

— Non... Graças a Deus. É uma mulher brava.

— Então experimenta se casar com uma advogada.

— Hum... Non, obrigado. Viviane non

entenderia. — Ele também não entendeu que eu brinquei com ele. — Eu já vou... Aguardo sua ligação amanhã.

— Pode aguardar. Foi um prazer conhecê-lo.

— O prazer foi meu.

Ele saiu e eu observei seu jeito de andar de falar com as pessoas com quem ia encontrando. Eles dizem que ele é um homem voltado só para ele, mas... Quem viria atrás de um juiz para agilizar o processo de filho de funcionário?

Passei em casa tomei um banho esperei por todos estarem prontos e saímos... Nada melhor que comemorar meu retorno nos braços de quem se ama... Todos juntos.

Quarenta e quatro



Liara

Quando eu cheguei nesta cidade há quase dezessete anos eu nunca pensei em estar vivendo tudo o que vivo hoje. E ao contrário que minhas

NACIONAIS - ACHERON

primas imaginam, eu não me tornei uma deslumbrada, mas agora, uma promotora. Lutei muito e sou feliz sendo casada com um Juiz federal, mãe de dois adolescentes, gêmeos, madrasta de um jovem promotor e agora com um genro alemão.

Pensei em minha falecida mãe e fiz uma oração por sua alma, talvez ela nem receba de bom coração. Sempre foi tão resmungona, mas dizem sempre que as almas agradecem nossas preces.

Abri os olhos e pensei... A Vida merece ser celebrada todos os dias, e hoje era um dia especial. Hoje era terça-feira, e ela amanheceu com o verão nos presenteando com todos seus raios de sol e calor. Por onde passávamos era fácil perceber que a estação havia se instalado em todos os lugares.

— Bom dia, meu amor.

— Bom dia, querido.

— Eu penso que se quiser alguma coisa mais íntima tem que ser agora, porque daqui a pouco a casa estará cheia e aí... Só Deus sabe quando teremos a oportunidade.

— E eu penso que a noite pode valer por mais
NACIONAIS - ACHERON

algumas horas meritíssimo insaciável. - Mordi em seu queixo. Ele sorriu e suspirou.

— Não podem dizer que não tentei. — Ele tinha razão. Dois minutos depois a casa estava um tumulto só.

Tomamos café da manhã acompanhado por nossos amigos da Alemanha e também pelo Murilo e a Késsia, o Heitor e Josy... Não sei, sinto um cheiro de reconciliação vindo por aí. Depois de todo esse tempo. Não adianta... Quando o laço do amor nos une é para sempre.

Outro dia cuidamos de um caso em que no dia de assinarem os papeis da separação um casal descobriu que deveriam se dar mais uma chance... Foi bonito de se ver. A isso chamamos reconciliação.

A Volta do Heitor também foi muito providencial, vista que o Cairon só tinha ele, o Endrigo e o Murilo como melhores amigos. E como eram poucos, um que não esteja perto já é uma quantidade notável.

Depois de duas horas de café conseguimos reunir todos rumo ao TRF. O Cairon começou o

nosso passeio pelo Tribunal. Contou a eles a diferença entre o TRF e o Fórum. Tirou as dúvidas que iam surgindo dos mais jovens.

A Valentina parecia orgulhosa segurando à mão do George. E os pais também. Ao contrário do que imaginava o passeio não estava sendo barulhento, eles estavam bem interessados em tudo que o Cairon explicava até mesmo os jovens.

Olhando par aquele grupo de adolescentes eu também estava orgulhosa dos meus filhos. Eram bem-educados. Claro... Passamos por fases difíceis, assim como toda família passa. Mas nada que venha a ser um escândalo.

Se alguém pensa em constituir a família perfeita e esperar que não tenha nunca um problema a ser resolvido é melhor pensar duas vezes antes de começar.

Depois que saímos do Tribunal passamos ao fórum.

— Aqui é onde trabalhamos. — É... É aqui que trabalhamos, pensei comigo orgulhosa. E é aqui que quero estar trabalhando até que chegue minha aposentadoria. E que ela viesse por tempo de

trabalho ou por idade. E por nenhum outro erro qualquer.

Na verdade, muitas vezes passamos mais tempo em nosso trabalho do que em nossas casas, por isso precisamos cuidar do ambiente para que ele nos proporcione conforto e bem-estar.

Durante nossa passagem com eles pelos corredores e pelas salas o Cairon fazia questão de apresentar a cada um dos funcionários e explicar sua função... desde os estagiários aos Juízes e desembargadores que ali se encontravam.

Algumas estagiárias ainda suspiram quando o Cairon passa, mas logo eu arranco o suspiro delas. E eu repito não que eu seja ciumenta, eu só zelo do que é meu.

— Olha, Cairon, até te conhecer eu sempre tive o pé meio atrás com a Justiça. Olhando você falar parece tão diferente. — O David observou. — Parecia quem nem sempre a justiça era para todos.

Observando as palavras do David eu tenho plena consciência que muitos pensam como ele. E a culpa não é só de quem pensa assim. Muitas vezes temos deixado a desejar. Precisamos de mais

homens e mulheres justas como conselheiros e Juízes, ministros e tantos outros que compõem esse cenário.

Mas principalmente seres humanos com senso de justiça e respeito.

— O acesso à justiça é um direito constitucional do cidadão, portanto todo o indivíduo que sofrer ameaça ou violação de direitos poderá buscá-la por meio de um advogado particular. Caso não tenha condições financeiras, deverá acionar a Defensoria Pública. Contudo, há casos que o cidadão pode pleitear em causa própria David... Mas a Justiça é um direito do cidadão.

Durante o resto da visita eles queriam saber sobre termos usados em julgamentos e processos como... Arquivamento; Baixa de processo; Embargos de Declaração; Ementa; Habeas Corpus; Mandado de Segurança; Medida liminar; Pedido de vista, entre outros. Termos realmente usados no dia a dia do Jurídico e que muitas pessoas não tinham interesse algum. Fiquei surpresa em vê-los questionar tanto. O Cairon estava no céu... Tudo que ele mais amava, falar do seu trabalho. Aliás, o nosso.

Talvez se as pessoas se interessassem mais por seus direitos, descobrissem que muitas vezes são lesadas por falta de conhecimento, ou por ignorância.

Ele deixou por último seu gabinete. E quando abriu a porta, demos de cara com o Élcio.

— Desculpe-me. Eu só vim retirar o resto dos meus pertences.

— Tudo bem.

— O senhor também é Juiz?

— Bom... Vamos dizer que estou aposentado — ele respondeu à pergunta da Sofie.

— Mas tão cedo? — A May ficou incrédula.

— Graças ao nosso meritíssimo colega. — Ele se dirigiu ao Cairon.

— Graças a mim, não... As suas atitudes e ações.

— Vamos entrar, então? — intervi antes que começasse uma discussão sem fim ali mesmo, em frente nossos convidados.

Mas não perdendo a oportunidade, ainda

virado para o Cairon, brincou...

— Vejo que não gostou das minhas mudanças.

— Na verdade, odiei. Muito mau gosto em um só lugar, assim como suas atitudes.

— Cairon... — adverti.

— Se acha o tal, não é Cairon?

— Algum problema, moço? — O David deu dois passos a frente. Agora eu previa confusão armada. A sorte foi o Murilo entrar no meio.

— Talvez o senhor precise de ajudar para levar suas coisas embora doutor Élcio, já que não trabalha mais aqui.

Ele olhou o David próximo a ele, também o Murilo e respirou fundo. Parecia inspirar ódio. Depois fez um gesto negativo com a cabeça e saiu passando por todos.

Pessoas como o Élcio sempre haverá. Não só em nossas vidas, mas na vida de todos. São pessoas ambiciosas que querem crescer fora do tempo. Querem galgar os degraus mais rápidos, sem se importar com e em quem deverão pisar. Pessoas que não medem esforços para alcançar o que

desejam.

Eu me lembro de uma vez comentando com minha tia que eu queria ser famosa como uma cantora que estava na se apresentando na TV preto e branco que a gente tinha e ela me perguntou se eu estava disposta a pagar o preço. Eu perguntei... Que preço tia? Ela respondeu. Dizem que ela teve que sair com um diretor famoso de TV, namorou com um locutor de rádio, fez isso e aquilo, eu fiquei de boca aberta. Não, eu não estava disposta. Fiquei admirada mais ainda por ela ter chegando aonde chegou e por ter feito o que fez, mas eu não estava disposta a fazer o mesmo. Assim são as pessoas como o Élcio, elas fazem coisas que nós não faríamos.

— Não achei que tivesse inimigos. — O Hansi sorriu. — Parece o cara perfeito.

— Pois aí que se engana. Sou o alvo perfeito para muitos homens. Criminosos e agora mesmo entre colegas de trabalho. Não aqui em nossa comarca, mas entre homens de nós... Homens da lei. E esse negócio de homem perfeito não existe.

— Com certeza não. — O Hansi sorriu.

— Eu discordo de vocês. — Eles me olharam.

— Mesmo, amor?

— Claro. E tenho certeza que a Angélica, a May, e as demais esposas aqui irão concordar comigo. O homem ideal existe para cada mulher. Cada mulher pensa que encontrou o homem ideal.

— Eu concordo. O Hansi é meu homem perfeito, não trocaria por nenhum outro, mesmo com seus defeitos.

— Nem eu trocaria o David.

— Viu, Cairon e você é o meu. Perfeito para mim. E pra mais ninguém.

— É? Mas sempre terão aquelas que acham que o homem perfeito é o da outra. E vice-versa. Os homens também que acham que a mulher perfeita é sempre a do vizinho.

Eles gargalharam.

Era verdade. Essa semana mesmo estava lidando com um caso de reconciliação, onde com certeza não haveria reconciliação e que dois casais haviam trocado entre si de esposas e maridos. E agora brigavam pelos bens adquiridos ao longo dos

casamentos. E era assim que começava. Uma acha que o marido da sócia era mais atencioso, o outro acha que a esposa do sócio é mais carinhosa, e deu no que deu. Dezoito anos de casados jogados fora, encerrados agora em uma tribuna, nem mesmo em acordo quiseram entrar. E filhos que antes amigos e que agora precisariam esperar os pais esfriarem as cabeças para analisarem se a amizade continuaria ou não.

— Bom... Acho que agora já podemos almoçar.

— Não me disse onde almoçaremos, amor.

— Na casa de minha mãe. — Ele sorriu.

Como o dia estava sendo especial, nada mais especial que isso. Almoçar na casa de minha sogra seria a melhor pedida. Comida caseira... Colinho de mãe... O Cairon estava se divertindo mesmo que todos nós não estivéssemos, mesmo que nós não estivéssemos. Mas pelas expressões todos estavam apreciando.

Eu fui uma que aprovei completamente... Quando conheci minha sogra passei a entender um pouco o que era o amor de mãe... Eu sei bem que

minha mãe me amou do jeito dela, mas não da forma que a mãe do Cairon cuida dele e ela me abraçou como a uma filha, quebrando todos os paradigmas de sogra e nora se odiarem. Verdadeiramente é uma mãe para mim. E me ensina a cada dia ser mãe para meus filhos. Agradeço ao meu marido pela família dele em minha vida. E peço aos céus que ele perdoe as ofensas de minha mãe. Mesmo embora no fim da vida ela tenha reconhecido seu valor.

Minha sogra preparou a grande mesa no jardim, serviu uma entrada para os adultos e refresco para os jovens.

— Mãe... Queria levar os meninos ao parque.
— A Valentina se aproximou apreensiva.

— Seu pai já programou Valentina para irmos depois do almoço... Se saírem agora...

— Ah, sim. Então a gente espera. — E esperaram tranquilamente.

Os filhos Reinercker's deviam ser criados de forma exemplar, devido à educação que podíamos ver do George, do que vimos na casa deles e do presenciávamos durante o passeio e agora ali na

casa de minha sogra. Não pareciam jovens problemáticos ou mimados, mas centrados e bem-educados. Por isso a resistência do Hansi e da Angélica no começo em que o George fosse amigo da Valentina. Minha filha no caso seria a má influência sobre ele... Sorri ao lembrar-me da época. Filhos... Quem viu a Valentina e que a vê agora. Outra pessoa.

O Benjamin continua o mesmo, um doce... Embora queira demonstrar ser mais adulto do que sempre foi. Agora namorando quer ter responsabilidade. E com isso seu desempenho na escola parece ter se desdobrado, porque notas agora... Só as melhores. Se eu soubesse disso... Tinha deixando namorar antes.

— Rindo sozinha? — O Cairen se aproximou e me abraçou por trás enquanto o almoço era servido.

— Às vezes a gente faz isso... Sorri de nós mesmos e fala com nosso amigo imaginário. É mais seguro.

Ele beijou meu pescoço e fomos para a mesa. Conversamos muito durante o almoço. E quando

terminamos o pessoal do fórum precisou nos deixar porque precisavam voltar ao trabalho.

— Obrigada, Murilo e Késsia por tudo que fizeram por nós. Por serem esses amigos especiais que são em nossas vidas. Irmão de verdade.

— Não perderíamos esse momento da vida de vocês. Além do mais estarmos com a família do namorado de nossa afilhada é muito importante para nós.

— E vocês também, Heitor e Josy. Espero que se acertem agora.

— Estamos conversando. Se ela quiser se casar. Caso contrário nada feito.

— Parece que o Juiz voltou cheio de graça. — A Josy sorriu e me abraçou. Cochichando em meu ouvido. - Nem vou esperar ele pedir duas vezes... Desta vez eu caso.

Eles se foram. E nós nos preparamos para ir ao parque da cidade. É um dos nossos cartões postais.

— Obrigada a senhora, por nos receber — a Angélica agradeceu à minha sogra.

— Serão sempre bem-vindos. Sinta-se parte da

família.

Como a vida é engraçada... Olhando aquela cena imaginei. Duas pessoas que se conhecem através de uma em comum no caso, a Anne e começam a se interagir pelas redes sociais e agora transforam duas famílias em uma só. É como se fosse uma extensão. Uma vida puxando a outras. E espalhando por todo mundo e de repente todos nós somos parentes.

No parque, cada casal, cada jovem se apaixonou por algo e em segundos estávamos todos esparramados. O Cairon segurou minha mão e caminhamos.

— Já viveu essa cena antes?

— Acho que sim.

— E acredita em finais felizes?

— Eu não quero finais, eles me lembram de morte. Eu quero continuações. E quando existem continuações, sempre haverá algo, ou alguém tentando impedir a felicidade ou querendo dar um fim a nossa alegria. Mas se permanecermos juntos... Isso é o que importa. Juntos sempre venceremos.

NACIONAIS - ACHERON

— Sabe aquele assunto que falamos mais cedo sobre homem perfeito? Eu nunca em minha vida pensava em encontrar a mulher perfeita, e de repente me esbarro com ela. E nunca mais a deixarei sair dos meus braços pode ter certeza.

— E aonde eu iria se saísse do seu lado?

— Não sei. Vai que aparece outro Juiz.

— Cairon, não se atreva. — Paramos e ficamos de frente um para o outro. — Em breve nossos filhos vão viver suas próprias vidas e nós teremos muito tempo de sobra para aproveitar nossos momentos, viajar pelo mundo e não vão aparecer juízes e nem outras advogadas ou promotoras, porque amar é decisão. E nós já tomamos a nossa há muito tempo.

— É verdade, amor. E não me arrependo.

— Pai. Pai. — O Benjamin chegou correndo. — É melhor o senhor vir. — Estava cansado de correr.

— O que foi, filho?

— Um cara mexeu com a filha do David e...

— Não precisa nem falar filho, vamos lá.

— Essas coisas acontecem nas melhores famílias... Espero que nos perdoem parar por aqui. Precisamos ir socorrer nossos amigos e agradeço por esse trajeto que fizeram comigo e com minha família.

A essa altura o Cairon já estava longe. Saí correndo, precisava alcançá-lo. Ele tem um preparo incrível. Isso que dá ser casada com um homem lindo e gostoso e que não envelhece nunca.

Ah... Sobre meu ciúme e minha terapia? Eu continuo fazendo. Na minha última sessão eu consegui entender que a gente só envelhece, e não aprende a envelhecer. É isso que o Cairon estava fazendo. Tentando passar da melhor maneira possível essa fase e quando eu também comecei a fazer isso, passei a me sentir melhor. Isso na terapia... Agora ciumenta, nunca fui.

Epílogo



Liara,

Uma angustia havia tomado conta de minha vida nos últimos momentos. Desde que soubera que, como Juíza teria que assumir uma comarca longe de onde morávamos.

Quando prestei o concurso, eu sabia que isso iria acontecer. O Cairon sabia, mas não estávamos preparados para nos separar. Minha agonia é pensar em meu marido aqui sozinho.

Durante todo o tempo fomos dialogando sobre como nos comportar diante da magistratura.

Claro que todos os profissionais têm família, e não seria justo punir algum ente por seguir a mesma profissão. Assim como o Pietro e a Valentina estão seguindo nossos passos, mas no NACIONAIS - ACHERON

imaginário popular, como parentes, teremos maiores chances de sucesso, seremos protegidos pelo colega de seu marido, ou pai. Teremos facilidades no cartório. Talvez até tenha quem aja de tal forma, mas conhecendo bem o Cairon, nunca nos favoreceria, mesmo assim, jamais colocaria a crença que as pessoas têm em sua imparcialidade, em risco.

- Comentários serão inevitáveis. – Ele me disse outro dia. E o jeito foi nenhum de nós trabalharmos na mesma área em que o outro atua.

Como o Pietro, sabiamente havia escolhido pela área criminal, e sabia do desejo da Valentina na vara familiar, optei simplesmente por ser Juíza de Direito.

Mas agora a questão era... Eu precisava partir.

- Está pronta? – Vê-lo encostado à porta cortava meu coração. Não contive minhas lágrimas.

- Não acredito que concordamos com isso. – Seu sorriso era triste, e eu até pude ver o Cairon que conheci ali, em minha frente. Estava infeliz.

- Ninguém mais que eu, torci por você. Eu sei o que se passa durante todos esses anos de escola,
NACIONAIS - ACHERON

estágio e choro.

Era verdade! Meu estágio, havia sido dolorido. Por não quererem me dar privilégios, tive que fazer em uma comarca vizinha, e todos faziam questão de deixar claro que não era por eu ter um marido Juiz Federal, que teria moleza no trabalho.

- Nós vencemos Li!

- Então por que me sinto tão triste com essa vitória.

- Não é eterno. Ao contrário, será muito passageiro. Eu te garanto. E no fim verá o quanto valeu a pena. Agora vamos!

Descemos as escadas em silêncio. Ele levava minha bolsa, e segurava minha mão. Eu podia sentir que estava exalando tristeza, e isso me deixava insegura.

- Cairon... – Ele parou, passou a mão em meu rosto.

- Não faz isso Li. Sabe que me acostumei a te ver todos os dias, e ter você ao meu lado, mas o nosso combinado, está de pé! Eu irei quando puder, e você virá quando der certo. Não veremos o tempo

passar. E em breve estaremos juntos novamente. E beijando meus lábios encerrou a conversa.

No aeroporto, me despedi demoradamente de minha sogra e meu sogro. Do Murilo e da Késsia, e de alguns amigos que foram até lá para me desejar sucesso na nova etapa que se iniciava em minha vida.

E por fim, meu Juiz.

- Não acredito que deixei você me convencer de que eu poderia ser alguma coisa longe de você.

- Você é o que você quiser ser. Eu sou apenas um apoio. O mérito é todo seu. E eu te amo aqui, ou em qualquer lugar que estiver debaixo do céu, e em cima da terra.

Seu abraço naquele momento, foi o alento para minha alma. E quando foi feito o último chamado para o embarque, nossos dedos entrelaçados se desfizeram. Eu o abracei novamente e me recompus. Estava quase entregando meu passaporte à moça quando me lembrei de algo e voltei correndo até o Caire.

- Eu não sou ciumenta, mas posso ficar se souber que olhou para alguma outra mulher

NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu estiver longe. – Ele sorriu, jogou a cabeça para trás e eu parti.

Enquanto o avião cruzava o céu, eu sabia não estar sozinha. Ali, haviam pessoas que levavam seus sonhos e projetos para outros lugares. Se iria dar certo ou não, só o tempo poderia dizer.

Olhei para baixo e contemplei a cidade que me fez ser a mulher mais feliz do mundo. Eu voltaria em breve. Não era minha cidade natal, mas fora ali que eu encontrei meus maiores tesouros. E agora os deixava. Por quanto tempo... Só Deus sabia.

Aos meus leitores, os agradeço imensamente. Aos novos leitores e amigos, sejam bem-vindos, aproveito convidando-os a participarem de minhas redes sociais.

Obrigada por acompanharem cada palavra escrita, saibam que este livro foi feito com amor e dedicação. Isso é por vocês e para vocês, obrigada.

Autora

Laura Fisher

Contato: Laurafisher39@yahoo.com.br

PERIGOSAS

Laufisher39@yahoo.com.br

Facebook: Laufisher39

Instagram: Laufisher39

NACIONAIS - ACHERON